O DESPERTAR DOS DEUSES

ISAAC ASIMOV

Tradução de EDITH DE CARVALHO NEGRÕES

HEINUS - LIVRARIA EDITORA LTDA.
Titulo do original norte-americano:
THE GODS THEINSÉLVES

Dedicatória
À HUMANIDADE
E à esperança de que a luta contra a estupidez seja finalmente vitoriosa.

Nota
A estória começa no capitulo 6. Não se trata de um engano. Tenho para isso minhas próprias razões. Desse modo, leiam e espero que se distraiam.

heinus livraria editora limitada
01510-rua da Glória. 312 liberdade
caixa postal 9ô86 são paulo

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

****

1 - CONTRA A ESTUPIDEZ...

Todas as personagens deste livro são fictícias e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, constitui pura coincidência.

- Vai mal! - exclamou Lamont, bruscamente -. Não cheguei a parte alguma.

Tinha uma expressão taciturna, que combinava com seus olhos encovados e a ligeira assimetria do queixo comprido. Apresentava expressão taciturna na melhor das ocasiões e esta não era a melhor das ocasiões. Sua segunda entrevista formal com Hallam havia sido um fracasso maior do que a primeira.

- Não exagere - disse Myron Bronowski, placidamente. - Você não esperava mesmo chegar a parte alguma. Foi o que me disse.

Jogava caroços de amendoim para o ar e os colhia na boca de lábios roliços, quando caíam. Nunca falhava. Não era muito alto, nem muito magro.

- Isto não torna as coisas agradáveis. Mas, tem razão, é melhor deixar pra lá. Há outras coisas que posso fazer e pretendo fazer e, além disso, conto com você. Se me pudesse apenas descobrir...

- Não repita, Pete. Já ouvi tudo isto antes. Tudo o que tenho a fazer é decifrar o pensamento de uma inteligência não-humana.

- Uma inteligência melhor-do-que-a-humana. Essas criaturas do para-Universo estão tentando se fazer compreender.

- É possível - suspirou Bronowski -, mas estão tentando através de minha inteligência, que é, segundo creio às vezes, melhor do que a humana, porém não tanto assim. Certas ocasiões, na escuridão da noite, fico deitado de olhos abertos e me pergunto se, em qualquer hipótese, inteligências diferentes podem se comunicar entre si. Ou então, quando tive um dia particularmente mau, se a frase "inteligências diferentes" chega a ter algum significado.

- Tem sim - interveio Lamont com veemência, as mãos manifestamente crispadas dentro dos bolsos do seu avental de laboratório - o caso entre Hallam e eu. Entre esse herói imbecil, o Dr. Frederick Hallam, e eu. Somos inteligências diferentes porque, quando lhe falo, não entende. Avermelha ainda mais o rosto idiota, arregala os olhos e fica com os ouvidos entupidos. Diria que sua mente cessa de funcionar, só que não tenho a prova de que antes estivesse funcionando.
Bronowski murmurou:

- Mas que maneira de falar do Pai da Bomba Eletrônica...

- Isso mesmo. O que tem é a fama de Pai da Bomba Eletrônica. Mas não passa de um sujeito bastardo, como ainda não houve outro. Na realidade, sua contribuição foi mínima. Eu sei.

- Sei também. Você já me disse várias vezes.

E Bronowski jogou ao ar outro caroço de amendoim. Não o perdeu.

Isto aconteceu trinta anos antes. Frederick Hallam era um radio-químico, com a tinta de sua dissertação doutoral ainda úmida e sem qualquer indício de ser um provocador de terremotos.

O que começou o terremoto foi o fato de se encontrar, em cima de sua escrivaninha, uma empoeirada garrafa de reação química com a etiqueta "Minério de Tungstênio". Não lhe pertencia e ele nunca a utilizara. Era reminiscência de algum dia obscuro em que certo ex-ocupante do escritório precisou de tungstênio por alguma razão há muito esquecida. Já nem sequer era realmente tungstênio. Consistia de pequenos grãos de uma substância agora fortemente oxidada - cinzenta e empoeirada. Sem utilidade para ninguém.

Então, certo dia, Hallam entrou no laboratório (bem, isto foi no dia 3 de outubro do ano de 2070, para ser exato), pôs-se a trabalhar, parou pouco antes das 10 da manhã, olhou petrificado para a garrafa e a levantou. Estava empoeirada como nunca, a etiqueta apagada, mas ele exclamou:

- Ora esta, quem foi o diabo que andou mexendo com isto?

Tal, pelo menos, foi o relato de Denison, que ouviu por acaso a observação e contou o caso a Lamont, uma geração mais tarde. A narrativa oficial da descoberta, conforme o relato dos livros, omite a fraseologia. Tem-se a impressão de um químico perspicaz, atento às mudanças e capaz de extrair instantaneamente deduções bem ocultas.

Não foi assim. O tungstênio não tinha serventia para Hallam. Para ele, não representava um valor material e não havia qualquer importância que tivessem mexido na garrafa. Não obstante, Hallam odiava a mínima interferência na sua escrivaninha (como acontece com muitos) e suspeitava que os outros possuíssem desejos intensos de praticar semelhante interferência, por pura malícia.

Na ocasião, ninguém admitiu saber de algo a respeito do assunto. Benjamin Allan Denison, que escutou a observação inicial, ocupava um escritório imediatamente em frente no corredor e ambas as portas se achavam abertas. Ergueu a vista e se defrontou com o olhar acusatório de Hallam.

Não gostava particularmente de Hallam (ninguém gostava dele particularmente) e havia dormido mal na noite anterior. Conforme o ocorrido e conforme recordava mais tarde, ficou bastante satisfeito por encontrar alguém sobre quem descarregar seu mau humor e Hallam vinha a calhar.

Quando Hallam botou a garrafa em sua cara, Denison recuou com evidente desgosto, perguntando:

- Por que diabo estaria eu interessado no seu tungstênio? Quem é que precisa disso? Se olhasse para a garrafa, você veria que ela não foi aberta durante vinte anos. E, se não foi você quem pôs suas patas imundas na garrafa, veria que ninguém a tocou.

Hallam ficou rubro, o rosto cheio de fúria. Disse, entesado:

- Ouça, Denison, alguém mudou o conteúdo. Isto não é tungstênio.

Denison se permitiu resmungar baixinho, mas distintamente:

- Como é que você sabe?

De coisas tais, aborrecimentos tacanhos e brigas sem sentido, é feita a história.

Em todo caso, teria sido uma observação infeliz. A ficha escolar de Denison, tão fresca quanto a de Hallam, era muito mais impressionante e ele era o jovem

brilhante do departamento. Hallam o sabia e, o que era pior, Denison também o sabia e não fazia segredo. A pergunta de Denison "como é que você sabe?", com a ênfase clara e inequívoca no "você", encerrou ampla motivação para tudo o que se seguiu. Sem ela, Hallam nunca se tornaria o maior e mais reverenciado cientista da história, para empregar a frase exata depois empregada por Denison, na sua entrevista com Lamont.

Oficialmente, Hallam chegou naquela manhã fatídica, notou que os cinzentos grãos empoeirados tinham desaparecido - não restando sequer a poeira na superfície interna -, substituídos por um minério cor de ferro, cinzento-claro. Naturalmente, investigou.

Mas, botem de lado a versão oficial. Foi Denison. Se limitasse a uma simples negativa ou a dar de ombros, o mais provável seria que Hallam andaria perguntando a outros e se cansasse, por fim, com o inexplicado acontecimento, esquecendo a garrafa e deixando que a tragédia subsequente, sutil ou drástica (dependendo do prazo de adiamento da descoberta definitiva), guiasse o futuro. De toda maneira, não teria sido Hallam quem subiria às alturas com o redemoinho.

No entanto, humilhado por aquele "Como é que você sabe?", Hallam só podia retrucar raivosamente:

- Vou lhe mostrar que sei.

E, depois disso, ninguém poderia impedi-lo de ir até o inferno. A análise do metal do velho vidro ganhou para ele prioridade número um e seu objetivo máximo se tornou o de varrer a altivez do rosto de nariz fino de Denison e o vinco perpétuo de escárnio dos seus lábios pálidos.

Denison jamais esqueceu aquele momento, uma vez que foi sua própria observação que impeliu Hallam ao Prêmio Nobel e a ele, Denison, à obscuridade.

Não tinha como saber (e, se soubesse, não se preocuparia) que a obstinação maciça de Hallam, sua suscetibilidade de medíocre à preservação do amor-próprio, triunfaria, na ocasião, sobre todo o talento natural do próprio Denison.

Hallam se mexeu imediata e diretamente. Levou seu metal ao departamento de espectrografia de massas. Como químico de radiações, era um passo normal. Conhecia os técnicos dali, trabalhara com eles e era voluntarioso. Na verdade, voluntarioso a tal ponto que a tarefa foi colocada à frente de projetos de muito maior importância e oportunidade.

O operador do espectrógrafo de massas se pronunciou, finalmente:

- Bem, não é tungstênio.

O rosto largo e inexpressivo de Hallam se contraiu num sorriso áspero.

- Muito bem. Vamos dizê-lo ao menino-prodígio Denison. Quero um relatório e...

- Mas, espere um pouco, Dr. Hallam. Estou dizendo que não é tungstênio, mas isto não significa que saiba o que é.

- Que quer dizer com isto de que não sabe o que é?

- Penso que os resultados são ridículos - o técnico refletiu por um instante -. Impossível, realmente. A razão carga-massa está completamente errada.

- Completamente errada em que sentido?

- Muito alta. Simplesmente não pode ser.

Hallam largou um "Vá lá!" e, sem relação com o motivo que o impulsionava, sua observação seguinte o colocou no caminho para o Prêmio Nobel, um prêmio merecido, embora discutível:

- Tome a freqüência de sua radiação-X característica e calcule a carga. Não fique parado por aí, falando que alguma coisa é impossível.

Poucos dias após, foi um técnico agitado quem entrou no escritório de Hallam. Este ignorou a agitação no rosto do homem - nunca tinha sensibilidade - e disse:

- Descobriu... - deu então uma olhada agitada por conta própria para Denison, que se achava sentado atrás da escrivaninha no seu próprio laboratório, e fechou a porta. - Descobriu a carga nuclear?

- Sim, mas está errada.

- Muito bem, Tracy. Repita.

- Já repeti uma dúzia de vezes. Está errada.

- Se fez a medida, então é isto mesmo. Não dispute com os fatos.

Tracy coçou a orelha e replicou:

- Mas tenho de disputar, doutor. Se levar as mensurações a sério, então o que o senhor me deu é plutônio-186.

- Plutônio-186? Plutônio-186?

- A carga é +94. A massa é 186.

- Mas isto é impossível! Não existe tal isótopo. Não pode existir.

- Isto é o que estou lhe dizendo. Mas essas são as mensurações.

Mas uma situação como essa deixa o núcleo com mais de cinqüenta nêutrons a menos. Não pode obter Plutônio-186. Não conseguiria espremer noventa e quatro prótons dentro de um núcleo com apenas noventa e dois nêutrons e esperar que se mantenham juntos nem mesmo por um trilionésimo de trilionésimo de segundo.

A esta altura, Hallam se deteve para refletir. Fora tungstênio o que havia desaparecido e um dos seus isótopos, o tungstênio-186, era estável. O tungstênio-186 possuía 74 prótons e 112 nêutrons nos seus núcleos. Seria possível que algo houvesse convertido vinte nêutrons em vinte prótons? Certamente seria impossível.

- E há sinais de radiatividade? - indagou Hallam, procurando às apalpadelas uma saída qualquer do emaranhado.

- Pensei nisso - respondeu o técnico -. É estável. Absolutamente estável.

- Então, não pode ser plutônio-186.

- É o que venho lhe dizendo, doutor.

Desalentado, Hallam concluiu:

- Bem, passe pra cá esse negócio.

A sós mais uma vez, sentou-se e contemplou a garrafa com estupefação. O isótopo de plutônio mais aproximadamente estável era o plutônio-240, que carecia de 146 nêutrons para manter os 94 prótons agarrados uns aos outros, com alguma semelhança de estabilidade parcial.

Que é que poderia fazer agora? Era algo fora do seu alcance e lamentava ter começado. No final de contas, possuía trabalho de verdade solicitando execução e

esta droga - este mistério - nada tinha a ver com ele. Tracy cometera algum estúpido engano ou o espectrômetro de massas estava descalibrado ou...

- Bem, que fazer? Esquecer toda a embrulhada!

Só que Hallam não podia esquecê-la. Mais cedo ou mais tarde, Denison daria uma paradinha e, com aquele meio sorriso irritante, perguntaria pelo tungstênio. Que poderia, então, Hallam dizer? Talvez dissesse:

- Não é tungstênio, exatamente como lhe falei.

Denison, certamente, tornaria a perguntar:

- Ah sim, então o que é?

Nada de imaginável conseguiria obrigar Hallam a se expor à espécie de zombaria, que se seguiria a qualquer afirmação de que se tratava de Plutônio-186. Precisava descobrir do que se tratava e devia fazê-lo sozinho. Claro, não podia confiar em ninguém.

Assim foi que, duas semanas em seguida, invadiu o laboratório de Tracy com o que pode ser corretamente descrito como fúria de primeira classe.

- Escute aí, rapaz, não me disse que aquele troço era não-radiativo?

- Que troço? - replicou Tracy automaticamente, antes de se lembrar.

- Aquele material que chamou de plutônio-186.

- Ahn! Bem, era estável.

- Quase tão estável quanto seu estado mental. Se chama isso de não-radiativo, então trabalha numa oficina de encanador.

Tracy fechou a cara e pediu:

- O. K., doutor. Me dê a coisa e vamos experimentar.

Momentos depois, exclamou:

- Incrível! É radiativo. Não muito, mas é. Não sei como foi que me enganei.

- E até que ponto posso confiar no seu palpite sobre plutônio-186?

Hallam se via agora inapelavelmente enredado no problema. O mistério se tornara tão exasperante como uma afronta pessoal. Quem quer que tivesse trocado de garrafas ou trocado de conteúdos devia ter realizado nova troca ou inventado um metal, com o propósito especial de fazê-lo de tolo. Seja como for, estava disposto a deixar o mundo de lado a fim de solucionar o problema, se precisasse chegar a este ponto e se pudesse.

Possuía uma teimosia e uma força de vontade, que não podiam ser facilmente dominadas. Dirigiu-se diretamente a G. C. Kantrowitsch, que se achava então no último ano de uma carreira bem notável. Era difícil conseguir a ajuda de Kantrowitsch, mas, uma vez lograda, rapidamente pegava fogo.

Dois dias depois, de fato, precipitava-se pelo escritório de Hallam a dentro, ardendo de excitação:

- Esteve manipulando esta coisa com suas próprias mãos?

- Não muito - respondeu Hallam.

- Bem, não o faça. Se precisar de novo, não o faça. Está emitindo pósitrons.

- O que?

- Os pósitrons mais energéticos que já vi... E seus cálculos de radiatividade estão demasiado baixos.

- Demasiado baixos?

- Claramente. E o que me intriga é que toda mensuração, que realizo, resulta ser apenas um nadinha mais alta do que a anterior.

Bronowski tirou uma maçã do vasto bolso de seu blusão e mordeu a fruta. A seguir, indagou:

- Muito bem, você viu Hallam e ficou de mãos abanando, como era de esperar. E agora, que vai fazer?

- Ainda não me decidi inteiramente. Mas, seja o que for, vai mexer com o gordo traseiro dele. Vi-o uma vez antes, já sabe. Anos atrás, quando vim pra cá... quando pensava que ele era um grande homem. Um grande homem. . . É o maior vilão da história da ciência. Reescreveu a história da Bomba, sabe, reescreveu-a aqui... - Lamont deu uma pancada na testa -. Acredita na própria fantasia e luta por ela com uma fúria mórbida. É um pigmeu com um talento apenas, a capacidade de convencer os demais de que é um gigante.

Lamont fitou a face larga e plácida de Bronowski, que, no momento, se torcia de gozação, e forçou um riso.

- Ora, ora, isto não leva a nada e já lhe contei antes toda a estória.

- Muitas vezes - concordou Bronowski.

- Mas o que me chateia é ver todo mundo...

*****

Peter Lamont tinha dois anos de idade quando Hallam pegou pela primeira vez no seu tungstênio alterado. Quando tinha vinte e cinco, veio para a Estação Bombeadora com a tinta de sua dissertação doutoral ainda fresca e aceitou, simultaneamente, uma designação para a Faculdade de Física da Universidade.

Já constituía um êxito notavelmente satisfatório para um jovem. À Estação Bombeadora nº 1 faltava o brilho das estações posteriores, mas ela era a avó de todas, de toda a cadeia que cingia agora o planeta, embora a tecnologia em seu conjunto não tivesse nascido há mais de duas décadas. Nenhum avanço tecnológico importante se impôs tão rápida e integralmente. E por que não? Significava energia gratuita sem limites e sem problemas. Representava o Papai Noel e a lâmpada de Aladim do mundo inteiro.

Lamont aceitou o emprego com o objetivo de lidar com problemas da mais alta abstração teórica e, no entanto, viu-se interessado na assombrosa história do desenvolvimento da Bomba Eletrônica.

Nunca havia sido escrita em sua totalidade por alguém que verdadeiramente compreendesse os princípios teóricos (na medida em que poderiam ser compreendidos) e que possuísse alguma aptidão na tradução das suas complexidades para o grande público. Não há dúvida, o próprio Hallam escrevera numerosos artigos para os meios de comunicação de caráter popular, mas tais artigos não apresentavam uma historia coerente, racional - coisa que Lamont ansiava por suprir.

Utilizou-se, para começar, dos artigos de Hallam, enquanto outras reminiscências em letra de forma - os documentos oficiais, por assim dizer - os completavam no que se refere à abaladora observação de Hallam, a Grande Penetração, conforme era chamada com frequência (invariavelmente em letras maiúsculas).

Em seguida, naturalmente, quando Lamont sofreu sua desilusão, passou a cavar mais fundo e surgiu em sua mente a questão se a grande observação de

Hallam tinha sido realmente dele. A pesquisa avançou até o seminário que assinalou o começo exato da Bomba Eletrônica e, contudo, como se positivou, era extraordinariamente difícil obter os detalhes daquele seminário e inteiramente impossível dispor das gravações verbais.

Por fim, Lamont começou a suspeitar que a obscuridade das pegadas deixadas por aquele seminário na areia do tempo não era de todo acidental. Justapondo engenhosamente vários itens, começou a se tornar evidente que havia razoável probabilidade de que John F. X. McFarland dissera algo muito parecido à intervenção crucial feita por Hallam e que o dissera antes de Hallam.

Lamont foi ver McFarland, que absolutamente não figurava nos relatos oficiais e que, no momento, realizava pesquisas na atmosfera superior, com particular referência ao vento solar. Não se tratava de tarefa do mais elevado gabarito, porém encerrava certa importância e se relacionava não pouco com os efeitos da Bomba. McFarland havia claramente evitado sofrer o destino do esquecimento, em que Denison submergiu.

Foi bastante polido com Lamont e desejoso de falar de qualquer tema, exceto dos acontecimentos do seminário. Dos quais simplesmente não se recordava.

Lamont insistiu, mencionando a evidência que reunira.

McFarland tirou um cachimbo, encheu-o, examinou o conteúdo minuciosamente e se manifestou, com estranha intencionalidade:

- Não me decido a recordar porque isso não tem importância. Realmente, não tem. Suponha que reivindique ter dito alguma coisa. Ninguém acreditaria. Eu ficaria com cara de idiota, de megalomaníaco.

- E Hallam providenciaria sua aposentadoria?

- Não chego a dizer tanto, mas não vejo que isto me trouxesse algo de bom. De qualquer maneira, qual a diferença?

- Uma questão de verdade histórica! - afirmou Lamont.

- Ora, que bobagem! A verdade histórica é que Hallam nunca desistiu. Botou todo mundo a investigar, quisessem-no ou não. Sem ele, aquele tungstênio finalmente explodiria com não sei quantas vítimas. Talvez não houvesse outra amostra e talvez nunca tivéssemos a Bomba. Hallam merece a glória por esse motivo e, mesmo que não a merecesse e que o caso não fizesse sentido, nada posso corrigir, porque a história não faz sentido.

Lamont não ficou satisfeito, porém teve de se contentar, já que McFarland simplesmente não diria mais nada.

Verdade histórica!

Uma parte da verdade histórica, que parecia fora de discussão, consistia em que foi a radiatividade que dinamizou o "tungstênio de Hallam" (como era chamado por hábito histórico). Não importava que fosse ou não tungstênio, que houvesse ou não mexido com ele e mesmo que fosse ou não um isótopo impossível. Tudo foi engolido no assombro de algo que demonstrava intensidade radiativa constantemente crescente, sob circunstâncias que eliminavam a existência de qualquer tipo então conhecido de esgotamento radiativo, em qualquer número de fases.

Após certo tempo, Kantrowitsch murmurou:

- É melhor espalhar esta coisa. Se a mantivermos em grãos de tamanho considerável, vai vaporizar ou explodir, ou produzir esses dois resultados simultaneamente, contaminando metade da cidade.

Em consequência, o material foi pulverizado e dispersado, misturado inicialmente com tungstênio ordinário e, a seguir, quando o tungstênio, por sua vez, se tornou radiativo, misturado com grafita, que tinha um corte transversal mais baixo para a radiação.

Menos de dois meses depois que Hallam notou a modificação no conteúdo da garrafa, Kantrowitsch, numa comunicação ao editor da Revista Nuclear, com o nome de Hallam apenso como co-autor, anunciava a existência do plutônio-186. A determinação original de Tracy era, dessa maneira, reivindicada, mas seu nome não foi mencionado, seja então ou mais tarde. Com isso, o tungstênio de Hallam passou a ganhar uma escala épica e Denison começou a notar as mudanças, que acabaram por torná-lo uma nulidade.

A existência do plutônio-186 já era algo bastante ruim. Que tivesse sido estável no início e que exibisse uma radiatividade curiosamente crescente, era muito pior.

Foi organizado um seminário para tratar do problema. Kantrowitsch o presidiu, detalhe histórico interessante, dado que esta foi a última vez na história da Bomba Eletrônica em que uma reunião de grande importância se realizou sob a presidência de alguém que não o próprio Hallam. Kantrowitsch, aliás, morreu cinco meses após e assim desapareceu a única personalidade com prestígio suficiente para deixar Hallam na sombra.

A reunião foi extraordinariamente estéril, até que Hallam anunciou sua Grande Penetração, porém, na versão reconstruída por Lamont, o verdadeiro ponto de reviravolta se deu durante o intervalo para almoço. Nessa ocasião, McFarland, ao qual não se atribui observação alguma nos registros oficiais, conquanto fosse relacionado como assistente, se saiu com o seguinte:

- Escute aqui, precisamos é de um pouquinho de fantasia. Suponha que...

Conversava com Diderick Van Klemens e Van Klemens relatou o episódio sumariamente com uma espécie de taquigrafia pessoal, nas suas próprias anotações. Muito antes que Lamont conseguisse desencavar o caso, Van Klemens morrera e, embora suas notas convencessem o próprio Lamont, este teve de admitir que não comporiam uma narrativa convincente sem ulterior corroboração. Mais ainda, não havia como provar que Hallam por acaso escutara a observação. Lamont teria vontade de apostar uma fortuna na certeza de que Hallam se achava então num lugar em que podia ouvir a conversa, mas semelhante aspiração tampouco constituiria prova satisfatória.

E ademais, suponhamos que Lamont fosse capaz de prová-lo. Isso podia ferir o egrégio orgulho de Hallam, mas, efetivamente, não conseguiria abalar sua posição.

Seria contestado que, para McFarland, a observação não passava de fantasia. Foi Hallam quem a "aceitou" como algo mais significativo. Foi Hallam quem se dispôs a se levantar diante da assembléia para o declarar oficialmente, correndo o risco do ridículo que recairia sobre ele. McFarland, certamente, nunca teria sonhado em se colocar no registro oficial com seu "pouquinho de fantasia".

Lamont podia ter rebatido que McFarland era um físico nuclear conhecido, com uma reputação a perder, enquanto Hallam era um jovem radioquímico que podia dizer o que lhe viesse à cabeça sobre questões de física nuclear e, como leigo, e sair sem problemas.

Em todo caso, foi isto que Hallam disse, de acordo com a transcrição oficial:

"Senhores, estamos num beco sem saída. Vou, por conseguinte, apresentar uma sugestão, não porque necessariamente faça sentido, mas porque representa algo menos absurdo do que tudo que ouvi até agora.... Defrontamo-nos com uma substância, o plutônio-186, que em nenhuma hipótese pode existir, nem mesmo como substância apenas momentaneamente estável, se é que as leis do Universo possuem qualquer validade real. Daí se segue que, uma vez que indubitavelmente existe e, para começar, existiu como substância estável, deve ter existido, ao menos para começar, num lugar ou num tempo ou sob circunstâncias em que as leis naturais do Universo eram diferentes das atuais. Para dizê-lo sem subterfúgios, a substância, que estamos estudando, não se originou em absoluto no nosso Universo, porém em outro - um Universo alternativo -, um Universo paralelo. Chamem-no como quiserem".

"Uma vez aqui - e não pretendo saber como veio até nós, era ainda estável e sugiro que isto se dava porque trazia consigo as leis do seu próprio Universo, O fato de que lentamente se tornasse radiativa e, a seguir, crescentemente radiativa, pode significar que as leis do nosso próprio Universo lentamente embeberam a substância, se é que estou me fazendo compreender".

"Afirmo que, ao mesmo tempo que o plutônio-186 apareceu, uma amostra de tungstênio, constituída de vários isótopos estáveis, inclusive tungstênio-186, desapareceu. Pode ter se introduzido sorrateiramente no Universo paralelo. Afinal de contas, é lógico supor que é mais simples que uma troca de massas haja ocorrido do que uma transferência unilateral. No Universo paralelo, o tungstênio-186 pode ser tão anômalo quanto o plutônio-186 é aqui. Pode ter começado como substância estável e lentamente adquiriu radiatividade crescente. Pode servir lá como fonte de energia, exatamente como o plutônio-186 serviria entre nós."

A audiência deve ter ouvido com espanto considerável, uma vez que não existe registro de interrupção, ao menos até a sentença acima citada por último, quando Hallam pareceu fazer uma pausa a fim de tomar fôlego e talvez se admirar de sua própria temeridade.

Alguém da audiência (presumivelmente, Antoine-Jerome Lapin, embora o registro não seja claro) indagou se o professor Hallam sugeria que um agente inteligente do para-Universo havia deliberadamente feito a troca, com o objetivo de obter uma fonte de energia. A expressão "para-Universo", aparentemente inspirada como abreviação de "Universo-paralelo", ingressou assim na linguagem. Esta pergunta conteve o primeiro emprego registrado da expressão.

Houve uma pausa e então Hallam, mais ousado do que nunca, afirmou (e isto foi o miolo da Grande Penetração):

- Sim, é o que penso e penso que a fonte de energia não pode atuar praticamente senão no caso em que o Universo e para-Universo trabalhein conjuntamente, cada qual na metade de uma bomba, aspirando energia deles para nós e de nós para eles, tirando vantagem da diferença nas leis naturais dos dois Universos.

A esta altura, Hallam adotava a expressão "para-Universo" e dela se apropriava. Além disso, tornou-se o primeiro a usar a palavra "bomba" (desde então, invariavelmente em maiúsculas) em conexão com o assunto.

Há uma tendência no relato oficial a dar a impressão de que a sugestão de Hallam provocou acesa discussão imediatamente, porém não foi assim. Aqueles, que gostariam de discuti-la, não se comprometeriam mais do que a dizer que se tratava de uma especulação divertida. Kantrowitsch, em particular, não pronunciou uma palavra. Isto foi crucial para a carreira de Hallam.

Hallam, por si mesmo, não teria condições de extrair as implicações práticas de sua sugestão. Exigia-se uma equipe e ela foi constituída. Porém nenhum integrante da equipe, antes que fosse muito tarde, se associaria abertamente à sugestão. Quando o sucesso se demonstrou inequívoco, o público foi ganho pela idéia de que a sugestão pertencia a Hallam e só a Hallam. Foi Hallam, para o público todo, e só Hallam, quem primeiro descobriu a substância, quem concebeu e transmitiu a Grande Penetração. E, portanto, era Hallam o Pai da Bomba Eletrônica.

Em consequência, em vários laboratórios, grãos de minério de tungstênio foram depositados como iscas. Num caso em dez, a transferência resultou efetivada e novos suprimentos de plutônio-186 surgiram. Outros elementos foram oferecidos como isca e recusados... Mas, onde quer que o plutônio-186 aparecesse e quem quer que fosse que trouxesse o suprimento à organização central de pesquisa, que trabalhava com o problema, para o público se tratava de uma quantidade adicional do "tungstênio de Hallam".

Foi também Hallam quem apresentou ao público alguns aspectos da teoria com mais sucesso. Para sua própria surpresa (conforme disse mais tarde), descobriu ser escritor fluente e sentiu prazer na atividade de popularização. Afora o fato de que o sucesso encerra uma força de inércia intrínseca, o público não aceitaria informações sobre o projeto de outra pessoa que não Hallam.

Num artigo já famoso no North American Sunday Teletimes Weekly, escreveu: "Não podemos afirmar em quantas diferentes maneiras as leis do para-Universo diferem das nossas próprias, mas podemos conjeturar, com certa margem de certeza, que a interação nuclear forte, que é a força mais poderosa conhecida em nosso Universo, é ainda mais poderosa no para-Universo: talvez cem vezes mais poderosa. Isto significa que os prótons são mais facilmente mantidos agregados contra sua própria atração eletrostática e que um núcleo requer menos nêutrons para produzir estabilidade".

"O Plutônio-186, estável no Universo deles, contém muito menos prótons, ou muito menos nêutrons, para ser estável no nosso, com a sua menos eficaz interação nuclear. O plutônio-186, uma vez em nosso Universo, começa a irradiar pósitrons, liberando energia quando o faz, e, com cada pósitron emitido, um próton, dentro de um núcleo, é convertido num nêutron. Finalmente, vinte prótons por núcleo foram convertidos em nêutrons e o plutônio-1 86 se transforma em tungstênio-1 86, que é estável segundo as leis do nosso próprio Universo. No processo, vinte pósitrons por núcleo foram eliminados. Tais pósitrons se encontram com vinte elétrons, combinam com eles e os aniquilam, liberando mais energia, de modo que, para cada núcleo de plutônio-186 que nos é enviado, nosso Universo acaba com vinte elétrons a menos.

"Entrementes, o tungstênio-186, que ingressa no para-Universo, é instável, ali, pela razão oposta. Segundo as leis do para-Universo, ele possui nêutrons em excesso ou muito poucos prótons. Os núcleos do tungstênio-186 começam a emitir elétrons, liberando energia constantemente enquanto o fazem e, para cada elétron emitido, um nêutron se transforma num próton, até que, por fim, o tungstênio-1 86, se converte de novo em plutônio-186. Com cada núcleo de tungstênio-186 enviado ao para-Universo, mais vinte elétrons lhe são acrescentados".

"O plutônio/tungstênio pode efetuar seu ciclo infinitamente, para a frente e para trás, entre Universo e para-Universo, produzindo energia primeiro em um e depois no outro, com o efeito líquido representando uma transferência de vinte elétrons do nosso Universo para o deles por cada núcleo que completa o ciclo. Ambos os lados podem ganhar energia do que é, com efeito, uma Bomba Eletrônica Inter-Universos."

A conversão desta noção em realidade e a instalação concreta da Bomba Eletrônica como fonte efetiva de energia se realizaram com velocidade assombrosa, cada estágio do seu sucesso erguendo ainda mais o prestígio de Hallam.

****

3

Lamont não tinha razões para duvidar das bases de semelhante prestígio e foi com certa atitude de culto ao herói (cuja memória o embaraçava e que ele se esforçou - com algum sucesso - para eliminar da mente) que inicialmente se candidatou a uma oportunidade de entrevistar Hallam com certo vagar, tendo em vista a história que planejava.

Hallam pareceu acessível. Em trinta anos, sua posição na estima pública se erguera tão alto, que alguém poderia indagar por que seu nariz não sangrava. Do ponto de vista físico, envelhecera impressionantemente, senão graciosamente. Seu corpo possuía aparência imponente, que deixava a impressão de peso circunstancial e, se as feições faciais eram grosseiras, ele se mostrava capaz de lhes insuflar o ar de uma espécie de repouso intelectual. Ainda enrubescia com rapidez e a natureza facilmente suscetível de sua auto-estima era proverbial. Hallam se instruiu com alguma brevidade antes da entrada de Lamont. Disse então:

- O senhor é o Dr. Peter Lamont. Realizou, segundo me disseram, um bom trabalho sobre para-teoria. Recordo seu ensaio. Sobre para-fusão, não foi?

- Sim, senhor.

- Bem, refresque minha memória. Fale-me a respeito. Informalmente claro, como se conversasse com um leigo. Apesar de tudo - a esta altura, riu baixinho - e de certa maneira, sou um leigo. Sou apenas um radioquímico, como sabe, e não um grande teórico, exceto se quiser levar em conta uns poucos conceitos, de vez em quando.

Lamont aceitou tais palavras, na ocasião, como uma declaração cheia de franqueza e, na verdade, a fala pode não ter sido tão obscenamente condescendente conforme insistia mais tarde, ao recordar que havia sido assim mesmo. Era típica, todavia, conforme Lamont depois constatou, ou, pelo menos, sustentou, do método de Hallam de apreender os elementos essenciais do trabalho alheio. Em seguida, poderia falar enfaticamente acerca do tema, sem ser especialmente preciso, ou nada preciso, na atribuição de méritos a outras pessoas.

Mas o jovem Lamont da época estava bastante lisonjeado e imediatamente começou, com a impaciência volúvel que a pessoa sente ao expor suas próprias descobertas:

- Não posso afirmar que fiz muita coisa, Dr. Hallam. Deduzir as leis da natureza do para-Universo - as para-leis - constitui empreendimento cheio de armadilhas. Dispomos de tão pouco como ponto de partida! Comecei com o pouco que sabemos e não fiz novas suposições para as quais não tivéssemos evidência. Com uma interação nuclear mais forte, parece obvio que a fusão de pequenos núcleos devia, ter lugar mais prontamente.

- Para-fusão - interveio Hallam.

- Sim, senhor. A dificuldade consistia simplesmente em elaborar as características dos detalhes. A matemática implicada era um tanto sutil, mas, uma vez feitas algumas transformações, as dificuldades tendiam a desaparecer. Resulta, por exemplo, que o hidreto de lítio pode ser submetido a uma fusão catastrófica a temperaturas de quatro ordens de grandeza mais baixa do que aqui. São necessárias, aqui, temperaturas de bomba de fissão para alcançar a explosão do hidreto de lítio, mas uma simples carga de dinamite, por assim dizer, resolveria a dificuldade do para-Universo. É até possível que o hidreto de lítio pegue fogo com um palito de fósforo no para-Universo, embora não seja muito provável. Nós lhes oferecemos hidreto de lítio, como sabe, uma vez que o potencial de fusão podia ser natural para eles, porém não tocaram nele.

- Sim, sei disso.

- Seria claramente demasiado arriscado para eles. A mesma coisa que usar nitroglicerina às toneladas nos aparelhos de foguetes. . . só que pior ainda.

- Muito bem. E também está escrevendo uma história da Bomba.

- Uma história informal, senhor. Quando o manuscrito estiver pronto, eu lhe pedirei que o leia, se me permite, de modo que me beneficie do seu conhecimento íntimo dos acontecimentos. De fato, gostaria de me aproveitar de alguma parcela desse conhecimento agora mesmo, se dispuser de um pouco de tempo.

- Posso fazer alguma coisa. Que é que deseja saber?

Hallam sorria. Foi a última vez que sorriu na presença de Lamont.

- O desenvolvimento de uma Bomba eficiente e prática, professor Hallam, se realizou com extraordinária rapidez - começou Lamont -. Uma vez que o Projeto Bomba...

- O Projeto Bomba Eletrônica Inter-Universos - corrigiu Hallam, ainda sorrindo.

- Sim, naturalmente - tornou Lamont, pigarreando -. Apenas empreguei a denominação popular. Uma vez que o projeto teve início, os detalhes de

engenharia foram elaborados com grande rapidez e com pequeno desperdício de esforço.

- Verdade - aquiesceu Hallam, com um toque de complacência -. O pessoal tentou me convencer que era meu o mérito por uma direção vigorosa e imaginativa, porém não me agradaria que o senhor o exagerasse em seu livro. O fato é que dispúnhamos de enorme fundo de talentos no projeto e não desejaria que o brilhantismo dos seus membros individuais fosse obscurecido por qualquer exagero com relação ao meu papel.

Lamont acenou com a cabeça, ligeiramente contrariado. Considerou a observação irrelevante. Prosseguiu:

- Não é isto, absolutamente, que me preocupa. Penso na inteligência na outra extremidade - nos para-homens, como são popularmente designados. Foram eles que começaram tudo. Nós os descobrimos após a primeira troca de plutônio por tungstênio, mas eles nos descobriram antes, com o objetivo de efetuar a troca, trabalhando na teoria pura sem a vantagem do indício, que nós recebemos deles. E há a lâmina de ferro que nos mandaram através...

O sorriso de Hallam já havia desaparecido e para sempre. Fechou a cara e disse erguendo a voz:

- Os símbolos nunca foram decifrados. Nada a respeito deles...

- As figuras geométricas foram compreendidas, senhor. Examinei-as e é inteiramente claro que eles estavam dirigindo a geometria da Bomba. Parece-me que...

A cadeira de Hallam recuou com um rangido irado. Retrucou:

- Não aceitamos uma coisa dessas, rapaz. Nós é que fizemos o trabalho, não eles.

- Sim... mas, não será verdade que eles...

- Que eles o quê?

Lamont percebeu então a tempestade emocional que havia desencadeado, porém não conseguia entender sua causa. De modo indeciso, manifestou-se:

- Que eles são mais inteligentes do que nós... que eles fizeram o verdadeiro trabalho. Há alguma dúvida a respeito, senhor?

Com o rosto rubro, Hallam se levantou e gritou:

- Há todas as dúvidas. Não quero saber de misticismo aqui. Já existe demais. Escute, rapaz - e avançou para Lamont, ainda sentado e completamente tomado de espanto, apontando-lhe um dedo grosso -, se sua história vai assumir a atitude de que somos fantoches nas mãos dos para-homens, não será publicada por esta instituição ou por ninguém, se depender de mim Não permitirei que a humanidade e sua inteligência sejam degradadas e não aceito os para-homens no papel de deuses.

Lamont só podia se retirar cheio de perplexidade, violentamente transtornado por ter suscitado ressentimento onde só desejava encontrar boa vontade.

E, a partir daí, constatou que suas fontes históricas estavam subitamente secando. As pessoas, que tinham sido bastante loquazes uma semana antes, agora não se recordavam de nada e não dispunham de tempo para novas entrevistas.

Lamont ficou inicialmente irritado e, em seguida, uma cólera vagarosa começou a se formar no seu íntimo. Viu o que possuía de um novo ponto de vista

e passou a pressionar e insistir onde antes meramente perguntava. Quando se encontrava com Hallam no serviço do departamento, o grande sábio fechava a cara e fingia não o ver. Lamont, por sua vez, passou a olhá-lo com desprezo.

O resultado claro foi que Lamont viu sua carreira primordial de para-teórico começando a abortar e se voltou mais firmemente do que nunca na direção de sua carreira secundária de historiador da ciência.

- Aquele imbecil do inferno - resmungou Lamont, se lembrando -. Devia estar lá. Mike, para vê-lo entrar em pânico diante da sugestão de que era o outro lado que constituía a força motriz. Recordo os fatos e me admiro como foi possível que me encontrasse com ele, embora casualmente, sem saber que reagiria daquela maneira. Agradeça ao destino nunca ter precisado trabalhar com ele.

- Agradeço mesmo - disse Bronowski, com indiferença -, embora haja ocasiões em que você não é nenhum anjo.

- Não se queixe. Não tem problemas com o seu tipo de atividade.

- E também não tenho interesse. Quem se preocupa com o meu tipo de atividade, exceto eu mesmo e cinco outros caras no mundo? Talvez seis outros... se lembrar bem.

Lamont se lembrou e exclamou:

- Ah, sim.

*****

4

O jeito plácido de Bronowski nunca enganou ninguém que o conhecesse apenas moderadamente bem. Era perspicaz e trabalhava com um problema até que alcançasse a solução ou que o tivesse de tal maneira cortado em pedacinhos que sabia não haver solução possível.

Considerem as inscrições etruscas, sobre as quais construiu sua reputação. A língua fora viva até o primeiro século d.C., porém o imperialismo cultural de Roma nada deixou atrás de si e a língua etrusca desapareceu completamente. As inscrições, que sobreviveram às carnificinas resultantes da hostilidade dos romanos e - pior ainda - à sua indiferença, eram escritas em caracteres gregos, de modo que pudessem ser pronunciadas e nada mais do que isso. O etrusco parecia não ter relação com nenhuma das línguas circundantes; parecia muito arcaico; parecia não ser sequer uma língua indo-européia.

Bronowski, em consequência, passou para outra língua, que parecia não se relacionar com qualquer outra das línguas circundantes; que parecia muito arcaica; que nem parecia ser indo-européia. Mas que fosse muito mais viva e falada numa região não tão distante daquela onde os etruscos viveram.

Que tal a língua basca? Bronowski se propôs a questão. E utilizou o basco como guia. Outros haviam tentado antes dele e desistiram. Bronowski não desistiu.

Era um trabalho árduo, dado que o basco, língua por si mesma extraordinariamente difícil, constituía somente a mais frágil das ajudas. Bronowski descobriu razões cada vez mais numerosas, à medida em que prosseguia, para suspeitar de certa conexão cultural entre os habitantes da Itália setentrional e da

Espanha setentrional, na Antiguidade. Conseguiu mesmo distinguir largos indícios de que os pré-celtas inundaram a Europa ocidental com uma língua da qual o etrusco e o basco eram sobreviventes vagamente afins. No entanto, em dois mil anos, o basco evolveu e se tornou excessivamente contaminado de espanhol. Tentar, primeiro, configurar sua estrutura nos tempos romanos e, a seguir, relacioná-lo com o etrusco constituiu uma façanha intelectual de inexcedível dificuldade e Bronowski literalmente espantou os filólogos do mundo inteiro, quando triunfou.

As traduções etruscas, em si mesmas, eram maravilhas de estupidez e não encerravam qualquer importância: inscrições fúnebres rotineiras, em sua maior parte. O fato da tradução, contudo, foi sensacional e, como veio a resultar, demonstrou ser de maior importância para Lamont.

Não no começo. Para ser perfeitamente verídico a respeito, as traduções já eram um fato cerca de cinco anos antes que Lamont tivesse, quando muito, ouvido falar num povo outrora existente como os etruscos. Mas aconteceu que Bronowski veio à Universidade para pronunciar uma das suas conferências anuais de pós-graduação. Lamont, que habitualmente se esquivava do dever de assistir, que recaía no corpo docente, desta vez não se esquivou.

Não porque reconhecesse a importância do tema ou sentisse por ele algum interesse. Foi porque estava namorando uma aluna do curso de pós-graduação do Departamento de Línguas Romanas e a alternativa seria a de assistir à conferência ou a um festival de música, que ele particularmente desejava evitar. A conexão social era débil, escassamente satisfatória do ponto de vista de Lamont e apenas temporária, mas o levou à conferência.

Gostou um bocado. A obscura civilização etrusca penetrou em sua consciência pela primeira vez como assunto de interesse remoto e o problema de esclarecer uma língua indecifrada o deixou fortemente fascinado. Quando jovem, deliciava-se com a solução de criptogramas, mas os abandonara junto com outras brincadeiras infantis, substituindo-os pelos criptogramas muito mais grandiosos apresentados pela natureza, dessa maneira acabando na para-história.

No entanto, a preleção de Bronowski o levou de volta aos brinquedos juvenis de estabelecer, passo a passo, o sentido do que parecia uma coletânea de símbolos fortuitamente reunidos, combinando-os com suficiente dificuldade para conferir honra notável à tarefa. Bronowski era um criptogramista do mais alto gabarito e foi a descrição do firme avanço da razão no terreno do desconhecido o que deu prazer a Lamont.

Tudo, porém, teria resultado em nada - a tríplice coincidência do surgimento de Bronowski no campus, o entusiasmo criptogâmico da juventude de Lamont e a pressão social de uma senhorita encantadora -, não fosse o fato de que no dia seguinte Lamont veria Hallam e passaria a ser inequívoca e, como por fim constatou, permanentemente mal visto.

Uma hora após a conclusão daquela entrevista, Lamont resolveu ver Bronowski. A questão em causa era a mesma, que lhe pareceu tão óbvia é que tanto ofendeu Hallam. Pelo fato de lhe ter trazido uma censura, Lamont se sentiu disposto a revidar o golpe - e em conexão com o motivo específico da censura. Os para-homens eram mais inteligentes do que os homens. Antes Lamont acreditava nisso de maneira ocasional, como algo mais óbvio do que vital. Agora, tornara-se

vital. Era imprescindível prová-lo e fazer com que Hallam o engolisse. Obliquamente, se possível, e com todos os ângulos agudos expostos.

Já Lamont se via tão afastado do seu recente culto ao herói, que chegava a se deliciar com a perspectiva. Bronowski ainda se achava no campus e Lamont o localizou, insistindo em vê-lo.

Bronowski foi delicadamente cortês, quando finalmente encurralado.

Lamont recebeu as cortesias de modo brusco, apresentou-se com evidente impaciência e foi dizendo:

- Dr. Bronowski, estou contentíssimo por conseguir pegá-lo antes de sua partida. Espero que o convencerei a permanecer aqui por mais tempo.

Ao que Bronowski replicou:

- Talvez não seja tão difícil. Ofereceram-me um cargo no corpo docente da Universidade.

- E vai aceitar o cargo?

- Estou pensando. Creio que é possível.

- Deve aceitar. E o aceitará, quando ouvir o que tenho a dizer. Dr. Bronowski, que tem ainda a fazer depois que solucionou o mistério das inscrições etruscas?

- Essa não é minha única tarefa, rapaz. (Ele era cinco anos mais velho do que Lamont). Sou arqueólogo e a cultura etrusca não se reduz às inscrições, como também a cultura itálica pré-clássica não se reduz aos etruscos.

- Mas, sem dúvida, não existe, para o senhor, nada tão excitante e desafiador como as inscrições etruscas, não é?

- Admito que não exista.

- Neste caso, receberia com satisfação algo ainda mais excitante, ainda mais desafiador, além de um trilhão de vezes mais importante do que aquelas inscrições.

- A que é que se refere, Dr.... Lamont?

- Possuímos inscrições, que não fazem parte de uma cultura morta, nem de nada aqui na Terra ou mesmo no Universo. Possuímos algo chamado de para-símbolos.

- Ouvi falar deles. Aliás, a propósito, já os vi.

- Não sentiu, então, certamente, o impulso de pesquisar o problema, Dr. Bronowski? Não sentiu o desejo de esclarecer o que significam?

- Nenhum desejo, Dr. Lamont, porque não há problema.

Lamont o contemplou com desconfiança e tornou a indagar:

- Quer dizer que é capaz de ler?

Bronowski sacudiu a cabeça negativamente e respondeu:

- O senhor me compreende mal. Quero dizer que possivelmente não os conseguiria ler, nem ninguém mais. Não existe base para isso. No caso das línguas terrenas, embora mortas, sempre existe a probabilidade de achar uma língua viva, ou uma língua morta já decifrada, que contenha certo relacionamento, ainda que débil. Se tal recurso falhar, resta, ao menos, o fato de que qualquer língua terrena foi escrita por seres humanos dotados de processos humanos de pensamento. Isto oferece um ponto de partida, mesmo que fraco. Nada de semelhante ocorre com os para-símbolos, de modo que constituem um problema claramente insolúvel. Uma insolubilidade não é um problema.

Só com dificuldade foi que Lamont se conteve de interromper e, afinal, explodiu:

- Engana-se, Dr. Bronowski. Não quero dar a idéia de que lhe ensino sua profissão, mas ignora alguns dos fatos que minha própria profissão revelou. Estamos tratando com para-homens, a respeito dos quais sabemos quase nada. Não sabemos como são, como pensam, em que tipo de mundo vivem. O que sabemos é quase nada, no entanto, básico e fundamental. Até aqui, o senhor tem razão. Mas é apenas quase nada o que sabe, não é?

Bronowski não parecia impressionado. Tirou do bolso um pacote de figos secos, abriu-o e começou a comê-los. Ofereceu-os a Lamont, que recusou com um aceno de cabeça.

- Certo - tornou Lamont -. Só sabemos uma coisa de importância crucial: eles são mais inteligentes do que nós. Item nº um: são capazes de realizar a troca através de distância inter-Universos, enquanto nós só podemos desempenhar um papel passivo.

A esta altura, fez uma interrupção para perguntar:

- Conhece algo a respeito da Bomba Eletrônica Inter-Universos?

- Um pouco - disse Bronowski -. O bastante para acompanhar seu raciocínio, se não entrar em detalhes técnicos.

Lamont se apressou:

- Item nº dois: enviaram-nos instruções sobre a maneira de construir nossa parte da Bomba. Não pudemos compreendê-las, mas conseguimos elaborar os diagramas suficientemente bem para que nos dessem os indícios necessários. Item nº três: eles podem de certa maneira nos perceber. Pelo menos, podem tomar conhecimento de que deixamos tungstênio para que o peguem, por exemplo. Sabem onde se encontra e podem atuar sobre ele. Nada podemos fazer de comparável. Há outras questões, mas isto é o bastante para mostrar que os para-homens são claramente mais inteligentes do que nós.

- Imagino - interveio Bronowski -, que o senhor, todavia, se acha em minoria aqui. Seus colegas, certamente, não aceitam tal opinião.

- Realmente, não aceitam. Mas, que é que o fez chegar a essa conclusão?

- Porque o senhor está evidentemente errado, é o que me parece.

- Meus fatos são corretos. E, uma vez que o são, como posso estar errado?

- O senhor está meramente provando que a tecnologia dos para-homens é mais avançada do que a nossa. Que tem isso a ver com inteligência? Veja bem - Bronowski se ergueu a fim de tirar o blusão e, a seguir, se sentou numa posição meio reclinada, com o corpo ligeiramente rotundo parecendo relaxar e se contrair numa sensação de grande conforto, como se a comodidade física o ajudasse a pensar - cerca de dois séculos e meio atrás, o comandante naval americano Matthew Perry introduziu uma flotilha na baía de Tóquio. Os japoneses, até então isolados, se viram diante de uma tecnologia consideravelmente superior à deles e resolveram que seria insensato correr o risco da resistência. Toda uma nação guerreira de milhões se via impotente diante de uns poucos navios de além-mar. Provaria isto que os japoneses seriam menos inteligentes do que os americanos ou apenas o fato de que a cultura ocidental havia tomado uma direção diferente? É evidente que a última hipótese é que era verdadeira, uma vez que, dentro de meio século, os japoneses imitaram com êxito a tecnologia ocidental e, dentro de

outro meio século, se convertiam em grande potência industrial, a despeito do fato de que foram desastrosamente batidos numa das guerras da época.

Lamont escutou gravemente e se manifestou:

- Também pensei nisso, Dr. BronoWski, embora nada soubesse a respeito dos japoneses... Gostaria de dispor de tempo para estudar história. No entanto, a analogia é incorreta. Trata-se de algo mais do que de superioridade técnica. É uma questão de diferença no grau de inteligência.

- Como pode afirmá-lo, exceto à maneira de conjetura?

- Pelo mero fato de que nos enviam diretivas. Estavam ansiosos que construíssemos nossa parte da Bomba. Precisavam que o fizéssemos. Não poderiam atravessar o espaço fisicamente. Até suas finas lâminas de ferro, nas quais suas mensagens foram gravadas (a substância mais aproximadamente estável em ambos os mundos), lentamente se tornaram demasiado radiativas para serem conservadas inteiras, embora, está claro, antes disso tivéssemos feito cópias permanentes em nossos próprios materiais.

Deteve-se a fim de tomar fôlego, sentindo-se demasiado excitado, demasiado impaciente. Não devia exagerar nas tintas do quadro.

Bronowski o olhou curiosamente:

- Muito bem, eles nos enviaram mensagens. Que está tentando deduzir disso?

- Que esperam nossa compreensão. Poderiam ser tão tolos a ponto de nos enviar mensagens bastante complicadas, em alguns casos muito longas, se não soubessem que iríamos entender? Se não fossem seus diagramas, terminaríamos num beco sem saída. Ora, se esperavam nossa compreensão, só podia ser porque sentiam que criaturas como nós, com uma tecnologia a grosso modo tão avançada como a deles próprios (e eles devem ter sido capazes de estimá-lo de alguma maneira - o que também conta a favor de minha crença), devem ser também a grosso modo tão inteligentes quanto eles e enfrentariam pouca dificuldade em deduzir algo dos seus símbolos.

- Talvez se trate apenas da ingenuidade deles - interferiu Bronowski, sem se deixar impressionar.

- Então acha que eles pensam que só existe uma única linguagem, falada e escrita, e que outra inteligência em outro Universo fala e escreve como eles? Essa não!

- Mesmo que admitisse seu raciocínio - tornou Bronowski -, que é que precisa que eu faça? Vi os para-símbolos. Suponho que todos os arqueólogos e filólogos da Terra os viram. Não percebo o que possa fazer. Nem, estou certo, qualquer outra pessoa. Em mais de vinte anos, nenhum progresso foi alcançado.

- O que é verdade é que, durante vinte anos, não houve desejo de progresso - disse Lamont, com ardor -. O Departamento da Bomba não quer solucionar o mistério dos símbolos.

- Por que não havia de querer?

- Por causa da incômoda possibilidade de que a comunicação com os para-homens demonstrará que eles são nitidamente mais inteligentes. Porque isso mostraria que os seres humanos não passam de associados marionetes no que se refere à Bomba, magoando seu ego. E, especificamente - Lamont se esforçou

para não dar um tom venenoso à voz -, porque Hallam perderia o mérito de ser o Pai da Bomba Eletrônica.

- Suponha que queiram progredir. Que poderia ser feito? A vontade de agir não é o ato, como sabe.

- Poderiam obter a cooperação dos para-homens. Poderiam enviar mensagens ao para-Universo. Isto nunca foi feito, mas é possível. Uma mensagem numa lâmina metálica poderia ser colocada debaixo de um montículo de tungstênio.

- Ah, como é isso? Ainda estão atrás de novas amostras de tungstênio, mesmo com a Bomba em funcionamento?

- Não, mas notarão o tungstênio e vão supor que tentamos usá-lo a fim de atrair a atenção deles. Podemos mesmo colocar a mensagem na própria lâmina de tungstênio. Se levarem a mensagem e extraírem dela algum significado, sequer o mais ligeiro, mandarão de volta uma mensagem deles, incorporando suas descobertas. Podem elaborar um quadro de equivalência entre suas palavras e as nossas ou podem empregar uma mistura de suas palavras com as nossas. Será uma espécie de impulso alternado, primeiro do lado deles, depois do nosso, a seguir do deles, e assim por diante.

- Com o lado deles fazendo a maior parte do trabalho.

- Sim.

Bronowski sacudiu a cabeça:

- Que é que isso tem de divertido, bem? Não me atrai.

Lamont o fitou com uma cólera ostensiva:

- Por que não? Não acha que haveria nisso bastante mérito para o senhor? Que haveria bastante fama? Quem é você, afinal, um especialista célebre? Que espécie de fama obteve das inscrições etruscas, ora bolas? O senhor é melhor do que cinco outros no mundo. Talvez seis. Para eles, é um bamba, um sucesso, e eles o odeiam. Para quem mais? Anda por aí fazendo conferências sobre o tema diante de auditórios, que chegam a algumas dúzias de pessoas, as quais o esquecem no dia seguinte. É isto o que realmente procura?

- Não exagere.

- Vá lá. Não quis exagerar. Arranjarei outra pessoa. Pode levar mais tempo, porém, como o senhor disse, os para-homens farão, de qualquer maneira, a maior parte do trabalho. Se necessário, arranjo-me sozinho.

- Foi encarregado deste projeto?

- Não, não fui. E daí? Ou talvez seja outra razão para que não queira se envolver. Problemas disciplinares? Não existe lei contra tentativas de tradução e posso sempre colocar tungstênio em cima de minha escrivaninha. Não vou comunicar nenhuma mensagem, que obtiver, em troca do tungstênio e, nessa medida, estarei violando o código de pesquisa. Mas, uma vez feita a tradução, quem se queixará? Desejaria trabalhar comigo, se lhe garantir sua segurança e não revelar sua participação no segredo? Perderia sua fama, mas talvez aprecie mais sua segurança. Ora, ora - Lamont encolheu os ombros -, se o fizer sozinho, haverá a vantagem de não ter que me preocupar com a segurança de quem quer que seja.

Levantou-se para sair. Ambos estavam encolerizados e se comportavam com a cortesia rígida, que se manifesta quando nos dirigimos a alguém hostil, mas ainda de modo educado.

- Suponho - disse Lamont - que, pelo menos, vai considerar esta conversa como confidencial.

Bronowski também havia se erguido.

- A esse respeito pode ficar tranqüilo - disse friamente e os dois apertaram as mãos por simples polidez.

Lamont não esperava ouvir mais alguma coisa de Bronowski. Iniciou, então, o processo de se convencer de que seria melhor realizar o esforço da tradução por conta própria. Dois dias depois, entretanto, Bronowski vinha ao laboratório de Lamont. Bastante rispidamente, foi soltando:

- Estou deixando a cidade agora, mas regresso em setembro. Vou ocupar o cargo aqui e, se ainda estiver interessado, verei o que posso fazer com relação ao problema, que mencionou.

Lamont mal teve tempo para uma surpresa expressão de agradecimento, quando Bronowski se retirou empertigado, evidentemente mais indignado por ter cedido do que por ter resistido.

Com o tempo, tornaram-se amigos. E, com o tempo, Lamont soube o que aconteceu a Bronowski. No dia seguinte à discussão, o criptogramista almoçou no Clube da Congregação com um grupo dos mais altos funcionários da Universidade, inclusive, o reitor. Bronowski anunciou que aceitava o cargo e enviaria uma carta formal para tal fim, no devido tempo, manifestando satisfação.

O reitor se pronunciou:

- Será outra pérola em nosso colar a integração em nossa Universidade do renomado tradutor das inscrições itascanas. Sentimo-nos honrados.

A impropriedade não foi corrigida, é evidente, e o sorriso de Bronowski, conquanto torcido, realmente não se extinguiu. Em seguida, o chefe do Departamento de História Antiga explicou que o reitor era mais um homem de Minnesota do que um estudioso do mundo clássico e, uma vez que o Lago Itasca constituía o ponto de origem do majestoso Mississipi, o lapso lingual era natural.

Mas, em combinação com o escárnio de Lamont acerca da extensão de sua fama, Bronowski considerou a expressão rançosa.

Quando Lamont finalmente soube do caso, achou graça.

- Não leve a sério - disse -. Também passei por uma dessas. Diga a si mesmo "Por Deus, farei algo, que mesmo essa cabeça oca terá de se emendar".

- Será mais ou menos assim - replicou Bronowski.

*****

Um ano de trabalho, contudo, muito pouco rendeu para eles. Chegaram, finalmente, mensagens do outro lado. Mensagens foram devolvidas. Nada.

- Apenas conjeturas! - disse Lamont, febrilmente, a Bronowski -. Nada mais do que loucas conjeturas. Tente agarrá-las.

- É exatamente o que venho fazendo, Pete. Por que está tão nervoso? Gastei doze anos nas inscrições etruscas. Espera que essa tarefa me tome menos tempo?

- Pelo amor de Deus, Mike! Não podemos levar doze anos nisso.

- Por que não? Escute, Pete, não me escapou que houve uma mudança em sua atitude. Esteve mesmo impossível, neste mês. Pensei que ficou claro para nós, desde o começo, que este trabalho não pode andar depressa e que teremos de ser pacientes. Pensei que o compreendeu e, ademais, também tenho meus deveres regulares na Universidade. Veja, estive lhe fazendo perguntas várias vezes, agora. Permita que lhe pergunte de novo. Por que está tão apressadinho, agora?

- Por que tenho pressa - retrucou Lamont, bruscamente -. Porque quero resolver o problema.

- Congratulações - tornou BronoWski, secamente -, eu também quero. Ouça, não está na expectativa de uma morte próxima, hein? Seu médico não lhe disse que você tem um câncer fatal?

- Não, não - gemeu Lamont.

- Então, que é que há?

- Não se preocupe - disse Lamont e saiu às carreiras.

Quando inicialmente tentou convencer Bronowski a trabalhar com ele, o ressentimento de Lamont só se referia à obstinação mesquinha de Hallam quanto à sugestão de que os para-homens seriam mais inteligentes. Era só com referência a isso e apenas a isso que Lamont lutava por abrir uma brecha. Não pretendia nada, além disso... no começo.

Mas, no decurso dos meses seguintes, viu-se sujeito a infindável exasperação. Suas requisições de equipamento, de assistência técnica, de tempo de computador eram adiadas; sua solicitação de fundos de trabalho encontrava má vontade; suas opiniões nas assembléias interdepartamentais viam-se invariavelmente desprezadas.

O ponto de ruptura se deu quando Henry Garrison, inferior a ele na escala de serviço e definidamente inferior em matéria de competência, recebeu uma nomeação de consultor, rica de prestigio, a qual, conforme todos os direitos, devia caber a Lamont. Foi então que o seu ressentimento cresceu a um ponto em que não seria mais suficiente demonstrar meramente a si mesmo estar com a razão. Ansiava por esmagar Hallam, por destruí-lo sem piedade.

O sentimento era reforçado cada dia, cada hora quase, pela atitude inequívoca de todo mundo na Estação Bombeadora. A personalidade contundente de Lamont não podia ganhar simpatias, mas alguma existia, apesar de tudo.

O próprio Garrison se sentia constrangido. Era um jovem tranqüilo no falar, afável, que nitidamente não desejava encrencas e que, no momento, se achava à soleira da porta do laboratório de Lamont, com uma expressão por demais apreensiva. Foi assim que disse:

- Ei, Pete, posso ter uma palavrinha com você?

- Tanto quanto quiser - respondeu Lamont, franzindo o rosto e evitando um olhar direto.

Garrison entrou, sentou-se e falou:

- Pete, não posso recusar a nomeação, porém quero que saiba que não fiz força para obtê-la. Veio de surpresa.

- Quem lhe diz para recusar? Quanto a mim, não soltei um pio.

- Pete, trata-se de Hallam. Se eu recusar, o cargo irá para algum outro, não para você. Que é que fez ao velho?

Lamont se voltou para o companheiro:

- Que é que você pensa de Hallam? Que espécie de homem é ele, em sua opinião?

Garrison foi pego de surpresa. Vincou os Lábios e coçou o nariz.

- Bem... - começou e deixou a palavra se extinguir.

- Um grande homem? Um cientista brilhante? Um líder inspirador?

- Bem...

- Permita que lhe diga. Este homem é um impostor! É um trapaceiro! Ganhou a reputação e o cargo, que tem, mas os desfruta em estado de pânico. Sabe que não me engano a respeito dele e é isto que tem contra mim.

Garrison soltou um riso breve, sem jeito:

- Não foi até ele e disse.

- Não, nada disse a ele diretamente, tornou Lamont, mal-humorado -. Algum dia, vou fazê-lo. Mas ele pode falar. Sabe que sou uma pessoa a quem não tapeia, mesmo que eu não diga nada.

- Mas, Pete, que importância tem que ele o saiba? Não digo que penso que ele seja o maior do mundo, mas que sentido faz difundir uma coisa dessas? Procure amaciá-lo um pouco. Ele tem sua carreira nas mãos.

- Será que tem? Eu tenho a reputação dele nas minhas mãos. Vai ver. Vou botá-lo nu.

- Como?

- É assunto meu! - resmungou Lamont, que, neste momento, não tinha a menor idéia de como iria consegui-lo.

- Mas isso é ridículo - tornou Garrison -. Não pode ganhar. Ele apenas o destruirá. Mesmo que não seja realmente um Einstein ou um Oppenheimer, é mais do que ninguém para o mundo em geral. É o Pai da Bomba Eletrônica para os dois bilhões da população terrestre e nada do que possivelmente você faça mudará a opinião pública, enquanto a Bomba Eletrônica for a chave do paraíso humano. Enquanto isso for verdadeiro, Hallam não poderá ser atingido e você será louco, se pensar que pode. Que diabo, Pete, diga-lhe que ele é grande e se mostre arrependido. Não siga o exemplo de Denison!

- Vou-lhe dizer uma coisa, Henry - explodiu Lamont, com uma fúria repentina -. Por que não cuida dos seus próprios assuntos?

Garrison se levantou subitamente e se retirou sem dizer uma palavra. Lamont tinha feito outro inimigo ou, no mínimo, havia perdido outro amigo. O preço, todavia, valera, concluiu finalmente, porque uma observação de Garrison pusera a bola a rolar em outra direção.

Garrison havia dito, em essência: "... enquanto a Bomba Eletrônica for a chave do paraíso humano... Hallam não poderá ser atingido".

Com tal idéia retinindo na cabeça, Lamont, pela primeira vez, desviou sua atenção de Hallam e focalizou-a na Bomba Eletrônica. Seria a Bomba Eletrônica a chave do paraíso humano? Ou havia aí, pelo amor de Deus, um engodo?

Tudo na história tivera um engodo. Qual era o engodo da Bomba Eletrônica?

Lamont conhecia suficientemente a história da para-teoria para saber que o problema do "engodo" não ficara inexplorado. Quando foi primeiro anunciado que

a mudança básica global na Bomba Eletrônica consistia no Bombeamento de elétrons do Universo ao para-Universo, não faltaram os que imediatamente dissessem:

- Mas, o que acontecerá quando todos os elétrons tiverem sido bombeados?

A objeção foi facilmente respondida. À mais elevada taxa razoável de bombeamento, o suprimento de elétrons duraria, no mínimo, um trilhão de trilhão de trilhão de anos - e o Universo inteiro, junto, presumivelmente, com o para-Universo, não duraria uma minúscula fração de todo esse tempo.

A objeção seguinte foi mais sofisticada. Não havia possibilidade de bombear todos os elétrons para o outro lado. À medida em que os elétrons fossem bombeados, o para-Universo ganharia uma carga líquida negativa e o Universo uma carga líquida positiva. A cada ano, enquanto crescesse a diferença de carga, tornar-se-ia mais difícil bombear mais elétrons contra a força do diferencial da carga oposta. O que se bombeava, naturalmente, eram átomos neutros, mas a distorção dos elétrons orbitais no processo criava uma carga eficiente, que crescia imensamente com as mudanças radiativas subseqüentes.

Se a concentração de carga permanecesse nos pontos de bombeamento, o efeito sobre os átomos de órbita distorcida, que eram bombeados, paralisaria todo o processo quase imediatamente, mas, está claro, era preciso levar em conta a difusão. A concentração de carga difundida exteriormente à Terra e o efeito do processo de bombeamento foram calculados com isso em vista.

A crescente carga positiva da Terra geralmente forçava o vento solar, dotado de carga positiva, a evitar o planeta numa distância cada vez maior e a magnetosfera se ampliava. Graças ao trabalho de McFarland (o verdadeiro autor da Grande Penetração, de acordo com Lamont), pôde ser demonstrado que um ponto definido de equilíbrio fora alcançado, à medida em que o vento solar se afastava cada vez mais das partículas positivas acumuladas, que eram repelidas da superfície terrestre e impelidas para cima, na exosfera. Com cada aumento da intensidade do bombeamento, com cada Estação Bombeadora adicional construída, crescia ligeiramente a carga líquida positiva sobre a Terra e a magnetosfera se expandia na proporção de alguns quilômetros. A modificação, não obstante, era pequena e a carga positiva era, no final de contas, varrida pelo vento solar e dispersada pelos confins exteriores do sistema solar.

Mesmo assim, mesmo admitindo a mais rápida difusão possível da carga, chegaria o tempo em que o diferencial de carga local entre Universo e para-Universo, nos pontos de bombeamento, se tornaria bastante largo para por fim ao processo, sendo preciso realmente uma pequena fração de tempo para esgotar todos os elétrons. A grosso modo, um trilionésimo de trilhão do tempo.

Mas isso ainda significava que o Bombeamento continuaria possível durante um trilhão de anos. Um único trilhão de anos, mas era o bastante, seria suficiente. Um trilhão de anos era muito mais do que o homem poderia durar ou mesmo o sistema solar. E, se o homem, de alguma maneira, durasse tanto tempo (ou certa criatura, que o sucedesse e suplantasse), então não havia dúvida que algo seria inventado para corrigir a situação. Uma obra enorme poderia ser realizada num trilhão de anos. Lamont tinha de concordar com isso.

Mas pensou, a esta altura, em alguma coisa diferente, em outra linha de pensamento que bem lembrava ter o próprio Hallam abordado num dos artigos,

que escreveu para consumo popular. Com certo desgosto, desencavou o artigo. Era importante verificar o que dissera Hallam, antes de prosseguir no assunto.

Eis o que, em parte, afirmava o artigo:

"Em virtude da sempre presente força gravitacional, viemos a associar a expressão "ladeira abaixo" com a espécie de variação inevitável que podemos usar a fim de produzir energia do tipo que somos capazes de converter em trabalho útil. Foi a água correndo ladeira abaixo que, nos séculos passados, fez girar as rodas, que, por sua vez, transmitiram energia a máquinas como bombas e geradores. Mas, que acontece quando toda a água se escoou ladeira abaixo?"

"Não pode haver novo trabalho possível, até que a água volte para cima do morro... e isto requer trabalho. De fato, exige-se mais trabalho para forçar a água do que sua coleta, enquanto deixamos que corra ladeira abaixo. Trabalhamos por meio de perda de energia. Por felicidade, o Sol faz o trabalho para nós. Evapora os oceanos, de maneira que o vapor da água sobe alto na atmosfera, forma nuvens e, por fim, cai de novo convertido em chuva e neve. Isto embebe o solo em todos os níveis, enche as nascentes e as correntes e mantém a água sempre correndo ladeira abaixo".

Porém não rigorosamente para sempre. O sol é capaz de erguer o vapor da água, mas só porque, num sentido nuclear, também ele está correndo ladeira abaixo. Está correndo ladeira abaixo a uma velocidade imensamente maior do que qualquer rio terrestre conseguiria e, quando tudo nele tenha corrido ladeira abaixo, não haverá nada, que saibamos, que o empurre de novo para cima do morro.

"Todas as fontes de energia, em nosso Universo, correm para baixo. Não podemos evitá-lo. Tudo se encontra ladeira abaixo em apenas uma direção e o que somos capazes de fazer é forçar a direção oposta, uma temporária subida para o cume do morro, unicamente tirando proveito de algum declive maior na vizinhança. Se quisermos energia útil para sempre, necessitamos de uma estrada, que siga em declive em ambas as direções. Esse é o paradoxo no nosso Universo: é lógico que tudo, que segue ladeira abaixo numa direção, vai ladeira acima na direção de volta".

"Mas devemos nos limitar apenas ao nosso Universo? Pensem no para-Universo. Possui estradas, também, que são ladeira abaixo numa direção e ladeira acima na outra. Tais estradas, no entanto, não se ajustam às nossas. É possível tomar uma estrada do para-Universo ao nosso Universo, que seja ladeira abaixo, porém que, quando a seguirmos de volta de nosso Universo ao para-Universo, seja de novo ladeira abaixo, uma vez que os dois Universos possuem leis diferentes de comportamento".

"A Bomba Eletrônica explora uma estrada que é ladeira abaixo em ambas as direções. A Bomba Eletrônica..."

Lamont voltou o olhar, outra vez, ao título do artigo: A Estrada que é Ladeira A baixo em Ambas as Direções.

Pôs-se a pensar. O conceito lhe era, naturalmente, familiar, bem como suas conseqüências termodinâmicas. Mas, por que não examinar suas suposições? Que devem constituir o ponto fraco em qualquer teoria. Que tal se as suposições, presumidas corretas por definição, estivessem erradas? Que aconteceria se partisse de outras suposições? Contraditórias?

Começou às cegas, porém, dentro de um mês, adquiriu o sentimento que todo cientista reconhece: o infindável estalido quando peças inesperadas caem no lugar, quando anomalias tediosas deixam de ser anômalas. Era o sentimento da Verdade. Foi a partir desse momento que passou a submeter Bronowski a uma pressão adicional.

Certo dia, disse:

- Vou ver Hallam de novo.

As sobrancelhas de Bronowski se levantaram:

- Para quê?

- Para que me vire as costas.

- Sim, Pete, você está apressado. Fica infeliz se suas dificuldades diminuem um pouquinho.

- Você não compreende. É importante que ele se recuse a me ouvir. Não posso suportar que digam depois que o omiti, que ele o ignorava.

- Ignorava o quê? A tradução dos para-símbolos? Ainda não existe nenhuma. Pete, não ponha o carro adiante dos bois.

- Não, não, isso não.

E não disse mais nada.

Hallam não facilitou as coisas para Lamont. Algumas semanas tiveram de transcorrer até que encontrasse tempo para ver o colega mais jovem. Tampouco Lamont pensava facilitar as coisas para Hallam. Entrou com altivez, extremamente crispado. Hallam o aguardava com a cara fechada, emburrado.

- Que crise é esta a que se refere? - perguntou bruscamente.

- Algo aconteceu, senhor, inspirado num dos seus artigos - respondeu Lamont, com voz neutra.

- Hein? - e, logo, às pressas -. Qual deles?

- A Estrada que é Ladeira Abaixo em Ambas as Direções. O que programou para Vida Adolescente, senhor.

- E que é que há com ele?

- Creio que a Bomba Eletrônica não é ladeira abaixo em ambas as direções, se me permite usar sua metáfora, a qual não constitui, como de fato ocorre, uma maneira completamente precisa descrever a Segunda Lei da Termodinâmica.

Hallam vincou o rosto:

- Que é que pensa a respeito?

- Posso explicá-lo melhor, armando as Equações de Campo para os dois Universos e demonstrando uma interação, que, até agora, não foi considerada... infelizmente, em minha opinião.

Depois de dizê-lo, Lamont se encaminhou diretamente ao quadro negro e esboçou rapidamente as equações, falando depressa enquanto o fazia.

Lamont sabia que Hallam ficaria humilhado e irritado com semelhante procedimento uma vez que não acompanharia a exposição matemática. Lamont contava com isso. Hallam resmungou, raivoso:

- Um momento, rapaz, não tenho tempo agora para me meter numa discussão a fundo sobre qualquer aspecto da para-teoria. Envie-me um relatório completo e, por enquanto, se possui alguma declaração sucinta a respeito do que pretende, pode fazê-la.

Lamont se afastou do quadro negro, com indisfarçável expressão de desprezo no rosto.

- Muito bem - aquiesceu -. A Segunda Lei da Termodinâmica descreve um processo, que inevitavelmente decepa os extremos. A água não corre ladeira abaixo. O que realmente sucede é que os extremos do potencial gravitacional são igualados. A água transbordará morro acima, com a mesma facilidade, se ficar comprimida debaixo da terra. Podemos obter trabalho da justaposição de dois diferentes níveis de temperatura, mas o resultado final consiste em que a temperatura será igualada num nível intermediário. O corpo quente se esfria e o corpo frio se aquece. Tanto esfriamento como aquecimento constituem aspectos da Segunda Lei e, sob circunstâncias apropriadas, igualmente espontâneos.

- Não venha me ensinar termodinâmica elementar, rapaz. Que é que deseja? Disponho de muito pouco tempo.

Lamont prosseguiu, sem mudar a expressão, nem demonstrar que o apressavam:

- O trabalho é obtido da Bomba Eletrônica mediante um nivelamento dos extremos. Neste caso, os extremos são as leis físicas dos dois Universos. As condições, que tornam tais leis possíveis, quaisquer que sejam essas condições, estão sendo extraídas de um Universo para o outro e o resultado final de todo o processo será o de dois Universos em que as leis naturais serão idênticas... e intermediárias, se comparadas com a situação atual. Uma vez que isso produzirá modificações incertas, porém indubitavelmente amplas, neste Universo, parece que se deve considerar seriamente a paralisação da Bomba e o término permanente de toda a operação.

Lamont esperava que, neste ponto, Hallam explodiria, eliminando qualquer possibilidade de continuar a explanação. Hallam não deixou de corresponder à expectativa. Saltou da sua cadeira, que tombou. Afastou a cadeira com um pontapé e deu os dois passos, que o separavam de Lamont.

Desconfiado, Lamont, apressadamente, botou para trás sua cadeira e se levantou.

- Seu idiota - gritou Hallam, quase gaguejando de cólera -. Será que não supõe que todo mundo na Estação conhece a igualação da lei natural? Por que está me fazendo perder tempo, contando-me algo que já sabia quando você ainda aprendia a ler? Saia daqui e, a qualquer tempo em que quiser me oferecer sua demissão, considere-a aceita.

Lamont se retirou, tendo alcançado exatamente o que pretendia e, não obstante, se sentiu furioso com o tratamento que recebeu de Hallam.

*****

- Seja como for - disse Lamont -, isso limpa o terreno. Tentei falar com ele. Não quis me ouvir. De modo que dei o passo seguinte.

- E qual é? - indagou BronoWski.

- Irei ver o senador Burt.

- Refere-se ao presidente do Comitê de Tecnologia e de Meio Ambiente?

- Ele mesmo. Pelo que vejo, já ouviu falar nele.

- Quem não ouviu? Mas, não é esta a questão, Pete. Que é que obteve que interesse a ele? Não foi a tradução. Pete, estou lhe perguntando de novo. Que é que tem em vista?

- Não posso explicar. Você não conhece para-teoria.

- E o senador Burt conhece?

- Mais do que você, parece-me.

Bronowski apontou o dedo:

- Pete, deixemos de brincadeira. Talvez eu saiba de coisas, que você ignora. Não podemos trabalhar juntos se trabalharmos um contra o outro. Ou sou um membro desta pequena corporação de dois ou não sou. Diga-me o que tem na cabeça e lhe direi algo em troca. De outra maneira, vamos acabar com essa estória de uma vez.

- Muito bem - concordou Lamont, encolhendo os ombros -. Uma vez que deseja, vou lhe dizer. Agora, que isto já passou por Hallam, talvez seja bom que o faça. A questão é que a Bomba Eletrônica está transferindo a lei natural. No para-Universo a forte interação é cem vezes mais forte do que aqui, o que significa que a fissão nuclear é muito mais provável aqui do que lá e que a fusão nuclear é muito mais provável lá do que aqui. Se a Bomba Eletrônica funcionar por muito tempo, haverá um equilíbrio final em que a forte interação nuclear será igualmente forte em ambos os Universos, resultando numa cifra cerca de dez vezes maior do que a daqui atualmente é um décimo da que existe lá agora.

- Ninguém sabia disso?

- Oh, sem dúvida, todo mundo sabia. Era evidente, quase desde o começo. Até Hallam pode vê-lo. Foi isso que deixou o bastardo tão agitado. Fui lhe dizendo tudo em detalhe, como se julgasse que nunca o ouviu antes, e ele explodiu.

- Então, qual o problema? Há perigo de que a interação se torne intermediária?

- Naturalmente. Que é que acha?

- Não acho nada. Quando se tornará intermediária?

- Com a velocidade atual, dentro de 10 elevado a 30 anos ou coisa que o valha.

- Quanto tempo é isso?

- Bastante longo para que um trilhão de trilhão de Universos como o nosso nasçam, vivam, envelheçam e morram, um depois do outro.

- Ora que inferno, Pete! Nesse caso, qual a diferença que faz?

- Porque para alcançar esta cifra - disse Lamont, vagarosa e cuidadosamente -, que é oficial, foram feitas certas suposições, que considero erradas. Se forem feitas certas outras suposições, que considero corretas, estamos em maus lençóis agora mesmo.

- Que espécie de maus lençóis?

- Suponha que a Terra se converta num sopro de gás, num período de cinco minutos aproximadamente. Quer pensar numa encrenca dessas?

- Por causa do Bombeamento?

- Por causa do Bombeamento!

- E quanto ao mundo dos para-homens? Ficariam em perigo, também?

- Tenho certeza que sim. Um perigo diferente, mas perigo.

Bronowski se ergueu e começou a dar passadas. Usava sua cabeleira castanha espessa e comprida, no estilo adolescente do passado. Agora, enfiava os dedos nela. Afinal, manifestou-se:

- Se os para-homens são mais inteligentes do que nós, estariam eles fazendo a Bomba funcionar? Certamente saberiam que é perigoso, antes de nós.

- Pensei nisso - replicou Lamont -. O que suponho é que começaram o Bombeamento pela primeira vez e, como nós, deram início ao processo em virtude do bem aparente, que traria, só depois se preocupando com as consequências.

- Mas você diz que conhece as consequências agora. Seriam eles mais vagarosos do que você?

- Depende de se e quando investigarem tais consequências. A Bomba é por demais atraente para que se tente perdê-la. Eu mesmo não investigaria, se não tivesse... Mas, o que tem em sua cabeça, Mike?

Bronowski parou de andar, olhou Lamont de frente e disse:

- Acho que alcançamos alguma coisa.

Lamont o fitou transtornado e, então, deu um pulo para agarrar a manga do companheiro, perguntando:

- Com os para-símbolos? Fale, Mike!

- Foi quando você estava com Hallam. Quando você estava realmente com Hallam. Não sabia exatamente o que fazer com a coisa, porque não me encontrava certo do que acontecia. E agora...

- E agora?

- Ainda não tenho certeza. Chegou uma das lâminas deles, com quatro símbolos...

- Hein?

- ... do alfabeto latino. E pode ser enunciado.

- De que maneira?

- Aqui está.

Bronowski mostrou a lâmina com o jeito de um conspirador. Muito diferentes das espirais delicadas e intrincadas e das cintilações diferenciais dos para-símbolos, estavam gravadas nela quatro letras largas, assemelhadas às da escrita infantil: M-I-D-O.

- Que acha que significa? - perguntou Lamont, confusamente.

- Tanto quanto seja capaz de raciocinar, é M-E-D-O, mal pronunciado.

- Era por isso que estava me inquirindo? Acha que alguém do outro lado está sentindo medo?

- E creio que pode ter alguma conexão com sua própria excitação, obviamente crescente neste último mês. Francamente, Pete, não me agrada ser mantido às escuras.

- Certo. Agora, não vamos tirar conclusões precipitadas. Você possui experiência com mensagens fragmentárias. Não diria que os para-homens estão começando a sentir medo com relação à Bomba Eletrônica?

- De modo algum, necessariamente - disse Bronowski -. Ignoro em que medida são capazes de sentir o nosso Universo. Se são capazes de perceber o tungstênio, que deixamos para eles, se podem perceber nossa presença, talvez estejam sentindo nosso estado de espírito. Talvez estejam tentando nos tranqüilizar. Dizendo-nos que não há razão para medo.

- Então, por que não disseram N-Ã-O M-E-D-O?

- Porque ainda não conhecem bem nossa linguagem.

- Hum... Nesse caso, não posso levar isso a Burt.

- Eu não o levaria. É ambíguo. De fato, não iria a Burt antes que obtivéssemos algo mais do outro lado. Quem sabe lá o que tentam nos dizer...

- Não, não posso esperar, Mike. Sei que estou certo e não temos tempo a perder.

- Muito bem, mas, se for à procura de Burt, estará queimando as pontes atrás de si. Seus colegas nunca o perdoarão. Já pensou em falar com os físicos daqui? Não pode pressionar Hallam sozinho, mas todo um grupo de vocês...Lamont sacudiu a cabeça vigorosamente:

- Em nenhuma hipótese. Os homens desta Estação sobrevivem por serem uns covardes. Não tem um só que o enfrente. Tentar reunir os outros para pressionar Hallam seria o mesmo que convocar ovelhas para atacar o lobo.

O rosto delicado de Bronowski tinha uma expressão sombria.

- Talvez tenha razão.

- Sei que tenho razão - retrucou Lamont, igualmente sombrio.

****

7

Levou tempo para conseguir uma audiência com o senador. Tempo que Lamont se ressentia de perder. Tanto mais que nenhuma outra mensagem em letras latinas chegou dos para-homens. Mensagem de nenhuma espécie, embora Bronowski houvesse enviado meia dúzia, cada uma com uma combinação cuidadosamente selecionada de para-símbolos e sempre incorporando tanto M-I-D-O como M-E-D-O.

Lamont não estava certo da significação de meia dúzia de variações, porém Bronowski parecia esperançoso. Nada, todavia, aconteceu e, agora, Lamont ia finalmente ver Burt.

O senador possuía rosto fino, olhar penetrante e era idoso. Vinha sendo o presidente do Comitê de Tecnologia e Meio Ambiente durante uma geração. Levava a sério o seu cargo e o demonstrou uma dúzia de vezes.

Mostrava-se inquieto na ocasião, com sua gravata fora de moda (e que se tornara sua marca registrada), dizendo, com o olhar no relógio de pulso:

- Só posso lhe conceder meia hora, meu filho.

Lamont não se preocupou. Tinha a esperança de interessar o senador Burt o suficiente para fazê-lo esquecer limites de tempo. Nem tentou começar do começo. Suas intenções ali eram diferentes das que nutria com relação a Hallam. Tomou a palavra:

- Não quero aborrecê-lo com matemática, senador, mas vou supor que percebe que, através do Bombeamento, as leis naturais dos dois Universos estão sendo misturadas.

- Mexidas conjuntamente - interveio o senador, calmamente" -, com o equilíbrio a vir dentro de cerca de 10 elevado a 30 anos. Não é esta a cifra?

Suas sobrancelhas em repouso se arquearam para cima e depois para baixo, dando ao rosto bem modelado um permanente ar de surpresa.

- Sim. - tornou Lamont -, mas foi alcançada com a suposição de que as leis do outro Universo se filtram para dentro de nosso Universo e se espalham a partir do ponto de entrada à velocidade da luz. Isto constitui mera suposição e creio estar errada.

- Por quê?

- A única velocidade de mistura, que foi medida, se refere ao plutônio-186 enviado para este Universo. Essa velocidade de mistura é extremamente lenta no início, presumivelmente porque a matéria é densa, aumentando com o tempo. Se o plutônio for misturado com matéria menos densa, a velocidade de mistura aumentará mais rapidamente. Partindo de algumas mensurações desse tipo, calculou-se que a velocidade de permeância aumentaria até a velocidade da luz no vácuo. Levaria certo tempo para que as leis estranhas abram caminho dentro da atmosfera, muito menos tempo para que cheguem à camada mais alta da atmosfera, espalhando-se a seguir, através do espaço, em todas as direções, a 300.000 quilômetros por segundo, diluindo-se inocuamente.

Lamont fez uma pausa momentânea a fim de refletir sobre como prosseguir da melhor maneira e o senador aproveitou imediatamente a pausa, urgindo com o jeito de quem não quer desperdiçar tempo:

- No entanto...

- Trata-se de suposição conveniente, que parece fazer sentido e parece não trazer complicações, mas, que aconteceria se não fosse a matéria, que oferecesse resistência à permeância das leis estranhas, porém a própria estrutura básica do Universo?

- Que é a estrutura básica?

- Não sou capaz de expressá-lo com palavras. Existe uma expressão matemática, que penso que a representa, mas não sou capaz de traduzi-la em palavras. É a estrutura básica do Universo que determina as leis da natureza. É a estrutura básica do nosso Universo que impõe a conservação da energia. É a estrutura básica do para-Universo, dotada de um lineamento, por assim dizer, algo diverso do nosso, que torna sua interação nuclear cem vezes mais forte do que a nossa.

- E daí?

- Se for a estrutura básica que estiver sendo penetrada, senhor, então a presença de matéria, densa ou não, só pode exercer uma influência secundária. A velocidade de penetração será maior no vácuo do que na matéria densa, porém não muito maior. A velocidade de penetração no espaço exterior pode ser grande em termos terrenos, mas é apenas uma pequena fração da velocidade da luz.

- O que significa?

- Que a estrutura estranha não está se dissipando tão rapidamente conforme pensamos, mas se empilhando, por assim dizer, dentro do sistema solar, numa concentração muito maior do que temos imaginado.

- Percebo - manifestou-se o senador, acenando com a cabeça -. E quanto tempo levará para que o espaço dentro do sistema solar atinja o equilíbrio? Menos do que 10 elevado a 30 anos, imagino.

- Muito menor, senhor. Menos do que 10 elevado a 10 anos, creio. Talvez cinqüenta bilhões de anos, com um par de bilhões a mais ou a menos.

- Não muito, comparativamente, porém bastante, bem? Sem motivo imediato para alarma, não é?

- Mas receio que haja motivo imediato para alarma, senhor. Haverá danos muito antes que o equilíbrio seja atingido. Em virtude do Bombeamento, a interação nuclear forte vem se tornando incessantemente mais forte, a cada momento.

- Bastante mais forte para ser medida?

- Talvez não, senhor.

- Nem mesmo após vinte anos de Bombeamento?

- Talvez não, senhor.

- Então, por que se preocupar?

- Porque, senhor, na potência da interação nuclear forte se baseia a taxa pela qual o hidrogênio se funde em hélio, no âmago do Sol. Se a interação se fortalecer, mesmo imperceptivelmente, a taxa da fusão do hidrogênio no Sol aumentará acentuadamente. O Sol mantém o equilíbrio entre radiação e gravitação com grande delicadeza e transtornar tal equilíbrio em favor da radiação, como agora fazemos...

- Sim?

-... provocará enorme explosão. Sob nossas leis naturais, é impossível que uma estrela tão pequena como o Sol se converta numa supernova. Sob as leis alteradas, pode não ser impossível. Duvido que tenhamos aviso prévio, O Sol se encaminharia a uma vasta explosão e, oito minutos depois que o senhor e eu tivermos morrido, rapidamente se vaporizará numa lufada de vapor em expansão.

- E nada pode ser feito?

- Se já for muito tarde para evitar o transtorno do equilíbrio, nada. Se ainda não for demasiado tarde, devemos paralisar a Bomba.

O senador pigarreou e retomou a palavra:

- Antes que concordasse em recebê-lo, rapaz, inquiri a respeito de sua ficha, uma vez que você não me era pessoalmente conhecido. Entre os que me forneceram informações, inclui-se o Dr. Hallam. Conhece-o, suponho?

- Sim, senhor - um canto de sua boca se torceu, mas a voz se manteve inalterada -. Conheço-o bem.

- Ele me disse - tornou o senador, relanceando os olhos sobre um papel em cima da escrivaninha - que você é um desordeiro idiota, de sanidade mental duvidosa. Exigiu que me recusasse a recebê-lo.

Lamont perguntou, numa voz que se esforçou para manter calma:

- São essas as palavras dele, senhor?

- Suas palavras exatas.

- Então, por que aceitou me receber, senhor?

- Ordinariamente, quando recebo algo semelhante de Hallam, não concederia a entrevista a você. Meu tempo é valioso e Deus sabe que dou audiência a um número incalculável de desordeiros idiotas de sanidade mental duvidosa, mesmo entre os que me chegam com as mais elevadas recomendações. Neste caso, contudo, não gostei da "exigência" de Hallam. Não se fazem exigências a um senador e é bom que Hallam aprenda.

- Então, o senhor vai me ajudar?

- Ajudar a fazer o quê?

- Ora... a conseguir que o Bombeamento seja paralisado.
- Não posso fazer isso.
- Por que não? - indagou Lamont -. O senhor é o presidente do Comitê de Tecnologia e de Meio Ambiente e constitui precisamente tarefa sua deter o Bombeamento ou qualquer procedimento tecnológico, que ameace com dano irreversível o meio ambiente. Não pode haver, dano maior, nem mais irreversível do que aquele com que ameaça o Bombeamento.
- Certamente. Certamente. Se você estiver com a razão. Mas parece que seu caso se reduz a que suas suposições são diferentes das aceitas. Quem vai dizer qual o conjunto de suposições é correto?
- Senhor, a estrutura que construí explica várias coisas, que o ponto de vista aceito deixou em dúvida.
- Bem, neste caso, seus colegas deviam aceitar sua modificação e, sendo assim, não haveria muita razão para me procurar, imagino.
- Senhor, meus colegas não acreditarão. Seu interesse pessoal se interpõe.
- Do mesmo modo como o seu interesse pessoal se interpõe diante da possibilidade de ver que talvez esteja errado... Rapaz, meus poderes, no papel, são enormes, mas eu só posso agir quando o público está a meu favor. Permita que lhe dê uma lição de política prática.

O senador deu uma espiada no relógio de pulso, reclinou-se e sorriu. Sua proposta não era característica dele, mas um editorial do Correio Terrestre, naquela manhã, se referiu ao senador como a "um político consumado, o mais qualificado do Congresso Internacional" e o brilho, que surgiu no seu olhar, ainda se prolongava.

- É um engano supor - falou o senador - que o público quer a proteção do meio ambiente ou a salvação de suas vidas e que seja grato ao idealista que lute por tais fins. O que o público quer é o seu conforto individual. Nós o sabemos bastante bem de nossa experiência na crise ambiental do século vinte. Naquela época, sabia-se bem que cigarros aumentam a incidência de câncer pulmonar e que o remédio óbvio consistia em parar de fumar, mas o remédio desejado foi o de um cigarro que não estimulasse o câncer. Quando se tornou claro que o motor de combustão interna estava poluindo perigosamente a atmosfera, o remédio óbvio era o de abandonar tais motores, mas o remédio desejado foi o de aperfeiçoar motores não-poluidores. Pois então, agora, não me peça para deter o Bombeamento. A economia e o conforto do planeta inteiro dependem dele. Diga-me, pelo contrário, como evitar que o Bombeamento leve o Sol a explodir.
- Como? De maneira alguma. Inteiramente impossível.
- Não há como fazê-lo, senador - manifestou-se Lamont -. Lidamos, aqui, com algo básico, que não podemos brincar em serviço. Precisamos parar a Bomba.
- Ah, a única coisa que é capaz de sugerir é que retornemos à situação anterior ao Bombeamento.
- É necessário.
- Nesse caso, precisará de uma prova árdua e sólida de que tem razão.
- A melhor prova - disse Lamont, rigidamente - será a explosão do Sol. Suponho que não pretende que eu vá tão longe.

- Não necessariamente, talvez. Por que não pode conseguir o apoio de Hallam?

- Porque ele é um anão que se considera o Pai da Bomba Eletrônica. Como pode admitir que seu filho vai destruir a Terra?

- Entendo o que quer dizer, mas ele continua sendo o Pai da Bomba Eletrônica para todo mundo e somente sua palavra teria força suficiente neste particular.

Lamont balançou a cabeça negativamente

- Ele nunca reconhecerá. Achará preferível ver o Sol explodir.

- Obrigue-o então a mostrar seu jogo. Você possui uma teoria, mas uma teoria, por si mesma, é destituída de significado. Deve haver seguramente algum modo de submetê-la à verificação. A velocidade do esgotamento radiativo, digamos, do urânio, depende das interações dentro do núcleo. Tem esta velocidade mudado de acordo com o que prevê sua teoria e não conforme o padrão estabelecido?

Mais uma vez, Lamont balançou a cabeça:

- A radiatividade ordinária depende da interação nuclear fraca e, infelizmente, experimentos deste tipo só produzirão evidência duvidosa. Quando a evidência for suficiente para se tornar inequívoca, será tarde demais.

- Que mais, então?

- Existem interações precursoras de um tipo específico, que podem produzir dados insofismáveis agora. Melhor ainda, existem combinações anômalas, que produziram resultados intrigantes recentemente e que estou certo de poder explicar.

- Bem, aí tem uma saída.

- Sim, porém, a fim de obter tais dados, preciso usar o grande próton-syncroton da Lua, mas este não oferecerá tempo disponível durante anos – já verifiquei -, a menos que alguém quebre o galho.

- Refere-se a mim?

- Refiro-me ao senhor, senador.

- Não enquanto o Dr. Hallam disser isto a seu respeito, meu filho - e a mão nodosa do senador bateu na folha de papel à sua frente -. Não posso me safar desse aperto.

- Mas a existência do mundo...

- Prove.

- Passe por cima de Hallam e provarei.

- Prove e passarei por cima de Hallam.

Lamont respirou fundo:

- Senador! Suponha que haja apenas uma probabilidade diminuta de que eu esteja com a razão. Porventura, mesmo essa probabilidade diminuta não merece ser averiguada? Significa tudo: toda a humanidade, o planeta inteiro.

- Quer que lute pela boa causa? Bem que gostaria. Existe certa grandeza em sofrer uma derrota por uma boa causa. Todo político decente é bastante masoquista para sonhar, de vez em quando, em cair em chamas, enquanto os anjos cantam. Mas, Dr. Lamont, para topar essa parada é necessário contar com uma probabilidade de vitória. É preciso que se lute por algo que possa, apenas possa, vencer. Se o apoiar, nada conseguirei somente com a sua palavra

contra a desejabilidade infinita da Bomba. Como irei exigir de todos os homens que desistam do conforto e da abastança pessoais, que se acostumaram a desfrutar graças à Bomba, só porque um homem grita "Desgraça!", enquanto todos os outros cientistas se opõem a ele e o venerando Hallam o chama de idiota? Não, meu caro, não vou cair em chamas por nada.

- Ajude-me, então, a encontrar minha prova. Não precisa aparecer abertamente, se teme.

- Não tenho medo - cortou Burt, abruptamente -. Estou sendo prático. Dr. Lamont, sua meia hora há muito que acabou.

Lamont fixou o olhar, por um instante, cheio de frustração, mas a expressão do senador Burt era, agora, claramente intransigente. Lamont se retirou.

O senador não recebeu de imediato seu visitante marcado para a audiência seguinte. Passaram-se minutos, enquanto, apreensivo, olhava a porta fechada e remexia na gravata. Seria possível que o homem tivesse razão? Teria a mínima probabilidade de estar certo?

Teve de admitir que seria um prazer passar a rasteira em Hallam e esfregar o rosto dele na lama, sentado em cima dele até que se engasgasse. . . mas isso não aconteceria. Hallam era intocável. Tivera apenas uma disputa com Hallam, cerca de dez anos atrás. Ele estava certo, tremendamente certo, enquanto Hallam se enganava estupendamente, o que os acontecimentos depois demonstraram. E, não obstante, na ocasião, Burt foi humilhado e, em consequência, quase não se reelegeu.

Burt sacudiu a cabeça, recriminando-se a si mesmo. Podia arriscar a reeleição por uma boa causa, porém não podia se arriscar de novo a uma humilhação. Fez sinal para a entrada do visitante seguinte e sua face se mostrava calma e afável, quando se ergueu para saudá-lo.

*****

8

Se, a esta altura, Lamont ainda sentisse que possuía algo para perder, profissionalmente, talvez hesitasse. Joshua Chen era universalmente impopular e quem quer que o procurasse logo adquiria má fama em quase todos os setores do Estabelecimento. Chen era um revolucionário por conta própria cuja voz isolada sempre conseguia um jeito de se fazer ouvida, porque ele trazia às suas causas uma intensidade chocante e porque construíra uma organização, que era mais coesa do que qualquer equipe política comum existente no mundo (conforme mais de um político não vacilaria em jurar).

Havia sido um dos fatores importantes responsáveis pela rapidez com que a Bomba veio a preencher as necessidades energéticas do planeta. As virtudes da Bomba eram claras e óbvias, tão claras como a não poluição e tão óbvias como a gratuidade. No entanto, a luta de retaguarda podia ter sido mais prolongada por parte dos que eram favoráveis à energia nuclear, não porque fosse melhor, mas porque tinha sido a boa fada de sua infância. Mas, quando Chen rufava os seus tambores, o mundo ouvia um pouquinho mais fortemente.

Agora, ai estava ele, sentado, os largos ossos malares e o rosto redondo a denunciarem os três quartos, aproximadamente de ancestralidade chinesa.

- Vamos conversar com toda franqueza. Fala exclusivamente por si próprio?

- Sim - respondeu Lamont, muito tenso -. Hallam não me apóia. Na verdade, diz que estou maluco. Precisa contar com a aprovação de Hallam antes que possa dar um passo?

- Não careço da aprovação de ninguém - declarou Chen, com previsível arrogância, recaindo, a seguir, em meditativa consideração -. Diz que os para-homens se acham mais avançados em tecnologia do que nós?

Lamont já havia ido longe na direção do compromisso. Evitara afirmar que os para-homens eram mais inteligentes. "Mais avançados em tecnologia" era menos ofensivo, porém igualmente verdadeiro.

- Está na cara - disse Lamont - no mínimo porque são capazes de enviar material através da distância entre os Universos, ao passo que nós não somos.

- Então, por que deram início à Bomba, se ela é perigosa? Por que continuam?

Lamont vinha aprendendo a aceitar compromissos, em mais de uma direção. Podia ter dito que Chen não era o primeiro a perguntá-lo, mas isso daria impressão de condescendência, talvez de impaciência, e resolveu seguir outro caminho.

- Estavam ansiosos para começar com algo que era tão evidentemente desejável como fonte de energia, exatamente como nós. Tenho razões, porém, para pensar que agora se acham perturbados, como também estou.

- Continua sendo mera afirmação sua. Não possui evidência definida a respeito do estado de espírito deles.

- Nenhuma que possa apresentar neste momento.

- Isto não basta.

- Podemos permitir-nos o risco...

- Não basta, professor. Não há evidência. Não construí minha reputação atirando a esmo. Meus mísseis atingiram o alvo todas as vezes, porque sabia o que estava fazendo.

- Porém quando obtiver a evidência...

- Então lhe darei apoio. Se a evidência me convencer, garanto-lhe que nem Hallam, nem o Congresso serão capazes de resistir à onda. Consiga, portanto, a evidência e volte para me ver.

- Mas, quando isso ocorrer, será tarde demais.

- Talvez -. Chen encolheu os ombros -. Muito mais provavelmente, descobrirá que estava errado e que não possuía nenhuma evidência.

- Não estou errado - Lamont respirou fundo e tornou num tom confidencial -. Senhor Chen. Existem, muito provavelmente, trilhões de trilhões de planetas habitados no Universo e, entre eles, talvez haja bilhões com vida inteligente e tecnologias altamente desenvolvidas. O mesmo é certamente verdadeiro com relação ao para-Universo. Deve ter havido, na história dos dois Universos, muitos pares de mundos que entraram em contato e deram início ao Bombeamento. Talvez haja dúzias ou mesmo centenas de Bombas dispersas através dos pontos de junção dos dois Universos.

- Mera especulação. Mas, se for assim?

- Sendo assim, pode ser que, em dúzias ou centenas de casos, a mistura de leis naturais avançou localmente num grau suficiente para causar a explosão do Sol de um planeta. O efeito pode ter se espalhado exteriormente. A energia de uma estrela supernova, adicionada à lei natural em mutação, pode ter provocado explosões entre estrelas vizinhas, que, por sua vez, provocaram outras explosões. Com o tempo, talvez todo o núcleo de uma galáxia ou de um braço galáctico explodirá.

- Mas isto é apenas imaginação, naturalmente.

- Será? Há centenas de quasars no Universo. Minúsculos corpos do tamanho de vários sistemas solares, mas brilhando com a luz de cem galáxias ordinárias de tamanho integral.

- Está me dizendo que os quasars são sobrevivências de planetas que praticaram o Bombeamento?

- É o que estou sugerindo. No século e meio desde que foram descobertos, os astrônomos nunca conseguiram esclarecer suas fontes de energia. Nada no Universo o explica, nada. Não se segue, então...

- E quanto ao para-Universo? Não está cheio de quasars, também?

- Não pensaria assim. As condições, ali, são diferentes. A para-teoria dá a idéia perfeitamente definida de que a fusão ocorre ali com muito maior facilidade, de modo que as estrelas devem ser consideravelmente menores do que as nossas, em média. Seria preciso um suprimento muito menor de hidrogênio de fusão fácil para produzir uma quantidade de energia igual à do nosso Sol. Um suprimento tão grande como o do nosso Sol explodiria espontaneamente. Se nossas leis permearem o para-Universo, o hidrogênio se tornará um pouquinho mais difícil de fundir. As para-estrelas começarão a esfriar.

- Bem, não é tão mau assim - interveio Chen -. Eles podem usar o Bombeamento para se abastecer com a energia necessária. De acordo com sua especulação, eles se encontram em excelente situação.

- Na verdade, não - retrucou Lamont, que, até então, não havia refletido na para-situação em profundidade -. Uma vez que a nossa extremidade venha a explodir, o Bombeamento será paralisado. Não podem fazê-lo funcionar sem nós e isto significa que se defrontarão com uma estrela em processo de esfriamento, sem contar com a energia da Bomba. Podem estar em condições piores do que as nossas. Nós desapareceremos num relâmpago indolor, enquanto eles sofrerão uma agonia bem prolongada.

- É dotado de boa imaginação, professor, mas eu não vou nessa. Não vejo nenhuma probabilidade de renunciar ao Bombeamento, tomando apenas por base a sua imaginação. Sabe o que a Bomba representa para a humanidade? Não se trata somente de energia gratuita, limpa e abundante. Olhe mais além. Isto significa que a humanidade não precisa mais trabalhar para viver. Significa que, pela primeira vez na história, a humanidade pode orientar seus cérebros coletivos na direção do problema mais importante de desenvolver seu verdadeiro potencial.

Chen fez uma pausa e prosseguiu:

- Por exemplo, nem todas as conquistas médicas de dois séculos e meio para cá conseguiram dilatar o período integral de vida do homem muito além dos cem anos. Os gerontologistas nos disseram, repetidas vezes, que nada existe, do

ponto de vista teórico, que obstaculize o caminho no sentido da imortalidade humana, mas, por enquanto, não foi dedicada suficiente atenção a este problema.

Lamont exclamou irado:

- Imortalidade! Está falando de devaneios!

- Talvez o senhor seja um juiz de devaneios, professor, mas eu pretendo me esforçar para que se comece a pesquisa da imortalidade. Não começará, se a Bomba acabar. Neste caso, voltaremos à energia cara, à energia escassa, à energia suja. Os dois bilhões de seres humanos da Terra deverão tornar ao trabalho para viver e o sonho da imortalidade permanecerá um sonho.

- De qualquer maneira, será sempre um sonho. Ninguém vai ser imortal. Ninguém vai sequer preencher seu período normal de vida.

- Ah, mas isso é somente a sua teoria.

Lamont pesou as possibilidades e resolveu arriscar um jogo forte.

- Senhor Chen, eu disse, há pouco, que não queria explicitar meu conhecimento do estado de espírito dos para-homens. Bem, me deixe fazer uma tentativa. Nós temos recebido mensagens.

- Sim, mas é capaz de interpretá-las?

- Recebemos uma palavra inglesa.

Chen franziu ligeiramente o rosto. De repente, botou as mãos nos bolsos, espichou suas pernas curtas e se reclinou na cadeira.

- E qual era essa palavra inglesa?

- Medo!

Lamont não sentiu necessidade de mencionar a má pronúncia.

- Medo - repetiu Chen -. E que pensa que significa?

- Não estará claro que eles temem o fenômeno do Bombeamento?

- Não de todo. Se eles tivessem medo, paralisariam a Bomba. Creio que temem, vá lá, mas temem que nosso lado venha a parar. O senhor transmitiu sua intenção a eles e, se nós pararmos, como quer que façamos, eles também terão de parar. O senhor mesmo disse que eles não podem continuar sem nós: trata-se de um teorema com dois termos. Não os censuro por estarem com medo.

Lamont permaneceu sentado em silêncio.

- Vejo - tornou Chen - que não pensou neste aspecto. Bem, vamos fazer força pela imortalidade. Acho que será uma causa mais popular.

- Ora, as causas populares - interveio Lamont, vagarosamente -. Não entendo o que vê nisso de importante. Que idade tem, senhor Chen?

Por um instante, Çhen piscou rapidamente, a seguir virou as costas. Saiu da sala, andando depressa, com as mãos crispadas.

Lamont, mais tarde, deu uma olhada na biografia do homem. Chen estava nos sessenta anos e seu pai morrera aos sessenta e dois. Mas isso não importava.

*****

9

- Não fique aí olhando como se fosse um homem de sorte - disse Bronowski.

Lamont estava sentado em seu laboratório, fitando as biqueiras dos sapatos e notando preguiçosamente que pareciam demasiado puídas. Balançou a cabeça e replicou:

- Não.

- Até o grande Chen falhou para você?

- Não vai fazer nada. Também exige evidência. Todos exigem evidência, mas tudo que lhes ofereçamos é rejeitado. O que realmente querem é sua maldita Bomba, é sua reputação ou seu lugar na história. Chen quer a imortalidade.

- E você, Pete, o que está querendo? - indagou Bronowski, suavemente.

- A, segurança da humanidade - e Lamont fitou os olhos zombeteiros do companheiro -. Não me acredita?

- Ah, sim, acredito. Mas, o que realmente quer?

- Bem, pelo amor de Deus - e Lamont bateu violentamente com a mão na escrivaninha -, quero estar com a razão, e o conseguirei, porque estou com a razão.

- Tem certeza?

- Tenho certeza! E não há nada que me preocupe, porque pretendo ganhar essa parada. Quando deixei Chen, sabe, quase cheguei a me desprezar.

- Você?

- Sim, eu. Por que não? Fiquei pensando: cada vez que faço uma tentativa, Hallam me bloqueia. Enquanto Hallam me refutar, todo mundo terá uma desculpa para não acreditar em mim. Enquanto Hallam se mantiver como uma rocha no meu caminho, terei de fracassar. Então, por que não trabalhar através dele, por que, na verdade, não o amaciar? Por que não o manobro para me dar apoio, em vez de espicaçá-lo para lutar contra mim?

- Acha que vai conseguir uma coisa dessas?

- Não, nunca. Mas, no meu desespero, pensei... bem, em todo tipo de coisas. Que poderia ir até a Lua, quem sabe. Está claro, quando primeiro o joguei contra mim, ainda não existia a questão da condenação da Terra à morte, mas tive o cuidado de fazer as coisas piores, quando a questão surgiu. Porém, como percebe, nada poderia virá-lo contra a Bomba.

- Mas, agora, você não parece sentir desprezo por si próprio.

- Não. Porque minha conversa com Chen trouxe um dividendo. Mostrou-me que estou perdendo tempo.

- É o que parece.

- Sim, mas sem necessidade. Não é aqui, na Terra, que a solução se encontra. Disse a Chen que nosso Sol pode explodir, sem que o mesmo aconteça com o para-Sol, mas isso não salvaria os para-homens, uma vez que, assim que o nosso Sol explodir e nosso lado da Bomba se paralisar, o mesmo sucederá com o lado deles. Não podem continuar sem nós, percebeu?

- Sim, sem dúvida.

- Então, por que não pensamos no reverso? Não podemos prosseguir sem eles. E, neste caso, não importa que a Bomba pare ou não. Façamos que os para-homens parem.

- Ah, mas acha que eles vão parar?

- Eles disseram M-I-D-O. E isto significa que estão com medo. Chen disse que temem por nós, que temem que nós paralisemos a Bomba. Mas eu não

acredito em nada de semelhante. Eles estão com medo. Fiquei sentadinho, calado, quando Chen fez sua sugestão. Pensou que me venceu. Enganou-se redondamente. Naquele momento, pensava somente que precisamos fazer que os para-homens cessem o funcionamento da Bomba. E vamos consegui-lo. Mike, vou abandonar tudo, exceto você. Você é a esperança do mundo. Chegue até eles, de um jeito ou de outro.

Bronowski riu e quase havia no seu riso uma alegria infantil.

- Pete - disse o criptogramista -, você é um gênio.

- Aha. Até que enfim notou.

- Falo sério. Você imagina o que eu quero dizer, antes que possa dizê-lo. Estive enviando mensagem atrás de mensagem, utilizando os símbolos deles de um modo que supus significasse a Bomba e igualmente utilizando nossas palavras. E fiz o melhor ao meu alcance para juntar toda informação que escarafunchei durante meses, a fim de empregar os símbolos deles de maneira a significar desaprovação e tornando a usar uma palavra inglesa. Não tinha idéia se estava no caminho certo ou se me afastava a quilômetros de distância. Como nunca recebi uma resposta, sentia escassa esperança.

- Não me disse o que estava tentando fazer.

- Bem, nesta parte do terreiro sou eu quem canta de galo. Contente-se em passar sua doce vida me explicando para-teoria.

- Então, que aconteceu?

- Então, ontem, enviei exatamente duas palavras de nossa língua. Rabisquei: B-O-M-B-A M-A-U.

- E?

- E esta manhã, peguei finalmente uma mensagem de resposta, muito simples e também muito direta. Eis o que veio: S-I-M B-O-M-B-A M-A-U M-A-U M-A-U. Veja.

A, mão de Lamont tremia ao segurar a lâmina.

- Não há engano, hein? É a confirmação, não é?

- É o que também me parece. A quem vai levar isso?

- A ninguém - manifestou-se Lamont incisivamente - Não vou discutir mais nada. Vão me dizer que falsifiquei a mensagem e uma dessas não irei engolir. Deixe que os para-homens paralisem a Bomba e, com isso, também pára do nosso lado, sem que possamos fazer nada unilateralmente no sentido de recomeçar o funcionamento. A Estação inteira vai então pegar fogo para provar que eu tinha razão e que a Bomba é perigosa.

- Como prevê que isso é o que vai acontecer?

- Porque esta seria a única maneira deles evitarem ser despedaçados por uma turba, que reclama a Bomba e que se enfurece por não a conseguir... Não acha?

- Bem, talvez. Mas há uma coisa que me intriga.

-Que é?

- Se os para-homens estão convencidos de que a Bomba é perigosa, por que ainda não pararam com ela? Tive ocasião de verificar ainda há pouco e a Bomba vem trabalhando normalmente.

Lamont vincou o rosto.

- Talvez não queiram uma paralisação unilateral. Consideram que somos sócios e desejam um acordo mútuo para tomar a iniciativa. Não acha que pode ser isso?

- Pode. Mas também pode se dar que a comunicação seja menos do que perfeita. Que eles ainda não compreendem corretamente o significado da palavra M-A-U. Pelo que lhes disse, através dos símbolos deles, os quais é bem possível que eu tenha embaralhado tremendamente, podem pensar que M-A-U quer dizer o que nós consideramos B-O-M.

- Essa não!

- Bem, é a sua esperança, mas ninguém paga esperanças.

- Mike, continue enviando mensagens. Use o maior número possível de palavras, que eles usam, e continue registrando as mudanças. Você é o perito e o negócio está em suas mãos. Finalmente, eles saberão bastantes palavras para dizer algo claro e inequívoco e, então, explicaremos que queremos que a Bomba seja paralisada.

- Carecemos de autoridade para fazer semelhante declaração.

- Sim, mas eles não saberão e, no final das contas, seremos os heróis da humanidade.

- Mesmo se nos executarem primeiro?

- Mesmo nesse caso... Está em suas mãos, Mike, e tenho certeza de que não vai demorar muito.

*****

10

E, entretanto, demorou. Duas semanas transcorreram sem que outra mensagem viesse e a tensão se agravou.

Bronowski o demonstrava. A momentânea leveza de coração havia se dissipado e foi num silêncio taciturno que ele entrou no laboratório de Lamont. Entreolharam-se e, finalmente, Bronowski falou:

- Corre por aí que lhe devolveram sua alegação.

Lamont, evidentemente, não tinha se barbeado naquela manhã. Seu laboratório apresentava um aspecto de coisa abandonada, um aspecto não definível de algo que se acha em processo de empacotamento. Deu de ombros.

- E daí? Isso não me chateia. O que me chateia é que a Revista de Física recusou meu ensaio.

- Você havia dito que o esperava.

- Sim, mas julguei que me apresentariam suas razões. Podiam assinalar o que consideram falácias, erros, suposições sem fundamento. Algo a respeito do qual eu pudesse argumentar.

- E não o fizeram?

- Nem uma palavra sequer. Seus julgadores não consideram o ensaio conveniente para publicação. Textualmente. Não querem mexer com ele... É realmente desalentadora, essa estupidez universal. Acho que não lamentaria o suicídio da humanidade por pura maldade ou por mera imprudência. Há qualquer coisa de tão danadamente indigno em marchar para a destruição por motivo de

simples estupidez incorrigível. Que adianta ser homem se não é pela maneira como se morre?

- Estupidez - resmungou Bronowski.

- Que outra maneira de qualificar? E ainda querem que alegue por que não devo ser despedido pelo grande crime de ter razão.

- Todo mundo parece saber que você consultou Chen.

- Sim! - Lamont passou os dedos pelo nariz e esfregou os olhos -. Evidentemente o aborreci bastante para que procurasse Hallam com lorotas e, agora, a acusação consiste em que estive tentando sabotar o projeto da Bomba por meio de uma tática terrorista, injustificada e intolerável, incompatível com a dignidade profissional, o que me torna inconveniente para ser empregado na Estação.

- Podem prová-lo facilmente, Pete.

- Suponho que possam. Não me importa.

- Que é que vai fazer?

- Nada - exclamou Lamont, indignado -. Deixemos que se afundem. Conto com a burocracia. Cada passo dessa coisa levará semanas ou meses e, enquanto isso, continue trabalhando. Ainda ouviremos algo dos para-homens.

Bronowski parecia arrasado.

- Pete, suponha que não recebamos nada. Talvez ainda haja tempo de você repensar o assunto.

Lamont ergueu a vista bruscamente, perguntando:

- A respeito do que está falando?

- Diga-lhes que está errado. Faça penitência. Bata no peito. Desista.

- Nunca! Por Deus, Mike, disputamos um jogo em que o prêmio é o mundo inteiro e toda criatura que vive nele.

- Ora, que é que isto tem a ver com você? Não é casado. Não tem filhos. Sei que seu pai está morto. Nunca mencionou sua mãe ou algum irmão. Duvido que exista um ser humano sobre a Terra com o qual tenha relação íntima como indivíduo. Então, siga o seu caminho e mande o resto para o inferno.

- E você?

- Farei o mesmo. Sou divorciado e não tenho filhos. Tenho uma senhorita da qual sou íntimo e este relacionamento continuará enquanto puder. Viver! Gozar!

- E o amanha?

- Deixe pra lá! A morte, quando vier, será rápida.

- Não posso viver com essa filosofia... Mike! Mike! Que negócio é esse? Está tentando me dizer que não vai prosseguir? Vai desistir e deixar tudo nas costas dos para-homens?

Bronowski desviou a vista e disse:

- Pete, obtive uma resposta. Na noite passada. Pensei aguardar o dia de hoje e refletir a respeito, mas refletir o quê?... Ei-la.

Lamont lançou um olhar interrogativo. Pegou a lâmina e contemplou-a. Não tinha pontuação:

BOMBA NÃO PARAR NÃO PARAR NOS NÃO PARAMOS BOMBA NOS NÃO SENTIMOS PERIGO NÃO SENTIMOS NÃO SENTIMOS VOCES PAREM FAVOR PAREM VOCES PAREM ENTAO NOS PARAMOS FAVOR VOCES PAREM PERIGO PERIGO PERIGO PAREM PAREM VOCES PAREM BOMBA

- Deus do Céu! - murmurou Bronowski -. Parecem desesperados.

Lamont ainda se mantinha contemplativo. Não disse nada.

Bronowski se manifestou:

- Creio que, em algum lugar do outro lado, existe alguém como você - um para-Lamont. E ele, tampouco, não consegue obrigar os para-Hallams a parar. E, enquanto lhes pedimos que nos salvem, ele nos pede que os salvemos.

- Mas, se mostrarmos esta... - começou Lamont.

- Dirão que está mentindo. Que é uma fraude que forjou para salvar seu pesadelo psicoticamente concebido.

- Podem dizer isto de mim, talvez, porém não podem dizer de você. Mike, preciso do seu apoio. Vai testemunhar que recebeu isto e de que maneira.

- Qual o bem que resultará? - manifestou-se Bronowski, corando -. Dirão que, em qualquer parte do para-Universo, existe um maluco como você e que dois birutas se juntaram. Dirão que as autoridades constituídas do para-Universo estão convictas da inexistência de perigo.

- Mike, tope esta parada comigo.

- Não adianta, Pete. Você mesmo falou na estupidez! Esses para-homens podem ser mais avançados do que nós, talvez mesmo mais inteligentes, conforme insiste, mas é evidente que são exatamente tão estúpidos quanto nós e ponto final. Schiller o salientou e acredito nele.

- Quem?

- Schiller. Um dramaturgo alemão de três séculos atrás. Numa peça sobre Joana D'Arc, disse o seguinte: "Contra a estupidez, os próprios deuses disputam em vão". Não sou deus e não vou continuar disputando. Deixe pra lá, Pete, e siga seu caminho. Talvez o mundo dure o bastante para vivermos nossa vida e, caso contrário, nada há que possa ser feito. Lamento, Pete. Lutou por boa causa, mas perdeu, e eu estou liquidado.

Bronowski foi embora e Lamont ficou sozinho. Sentou-se em sua cadeira, com os dedos inutilmente tamborilando, tamborilando. Em qualquer parte do Sol, os prótons se agarravam com avidez apenas infimamente adicional e, a cada momento, tal avidez crescia: chegaria o momento em que o delicado equilíbrio se romperia...

- E ninguém na Terra viverá para saber que eu estava certo - exclamou Lamont, piscando sem cessar a fim de conter as lágrimas.

*****

1A

Dua não se complicava muito ao abandonar os outros. Ela sempre esperava complicações, mas, seja como for, nunca vinham. Nenhuma complicação verdadeira. Mas, então, por que tinham de vir? Odeen objetava à sua maneira altiva:

- Fique quieta - diria -. Sabe que aborrece a Tritt.

Ele nunca falava do seu próprio aborrecimento. Os Racionais nunca se aborreciam com trivialidades. No entanto, ele pairava sobre Tritt quase tão persistentemente quanto Tritt pairava sobre os filhos.

Mas, então, Odeen sempre a deixava agir à sua maneira, se fosse bastante persistente, e até intercederia junto a Tritt. Às vezes, até admitia que se orgulhava de sua habilidade, de sua independência... Não era um mau esquerdinha, pensava ela com afeição distraída.

Com Tritt era mais difícil de lidar e ele possuía um jeito azedo de olhar para ela. . . bem, quando ela era como desejava ser. É que os direitinhas eram dessa maneira. Ele era um direitinha para ela, mas um Parental para os filhos e estes últimos tinham sempre precedência... O que era bom, porque sempre podia contar com um filho ou outro para o afastar dela, assim que as coisas começavam a ficar desagradáveis.

Dua, contudo, não ligava muito para Tritt. Exceto para fusão, tendia a ignorá-lo. Odeen era outra coisa. Tinha sido excitante no início. Bastava sua presença para que os contornos dela tremeluzissem e se desvanecessem. E o fato de que fosse um Racional o tornava sempre mais excitante, de certa maneira. Ela não compreendia esta sua reação: fazia parte de sua esquisitice. Crescera acostumada à sua esquisitice... quase.

Dua suspirou.

No tempo de criança, quando ainda pensava de si própria como um indivíduo, como ser singular e não como parte de uma tríade, possuía muito mais consciência de sua esquisitice. Os outros a tornavam muito mais consciente disso. Uma coisinha como a superfície, à noite...

Amara a superfície à noite. As outras Emocionais chamavam a superfície, nessa ocasião, de fria e melancólica, estremecendo e coalescendo quando a descrevia para elas. Tinham bastante disposição para emergir no calor do meio-dia, espichando-se e alimentando-se, mas exatamente isso tornava o meio-dia estúpido. Não gostava de ficar perto do alvoroçado bando delas.

Precisava comer, naturalmente, mas achava muito melhor fazê-lo de noite, quando havia pouco alimento, porém tudo ficava enevoado, vermelho escuro, e ela ficava a sós. Certo, descrevia-o como mais frio e tristonho do que era, quando falava às outras a fim de observá-las se exasperarem ao imaginar a friagem... tão exasperadas como podiam ficar jovens Emocionais. Depois de alguns instantes, sussurrariam a respeito dela e lhe ririam na cara... deixando-a sozinha.

O pequeno sol se achava agora no horizonte, com a vermelhidão secreta que só ela via. Dua se dilatou lateralmente e engrossou dorso-ventralmente, absorvendo os vestígios do calor escasso. Mastigou preguiçosamente, saboreando a ligeira acidez, sem gosto de substância, das ondas longas. (Nunca havia encontrado outra Emocional que admitisse gostar delas. Porém Dua nunca conseguiu explicar que as associava com liberdade, liberdade com relação aos outros, quando podia ficar a sós).

Mesmo agora, a solidão, a friagem e a vermelhidão bem escura traziam de volta os dias antigos, anteriores à tríade. E, mais ainda, muito vivamente, seu próprio Parental, que corria desajeitadamente atrás dela, sempre receoso de que não se machucasse.

Ele fora entranhadamente dedicado a ela, como sempre o são os Parentais. Para com os filhinhos do meio mais do que para com os outros dois, como sempre. Ele a enfadava e ela sonhava com o dia em que a deixaria. Os Parentais sempre o faziam, um dia. E se lembrou como o perdeu, quando afinal a deixou.

Veio falar-lhe, tão cuidadosamente como podia, apesar da dificuldade dos Parentais de expressar seus sentimentos em palavras. Naquele dia, fugira dele. Não por malícia, não porque suspeitasse do que queria lhe dizer, mas somente por brincadeira. Conseguiu arranjar um lugar especial, ao meio-dia, e se empanturrou no inesperado isolamento, enchendo-se de uma sensação esquisita, pruriginosa, que exigia movimento e atividade. Deslizou por cima das rochas e deixou que suas orlas as cobrissem. Era um ato que sabia ser grosseiramente impróprio para qualquer pessoa, exceto uma criança e, no entanto, sentia nele, simultaneamente, excitação e conforto.

E seu Parental finalmente a alcançou e se deteve, de pé, à sua frente, longo tempo calado, fazendo os olhos pequenos e densos, como se quisesse parar toda porção de luz refletida dela. Para vê-la o máximo que pudesse e por tanto tempo quanto possível.

No começo, apenas lhe devolveu o olhar, com o pensamento confuso de que a viu se esfregando nas rochas, envergonhando-se dela. Mas não adquiriu uma aura de vergonha e, afinal, disse, muito submissa:

- Que é que há, papai?

- Escute, Dua, já é tempo. Eu o esperava. Precisa, sem dúvida, saber.

- Tempo de quê?

Agora que chegava o momento, Dua teimosamente não queria tomar conhecimento. Se recusasse a saber, não haveria nada para saber. (Nunca se desprendeu desse hábito. Odeen dizia que todas as Emocionais eram assim, na voz altiva, que empregava às vezes, quando se sentia particularmente orgulhoso com a importância de ser um Racional).

- Devo morrer - disse seu Parental -. Não ficarei mais com você.

Permaneceu, então, de pé apenas, fitando-a, sem que ela nada pudesse falar.

- Vai dizer aos outros - tornou ele.

- Por quê?

Dua se virou com rebeldia, seus contornos vagos, cada vez mais vagos, tentando se dissipar. Queria se dissipar por completo, e, está claro, não o podia. Após um lapso, a coisa machucava, provocava cãibras, e ela enrijeceu de novo. Seu Parental nem sequer se preocupou com ralhar e lhe dizer que seria uma vergonha se alguém a visse se espichando dessa maneira.

- Eles não vão se importar - disse Dua e imediatamente se sentiu aflita porque seu Parental podia se magoar.

Ele ainda os chamava de "esquerdinha" e "direitinha", mas o esquerdinha estava todo metido em estudos e o direitinha tagarelava a respeito de formar uma triade. Dua era a única dos três que ainda sentia... Bem, era a mais jovem. As Emocionais sempre o eram e com elas era diferente.

Seu Parental se limitou a dizer:

- Seja como for, falará com eles.

E ficaram olhando um para o outro.

Não queria falar com eles. Não tinham mais intimidade. Fora diferente quando eram todos pequenos. Naquela época, dificilmente poderiam conversar à parte, irmão-da-esquerda de irmão-da-direita de irmã-do-meio.

Todos fininhos, emaranhavam-se uns nos outros, rolavam uns através dos outros, escondendo-se nas paredes. Ninguém se importava com isso, quando eram pequenos, Ninguém entre os adultos. Mas, depois, os irmãos espessaram e ficaram sérios, afastando-se. Quando se queixava ao Parental, este apenas dizia:

- Já tem idade demais para querer afinar, Dua.

Tentava não tomar conhecimento, mas o irmão-da-esquerda continuava se afastando e dizia:

- Não se achegue, não tenho tempo para você.

Enquanto isso, o irmão-da-direita enrijecia inteiramente o tempo todo, tornando-se sombrio e calado. Não conseguia entendê-lo nada, naquela época, mas o Velho não se mostrava capaz de esclarecer. Todas as vezes, diria, depois de algum tempo, como se fosse uma lição que outrora havia aprendido:

- Dua, os esquerdas são Racionais. Os direitas são Parentais. Crescem, cada um à sua maneira.

Não gostava da maneira deles. Não eram mais crianças, ao passo que ela era, de modo que se juntava às outras Emocionais. Tinham todas as mesmas queixas a respeito dos irmãos. Conversavam todas a respeito das tríades futuras. Espalhavam-se todas no Sol e se alimentavam. Assemelhavam-se cada vez mais e, a cada dia, as mesmas coisas eram ditas.

Acabou detestando-as, isolando-se sempre que podia, de modo que elas a abandonaram, chamando-a de "Esquerda-Em". (Já transcorrera muito tempo que havia ouvido o apelido, porém nunca refletiu naquela frase sem se lembrar perfeitamente das vozes fininhas e enraivecidas, que a perseguiam com uma espécie de persistência meio espirituosa, porque sabiam que isso magoava).

Mas seu Parental reteve o interesse nela, mesmo quando já lhe devia parecer que todo mundo ria dela. Tentou, à sua maneira canhestra, protegê-la dos outros. Às vezes, ele a acompanhava à superfície, embora o odiasse por querer se certificar de que ela se achava em segurança.

Encontrou-o uma vez, conversando com um Duro. Era duro para um Parental falar a um Duro. Embora ela fosse muito jovem, sabia-o muito bem. Duros só conversavam com Racionais. Ficou imensamente assustada e caiu fora, afinando, não sem antes escutar seu Parental dizer:

- Cuido bem dela, senhor Duro.

Teria o Duro indagado a seu respeito? A respeito de sua esquisitice, talvez. Mas seu Parental não se desculpava. Mesmo com o Duro, falara do seu cuidado com ela. Dua sentiu um obscuro orgulho.

Mas, eis que ia deixá-la e, repentinamente, toda a independência, que Dua via à frente, perdeu o belo contorno e se endureceu no rochedo da solidão.

- Mas, por que deve morrer? - perguntou Dua.

- Devo, queridinha-do-meio.

Ele devia. Ela o sabia. Todos, cedo ou tarde, deviam. Chegaria o dia em que ela ia suspirar e dizer: "Devo".

- Mas o que é que faz que saiba quando deve morrer? Se pode escolher a ocasião, por que não escolhe uma ocasião diferente e permanece mais tempo?

- Seu pai-da-esquerda decidiu. A tríade deve fazer o que ele diz.

- Por que você deve fazer o que ele diz?

Dificilmente via, alguma vez, o pai-da-esquerda ou a mãe-do-meio. Não contavam mais para nada. Somente contava o pai-da-direita, seu Parental, seu paizinho, que ali estava atarracado e de superfície achatada. Não era suavemente curvilíneo como um Racional ou desigualmente trêmulo como uma Emocional e ela sempre podia prever o que ele ia dizer. Quase sempre.

Tinha certeza de que diria:

- Não posso explicar a uma pequena Emocional.

Foi o que disse.

Dua desabafou com pesar:

- Vou perdê-lo. Sei que acha que não lhe dou atenção e que não gosto de sempre ouvi-lo me dizer que não faça isso ou aquilo. Mas prefiro não gostar que me diga que não faça isso ou aquilo do que não o ter perto de mim, ralhando comigo.

Mas o Velho não fez um movimento. Não havia como pudesse lidar com um desabafo semelhante, exceto chegar mais perto e estender uma mão. O que lhe custou visível esforço, mas ele o agüentou, tremendo, e seus contornos nunca foram tão levemente suaves.

- Oh, paizinho! - exclamou Dua e deixou que sua própria mão flutuasse perto, de modo que a mão dele pareceu nevoenta e tremeluzente através da substância dela. Mas Dua teve o cuidado de não tocar na mão do Parental, porque isso tanto o embaraçaria.

Ele, então, recuou, deixou a mão dela cercando o vazio e disse:

- Lembre-se dos Duros, Dua. Eles a ajudarão. Eu... agora vou andando.

Foi embora e ela nunca o viu de novo.

Agora, ali estava sentada, entregue às recordações no crepúsculo, sabendo, com um sentimento de rebeldia, que, bem depressa, Tritt implicaria com sua ausência e importunaria Odeen.

E Odeen, depois, lhe daria uma lição a respeito dos seus deveres.

Pouco se importava.

Odeen estava moderadamente consciente de que Dua se achava fora, na superfície. Sem realmente pensar no assunto, seria capaz de avaliar sua direção e mesmo sua distância aproximada. Se parasse de pensar no assunto, talvez sentisse desprazer, dado que este sentido de interconsciência vinha, há longo tempo, amortecendo e, agora, sem realmente estar certo da causa, possuía um sentimento de ganhar satisfação com o fato. Era a maneira como se supunha que as coisas deviam ser, o sinal do desenvolvimento contínuo do corpo com a idade.

O sentido de interconsciência de Tritt não diminuiu, porém se deslocava sempre mais para os filhos. Era claramente a linha do desenvolvimento útil, mas, então, o papel do Parental era simples, por assim dizer, porém importante. O Racional era muito mais complexo e Odeen teve uma satisfação desolada com esse pensamento.

Está claro, Dua é que constituía o verdadeiro enigma. Era tão dessemelhante das outras Emocionais. O que deixava Tritt intrigado e frustrado, reduzindo-o a uma inarticulação ainda mais pronunciada. O que também, às vezes, intrigava e

frustrava Odeen, mas ele igualmente percebia a infinita capacidade de Dua para induzir satisfação com a vida, não parecendo provável que um fosse independente do outro. A exasperação ocasional, que ela provocava, constituía um preço pequeno a pagar pela felicidade intensa.

E talvez o peculiar modo de vida de Dua fosse parte do que devia ser, também. Os Duros pareciam interessados nela, ao passo que, comumente, só davam atenção aos Racionais. Ele se orgulhava disso. Tanto melhor para a tríade, se mesmo a Emocional era digna de atenção.

As coisas andavam como se supunha que devessem andar. Havia o leito de rocha firme e era o que mais gostava de sentir, invariavelmente até o fim. Algum dia, até saberia quando seria tempo de morrer e, então, era o que havia de querer. Os Duros lhe garantiram quanto a isso, como garantiam a todos os Racionais, porém também lhe disseram que sua autoconsciência é que marcaria inequivocamente o tempo, não uma recomendação externa.

- Quando disser a si próprio - foi o que lhe falou Losten, na maneira cuidadosa com que um Duro sempre falava a um Suave, como se o Duro se esforçasse para se fazer compreendido - que sabe porque deve morrer, então morrerá e sua tríade morrerá com você.

Ao que Odeen havia replicado:

- Não posso dizer que deseje morrer agora, senhor Duro. Ainda há tanto para aprender.

- Claro, meu caro esquerdinha. Sente isso porque ainda não está preparado.

Odeen refletiu: como chegarei a me sentir preparado, se nunca sentiria que não há muito a aprender? Porém não o expressou. Tinha absoluta certeza de que o tempo viria e, então, compreenderia.

Olhou para si próprio, quase esquecendo e empurrando um olho para fora... Sempre havia certos impulsos infantis mesmo no mais adulto dos Racionais. Não precisava fazê-lo, evidentemente. Podia sentir muito bem com o olho solidamente no lugar e se achava satisfatoriamente sólido. De contorno bonito, bem nítido, suave e encurvado em ovais conjugados.

Seu corpo carecia da cintilação estranhamente atraente de Dua e do reforçamento confortante de Tritt. Amava os dois, porém não trocaria seu próprio corpo pelo de um deles. E está claro, sua própria mente. Nunca o diria, está claro, porque não desejava magoá-los, porém nunca deixou de ser grato por não ter o entendimento limitado de Tritt ou (mais ainda) a cabeça excêntrica de Dua. Supunha que não se importavam, já que viviam na ignorância.

De novo, distanciou a consciência de Dua e deliberadamente embotou o sentido. No momento, não sentia necessidade dela. Não porque a quisesse menos, porém simplesmente porque impulsos crescentes o levavam em outra direção. Constituía parte da maturidade cada vez maior de um Racional encontrar satisfação sempre em aumento no exercício de uma mente, que só podia trabalhar sozinha e com os Duros.

Foi ficando mais acostumado aos Duros, constantemente mais apegado a eles. Sentia que isso era também correto e apropriado, uma vez que tinha a condição de Racional e os Duros, de certo modo, eram Super-Racionais. (Disse-o, uma vez, a Losten, o mais amistoso dos Duros e, segundo parecia a Odeen de

maneira vaga, o mais jovem. Losten irradiou uma sensação de divertimento, mas não disse nada. O que, apesar de tudo, significou que não o negava).

As memórias mais precoces de Odeen se achavam cheias de Duros. Seu Parental concentrava a atenção, mais e mais, no último filho, o bebê-Emocional. Era inteiramente natural. Tritt o faria também, quando o último filho viesse, se é que ainda viria. (Odeen tomara essa última ressalva de Tritt, que a usava constantemente como reproche a Dua).

Mas, tanto melhor. Com seu Parental ocupado na maior parte do tempo, Odeen pôde começar sua educação o mais cedo possível. Foi perdendo os modos de criancinha e aprendeu muita coisa antes de encontrar Tritt.

Tal encontro, no entanto, foi seguramente alguma coisa que nunca olvidaria. Podia ter acontecido ontem como há mais de metade do período de uma vida. Conheceu Parentais de sua própria geração, é certo. Jovens que, muito antes de incubarem os filhos que fariam deles verdadeiros Parentais, mostravam poucos sinais da insensibilidade futura. Em criança, brincou com o próprio irmão-da-direita e mal percebeu alguma diferença intelectual entre eles (conquanto, recordando aqueles dias, reconhecesse que já existia, mesmo então).

Conhecia também, vagamente, o papel de um Parental numa tríade. Mesmo em criança, ouviu narrativas sussurradas de fusão.

Quando Tritt surgiu pela primeira vez, quando Odeen o viu pela primeira vez, tudo mudou. Pela primeira vez na vida, Odeen sentiu um calor interno e começou a pensar que existia algo, que queria, que era completamente divorciado do pensamento. Mesmo agora, podia recordar o sentimento de constrangimento, que o acompanhava.

Tritt, naturalmente, não ficou embaraçado. Os Parentais nunca se constrangiam com as atividades da tríade e as Emocionais quase nunca. O problema era só dos Racionais.

"Pensa demais" - dissera um Duro, quando Odeen discutiu o problema com ele, o que o deixou insatisfeito. De que maneira o pensar podia ser "demais"?

Tritt era jovem por ocasião do primeiro encontro, naturalmente. Era ainda tão infantil, que não se dava conta de sua obtusidade, de modo que a reação dele ao encontro foi embaraçosamente clara. Ficou quase translúcido em suas orlas.

- Nunca o vi antes, hein, amigo-da-direita? - perguntara Odeen, hesitante.

- Nunca estive aqui - respondera Tritt -. Fui trazido para cá.

Ambos sabiam exatamente o que lhes acontecera. O encontro fora arranjado, porque alguém (algum Parental, havia pensado Odeen na época, mas depois soube que foi algum Duro) julgou que conviriam um ao outro e o julgamento foi correto.

Não existia relação intelectual entre os dois, está claro. Como poderia existir, quando Odeen queria aprender com uma intensidade que se sobrepunha a tudo, exceto a existência da própria tríade, e Tritt carecia do próprio conceito de aprender? O que Tritt devia saber, sabia sem precisar aprender.

Fora da excitação de descobrir o porquê do mundo e do seu Sol, o porquê da história e do mecanismo da vida, o porquê, enfim, de todos os porquês do Universo, Odeen, certas vezes (naqueles primeiros dias em que estavam juntos), descobria-se transbordando para Tritt.

Tritt ouvia placidamente, nada compreendendo evidentemente, porém contente por estar ouvindo. Enquanto Odeen, embora nada transmitindo, se sentia evidentemente tão contente por estar ensinando.

Foi Tritt quem fez o primeiro movimento, impulsionado por suas necessidades especiais. Naquele dia, após a curta refeição do meio-dia, Odeen tagarelava acerca do que havia aprendido. (A substância deles, mais espessa, absorvia alimento com tanta rapidez, que se satisfaziam com um simples passeio ao Sol, ao passo que as Emocionais se aqueciam durante horas, de cada vez, enroscando-se e afinando, como para deliberadamente prolongar a tarefa).

Odeen, que sempre ignorava as Emocionais, se sentia imensamente feliz por estar falando. Tritt, que ficava contemplando em silêncio, dia após dia, agora se mostrava visivelmente inquieto.

Bruscamente, aproximou-se de Odeen e formou um apêndice tão depressa que colidiu muito desagradavelmente com o sentimento de forma do companheiro. Colocou o apêndice sobre uma porção do oval superior de Odeen, onde uma leve cintilação indicava a sobremesa de benfazeja corrente de ar cálido. O apêndice de Tritt afinou com visível esforço e afundou dentro das superfícies da pele de Odeen, antes que este fugisse precipitado, com horrível embaraço.

Odeen fizera tais coisas quando criancinha, está claro, porém nunca desde a adolescência.

- Não faça isso, Tritt - disse com rispidez.

O apêndice de Tritt ficou de fora, mexendo-se um pouco.

- Mas eu quero - disse ele.

Odeen se manteve tão compacto quanto pôde, esforçando-se para endurecer a superfície, de modo a barrar a entrada.

- Eu não quero.

- Por que não? - tornou Tritt -. Não tem nada de errado.

Odeen replicou com a primeira idéia que lhe veio à cabeça.

- Machuca.

(Na verdade, não machucava. Não fisicamente. Mas os Duros sempre evitavam tocar nos Suaves. Uma interpenetração descuidada os feria, pois eles tinham construção diferente dos Suaves, completamente diferente).

Tritt não se deixou enganar pela resposta. Seu instinto certamente não podia equivocá-lo a respeito. Daí que dissesse:

- Não machuca.

- Bem, dessa maneira não é correto. Precisamos de uma Emocional.

Ao que Tritt só pôde dizer, obstinado:

- Quero, assim mesmo.

O fato devia continuar a acontecer e Odeen devia admiti-lo. Sempre o admitiu, pois era algo que acontecia com certeza mesmo ao Racional mais autoconsciente. Como afirmava o velho ditado: Todo mundo admite que o faz ou mente a respeito.

Depois disso, Tritt ficava com ele em todos os encontros. Se não com um apêndice, pelo menos rebordo a rebordo. E, afinal, Odeen, seduzido pelo prazer da coisa, começou a colaborar e tentou brilhar. Nisso era melhor do que Tritt. infinitamente mais ansioso, inchava e se cansava, não conseguindo mais do que uma escassa cintilação, aqui e ali, verdadeiros remendos esfarrapados.

Odeen, porém, era capaz de se tornar translúcido por toda a superfície e se desvencilhava do seu embaraço a fim de flutuar ao encontro de Tritt. Ocorria profunda penetração pela pele e Odeen poderia sentir a pulsação da dura superfície de Tritt sob a pele. Havia um deleite estriado de culpa.

Tritt, às vezes, se cansava e ficava vagamente irado, quando tudo acabava.

Disse Odeen:

- Agora, Tritt, já lhe falei que precisamos de uma Emocional para fazê-lo de modo apropriado. Não pode se zangar com alguma coisa que é assim.

- Arranjemos uma Emocional - replicou Tritt.

Arranjemos uma Emocional! Os impulsos simples de Tritt nunca o conduziam senão à ação direta. Odeen não estava seguro de que poderia explicar ao outro as complexidades da vida.

- Não é tão fácil, direitinha - começou gentilmente.

Tritt cortou de modo brusco:

- Os Duros podem arranjar. Tem amizade com eles. Peça-lhes.

Odeen ficou horrorizado.

- Não posso pedir. Ainda não é tempo - continuou, caindo inconscientemente no tom de voz professoral - ou eu certamente já saberia. Até que chegue o tempo...

Tritt não ouvia. Interrompeu.

- Eu vou pedir.

- Não - tornou Odeen, de novo horrorizado -. Não se meta. Já lhe falei que não é tempo. Tenho uma educação com que me preocupar. É muito fácil ser Parental e não precisar saber de nada que não...

Lamentou assim que pronunciou essas palavras, que não deixavam de ser uma mentira. Apenas não queria fazer algo que pudesse ofender os Duros e impedir seu proveitoso relacionamento com eles. Tritt, entretanto, não se mostrou atingido e ocorreu a Odeen que o companheiro não via mérito em saber algo que já não soubesse e que não consideraria a afirmação do fato como insulto.

Contudo, o problema da Emocional se acentuava. Ocasionalmente, tentavam a interpenetração. De fato, o impulso se tornava mais forte com o tempo. Nunca era verdadeiramente satisfatório, embora contivesse certo prazer e, de cada vez, Tritt reclamasse uma Emocional. Mas, de cada vez, Odeen se jogava mais a fundo nos estudos, quase como defesa contra o problema.

No entanto, vez por outra, quase tentou falar a Losten acerca do assunto.

Losten era o Duro que melhor conhecia, o que demonstrava o maior interesse pessoal em Odeen. Havia uma tremenda mesmice nos Duros, uma vez que não mudavam. Nunca mudavam, sua forma era fixa. Nela, seus olhos eram sempre os mesmos, sempre no mesmo lugar para todos eles. Sua pele não era exatamente dura, mas sempre opaca, nunca cintilante, nunca enevoada, nunca penetrável por outra pele do seu próprio tipo.

Não eram maiores em tamanho, particularmente, do que os Suaves, porém mais pesados. Sua substância era mais densa e deviam ter cuidado com os tecidos complacentes dos Suaves.

Certa vez, quando era pequeno, realmente pequeno, e seu corpo flutuava quase tão livremente quanto o da irmã, aproximou-se dele um Duro. Nunca soube qual fora, mas aprendeu, mais tarde, que os Duros todos sentiam curiosidade com

relação aos bebês-Racionais. Odeen correu atrás do Duro, por simples curiosidade. O Duro recuou e, depois, o Parental de Odeen ralhou com ele por querer tocar num Duro.

A recriminação foi bastante ríspida para que Odeen nunca a esquecesse. Quando mais velho, aprendeu que os átomos intimamente agregados dos tecidos dos Duros sentiam dor à penetração forçada de outros. Odeen duvidou que os Suaves também sentissem dor. Outro jovem Racional lhe contou, uma ocasião, que havia tropeçado de encontro a um Duro e este se dobrou, ao passo que ele nada sentiu. Mas Odeen ficou na dúvida se não se tratava apenas de uma gabolice melodramática.

Havia outras coisas que não podia fazer. Gostava de se esfregar nas paredes da caverna. Havia um sentimento agradável, cálido, quando se permitia penetrar a rocha. Os bebês sempre o faziam, mas se tornava mais difícil à medida em que cresciam. No entanto, podia fazê-lo bem no fundo da pele e gostava, mas seu Parental o viu no ato e o repreendeu. Objetou que a irmã o fazia o tempo todo, era o que via.

- É diferente - disse o Parental -. Ela é uma Emocional.

De outra vez, quando absorvia uma gravação - já era mais velho -, preguiçosamente formou um par de projeções e fez os bicos tão finos, que conseguia passar uma através da outra. Passou a praticá-lo regularmente, quando escutava. Era uma sensação pruriginosa agradável, que tornava mais fácil escutar e logo depois o adormecia lindamente.

Seu Parental também o surpreendeu nesse ato e o que disse ainda dava desagradável recordação a Odeen.

Ninguém realmente lhe falou de fusão naqueles dias. Empanturravam-no de saber e o educavam acerca de tudo, exceto no que se referia à tríade. Tampouco a Tritt falaram, mas ele era um Parental, de modo que sabia sem que lhe dissessem. Naturalmente, quando Dua afinal veio, tudo ficou claro, embora ela parecesse saber menos sobre o assunto do que Odeen.

Mas ela não veio porque Odeen houvesse tomado alguma iniciativa. Foi Tritt quem tratou da questão. Tritt, que, comumente, temia os Duros e os evitava em silêncio. Tritt, que carecia da autoconfiança de Odeen, em tudo, menos nesse particular. Tritt, que, no assunto, era impulsivo. Tritt... Tritt... Tritt...

Odeen suspirou. Tritt invadia seus pensamentos, porque Tritt chegava. Podia senti-lo, áspero, exigente, sempre exigente. Odeen dispunha de tão pouco tempo para si próprio naquela época, justamente quando sentia que carecia pensar mais do que nunca, arrumar todas as idéias...

- Sim, Tritt - disse Odeen.

Tritt tinha consciência de sua obtusidade. Não se aborrecia com isso. Nem sequer pensava no fato. Se o fizesse, seria para considerá-lo esplêndido. Seu corpo estava conformado a um fim e bem conformado.

- Odeen, onde está Dua? - perguntou.

- Em algum lugar, aí fora - murmurou Odeen, quase como se importasse.

Tritt se enfadava porque a tríade realizava tão pouco. Dua era tão difícil e Odeen não se preocupava.

- Por que a deixou sair?

- Como posso detê-la, Tritt? E que mal tem?

- Sabe qual é o mal. Temos dois bebês. Precisamos de um terceiro. É tão difícil conseguir uma filhinha-do-meio, nos dias atuais. Dua precisa estar bem alimentada para que isso seja feito. Agora, lá está ela zanzando no crepúsculo, de novo. Como é que pode se alimentar adequadamente, no crepúsculo?

- Ela não é boa de comer.

- E nós ainda não temos uma filhinha-do-meio, Odeen - a voz de Tritt vinha acariciante -. Como posso amá-lo direito sem Dua?

- Bem, vá lá - resmungou Odeen, deixando Tritt ainda mais perplexo com o evidente embaraço do companheiro à mais simples afirmação do fato.

- Lembre-se, fui eu quem primeiro conseguiu Dua - disse Tritt.

Odeen se lembraria? Odeen nem sequer pensava na tríade e no que significava. Às vezes, Tritt se sentia tão frustrado, que podia... podia... De fato, não sabia o que fazer, mas sabia que se sentia frustrado. Como naqueles dias em que desejava uma Emocional e Odeen não era de nada.

Tritt sabia não possuir a bossa de falar com frases grandes, elaboradas. Mas, se os Parentais não falavam, não deixavam de pensar. Pensavam sobre coisas importantes. Odeen sempre falava de átomos e de energia. Quem se importava com átomos e com energia? Tritt pensava na tríade e nos bebês.

Odeen lhe disse; uma vez, que o número dos Suaves gradualmente diminuía. Importava-se com isso? Importavam-se os Duros? Alguém se importava, afora os Parentais?

Só duas formas de vida em todo o mundo, os Suaves e os Duros. E o alimento brilhando ao redor deles.

Odeen lhe disse, uma vez, que o Sol esfriava. Havia menos alimento, afirmou, por isso havia menos gente. Tritt não acreditava. O Sol não dava a sensação de mais frio do que no seu tempo de criança. A questão consistia em que as pessoas não se preocupavam mais com as tríades. Excesso de Racionais absorvidos. Excesso de Emocionais estúpidas.

O que os Suaves deviam fazer era se concentrarem nas coisas importantes da vida. Tritt o fazia. Tendia a se ocupar com a tríade. Veio o filhinho-da-esquerda, depois o filhinho-da-direita. Cresciam e floresciam. No entanto, precisavam ter uma filhinha-do-meio. Era a mais difícil de começar, mas, sem filhinha-do-meio, não haveria tríade.

Por que é que Dua era assim? Sempre fora difícil, mas ia se tornando pior.

Tritt sentiu obscura cólera contra Odeen. Falava sempre aquelas palavras complicadas. E Dua escutava. Odeen falaria a Dua infindavelmente, quase como se fossem dois Racionais. O que era mau para a tríade.

Odeen deveria sabê-lo melhor.

Sempre era Tritt quem devia se preocupar. Tritt sempre fazia o que devia ser feito. Odeen era amigo dos Duros e, não obstante, nada dizia. Precisavam de uma Emocional, mas Odeen nem abriu o bico. Odeen lhes falava de energia e não das necessidades da tríade.

Foi Tritt quem resolveu a situação. Lembrava-o orgulhosamente. Viu Odeen conversando com um Duro e se aproximou. Sem tremor na voz, interrompeu-os e disse:

- Precisamos de uma Emocional.

O Duro se virou para vê-lo. Tritt nunca esteve tão perto de um Duro. Era de uma peça só. Cada parte dele precisava se virar, quando uma parte o fazia. Possuía algumas projeções, que podiam se mover por si próprias, porém nunca mudavam de formato. Nunca flutuavam, sendo irregulares e inamistosos. Não gostavam de ser tocados.

- É isso mesmo, Odeen? - perguntou o Duro, sem se dirigir a Tritt.

Odeen se agachou. Agachou-se quase até o chão, mais do que Tritt jamais vira. Afinal, conseguiu se manifestar:

- Meu direitinha é excessivamente zeloso. Meu direitinha é... é...

Gaguejava, resfolegava, não conseguiu continuar. Tritt conseguiu falar.

- Não podemos fundir sem uma.

Tritt sabia que Odeen se achava engasgado, mas não podia levá-lo em conta. Já era tempo.

- Bem, esquerda-querido - dirigiu-se o Duro a Odeen -, sente a mesma coisa?

Os Duros falavam do mesmo jeito que os Suaves, porém mais asperamente, com menos matizes. Eram desagradáveis de ouvir. Tritt os achava desagradáveis, de qualquer maneira, embora Odeen parecesse acostumado.

- Sim - concordou Odeen, finalmente.

O Duro, por fim, se voltou para Tritt:

- Refresque minha memória, jovem-direita. Há quanto tempo você e Odeen estão juntos?

- Há bastante tempo - respondeu Tritt - para merecer uma Emocional.

Conservou seu formato firmemente nos ângulos. Não se permitiu ficar assustado. O que era muito importante. Concluiu:

- E meu nome é Tritt.

O Duro parecia achar engraçado.

- Sim, disse ele -, a escolha foi boa. Você e Odeen combinam bem, mas isso torna difícil a escolha de uma Emocional. Nós quase já decidimos. Ou, pelo menos, eu há muito que já me decidi, mas os outros precisam se convencer. Seja paciente, Tritt.

- Estou cansado de paciência.

- Sei, mas, assim mesmo, seja paciente.

De novo, parecia se divertir. Quando desapareceu inteiramente, Odeen se levantou e afinou indignado, dizendo:

- Como pôde fazer uma coisa dessas, Tritt? Sabe quem ele era?

- Era um Duro.

- Era Losten. O meu professor especial. Não quero que ele se zangue comigo.

- Por que se zangaria? Fui educado.

- Bem, deixe pra lá - Odeen se restabelecia no formato normal, o que indicava que não sentia mais cólera e Tritt ficou aliviado, embora se esforçasse a fim de não o demonstrar -. Foi muito constrangedor ver meu direita-pateta chegando sem mais nada e falando ao meu Duro.

- Por que não falou você, então?

- Existe uma coisa que se chama a ocasião adequada.

- Mas, nunca é a ocasião adequada para você.

Mas, então, esfregaram as superfícies, pararam de discutir e não demorou que, depois disso, Dua viesse.

Foi Losten quem a trouxe. Tritt não o sabia, não olhou para o Duro. Só para Dua. Mas Odeen lhe contou, depois, que foi Losten quem a trouxe.

- Viu? - exclamou Tritt -. Fui eu quem falei com ele. Por isso é que a trouxe.

- Não - interveio Odeen -, é que já era tempo. Ele a teria trazido mesmo que nenhum de nós tivesse falado.

Tritt não acreditou em Odeen. Tinha toda certeza de que Dua estava com eles exclusivamente por sua causa.

Certo, não existia ninguém como Dua no mundo. Tritt já vira muitas Emocionais. Todas eram atraentes. Aceitaria qualquer delas para uma boa fusão. Mas, assim que viu Dua, percebeu que nenhuma das outras conviria. Somente Dua. Somente Dua.

E Dua sabia exatamente o que fazer. Exatamente. Ninguém jamais lhe mostrou como fazer, disse-lhes ela mais tarde. Ninguém jamais conversou com ela sobre o assunto. Nem mesmo as outras Emocionais, porque as evitava.

No entanto, quando os três ficaram juntos, cada um deles soube o que fazer.

Dua afinou. Afinou mais do que Tritt já havia visto. Afinou mais do que Tritt jamais julgou possível. Converteu-se numa espécie de fumaça colorida, que enchia o recinto e o estonteava. Ele se moveu sem saber que se movia. Imergiu no ar que era Dua.

Não houve sensação de penetração, nenhuma. Tritt não sentiu resistência, nem fricção. Houve apenas uma flutuação interna e uma rápida palpitação. Sentiu-se afinar em simpatia e sem o esforço tremendo, que sempre o acompanhava. Com Dua o enchendo, podia afinar sem esforço dentro de sua própria fumaça densa. Afinar se tornou como flutuar, um imenso flutuar suave.

Obscuramente, pôde ver Odeen se aproximando do outro lado, da esquerda de Dua. E também ele afinava.

Então, à semelhança de todos os choques de contacto no mundo inteiro, chegou-se a Odeen. Porém não era choque, em absoluto. Tritt sentiu sem sentir, soube sem saber. Deslizou por dentro de Odeen e Odeen deslizou por dentro dele. Não podia dizer se circundava Odeen, se era circundado por ele, se as duas coisas simultaneamente ou nenhuma.

Era apenas. . . prazer.

Os sentidos se enevoavam com a intensidade do prazer e, no ponto em que julgou que não podia mais agüentar, os sentidos baquearam totalmente.

Por fim, separaram-se e se entreolharam. Haviam fundido durante dias. Certo, a fusão sempre levava tempo. O melhor era que se prolongasse o mais possível, embora, depois de acontecida naquela vez, parecesse que foi um instante e não se lembrassem. Na vida a seguir, raramente se prolongou mais do que pela primeira vez.

- Foi maravilhoso - disse Odeen.

Tritt se limitava a contemplar Dua, que o tornara possível. Ela estava coalescendo, rodopiando, movendo-se tremendamente. Dos três, parecia a mais afetada.

- Vamos fazê-lo outra vez - disse Dua, às pressas -, mas depois, depois. Agora, me deixem ir embora.

Dua devia sumir. Não a detiveram. Sentiam-se muito triunfantes para detê-la. Mas era sempre assim, em seguida. Ela sempre sumia após uma fusão. Não importava o quanto a fusão fosse bem sucedida, ela sumia. Parecia haver algo nela que exigia solidão.

Isso chateava Tritt. Ela era, ponto por ponto, diferente das outras Emocionais. Não devia ser. Odeen sentia diversamente. Em numerosas ocasiões, diria:

- Por que não a deixa sozinha, Tritt? Ela não é como as outras e isto quer dizer que é melhor do que as outras. A fusão não seria tão boa se Dua fosse como as outras. Quer as vantagens sem pagar o preço?

Tritt não o compreendia claramente. Sabia apenas que ela devia fazer o que devia ser feito. Por isso, replicou:

- Quero que ela faça o que é direito.

- Sei, Tritt, sei. Mas, deixe-a sozinha, assim mesmo.

O próprio Odeen, com frequência, repreendia Dua por suas maneiras esquisitas, mas sempre se opunha a que Tritt o fizesse.

- Você, Tritt, carece de tato - diria ele.

Tritt não sabia exatamente o que significava tato.

E agora... Já longo tempo transcorrera após a primeira fusão e o bebê-Emocional ainda não havia nascido. Quanto tempo mais demoraria? Já demorava excessivamente.

E Dua, como se não fosse com ela, continuava a sós, enquanto o tempo passava.

- Ela não come bastante - disse Tritt.

- Quando for ocasião... - começou Odeen.

- Sempre fala de ser ocasião ou de não ser ocasião. Nunca achou que já era tempo de arranjar Dua, em primeiro lugar. Agora, nunca vê que já é tempo de ter um bebê-Emocional. Dua devia...

Mas Odeen se esquivou e disse:

- Ela está aí fora, Tritt. Se quiser sair e pegá-la, como se fosse o Parental dela, em vez de seu direitinha, faça-o. Mas, estou dizendo: deixe-a em paz.

Tritt recuou. Tinha muita coisa a dizer, porém não sabia como dizê-lo.

****

Dua percebia a agitação de esquerda-direita com relação a ela, de uma maneira turva e remota, e sua rebeldia aumentou.

Se um ou o outro, ou ambos, viessem pegá-la, a coisa acabaria numa fusão, idéia que a deixava furiosa. Tudo o que Tritt sabia se referia aos filhos. Tudo o que Tritt queria era a terceira e última filha. E tudo implicava com os filhos e com a filha, que ainda faltava. E, quando Tritt queria uma fusão, conseguia.

Tritt dominava a tríade ao crescer sua obstinação. Agarrava-se a uma idéia simples, nunca a abandonava e, no final, Odeen e Dua cederiam. Mas agora não cederia. Ela não cederia.

Nem sequer se sentiu desleal a esse pensamento. Nunca esperou sentir por Odeen ou por Tritt a pura intensidade de anseio, que eles sentiam um pelo outro.

Ela era capaz de fundir sozinha, ao passo que eles só conseguiam fundir através de sua mediação (o que devia torná-la mais considerada). Sentia prazer

intenso na fusão a três. Certamente o sentia, seria estúpido negá-lo, mas se tratava de um prazer que possuía afinidade com o que sentia quando passava através de um muro rochoso, como, por vezes, fazia secretamente. Para Tritt e Odeen, o prazer não se assemelhava a nada que já houvessem experimentado ou jamais pudessem experimentar.

Não, esperem um pouco. Odeen dispunha do prazer de estudar, o que chamava de desenvolvimento intelectual. Dua sentia alguma coisa desse prazer certas vezes, o suficiente para saber o que significava e, conquanto fosse diferente da fusão, ia servir de sucedâneo, ao menos até o ponto em que Odeen, às vezes, podia dispensar a fusão.

Com Tritt, porém, não se dava o mesmo. Para ele, só havia a fusão e os filhos. Só. E quando sua pequena mente se curvava inteiramente para isso, Odeen tinha de ceder, seguido, então, por Dua.

Numa ocasião, ela se rebelou:

- Mas, que é que acontece quando fundimos? Passam horas, às vezes dias, antes de sairmos da coisa. Que acontece esse tempo todo?

Tritt pareceu ultrajado:

- É sempre dessa maneira. Tem de ser.

- Não gosto de nada que tem de ser. Quero saber porque.

Odeen ficou com aspecto embaraçado. Gastava sua vida embaraçado.

- Bem, Dua - disse ele -, tem de ser. Por causa dos... filhos.

Parecia vibrar, quando pronunciou a última palavra.

- Ora, não fique vibrando - interveio Dua, asperamente, -. Já somos adultos e fundimos não sei quantas vezes. Todos sabemos que é assim que podemos ter filhos. Bem que você podia falar dessa maneira. O que quero saber é por que demora tanto?

- Porque é um processo complicado - replicou Odeen, ainda vibrando -. Exige energia. Dua, leva muito tempo para iniciar um filho e, mesmo quando levamos muito tempo, nem sempre é iniciado. E está ficando pior... Não com a gente - acrescentou às pressas.

- Pior? - exclamou Tritt ansiosamente, porém Odeen não falou mais nada.

Tiveram um filho finalmente, um bebê-Racional, um esquerdinha, que adejava e afinava, de tal maneira que os três ficavam enlevados e até Odeen o segurava e deixava que mudasse de formato em suas mãos, durante o tempo que Tritt lhe consentisse. Porque foi Tritt, evidentemente, quem, na verdade, o incubou durante o longo período de pré-formação. Foi Tritt quem o separou, quando assumiu existência independente, e Tritt é quem cuidava dele o tempo todo.

Depois disso, Tritt, com frequência, não ficava com eles e Dua sentia estranho prazer. A obsessão de Tritt a entediava, mas a de Odeen – estranhamente lhe dava prazer. Tornou-se crescentemente consciente da sua importância. Havia algo de notável em ser um Racional, que possibilitava dar resposta às questões, e Dua, de um jeito ou de outro, sempre tinha questões para ele. Odeen se mostrava mais disposto a responder quando Tritt não se achava presente.

- Por que leva tanto tempo, Odeen? Não gosto de fundir e não ficar sabendo o que acontece durante dias e dias.

- Estamos em perfeita segurança, Dua - respondeu Odeen, seriamente -. Veja, nunca nada nos aconteceu, não é? Nunca ouviu que nada acontecesse a alguma outra tríade, ouviu? Além disso, você não devia fazer perguntas.

Ela percebia perfeitamente que Odeen a fitava como se jamais visse alguém tão atraente e que, se Tritt estivesse presente, uma fusão teria lugar imediatamente. Ela até se deixou afinar, não muito, mas perceptivelmente, por deliberada faceirice.

- Mas você, Dua - tornou Odeen -, pode não entender as implicações. Uma grande quantidade de energia é requerida para dar início a uma nova centelha de vida.

- Você, com frequência, menciona a energia. Que é isso? Exatamente.

- Ora, é o que comemos.

- Bem, então por que não diz alimento?

- Porque alimento e energia não são inteiramente a mesma coisa. Nosso alimento vem do Sol e é um tipo de energia, mas há outros tipos de energia que não são alimento. Quando comemos, devemos nos dilatar e absorver a luz. É o mais difícil para as Emocionais, porque são muito mais transparentes. Isto é, a luz tende a passar por elas em vez de ser absorvida.

Era maravilhoso ter o enigma explicado, pensou Dua. O que lhe falavam, ela realmente ficava sabendo, porém não conhecia as palavras adequadas, as compridas palavras científicas, que Odeen conhecia. E assim se tornava mais nítido e mais significativo tudo o que acontecia.

Ocasionalmente, agora, na vida adulta, quando não mais temia as pirraças infantis e partilhava o prestígio de constituir parte da tríade-Odeen, ela tentava enxamear junto com as outras Emocionais, resistindo à tagarelice e ao amontoamento. Por fim, sentiu como uma refeição, mais substancial do que habitual para ela, contribuía para uma fusão melhor. Havia um júbilo - às vezes, apreendia o prazer que as outras obtinham do ato - em colear e manobrar a fim de se expor ao Sol, na luxuriosa contração e condensação para absorver o calor através da maior espessura e com maior eficiência.

Enquanto, para Dua, isso exigia todo um esforço, os outros nunca pareciam satisfeitos. Havia neles uma espécie de meneio ávido, que Dua não conseguia reproduzir e que, com o prolongamento, não suportava.

Era por isso que Racionais e Parentais tão raramente iam à superfície. Sua espessura lhes possibilitava comer com rapidez e cair fora. As Emocionais se contorciam no Sol durante horas, uma vez que, embora comessem mais vagarosamente, careciam de mais energia do que os outros... ao menos, para a fusão. A Emocional fornecia a energia, explicou Odeen (vibrando tanto que seus sinais eram muito mal compreendidos), o Racional fornecia a semente e o Parental a incubadora.

Assim que Dua o compreendeu, certo divertimento passou a se misturar com sua desaprovação, quando espiava as outras Emocionais engolindo literalmente a rubra luz solar. Uma vez que elas nunca formulavam questões, estava certa de que havia um aspecto obsceno nas suas trêmulas condensações ou na maneira pela qual, finalmente, caíam em risinhos, preparando-se para uma boa fusão, é claro, com muita energia de reserva.

Poderia também enfrentar o enfado de Tritt, quando descia sem a turbilhonante opacidade, que indicava uma refeição farta. Mas, de que se queixavam eles? A finura que conservava significava uma fusão mais habilidosa. Não talvez tão derramada e pegajosa como as das outras tríades, mas era a característica etérea que contava, tinha certeza. E o esquerdinha e o direitinha vinha no final de contas, não vinham?

Certo, era o bebê-Emocional, a filhinha-do-meio, que constituía a questão crucial. Exigia mais energia do que os dois outros filhos e Dua nunca possuía bastante. Até Odeen começou a mencioná-lo:

- Não está tomando bastante luz solar, Dua.

- Sim, estou - disse Dua, às pressas.

- A tríade de Genia - tornou Odeen - já iniciou uma Emocional.

Dua não gostava de Genia. Jamais gostou. Ela era uma cabeça oca, mesmo de acordo com o padrão das Emocionais. Dua respondeu, com arrogância:

- Suponho que ela esteja se gabando. Não tem delicadeza. Suponho que esteja dizendo: "Não devia mencionar, minha querida, mas nem imagina o que o meu esquerdinha e o meu direitinha fizeram e aconteceram.

Dua imitava a trêmula sinalização de Genia com incrível precisão, o que divertiu Odeen. Mas, em seguida, falou:

- Genia pode ser uma tola, mas iniciou uma Emocional, o que deixou Tritt transtornado. Estivemos tentando isso mais tempo do que eles.

Dua se esquivou:

- Absorvo toda luz solar que agüento. Faço-o até que fico muito cheia para me mexer. Não sei o que quer de mim.

- Não se zangue. Prometi a Tritt que lhe falaria. Ele acha que você me ouve...

- Ora, Tritt só acha estranho que você me explique coisas da ciência. Ele não compreende... Você quer uma filhinha-do-meio como os outros?

- Não - retrucou Odeen, sério -. Você não é como as outras e isto me alegra. E, uma vez que se interessa pelas conversas de Racionais, permita que lhe explique alguma coisa. O Sol não fornece mais o alimento na quantidade habitual. A energia da luz é menor, exigindo exposições mais prolongadas. A taxa de nascimentos vem caindo durante gerações e a população do mundo é apenas uma fração do que já foi.

- Nada posso fazer - disse Dua, com rebeldia.

- Talvez os Duros sejam capazes de dar um jeito. O número deles também está diminuindo.

- Mas eles também morrem?

Dua ficou subitamente interessada. Sempre pensou que eles fossem, de algum modo, imortais, que não tivessem nascido, que não morressem. Quem jamais viu um bebê-Duro, por exemplo? Não tinham bebês. Não fundiam. Não comiam.

- Imagino que morram - manifestou-se Odeen, pensativamente -. Nunca me falam a seu respeito. Nem mesmo sei como fazem para comer, mas, é claro, devem comer. E nascer. Existe um novo, por exemplo, que ainda não tinha visto... Mas, não se preocupe com isso. A questão é que eles vêm desenvolvendo um alimento artificial...

- Sei - interrompeu Dua -. Já provei.

- Já provou? Não sabia!

- Um bando de Emocionais falava sobre o assunto. Diziam que um Duro pedia voluntários para experimentar o alimento e as idiotas estavam todas com medo, diziam que, provavelmente, a comida as tornaria permanentemente duras e que nunca mais seriam capazes de fundir de novo.

- Tolice! - exclamou Odeen, com veemência.

- Sei. De modo que me apresentei para voluntária. Com isso, elas se calaram. São tão difíceis de suportar, Odeen!

- Como era a coisa?

- Horrível - disse Dua, enfaticamente -. Áspera e amarga. É evidente que não falei nada às outras Emocionais.

- Também provei - informou Odeen -. Não era tão mau.

- Racionais e Parentais não se preocupam com o gosto da comida.

- Mas ainda é apenas experimental. Estão trabalhando duro para aperfeiçoar, os Duros. Especialmente Estwald - aquele que mencionei antes, o que ainda não tinha visto - trabalha no problema. Losten fala dele como se fosse algo incomum, um cientista formidável.

- Como é que nunca o viu antes?

- Sou apenas um Suave. Não pense que me mostram e falam de tudo. Algum dia, irei vê-lo, acho. Desenvolveu uma nova fonte de energia, que ainda pode nos salvar a todos...

- Não quero alimento artificial - declarou Dua e deixou Odeen bruscamente.

Isto não se deu há muito tempo e Odeen não mencionou o tal de Estwald de novo, mas ela sabia que ele o faria. Agora, Dua meditava a respeito no crepúsculo.

Vira, mais uma vez o alimento artificial: uma esfera incandescente de luz, com minúsculo Sol, numa caverna especial arranjada pelos Duros. Ainda podia provar o gosto de seu amargor.

Será que eles o aperfeiçoariam? Melhorariam seu gosto? E o tornariam delicioso? Ela, então, o comeria e se encheria com esse alimento até que uma sensação de plenitude lhe desse um desejo quase incontrolável de fundir.

Temia esse desejo autogerador. Era diferente quando o desejo vinha por meio do estímulo combinado do esquerdinha e do direitinha. A autogeração significava que ela estaria madura para promover a iniciação de uma filhinha-do-meio. E... era o que não queria!

Demorou muito até que reconhecesse a verdade. Não queria iniciar uma Emocional! Depois que os três filhos nascessem, viria o tempo inevitável de morrer e ela não o queria. Lembrou o dia em que seu Parental a deixou para sempre e não admitiu que isso lhe acontecesse. Estava ferozmente determinada sobre o assunto.

As outras Emocionais não se preocupavam porque eram demasiado ocas para refletir a respeito, mas ela era diferente. Era a esquisita Dua, a Esquerda-Em. Assim a chamavam e ela continuaria diferente. Enquanto não tivesse aquela terceira filha, não morreria, continuaria a viver.

Não ia, portanto, ter aquela terceira filha. Nunca. Nunca!

De que maneira, todavia, iria adiar a coisa? De que maneira impediria que Odeen o descobrisse? E se Odeen viesse a descobrir?

Odeen esperava que Tritt fizesse algo. Estava razoavelmente convicto de que Tritt, de fato, não subiria à superfície, à procura de Dua. Isto implicaria em largar os filhos, o que sempre era penoso para Tritt. Tritt aguardou, sem falar por um momento, e, quando saiu, o fez na direção da alcova dos filhos.

Odeen ficou quase contente com a saída de Tritt. Não inteiramente, sem dúvida, porque Tritt estava zangado e retraído, de modo que o contato interpessoal enfraqueceu e se ergueu uma barreira de desprazer. Odeen não pôde impedir que a melancolia o dominasse. Era como a diminuição do ritmo da pulsação da vida.

Algumas vezes se perguntava se Tritt sentia o mesmo também... Não, era iníquo. Tritt possuía o relacionamento especial com os filhos.

E, quanto a Dua, quem poderia dizer o que Dua sentia? Quem poderia dizer o que sentia qualquer Emocional? Eram tão diferentes que faziam esquerda e direita se assemelharem em tudo, menos na mente. Mas, mesmo descontando o estilo excêntrico das Emocionais, quem poderia dizer o que Dua - especialmente Dua - sentia?

Foi por isso que Odeen conseguiu ficar quase alegre com a saída de Tritt, porque Dua é que era o problema. O atraso na iniciação da terceira filha já se tornava demasiado prolongado e Dua se mostrava cada vez menos suscetível de persuasão. Havia crescente inquietação no próprio Odeen, que não conseguia identificar, algo que teria de discutir com Losten.

Encaminhou-se às cavernas dos Duros, acelerando seus movimentos num fluxo contínuo, que não era quase tão indigno como a mistura excitante e singular de oscilação e precipitação, que assinalava a trajetória curvilínea das Emocionais, ou tão engraçado como o apático deslocamento de peso dos Parentais...

(Veio-lhe a aguda imagem mental de Tritt se movendo pesadamente em perseguição do bebê-Racional, que, evidentemente, era tão escorregadio, na sua idade, como uma Emocional, e de Dua tendo de bloquear o bebê e trazê-lo de volta, enquanto Tritt cacarejava, indeciso entre sacudir o pequeno objeto vivo ou envolvê-lo com sua substância. Desde o começo, Tritt conseguia se afinar mais eficientemente para os bebês do que para Odeen e, quando este zombou dele por esse motivo, Tritt respondeu gravemente, uma vez que, é claro, não era dotado de humor em casos semelhantes: "Ah, mas os filhos têm mais necessidade.")

Odeen sentia auto-satisfação com seu próprio fluxo e o julgava gracioso e impressionante. Mencionou-o, certa vez, a Losten, ao qual, como seu Duro-professor, confessava tudo, e Losten dissera:

- Não acha, então, que uma Emocional ou um Parental sentem o mesmo com relação ao seu próprio padrão de fluxo? Se cada um de vocês pensam e agem diferentemente, como deveriam sentir prazer senão diferentemente? Uma tríade não elimina a individualidade, sabe muito bem.

Odeen não estava certo de ter compreendido essa questão de individualidade. Significaria estar a sós? Um Duro vivia sozinho, naturalmente. Não existiam tríades entre eles. Como o agüentavam?

Odeen ainda era bem jovem quando a questão se apresentou. Seu relacionamento com os Duros apenas começava e subitamente se deu conta de não ter certeza da existência de tríades entre eles. Tal fato constituía lenda

corrente entre os Suaves, mas em que medida seria correta a lenda? Odeen refletiu sobre o assunto e resolveu que se deve perguntar e não aceitar as coisas na base da fé. Daí que acabou perguntando:

- Senhor, é um esquerda ou um direita? (Mais tarde, Odeen pulsava à lembrança dessa pergunta. Da incrível ingenuidade de ter feito a pergunta, sendo muito pequeno o consolo de saber que todo Racional fazia a pergunta a um Duro, de certa maneira, cedo ou tarde - habitualmente cedo).

Losten respondeu com absoluta calma:

- Nem uma coisa, nem a outra, esquerdinha. Não há esquerdas ou direitas entre os Duros.

- Ou ... Emocionais?

- Ou meínhas? - e o Duro mudou o formato de sua região sensória permanente de uma maneira, que Odeen finalmente associou com gozação ou prazer -. Não. Meinhas tampouco. Apenas Duros de um só tipo.

Odeen tinha de perguntar. A pergunta veio involuntariamente, de todo contra seu desejo:

- Mas, como agüentam?

- Conosco é diferente, esquerdinha. Estamos acostumados.

Poderia Odeen se acostumar a uma situação semelhante? Havia a tríade Parental, que enchera sua vida até então e o conhecimento seguro de que, numa época não demasiada distante, formaria sua própria tríade. Que seria a vida sem isto? De quando em vez, pensava a respeito dolorosamente. Pensava sobre todas as coisas com empenho, sempre que se apresentavam. As vezes, esforçava-se para apreender um vislumbre do que podia significar. Os Duros só possuíam a si mesmos: nem irmão-da-esquerda, nem irmão-da-direita, nem irmã-do-meio, nem fusão, nem filhos, nem Parentais. Possuíam exclusivamente a mente, exclusivamente a indagação sobre o Universo.

Talvez lhes bastasse. Quando Odeen ficou mais velho, ganhou momentos de compreensão a respeito das alegrias da indagação intelectual. Tais momentos eram quase satisfatórios - quase satisfatórios -, mas, então, pensava em Tritt e em Dua e concluía que, em comparação com eles, todo o Universo seria inteiramente satisfatório.

A menos que... Era estranho, mas, não raro, parecia possível que chegasse um tempo, uma situação, uma condição, quando... Perdia, então, o vislumbre momentâneo, ou melhor, o vislumbre de um vislumbre, e tudo desaparecia. Contudo, com o transcorrer do tempo, o vislumbre voltaria e, ultimamente, julgou que se tornava mais forte e que permaneceria o bastante para ser apreendido.

Nada disso, entretanto, devia ocupá-lo agora. Precisava zelar por Dua. Dirigiu-se pelo caminho bem conhecido, ao longo do qual tinha sido primeiro levado pelo seu Parental (à maneira como Tritt logo levaria o jovem Racional deles próprios, a seu bebê-esquerda).

E, é evidente, instantaneamente se perdeu de novo na memória.

Foi assustador, naquela ocasião. Havia outros jovens Racionais, todos vibrando, cintilando e mudando de formato, a despeito dos sinais dos Parentais, por todos os lados, para que se mantivessem firmes, lisos, não desonrassem a tríade. Um pequeno esquerda, colega de Odeen, havia, de fato, se achatado à maneira de bebê, não conseguindo se desachatar, apesar de todos os esforços do

seu Parental, horrivelmente embaraçado. (Desde então, o esquerda se tornou um estudante perfeitamente normal... Embora o mesmo não se desse com Odeen, conforme ele próprio não podia deixar de perceber com uma complacência considerável.)

Encontraram certo número de Duros no primeiro dia de escola. Paravam a cada um deles, a fim de que o padrão de vibração do jovem-Racional pudesse ser registrado, mediante diversos processos especializados, visando uma decisão sobre sua aceitação para instrução ou adiamento desta para outra ocasião. E ainda, caso aceito, sobre o tipo de instrução.

Odeen, num esforço desesperado, se fez liso, quando um Duro se avizinhou, e se manteve isento de oscilações.

Disse o Duro (e o primeiro som dos estranhos tons de sua voz quase desfez a determinação de Odeen de vir a ser um adulto):

- Este é um Racional muito firme. Como se chama, esquerda?

Era a primeira vez que Odeen se via chamado de "esquerda", ao invés de algum diminutivo. Sentiu-se mais firme do que nunca e se esforçou para responder, usando o tratamento polido que lhe ensinara cuidadosamente seu Parental:

- Odeen, senhor Duro.

Turvamente, recordava ter sido conduzido através das cavernas dos Duros, com seu equipamento, maquinaria, bibliotecas, com seus suspiros e sons confusos e sem sentido. Mais do que percepções sensoriais efetivas, recordava o sentimento íntimo de desespero. Que fariam com ele?

Seu Parental lhe havia dito que iria estudar, porém ele não sabia o que realmente significava "estudar" e, quando perguntou ao Parental, resultou que este adulto tampouco sabia. Precisou de certo tempo para descobrir que a experiência era agradável, bem agradável, embora não sem aspectos inquietantes.

O Duro, que primeiro o chamou de "esquerda", foi seu primeiro professor. O Duro lhe ensinou a interpretar as gravações de ondas, de modo que, depois de algum tempo, o que se assemelhava a um código incompreensível se converteu em palavras. Palavras tão claras como as que podia formar com suas próprias vibrações.

Em seguida, contudo, aquele primeiro Duro desapareceu e outro Duro o substituiu. Passou-se algum tempo, antes que Odeen notasse. Era difícil, naqueles dias, distinguir um Duro de outro, diferenciar entre as suas vozes. Mas, depois, ganhou certeza. Pouco a pouco, ganhou certeza e tremia com a mudança. Não compreendia seu significado.

Encheu-se de coragem e, finalmente, indagou:

- Onde está meu professor, senhor Duro?

- Gamaldan?... Não estará mais com você, esquerda.

Odeen ficou sem fala durante um instante. Depois disse:

- Mas os Duros não morrem...

Não completou a frase. Ela se extinguiu.

O novo Duro foi passivo, nada disse, não se abriu.

Devia ser sempre assim, descobriu Odeen. Eles nunca falavam a respeito de si mesmos. Discursavam livremente sobre qualquer outro tema. Com referência a si próprios - nada.

De dúzias de elementos de evidência, Odeen não pôde deixar de concluir que os Duros morriam, que não eram imortais (coisa que tantos Suaves tinham por certa). Não obstante, nenhum Duro chegou a dizê-lo. Às vezes, Odeen e os demais Racionais-alunos discutiam o assunto, com hesitação e constrangimento. Cada um deles apresentava algum pequeno elemento, que indicava inexoravelmente a mortalidade dos Duros, mas ficava em dúvida e não se atrevia a concluir pelo óbvio, de modo que deixavam O barco correr.

Os Duros não pareciam preocupados com a existência de indícios de mortalidade. Nada faziam no sentido de mascará-la. Tampouco a mencionavam. Se a questão lhes fosse apresentada diretamente (como era, certas vezes, de modo inevitável), nunca respondiam: não negavam, nem afirmavam.

Mas, se morriam, também deviam nascer, embora nada dissessem a respeito e Odeen nunca tivesse visto um jovem Duro.

Odeen acreditava que os Duros recebessem sua energia das rochas e não do Sol, que, no mínimo, incorporassem aos seus corpos uma rocha negra pulverizada. Alguns dos estudantes também julgavam o mesmo. Outros, com bastante veemência, o recusavam. Nem podiam chegar a uma conclusão, uma vez que nenhum deles jamais viu os Duros se alimentando e os Duros nunca falavam sobre o assunto.

Por fim, Odeen admitiu o jeito reticencioso deles como algo que lhes era intrínseco. Talvez, pensou, fosse a individualidade deles, o fato de que não formassem tríades. Isso os envolvia numa carapaça.

Acontece que Odeen também aprendeu coisas de tão grave importância, que as questões concernentes à vida privada dos Duros se tornaram algo trivial. Aprendeu, por exemplo, que o mundo inteiro murchava... minguava...

Odeen perguntou acerca das cavernas desocupadas, que se estendiam tão infindavelmente por dentro das entranhas do mundo e Losten pareceu gostar:

- Está com receio de fazer esta pergunta, Odeen?

(Agora, era Odeen, não alguma referência geral à sua esquerdice. Era sempre motivo de orgulho ouvir um Duro dirigir-se a ele pelo seu nome pessoal. Muitos o faziam. Odeen constituía um prodígio de inteligência e o uso de seu nome parecia um reconhecimento de fato. Mais de uma vez, Losten expressou satisfação por o ter como pupilo).

Odeen sentia receio, na verdade, e, depois de certa hesitação, o declarou. Era sempre mais fácil confessar faltas aos Duros do que aos colegas-Racionais.
Muito mais fácil do que confessá-las a Tritt, até mesmo impensável. . . Assim era antes de Dua.

- Então, por que pergunta?

Odeen vacilou de novo. Afinal, manifestou-se lentamente:

- Tenho medo das cavernas desocupadas porque, quando era menino, me disseram que havia nelas toda espécie de coisas monstruosas. Porém não sei nada a respeito delas diretamente. Só sei que fui informado por outros jovens, que tampouco podiam saber diretamente. Quero saber a verdade a respeito das

cavernas e esse desejo cresceu até que a minha curiosidade superou o meu medo.

Losten pareceu gostar.

- Ótimo! - exclamou -. A curiosidade é útil, o medo inútil. Seu desenvolvimento subjetivo é excelente, Odeen, e, lembre-se, é somente o seu desenvolvimento subjetivo que conta nas coisas importantes. Nossa ajuda a você é marginal. Uma vez que quer saber, é fácil lhe dizer que as cavernas desocupadas estão realmente desocupadas. São vazias. Nada há nelas, exceto coisas sem importância, deixadas atrás nos tempos passados.

- Deixadas por quem, senhor Duro?

Odeen se sentia incomodamente compelido a empregar o tratamento honorífico, sempre que se encontrava, demasiado obviamente, na presença de um conhecimento, que lhe faltava e que o outro possuía.

- Pelos que as ocuparam no passado. Houve, naquela época, milhares de ciclos, existindo, então, muitos milhares de Duros e milhões de Suaves. Agora, Odeen, nosso número é menor do que no passado. Atualmente, os Duros não chegam a trezentos e os Suaves são menos de dez mil.

- Por quê? - tornou Odeen, chocado. (Restavam apenas trezentos Duros. Representava, certamente, um reconhecimento taxativo de que os Duros morriam, mas não era o momento de pensar no assunto).

- Porque a energia está diminuindo. O Sol está esfriando. A cada ciclo, torna-se mais difícil gerar e viver.

(Não significaria isso, então, que os Duros também geravam? E significava, igualmente, que os Duros dependiam do Sol para se alimentar, não das rochas. Odeen registrou a idéia e, no momento, deixou-a de lado).

- Isso vai continuar? - voltou a perguntar.

- O Sol deve ir minguando, Odeen, e, algum dia, não fornecerá alimento.

- Quer dizer que todos nós, os Duros e os Suaves, morreremos?

- Que mais pode significar?

- Não podemos todos morrer. Se necessitamos de energia e o Sol está se acabando, devemos achar outras fontes. Outras estrelas.

- Mas, Odeen, todas as estrelas estão se extinguindo. O Universo está se extinguindo.

- Se as estrelas se extinguirem, não haverá alimento em outro lugar? Nenhuma outra fonte de energia?

- Não, todas as fontes de energia, em todo o Universo, estão se extinguindo.

Odeen refletiu com inconformismo e disse então:

- Nesse caso, vejamos os outros Universos. Não podemos desistir só porque este universo se extingue.

Palpitava, quando o disse. Tinha-se expandido com imperdoável descortesia até que inchou, translucidamente, atingindo um tamanho nitidamente maior do que o do Duro.

Mas Losten só manifestou enorme prazer, declarando:

- Formidável, meu querido esquerdinha. Os outros precisam ouvi-lo.

Odeen tornou bruscamente ao tamanho normal, num misto de constrangimento e prazer, ao ouvir que era chamado de "querido esquerdinha", tratamento que nunca recebera de ninguém... com exceção de Tritt, naturalmente.

Não foi muito depois que o próprio Losten lhes trouxe Dua. Odeen se admirou, preguiçosamente, se não haveria qualquer relação, mas, após um instante, a admiração se apagou. Tritt repetia, com tanta frequência, que fora sua própria interpelação de Losten que lhes trouxe Dua, que Odeen desistiu de pensar no assunto. Era confuso demais.

Mas, agora, ia ver Losten de novo. Longo tempo transcorrera desde os dias remotos, quando, pela primeira vez, soube que o Universo se extinguia e que (como resultou) os Duros trabalhavam resolutamente a fim de sobreviver, de qualquer jeito. Ele próprio se tornou competente em numerosos campos e Losten confessava que, em física, restava pouca coisa que ainda pudesse ensinar a Odeen e que um Suave pudesse aprender com proveito. Além disso, havia outros jovens Racionais para cuidar, de modo que não via Losten tão freqüentemente como antes.

Odeen encontrou Losten com dois Racionais meio crescidos na Câmara de Radiação. Losten o viu logo através do vidro e saiu, fechando a porta cuidadosamente atrás de si.

- Meu querido esquerdinha - disse o Duro, estendendo os membros, num gesto de amizade (de modo que Odeen, como acontecia tão freqüentemente no passado, sentiu desejo perverso de tocar, porém se controlou) -. Como vai?

- Não pretendo interromper, senhor Losten.

- Interromper? Esses dois se arranjam perfeitamente bem sozinhos, durante certo tempo. Estão provavelmente contentes com a minha saída, porque tenho certeza de que os cansei com uma conversa excessiva.

- Qual nada! - exclamou Odeen -. O senhor sempre me fascinou e não duvido de que também os fascine.

- Bem, bem. É bom que o diga. Vejo-o freqüentemente na biblioteca e soube pelos outros que vai bem nos seus cursos avançados, o que me leva a perder meu melhor aluno. Como vai Tritt? Ainda parentalmente teimoso como nunca?

- Cada dia mais teimoso. Dá força à tríade.

- E Dua?

- Dua? Vim... Ela é muito incomum, sabe.

- Sim, sei - replicou Losten, com um aceno.

Sua expressão era a que Odeen se habituou a associar com a melancolia.

Odeen esperou um momento e, depois, resolveu abordar o assunto diretamente:

- Senhor Losten, ela foi trazida a nós, a Tritt e a mim, só por ser incomum?

- Está surpreso? Você também é muito incomum, Odeen, e me disse, em muitas ocasiões, que Tritt é o mesmo.

- Sim - afirmou Odeen, convicto -. Ele é.

- Nesse caso, por que sua tríade não devia incluir uma Emocional incomum?

- Há muitas maneiras de ser incomum - tornou Odeen, meditativo -. Sob certos aspectos, os modos estranhos de Dua desagradam a Tritt e me inquietam. Posso lhe fazer uma consulta?

- Sempre.

- Ela não gosta de... de fundir.

Losten ouvia gravemente. Segundo toda evidência, sem embaraço.

- Ela gosta de fundir quando nós fundimos - continuou Odeen - mas, isto é, não é sempre fácil convencê-la a fundir.

- Como é que Tritt encara a fusão? Quero dizer, além do prazer imediato do ato? Que significa para ele, além do prazer?

- Os filhos, é claro. Gosto deles e Dua também, mas Tritt é o Parental. Compreende? (De repente, pareceu-lhe que Losten não seria capaz talvez de compreender todas as sutilezas da tríade).

- Faço força para compreender - disse Losten -. Parece-me, então, que Tritt obtém da fusão mais do que a simples fusão. E você? O que obtém, afora o prazer?

Odeen refletiu e respondeu:

- Penso que sabe. Uma espécie de estímulo intelectual.

- Sim, sei disso, porém quero me certificar de que você sabe. Quero me certificar de que não esqueceu. Disse-me, várias vezes, que, ao sair de um período de fusão, com sua peculiar perda de tempo - durante o qual admito que, não raro, demoro muito para vê-lo - subitamente se reconhece compreendendo muitas coisas que antes lhe pareciam obscuras.

- É como se minha mente permanecesse ativa no intervalo. É como se fosse um tempo que, embora eu esteja desatento ao seu transcorrer e inconsciente de minha existência, me seja necessário. Durante o qual sou capaz de pensar mais profunda e intensamente, sem a distração do lado menos intelectual da vida.

- Sim - concordou Losten - e volta com um grande salto no entendimento. É ocorrência habitual entre vocês, Racionais, embora deva admitir que nenhum alcançou saltos tão grandes como você. Honestamente, acho que nenhum Racional, na história, alcançou.

- Verdade? - exclamou Odeen, esforçando-se para não parecer indevidamente exultante.

- Por outro lado, posso estar errado - e Losten pareceu ligeiramente divertido com a súbita perda de cintilação pelo interlocutor -, mas deixe pra lá. A questão é que você, como Tritt, obtém da fusão algo mais do que a própria fusão.

- Sim. Muito provavelmente.

- E Dua, que obtém da fusão afora a fusão?

Houve uma pausa demorada.

- Não sei - disse Odeen, afinal.

- Nunca lhe perguntou?

- Nunca.

- Mas então - disse Losten -, se tudo o que ela obtém de uma fusão é somente a fusão, enquanto você e Tritt obtém a fusão e algo mais, por que deveria ela a desejar tanto quanto vocês dois?

- Outras Emocionais não parecem precisar... - começou Odeen na defensiva.

- Outras Emocionais não são como Dua. Já me disse isso várias vezes e, creio, com satisfação.

Odeen se sentiu envergonhado e retorquiu:

- Achei que podia ser outra coisa.

- O quê?

- É penoso explicar. Conhecemo-nos uns aos outros na tríade. Sentimo-nos uns aos outros. Sob certos aspectos, todos três somos partes de um único

indivíduo. Um indivíduo nevoento que vem e vai. Algo inconsciente, sobretudo. Se pensamos na questão com uma concentração muito grande, nós a deixamos escapar, de modo que nunca apreendemos os detalhes reais. Nós... - Odeen se deteve, um tanto desesperançado -. É difícil explicar a tríade a alguém que...

- Nem por isso, esforço-me para compreender. Acha que apreendeu uma parcela da subjetividade de Dua, algo que ela tenta manter em segredo, não é isso?

- Não estou seguro. É a impressão mais vaga, sentida com um canto de minha mente, só de vez em quando.

- E daí?

- Acho, às vezes, que Dua não quer ter um bebê-Emocional.

Losten o encarou gravemente.

- Por enquanto, creio, só têm dois filhos. Um esquerdinha e um direitinha.

- Sim, dois somente. A Emocional é difícil de iniciar, sabe.

- Sei.

- E Dua não quer se incomodar com a absorção da energia necessária. Ou mesmo tentar. Tem algumas razões, mas não posso acreditar em nenhuma delas. Parece-me que, por certa razão, ela simplesmente não quer uma Emocional. Por mim – se Dua realmente não quer, por enquanto -, bem, não serei eu quem vá aborrecê-la. Mas Tritt é um Parental e ele quer um bebê-Emocional. E, seja como for, não posso deixar Tritt decepcionado, nem mesmo por causa de Dua.

- Se Dua tiver uma causa racional para não querer iniciar uma Emocional, isso faria diferença para você?

- Para mim, certamente não, mas para Tritt faria. Ele não entende essas coisas.

- Mas você se esforçaria para mantê-lo paciente?

- Sim, me esforçaria, tanto quanto pudesse.

- Já lhe ocorreu que dificilmente um Suave - a esta altura, hesitou, como procurando uma palavra e empregou a expressão costumeira dos Suaves - nunca morre antes dos filhos terem nascido... todos três, com o bebê-Emocional por último?

- Sim, eu sei.

Odeen se admirou que Losten possivelmente o considerasse ignorante de semelhante fato elementar.

- Então - prosseguiu Losten -, o nascimento de um bebê Emocional equivale à chegada do tempo de morrer.

- Comumente, não até que a Emocional cresça o suficiente.

- Mas o tempo de morrer virá. Não se dará que Dua não quer morrer?

- Como é que pode, Losten? O tempo de morrer chega como o tempo de fundir. Como pode querer que seja diferente? (Os Duros não fundiam, talvez não compreendessem).

- Suponha que Dua simplesmente não queira morrer nunca. Que diria a isso?

- Ora, que devemos morrer no final de contas. Se Dua apenas quer retardar o último bebê, posso lhe fazer a vontade e mesmo convencer Tritt, quem sabe. Mas, se nunca quiser ter esse filho... é o que simplesmente não pode ser admitido.

- Por quê?

Odeen fez uma pausa para refletir.

- Não posso dizer, senhor Losten, mas sei que devemos morrer. Sei e sinto mais a cada ciclo e, às vezes, quase acho que entendi a causa.

- Odeen, você é um filósofo, chego a pensar - disse Losten, secamente -. Vamos considerar. Quando o terceiro bebê vier e tiver crescido, Tritt terá tido todos seus filhos e poderá enfrentar a morte após uma vida realizada. Você mesmo terá tido a satisfação de aprender muito e também poderá morrer após uma vida realizada. Mas, e Dua?

- Não sei - replicou Odeen, lastimoso -. Outras Emocionais se agarram a vida inteira e parecem ter certo prazer em bater papo. Com Dua, é diferente.

- Bem, ela é fora do comum. Não há nada de que goste?

- Gosta de me ouvir falando do meu trabalho - resmungou Odeen.

- Bem, Odeen, não se envergonhe disso. Todo Racional fala do seu trabalho ao seu direita e à sua do meio. Todos fingem que não o fazem, mas todos falam.

- Mas Dua ouve, senhor Losten.

- Estou inteiramente convencido de que ouve. Não como as outras Emocionais. E já lhe ocorreu que ela compreende ainda melhor após uma fusão?

- Sim, notei algumas vezes. Não prestei atenção especial, embora...

- Porque acha que as Emocionais não são realmente capazes de compreender essas coisas. Mas parece que em Dua existe muito de Racional.

(Odeen olhou para Losten com súbita consternação. Uma vez, Dua lhe falou de sua infância infeliz. Somente uma vez. Dos gritos estridentes das outras Emocionais. Do nome feio com que a chamavam - Esquerda-Em. Losten o teria sabido, de algum jeito?. .. Mas ele se limitava a contemplar Odeen calmamente).

- Às vezes, também pensei nisso - disse Odeen e, então, explodiu -. Orgulho-me dela por esse motivo.

- Não tem nada de mau. Por que não dizer a ela? E, se ela gosta de cultivar sua Racionalidade, por que não deixar? Ensine-lhe o que sabe, mais intensivamente. Responda às suas perguntas. Será que desonraria sua tríade?

- Não dou bola para isso... E por que desonraria, hein? Tritt vai achar que é desperdício de tempo, mas dou um jeito nele.

- Explique-lhe que, se Dua obtiver mais da vida e uma sensação mais autêntica de realização, poderá não sentir medo de morrer, como sente agora, e pode ficar mais apta a ter um bebê-Emocional.

Foi como se um sentimento enorme de desastre iminente houvesse sido arrancado de Odeen.

- Tem razão, - disse, às pressas -. Sinto que tem razão. Senhor Losten, entende de tantas coisas! Com o senhor liderando os Duros, como deixaremos de continuar com sucesso o projeto do outro Universo?

- Comigo? - Losten parecia se divertir -. Esquece que é Estwald quem nos guia agora. É o verdadeiro herói do projeto. Sem ele, nada seria feito.

- Ah, sim - murmurou Odeen, momentaneamente frustrado.

Nunca vira ainda Estwald. De fato, ainda não encontrara um Suave que o tivesse visto de verdade, embora alguns informassem que o viram à distância, de vez em quando. Estwald era um novo Duro. Novo, ao menos, no sentido de que Odeen, em sua juventude, nunca ouviu referência a ele. Isto não significava que Estwald fosse um jovem-Duro, um menino-Duro, quando Odeen era um menino-Suave.

Mas não importava. Precisamente então, Odeen quis voltar para casa. Não pôde tocar em Losten, manifestando gratidão, mas pôde agradecer-lhe mais uma vez e, a seguir, cair fora alegremente.

Havia um componente egoísta na sua alegria. Não era exatamente a perspectiva distante do bebê-Emocional e o pensamento sobre o prazer de Tritt. Não era sequer o pensamento sobre a realização plena de Dua. O que lhe importava, naquele momento, preciso, era a brilhante perspectiva que, de imediato, se desvendava. Ia ser capaz de ensinar. Nem um outro Racional poderia sentir semelhante prazer, tinha certeza, uma vez que nem um outro Racional contaria com uma Emocional como Dua como participante da tríade.

Seria maravilhoso, bastando que Tritt conseguisse compreender a necessidade. Falaria com Tritt e daria um jeito para persuadi-lo a ser paciente.

Tritt nunca se sentiu menos paciente. Não pretendia compreender porque Dua agia daquela maneira. Nunca se esforçou nesse sentido. Não se preocupava. Nunca soube porque as Emocionais tinham aquele comportamento. E Dua nem sequer agia como as outras Emocionais.

Ela nunca pensou em coisas importantes. Olhava o Sol. Mas, então, se rarefazia, de modo que a luz e o alimento simplesmente passavam através do seu corpo. Depois, diria que foi magnífico. Isto não era importante. O importante estava em comer. Que havia de belo em comer? Que era belo?

Ela sempre quis fundir de modo diferente. Uma vez, disse:

- Primeiro, vamos conversar. Nunca conversamos sobre o assunto. Nunca fizemos uma reflexão.

Odeen, por sua vez, sempre sairia com a dele:

- Não ligue para ela, Tritt. Assim é melhor.

Odeen era sempre paciente. Sempre achava que seria melhor deixar o barco correr. Ou queria meditar no caso.

Tritt não estava certo de saber o que Odeen queria dizer com "meditar no caso". Parecia-lhe que Odeen apenas dava a entender que não fazia coisa alguma.

Como arranjar Dua em primeiro lugar. Odeen ficaria meditando para sempre. Tritt foi direto e reclamou. Assim é que devia ser.

Agora, Odeen nada faria com Dua. Com relação ao bebê-Emocional, que era o que importava. Bem, Tritt ia dar um jeito, já que Odeen não se mexia.

De fato, ele Tritt, fazia alguma coisa. Descia pelo comprido corredor, enquanto tudo aquilo passava por sua mente. Dificilmente percebia que tinha ido tão longe. Seria isso "meditar"? Bem, não ia se deixar assustar. Não recuaria.

Impassivelmente, olhou ao redor. Era o caminho para as cavernas dos Duros. Sabia que, há muito tempo, percorrera aquele caminho com o seu esquerdinha. Também Odeen, uma vez, lhe mostrou o caminho.

Não sabia o que faria, quando se visse ali. Todavia, não sentiu medo. Queria um bebê-Emocional. Era seu direito ter um bebê-Emocional. Nada era mais importante. Os Duros providenciariam para que o tivesse. Não lhes trouxeram Dua, quando ele reclamou?

Mas, a quem ia agora reclamar? A algum Duro? Confuso, não conseguia reproduzir mentalmente a imagem de nenhum Duro. Havia o nome de um por quem perguntaria. Então, falaria a ele sobre toda a estória.

Lembrou-se do nome. Lembrou-se até da ocasião em que primeiro ouviu o nome. Foi quando o esquerdinha já havia crescido o bastante para começar a mudar voluntariamente de formato. (Que grande dia! "Venha, Odeen, depressa! Annis está todo oval e rijo. Tudo por si próprio, também. Dua, veja!" E eles acorreram às carreiras. Annis era, então, o único filho. Tiveram de esperar tanto pelo segundo filho, de modo que vieram correndo e o menino estava apenas grudado no canto. Enroscava-se em si mesmo e se derramava sobre seu berço como argila úmida. Odeen se retirou por se encontrar ocupado. Mas Dua disse: "Oh, Tritt, ele fará isso de novo". Aguardaram durante horas e o menino não fez.)

Tritt ficou magoado porque Odeen não esperou. Ia repreendê-lo, mas ele parecia tão cansado. Havia rugas acentuadas no seu oval. E não se esforçava para alisá-las.

- Algo errado, Odeen? - perguntou Tritt, ansiosamente.

- Foi um dia pesado e não estou certo de resolver as equações diferenciais antes da próxima fusão. (Tritt não recordava exatamente as palavras complicadas. Era algo assim. Odeen sempre usava palavras complicadas.)

- Quer fundir agora?

- Oh, não! Vi Dua, há pouco, indo para cima e sabe como ela fica, quando tentamos interrompê-la. Não há pressa, realmente. Além disso, tem um novo Duro.

- Um novo Duro? - repetiu Tritt, com evidente falta de interesse.

Odeen encontrava agudo interesse no relacionamento com os Duros, porém Tritt gostaria que esse interesse não existisse. Odeen se empenhava mais com o que chamava sua educação do que qualquer outro Racional da área. Achava-se demasiado envolvido na coisa. Dua se preocupava demais em vagabundear sozinha pela superfície. Ninguém estava propriamente interessado na tríade, exceto Tritt.

- Chama-se Estwald - disse Odeen.

- Estwald?

Tritt sentiu uma pontada de interesse. Talvez nele repercutissem, com ansiedade, os sentimentos de Odeen.

- Nunca o vi, mas todos falam nele - os olhos de Odeen se aplainaram, como acontecia habitualmente quando se tornava introspectivo -. É responsável por essa nova coisa que eles conseguiram.

- Que nova coisa?

- A Bomba Positrô. É... Você não compreenderia, Tritt. É uma coisa nova que eles têm. Vai revolucionar o mundo inteiro.

- Que é revolucionar?

- Tornar tudo diferente.

- Não devem tornar tudo diferente - manifestou-se Tritt, imediatamente alarmado.

- Vão fazer tudo melhor. Diferente nem sempre é pior. Em todo caso, Estwald é o responsável. É muito inteligente. Foi o que senti.

- Então, por que não gosta dele?

- Não falei que não gosto dele.

- Você sente como se não gostasse dele.

- Ora, nada disso, Tritt. É só que, de certo modo... de certo modo... - Odeen riu -. Estou enciumado. Os Duros são tão inteligentes que um Suave não é nada em comparação, mas eu me acostumei ao fato porque Losten sempre me dizia o quanto eu era inteligente... para um Suave, suponho. Mas agora veio esse Estwald e até Losten parece perdido de admiração, enquanto eu realmente não sou nada.

Tritt inchou seu plano dianteiro a fim de que fizesse contato com Odeen, que olhou e sorriu, dizendo:

- Mas isso é apenas estupidez de minha parte. Que importância tem a sabedoria de um Duro? Nenhum deles possui um Tritt.

Depois do que ambos saíram à procura de Dua, apesar de tudo. Surpreendentemente ela acabava de zanzar por aí e vinha de volta. Foi uma fusão muito boa, embora só durasse um único dia ou coisa que o valha. Tritt já se preocupava com as fusões. Com Annis tão pequeno, mesmo uma ausência breve era arriscada, conquanto houvesse sempre outros Parentais que podiam tomar conta.

Após essa ocorrência, Odeen mencionou Estwald de vez em quando. Sempre o chamava "o Novo", mesmo depois de transcorrido bastante tempo. Ainda não o tinha visto.

- Creio que o evito - disse uma vez, quando Dua se encontrava com eles - porque sabe tanto a respeito do novo invento. Não quero ficar sabendo cedo demais. É uma coisa excessivamente esquisita para ser aprendida.

- A Bomba Positrônica? - indagou Dua.

Aí estava outra coisa engraçada com relação a Dua. Tritt ficou matutando. Isso o chateava. Ela conseguia pronunciar as palavras tão bem quanto Odeen. Uma Emocional não devia ser daquele jeito.

De maneira que Tritt decidiu reclamar com Estwald, já que Odeen havia dito que ele era um sabichão. Ademais, Odeen nunca o vira. Estwald não poderia dizer:

- Conversei com Odeen sobre o assunto, Tritt, não se preocupe.

Todo mundo pensava que, se falasse com o Racional, falava com a tríade. Ninguém dava atenção aos Parentais. Mas, desta vez, veriam.

Já se achava nas cavernas dos Duros e tudo lhe pareceu diferente. Não havia nada semelhante ao que Tritt pudesse entender. Tudo era mau e assustador. No entanto, sua ansiedade para ver Estwald era tanta, que não se deixou assustar. Disse consigo mesmo:

- Quero minha filhinha-do-meio.

O que lhe deu um sentimento de suficiente firmeza para continuar avançando.

Finalmente, viu um Duro. Só havia esse: fazendo algo; curvando-se sobre algo; fazendo algo. Odeen lhe disse, certa vez, que os Duros sempre trabalhavam com as suas... fosse lá o que fosse. Tritt não se lembrava e não ficou preocupado.

Deu alguns passos silenciosos e parou.

- Senhor Duro.

O Duro olhou para ele e o ar vibrou ao seu redor, da maneira como Odeen contou, quando dois Duros conversavam entre si. A seguir, o Duro pareceu que efetivamente via Tritt e disse:

- Ora essa, é um direita. Que está fazendo por aqui? Não tem o seu esquerdinha consigo? Será hoje o começo de um semestre?

Tritt o ignorava completamente. Falou:

- Onde posso encontrar Estwald, senhor?

- Encontrar quem?

- Estwald.

O Duro se manteve em silêncio, por um longo momento. Afinal, disse:

- Qual o assunto que tem com Estwald, bem, seu direita?

- É importante falar com ele - tornou Tritt, teimosamente -. O senhor é Estwald, senhor Duro?

- Não, não sou... Qual o seu nome, direita?

- Tritt, senhor Duro.

- Percebo. É o direita da tríade de Odeen, não é?

- Sim.

- Receio que não possa ver Estwald, agora - a voz do Duro pareceu abrandar -. Não está aqui. Se algum outro puder ajudá-lo...

Tritt não soube o que dizer. Limitou-se a ficar parado.

- Vá para casa agora - tornou o Duro -. Converse com Odeen. Ele o ajudará. Então? Vá para casa, direita.

O Duro se virou. Parecia muito ocupado com outros assuntos e Tritt continuou ali, incerto. A seguir, encaminhou-se para outra seção silenciosamente, fluindo sem ruído. O Duro não olhou.

Tritt não estava inicialmente certo porque se movimentou naquela direção particular. No começo, sentiu apenas que e bom fazê-lo. Depois, ficou claro. Havia um tênue calor de comida ao seu redor e ele a mordiscava.

Não estivera consciente da fome, porém agora comia e gostava.

O Sol não era visto em parte alguma. Instintivamente olhou para cima, mas, naturalmente, se achava em uma caverna. No entanto, a comida era melhor do que qualquer outra já encontrada na superfície. Espiou em volta, admirado. Admirava-se, mais do que tudo, de que se admirasse.

Às vezes, fora impaciente com Odeen, porque este se admirava com tantas coisas sem importância. Agora, ele próprio - Tritt! - se admirava. Mas o que lhe provocava admiração tinha importância. Repentinamente, viu que tinha importância. Num relâmpago quase ofuscante, percebeu que não se admiraria, a menos que algo dentro dele afirmasse que tinha importância.

Agiu rapidamente, maravilhando-se com a própria bravura. Após um momento, tornou atrás. Passou pelo Duro de novo, aquele ao qual falou antes. Disse-lhe:

- Vou indo para casa, senhor Duro.

O Duro apenas murmurou algo incoerente. Continuava fazendo algo, curvando-se sobre algo, fazendo coisas estúpidas, sem ver o que era importante.

Se os Duros fossem tão grandes, poderosos e sabidos, pensou Tritt, como podiam ser tão estúpidos?

*****

Dua se viu a caminho das cavernas dos Duros. Em parte, porque constituía algo com que se ocupar, agora que o Sol sumira, algo que lhe evitasse de regressar ao lar por mais algum tempo, algo que retardasse a necessidade de ouvir as importunações de Tritt e as sugestões meio constrangidas, meio resignadas de Odeen. Em parte, também, era a atração que os próprios Duros exerciam sobre ela.

Sentiu essa atração durante longo tempo, desde a época em que era pequena, desistindo de pretender que fosse diferente. Não se supunha que as Emocionais sentissem semelhantes atrações. Por vezes, as pequenas Emocionais a sentiam. - Dua já possuía bastante idade e experiência para sabê-lo -, mas isto se extinguia depressa ou elas eram rapidamente desestimuladas, caso a atração não desaparecesse com suficiente rapidez.

Quando ela própria era criança, contudo, continuou obstinadamente curiosa acerca do mundo, do Sol, das cavernas e de tudo mais, até que seu Parental lhe disse:

- Você é esquisita, Dua querida. É uma meinha engraçada. Que vai ser de você?

Não tinha a noção mais vaga, no começo, de porque seria tão esquisito e engraçado querer saber. Constatou, bem depressa, que seu Parental não era capaz de responder às suas perguntas. Tentou, uma vez, com o seu pai-da-esquerda, mas este não manifestou nada da suave perplexidade do seu Parental.

- Por que pergunta, Dua? - retrucara ele bruscamente e seu olhar parecia asperamente inquisitorial.

Ela caiu fora, assustada, e não tornou a lhe dirigir perguntas.

Mas, depois, certo dia, outra Emocional gritou para ela, com a voz esganiçada. "Esquerda-Em", depois que ela tinha dito algo - nem mais se lembrava -, que lhe pareceu natural naquela época. Dua ficou desconcertada, sem saber porquê, e perguntou ao seu irmão-da-esquerda, consideravelmente mais velho, o que era Esquerda-Em.

Ele recuou, embaraçado - claramente embaraçado - murmurando "Não sei", quando era evidente que sabia.

Após alguma reflexão, dirigiu-se ao seu Parental e perguntou:

- Sou uma Esquerda-hein, papai?

- Quem a chamou assim, Dua? Não deve repetir uma palavra como essa - respondeu o Parental.

Ela flutuou junto ao seu canto próximo, refletiu um pouco e tornou:

- É coisa feia?

- Você perderá esse costume - disse o Parental e inchou um pouco, a ponto de fazê-la pular para trás, numa brincadeira de que sempre gostou.

Na ocasião, não gostou tanto assim, porque ficou de todo claro que ele, realmente, não lhe respondera. Ela se retirou, pensativamente. "Você perderá esse costume" - dissera ele, então ela o tinha ainda, mas o que seria?

Já então, possuía poucas amigas de verdade entre as Emocionais. Gostavam de bisbilhotar e dar risadinhas, mas ela preferia fluir sobre as rochas

esfareladas e gozar a sensação de sua aspereza. Havia, entretanto, algumas meinhas que eram mais amistosas e que achava menos provocantes. Havia Floral, que era tão idiota como as demais, de fato, porém que, às vezes, tinha um papo divertido. (Floral crescera e formara uma tríade Com o irmão-da-direita de Dua e um jovem esquerda de outro complexo de cavernas, um esquerda que Dua particularmente não apreciava, Floral logo iniciou um bebê-esquerda, um bebê-direita, em rápida sucessão, e um bebê-do-meio, não muito depois. Tornara-se tão densa que a tríade parecia contar com dois Parentais e Dua duvidava que ela ainda pudesse fundir... Tritt, no entanto, sempre aludia, intencionalmente, à boa tríade que Floral ajudara a constituir.) Certo dia, ela e Floral se sentaram a sós e Dua sussurrou:

- Floral, sabe o que é uma Esquerda-Em?

Floral riu nervosamente e se comprimiu, como se não quisesse ser vista, e respondeu:

- É uma Emocional que age como Racional, sabe, como um esquerda. Entenda! Esquerda-Emocional - Esquerda-Em! Entenda!

É evidente que Dua "manjou" o significado. Ficou evidente, uma vez explicado. Compreenderia imediatamente por si própria, se fosse capaz de chegar a imaginar semelhante estado de coisas.

- Como sabe? - tornara Dua.

- As garotas mais velhas me contaram - a substância de Floral rodopiou e Dua achou o movimento desagradável -. É coisa suja.

- Por quê?

- Por que é suja. As Emocionais não devem se comportar como Racionais.

Dua nunca pensou na possibilidade, mas agora o fazia. Voltou a indagar:

- Por que não devem?

- Ora, porque! Quer saber uma outra coisa que é suja?

Dua não podia deixar de se sentir intrigada.

- O quê?

Floral não disse nada, mas uma porção do seu corpo se expandiu subitamente e roçou na ingênua Dua, antes que pudesse se encolher. Dua não gostou. Contraiu-se e disse:

- Não faça isso.

- Sabe o que mais é sujo? Você penetrar numa rocha.

- Não, não diga isso.

Era bobagem dizer uma coisa dessas, uma vez que Dua com frequência se infiltrava através da superfície externa da rocha e gostava. Mas, naquele momento, no contexto da troça de Floral, sentiu-se revoltada e negou tudo, mesmo a si própria.

- Sim, você faz. Chama-se esfregamento-na-rocha. As Emocionais podem fazê-lo facilmente. Direitas e esquerdas só conseguem fazê-lo quando bebês. Quando crescem, esfregam-se um no outro.

- Não acredito em você. Está inventando coisas.

- Eles se esfregam, estou-lhe dizendo. Conhece Flimit?

- Não.

- Claro que conhece. É a garota com o canto grosso, da Caverna.

- Uma que flui engraçado?

- Sim. Por causa do canto grosso. Essa mesma. Uma vez, ela entrou inteiramente numa rocha, menos pelo canto grosso. Deixou que o seu irmão-da-esquerda espiasse o que fazia e ele contou ao Parental deles. Nem imagina o que arranjou. Nunca mais fez uma coisa dessas.

Dua foi então embora, muito inquieta. Durante longo tempo, não tornou a conversar com Floral, com quem, na verdade, nunca mais reatou a antiga amizade, mas sua curiosidade fora despertada.

Sua curiosidade? Por que não dizer seu emocionalismo esquerdizante?

Num dia em que estava completamente segura de que seu Parental não se achava por perto, deixou-se fundir por dentro de uma rocha, lentamente, só um pouquinho. Era a primeira vez que o tentava desde sua meninice, mas não pensou que jamais ousasse entrar tão a fundo. Foi uma sensação cálida, porém, ao emergir, sentiu como se todo mundo reparasse nela, como se a rocha tivesse deixado uma mancha no seu corpo.

Tentou-o de novo, vez por outra, mais atrevidamente, gozando mais ainda. Nunca mergulhou de modo verdadeiramente profundo, é claro.

Foi, afinal, surpreendida pelo seu Parental, que saiu soltando gritinhos de desagrado, e ela passou a tomar mais cuidado. Já era mais velha e tinha como certo, apesar da mofa de Floral, que não se tratava, em absoluto, de um ato incomum. Praticamente, toda Emocional o realizava, numa ocasião ou outra, e algumas o admitiam com toda franqueza.

Acontecia com menos frequência quando ficavam mais velhas e Dua nunca soube de uma Emocional, sua conhecida, que o fizesse, depois de se juntar numa tríade e de começar as fusões propriamente ditas. Era um dos segredos que guardava (nunca falou a ninguém), o de que, uma ou duas vezes, tentou o ato, já depois da formação da tríade. (Nessas poucas vezes, pensou: e se Tritt descobrir?... De certa maneira, a coisa parecia apresentar consequências formidáveis, o que excessivamente estragava o prazer.)

Confusamente, encontrou desculpas - para si própria - na penosa experiência, que tinha com os outros. O grito "Esquerda-Em" passou a persegui-la por toda parte, numa espécie de humilhação pública. Houve um período em sua vida, quando se refugiou num isolamento quase de eremita.

Se começasse a gostar da solidão, a coisa se confirmava. Mas, a sós, encontrava consolo nas rochas. O esfregamento na rocha fosse sujo ou não, era um ato solitário, mas eles a forçavam a ser solitária.

Pelo menos, era o que dizia a si mesma. Certa vez, tentou revidar.

- Vocês são um bando de direita-Ems - gritou às zombeteiras meinhas -, um bando de sujas direita-Ems!

Elas apenas riram e Dua saiu correndo, confusa e frustrada. Elas eram. Quase toda Emocional, ao chegar à idade de formação da tríade, passava a se interessar pelos bebês, adejando ao redor deles, numa imitação dos Parentais, que Dua achava repulsiva. Ela própria nunca sentiu semelhante interesse. Os bebês eram apenas bebês. Cabia aos irmãos da direita se ocupar com eles.

O insulto esmoreceu à medida que Dua crescia. Aconteceu que ela conservou uma estrutura rarefeita de menina e podia fluir, numa espiral esfumaçada, que ninguém conseguia reproduzir. E assim que, crescentemente,

esquerdas e direitas mostravam interesse nela, as outras Emocionais acharam difícil escarnecer.

E contudo - contudo -, agora que ninguém sequer ousava falar desrespeitosamente a Dua (porque se sabia muito bem, em todas as cavernas, que Odeen era o mais eminente Racional da geração e Dua era sua meinha), ela mesma não se enganava de que fosse uma Esquerda-Em impenitente.

Não julgava que fosse coisa suja - na verdade, não -, mas, ocasionalmente, se surpreendia desejando ser um Racional e, então, se sentia consternada. Duvidava que outras Emocionais o quisessem... nunca... ou apenas alguma vez... e se esta era a razão por que ela não queria um bebê-Emocional, porque não era uma verdadeira Emocional. . . e não cumpria corretamente seu papel na tríade.

Odeen não achava que ela fosse uma Esquerda-Em. Nunca a chamou assim. Mas apreciava seu interesse na vida... gostava de suas perguntas, explicava e gostava da maneira como ela era capaz de entender. Até a defendia, quando Tritt ficava ciumento - bem, ciumento realmente não -, mas cheio de um sentimento, que não encaixava na sua visão obtusa e limitada do mundo.

Odeen a levou, ocasionalmente, às cavernas dos Duros, ansioso para posar diante dela, francamente lisonjeado pelo fato de que Dua se impressionasse. E ela se impressionava, não tanto com o fato óbvio do saber e da inteligência dele, porém com o fato de que Odeen não se furtasse a compartilhá-lo. (Lembrou a resposta ríspida do seu pai-da-esquerda quando lhe dirigiu uma pergunta.) Nunca amou Odeen tanto como quando ele lhe permitia compartilhar de sua vida... e, no entanto, mesmo isso fazia parte do seu emocionalismo esquerdizante.

Talvez (o que lhe ocorria mais e mais), por ser uma Esquerda-Emocíonal se aproximava crescentemente de Odeen, enquanto se afastava de Tritt, outra razão pela qual as impertinências de Tritt a desgostavam. Odeen nunca suspeitou disso, mas talvez Tritt o percebesse vagamente e fosse incapaz de apreender de modo completo, mas o suficiente para se sentir infeliz, sem conseguir explicar porque.

Na primeira vez em que esteve numa caverna de Duros, ouviu dois deles conversando. Naturalmente, não sabia que conversavam. Havia uma vibração do ar, muito rápida, muito mutável, que provocava desagradável zumbido bem no fundo dela. Teve de se rarefazer para deixar passar.

- Estão conversando - disse Odeen e, logo, ás pressas, antecipando-se à objeção -. É a maneira deles de falar. Entendem um ao outro.

Dua se esforçou a fim de apreender o conceito. Era cada vez mais delicioso compreender depressa, porque isso tanto agradava a Odeen! (Certa vez, ele havia dito: "Nenhum dos outros Racionais, que já conheci, tem uma companheira Emocional que não seja cabeça-de-vento. Tive sorte”. Ao que ela replicou: "Mas os outros Racionais parecem gostar de cabeças-de-vento. Por que você é diferente, Odeen?" Odeen não negava que os outros Racionais gostassem de cabeças-de-vento. Limitou-se a responder: "Nunca refleti no assunto e não creio que seja importante. Estou contente com você e me contento com estar contente.")

Dua perguntou:

- Pode você entender a fala de um Duro?

- De verdade, não - respondeu Odeen -. Posso sentir as variações com bastante rapidez. Às vezes, chego a sentir o que estão dizendo, mesmo sem

compreender, especialmente depois de fundirmos. Só às vezes, porém. Ter sensações como essas é realmente bossa de Emocional, exceto que, mesmo quando as tem, uma Emocional não é capaz de definir o que está sentindo. Mas Você é capaz, Dua.

- Eu teria medo - objetou Dua -. Eles podem não gostar.

- Ora, vamos lá. Estou curioso. Veja se pode dizer o que estão conversando.

- Será? Realmente?

- Vá em frente. Se pegarem você e se chatearem, digo que fui eu quem mandei.

- Promete?

- Prometo.

Sentindo-se bastante excitada, Dua se avizinhou dos Duros e adotou uma atitude de passividade total, que permitia o influxo de sentimentos. Excitação! - exclamou -. Estão excitados. Alguém novo.

- Talvez seja Estwald - acrescentou Odeen.

Era a primeira vez que Dua ouvia o nome. Disse:

- É engraçado.

- Que é engraçado?

- Tenho a sensação de um sol grande. Um sol realmente grande.

- Talvez estejam falando a respeito - interveio Odeen, pensativamente.

- Mas, como é que pode?

Foi exatamente nesse momento que o Duro os percebeu. Aproximaram-se com atitude amistosa e os saudaram na fala dos Suaves, Dua ficou num constrangimento horroroso e se perguntou se eles sabiam que ela os esteve sentindo. Entretanto, se sabiam, nada disseram.

(Odeen, mais tarde, lhe contou que era raríssimo chegar em cima dos Duros, quando conversavam entre si à sua própria maneira. Sempre davam atenção aos Suaves e pareciam suspender o trabalho deles, na presença dos Suaves. "Eles gostam muito de nós - disse Odeen -. São muito bondosos.")

Pouco depois, ele a levaria de novo à caverna dos Duros, habitualmente quando Tritt estivesse ocupado com os filhos. Nem Odeen se daria ao cuidado de dizer a Tritt que havia levado Dua. Seria certo provocar alguma resposta no sentido de que o chamego de Odeen simplesmente estimulava a relutância de Dua a se expor ao Sol e só resultava em tornar a fusão muito mais ineficaz... Era difícil conversar com Tritt mais do que cinco minutos, sem que a fusão viesse à baila.

Ela chegou mesmo a descer às cavernas sozinha, uma ou duas vezes. Sempre ficou um pouco assustada quando o fazia, embora os Duros, com os quais se encontrava, fossem constantemente amistosos, sempre "muito bondosos", como dizia Odeen. Porém não pareciam levá-la a sério. Mostravam-se contentes, mas um tanto divertidos - podia senti-lo definidamente -, quando lhes dirigia perguntas. Se respondiam, era de um modo simples, que não implicava informação.

- Apenas uma máquina, Dua - diriam -. Odeen talvez seja capaz de lhe explicar.

Duvidava que tivesse encontrado Estwald. Nunca se atreveu a perguntar pelos nomes dos Duros com os quais se encontrava (exceto Losten, a quem

Odeen a apresentou e a cujo respeito ouviu muita coisa). Às vezes, parecia-lhe que Estwald era este Duro ou que podia ser. Odeen se referia a ele com grande temor e algum ressentimento.

Veio a saber que ele se achava por demais ocupado com um trabalho da mais grave importância para estar à disposição dos Suaves nas cavernas.

Dua foi juntando o que Odeen lhe contava e, pouco a pouco, descobriu que o mundo estava tremendamente carente de alimento. Odeen raramente falava de "alimento". Falava, em vez disso, em "energia", afirmando ser esta a palavra empregada pelos Duros.

O Sol se apagava e morria, mas Estwald descobriu como achar energia num lugar muito distante, muito além do Sol, muito além das sete estrelas que brilhavam no escuro céu noturno. (Odeen dissera que as sete estrelas eram sete sóis muito afastados e que havia numerosas estrelas ainda mais longínquas, muito turvas para serem vistas. Tritt ouviu a conversa e indagou de que adiantava essas estrelas existirem se não podiam ser vistas, declarando que não acreditava em nada disso. Ao que Odeen comentou, num jeito paciente: "Vá lá, Tritt." Dua quase ia dizendo algo parecido com as palavras de Tritt, porém mudou de idéia em seguida.) dava a impressão de que, agora, ia haver abundância de energia para sempre. Abundância de alimento... ao menos, tão logo Estwald e os outros Duros aprendessem a dar um gosto bom à nova energia.

Fazia apenas poucos dias que dissera a Odeen:

- Lembra-Se, há muito tempo atrás, quando me levou às cavernas dos Duros e eu senti os Duros e disse que adquiri a percepção de um grande sol?

Odeen, durante um instante, pareceu perplexo.

- Não tenho certeza. Mas, continue, Dua. Que é que há?

- Estive pensando. É o Sol grande a fonte da nova energia?

- Ótimo, Dua! - exclamou Odeen, muito feliz -. Não é inteiramente correto, mas é uma intuição excelente para uma Emocional.

Enquanto se entregava a devaneios, Dua se movimentou lenta e soturnamente. Sem notar, em particular, a passagem do tempo ou do espaço, viu-se nas cavernas dos Duros e já principiava a se preocupar se não tinha demorado mais do que seria seguro e se não podia agora voltar para casa e enfrentar o aborrecimento inevitável de Tritt, quando - quase como se o pensamento de Tritt o trouxesse por perto - sentiu Tritt.

A sensação foi tão forte que, apenas por um momento confuso, julgou que captava os sentimentos dele bem longe, na caverna doméstica. Não! Ele estava aí, perto dela, nas cavernas dos Duros.

Mas, o que podia fazer aí? Persegui-la? Ia querelar com ela ai? Ia totalmente apelar aos Duros? Dua achou que não conseguiria suportar uma coisa dessas.

O sentimento de frio horror abandonou-a, então, e foi substituído pelo espanto. Tritt não pensava nela, em absoluto. Devia estar inconsciente da presença dela. Tudo que conseguia sentir dele era um sentimento esmagador de certo tipo de determinação misturado ao medo e apreensão a respeito de algo que ele fizesse.

Dua poderia penetrar mais longe e descobrir alguma coisa, pelo menos, com relação ao que ele fizera, e porquê, porém nada estava mais distante do seu pensamento. Uma vez que Tritt não sabia que ela se encontrava nas

proximidades, queria se assegurar de apenas uma coisa - de que ele a continuasse ignorando.

Então, quase por puro reflexo, Dua fez algo que, um momento antes, juraria nunca ter sonhado fazer, em nenhuma circunstância.

Talvez (pensou mais tarde) fosse por causa de suas ociosas reminiscências daquele bate-papo com Floral ou das lembranças de suas próprias experiências de esfregamento-na-rocha. (Existia, para o ato, uma palavra adulta complicada, mas considerou essa palavra infinitamente mais embaraçosa do que a usada por todos os meninos.)

Em todo caso, inteiramente sem saber o que fazia ou, pouco depois, o que tinha feito, simplesmente fluiu às pressas para dentro do muro mais próximo.

Para dentro! Até a última parcela do seu corpo!

O horror do ato foi mitigado pela maneira perfeita da realização do seu intento. Tritt passou quase roçando e permaneceu completamente despercebido de que, ali, podia tocar na sua meinha.

Enquanto isso, Dua não tinha jeito de se preocupar com o que Tritt podia estar fazendo nas cavernas dos Duros, se não que a viera perseguindo.

Esqueceu Tritt por completo.

Em vez disso, o que a enchia era o puro assombro com a sua posição. Mesmo na infância, nunca se fundira inteiramente por dentro da rocha, nem encontrara outra que admitisse algo semelhante (embora houvesse invariavelmente mexericos sobre certa outra que o fizera). Sem dúvida, nenhuma Emocional adulta jamais o fizera ou poderia sequer fazê-lo. Dua era incomumente rarefeita para uma Emocional (Odeen se orgulhava de dizer-lhe isso) e sua inapetência lhe acentuou a rarefação (como Tritt costumava dizer).

O que acabava de fazer indicava o grau de sua rarefação do que qualquer recriminação do seu direitinha e, por um instante, ela se envergonhou e sentiu pesar na intenção de Tritt. Viu-se dominada logo por uma vergonha ainda mais profunda. Que tal se fosse surpreendida? Ela, uma adulta...

Se um Duro passasse por ali e se demorasse... Não poderia certamente emergir se alguém estivesse espiando, porém durante quanto tempo conseguiria permanecer dentro do muro e que aconteceria se a descobrissem dentro da rocha?

Enquanto tais pensamentos a fustigavam, sentiu os Duros e, de algum modo, percebeu que eles se achavam muito longe.

Fez uma pausa, esforçando-se para se acalmar. A rocha, que a permeava e circundava, emprestava uma espécie de cor cinzenta à sua percepção, porém não a obscurecia. Pelo contrário, percebia mais nitidamente. Ainda podia sentir Tritt no seu movimento firme para baixo, tão nitidamente como se estivesse ao seu lado, e podia sentir os Duros, embora se encontrassem num distante complexo de cavernas. Viu os Duros, cada um deles, cada um no seu lugar, podendo perceber sua fala vibratória em todos os detalhes e até captar trechos do que diziam.

Sentia como nunca antes e como nunca sonhou que fosse capaz.

Daí porque, conquanto pudesse sair da rocha, com o conhecimento seguro de que se achava sozinha e inobservada, não o fez. Em parte, por estupefação e, por outro lado, pela curiosa exultação de compreender e pelo desejo de prosseguir a experiência.

Sua sensibilidade era tal que até sabia por que estava tão sensível. Odeen notara freqüentemente o quanto ele entendia algo após um período de fusão, mesmo se antes não houvesse entendido nada. Existia algo no estado de fusão que aumentava incrivelmente a sensibilidade: mais era absorvido, mais era usado. Por causa da maior densidade atômica durante a fusão, explicara Odeen.

Embora Dua não estivesse certa do que significava "maior densidade atômica", a sensibilidade vinha com a fusão e não seria a situação presente bastante assemelhada a uma fusão? Não havia Dua se fundido com a rocha?

Quando a tríade fundia, toda a sensibilidade beneficiava Odeen. O Racional a absorvia, ganhava compreensão e conservava tal compreensão após a separação. Mas, agora, Dua constituía a única consciência presente ao ato. Era ela e a rocha. Havia "maior densidade atômica" (não havia?), com apenas ela para ser beneficiada.

(Seria por isso que o esfregamento-na-rocha se considerava uma perversão? Por isso é que advertiam as Emocionais? Ou se daria somente com Dua por ser tão rarefeita? Ou por ser uma Esquerda-Em?)

Dua paralisou toda especulação e se limitou a sentir fascinada. Só mecanicamente percebia o regresso de Tritt, passando por ela, na direção de volta. Só mecanicamente percebeu - mal sentindo a mais vaga surpresa - que também Odeen vinha de regresso das cavernas dos Duros. Era exclusivamente os Duros que sentia, unicamente eles, tentando decifrar o máximo de suas percepções.

Demorou muito tempo até que se destacou e fluiu para fora da rocha. Quando o fez, não se preocupou em muito que fosse observada. Confiava bastante na sua capacidade sensorial para saber que não o seria.

Tornou à casa numa profunda meditação.

Odeen retornou à casa e encontrou Tritt o aguardando, porém Dua ainda não havia voltado. O que não parecia deixar Tritt perturbado. Ou, no mínimo, parecia perturbado, porém não por isso. Suas emoções eram bastante fortes para que Odeen as sentisse claramente, mas ele as deixou passar, sem as provar. Era a ausência de Dua que inquietava Odeen. Em tal medida, que se sentiu enfadado com a presença de Tritt, simplesmente porque Tritt não era Dua.

O fato o surpreendeu. Não podia negar a si mesmo que, entre os dois, Tritt lhe era mais caro. Idealmente, todos os membros da tríade faziam um e qualquer membro dela deveria tratar os outros dois exatamente como um par, tanto com relação a cada outro como consigo mesmo. Odeen, todavia, nunca viu uma tríade em que a coisa fosse assim e, menos que todas, naquelas que proclamavam, de modo altissonante, que sua tríade seria ideal desse ponto de vista. Um dos três membros da tríade ficava sempre um pouco marginalizado e, em geral, também o sabia.

Raramente, porém, a Emocional. Sustentavam umas às outras numa medida nunca alcançada pelos Racionais ou Parentais. O Racional tinha seu professor, dizia o provérbio, e o Parental seus filhos - mas a Emocional tinha todas as outras Emocionais.

As Emocionais comparavam observações e, se uma se queixava de negligência ou estava propensa a se queixar, era mandada de volta com uma chuvarada de instruções para agüentar firme e não reclamar! Uma vez que a fusão dependia tanto da Emocional e de sua atitude, ela era habitualmente mimada tanto pelo esquerda, como pelo direita.

Mas Dua era uma Emocional tão não-Emocional! Não se importava que Odeen e Tritt fossem tão íntimos entre si e não possuía amigas íntimas entre as Emocionais, que a advertissem. Certamente, por ser uma Emocional um bocado não-Emocional.

Odeen se deleitava em vê-la tão interessada no trabalho dele, amava-a por ser tão séria e espantosamente capaz de compreensão, porém se tratava de um amor intelectual. O sentimento mais profundo se dirigia ao insosso e estúpido Tritt, que conhecia seu lugar tão corretamente e que pouco podia oferecer mais do que exatamente o que contava: a segurança de uma rotina invariável.

Mas, agora, Odeen tomou o atrevimento de perguntar:

- Sabe onde está Dua, Tritt?

Sem responder de modo direto, Tritt se manifestou:

- Estou ocupado. Depois, falo com você. Estive fazendo umas coisas.

- Onde estão as crianças? Você também saiu? Há em você uma sensação de quem esteve fora.

Um traço de irritação se evidenciou na voz de Tritt:

- As crianças são bem treinadas. Sabem o bastante para agir de acordo com o interesse da comunidade. Na verdade, Odeen, não são mais bebês.

Não negou, contudo, a emanação de "saída" que debilmente transpirava.

- Desculpe. É que estou ansioso para ver Dua.

- Devia senti-lo com mais frequência. Sempre me diz para a deixar sozinha. Vá atrás dela.

E se meteu pelos recessos mais profundos da caverna doméstica.

Odeen espiou seu direitinha com alguma surpresa. Em outra ocasião, seria quase certo que faria uma tentativa de devassar o mal-estar incomum que se tornava muito evidente através da entranhada obtusidade de um Parental. Que é que Tritt havia feito?

Mas estava à espera de Dua, cada vez mais ansioso, e deixou que Tritt fosse embora.

A ansiedade aguçava a sensibilidade de Odeen. Havia um orgulho quase perverso entre os Racionais quanto à sua relativa pobreza de percepção. Percepção não era coisa da mente. Era mais característica de Emocionais. Odeen era o mais Racional dos Racionais, orgulhoso da razão antes que do sentimento, mas, naquele momento, estendeu a rede imperfeita de sua percepção emocional tão longe quanto era capaz e desejou, apenas por um instante, que fosse uma Emocional, de modo que pudesse estendê-la mais longe e melhor.

Apesar de tudo, afinal serviu ao seu propósito. Pôde detectar a aproximação de Dua a uma distância incomum - para ele - e se apressou em ir ao encontro dela. Por distingui-la a semelhante distância, ficou mais consciente de sua rarefação do que de ordinário. Ela era uma névoa delicada, não mais. Tritt tem razão, pensou Odeen com uma inquietação repentina e aguda. Dua precisa ser obrigada a comer e fundir. Seu interesse na vida precisa ser aumentado.

Achava-se absorto no pensamento dessa necessidade, quando ela se arremessou, fluindo em direção a ele, e virtualmente o engolfou, com desprezo total pelo fato de que não estavam a sós e podiam ser observados.

- Odeen - exclamou Dua -, preciso saber... preciso saber tanto.

Odeen recebeu essa exclamação como complemento de seu próprio pensamento e sequer estranhou.

Com cuidado, esquivou-se, tentando adotar uma posição de união mais decorosa, sem dar a impressão de que a repelia.

- Venha - disse -, estive esperando por você. Diga-me o que deseja saber. Explicarei, se puder.

Movimentavam-se, agora, rapidamente para casa, com Odeen se adaptando impacientemente ao rebolado característico do fluxo de uma Emocional.

- Fale-me sobre o outro Universo - pediu Dua -. Por que são tão diferentes? De que maneira são diferentes? Quero saber.

Não ocorreu a Dua que estava pedindo demais. Ocorreu a Odeen. Sentiu-se rico de espantosa quantidade de conhecimento e esteve a ponto de indagar: como ficou sabendo tanto sobre o outro Universo para sentir essa curiosidade?

Reprimiu a indagação. Dua viera da direção das cavernas dos Duros. Talvez Losten lhe tivesse falado, suspeitando que, apesar de tudo, Odeen seria demasiado vaidoso de seu status para socorrer sua querida-do-meio.

Não tanto, refletiu Odeen gravemente. Não iria investigar. Apenas explicaria.

Tritt ficou alvoroçado, quando regressaram para casa, ralhando:

- Se vocês dois vão conversar, entrem na câmara de Dua. Estou ocupado por aqui. Devo zelar que as crianças estejam limpas e exercitadas. Não tenho tempo agora para fusão. Nada de fusão.

Nem Odeen, nem Dua pensavam em fusão, porém nenhum deles pensou em desobedecer a ordem. O lar do Parental era seu castelo. O Racional dispunha, abaixo, das cavernas dos Duros e a Emocional tinha seus lugares de encontro, acima. O Parental só possuía seu lar.

Dai que Odeen dissesse:

- Sim, Tritt. Não vamos atrapalhar você.

E Dua se expandiu um pouco, adoravelmente, acrescentando:

- Prazer em vê-lo, querido direitinha.

(Odeen se perguntou se o gesto dela seria devido, em parte, ao fato de que não haveria pressão para fundir. Tritt tendia a se exceder na coisa, mais do que os outros Parentais, em geral.)

Na sua câmara, Dua contemplou seu local particular de fazer refeições. Ordinariamente, ignorava-o.

Fora idéia de Odeen. Sabia que locais semelhantes existiam, conforme explicou a Tritt, e, se Dua não gostava de enxamear com as outras Emocionais, era perfeitamente possível conduzir a energia solar caverna adentro, de modo que Dua pudesse se alimentar aí.

Tritt ficara horrorizado. Nada disso. Os outros ririam. A tríade se veria desonrada. Por que é que Dua não se comportava como as outras?

- Sim ,Tritt - dissera Odeen -, mas, se ela não se comporta como as outras, por que não acomodá-la? Será coisa tão terrível? Ela comerá em casa, ganhará

substância, nos tornará mais felizes, será ela mesma mais feliz e talvez, no final, aprenda a enxamear.

Tritt consentiu, até Dua consentiu - depois de alguma discussão -, porém insistiu que fosse um projeto simples. De modo que não havia mais do que duas hélices, que serviam de elétrodos, potencializados pela energia solar, com espaço no meio para Dua.

Dua raramente usava o dispositivo, mas, desta vez, contemplou-o e disse:

- Tritt fez um arranjo decorativo... A menos que fosse você, Odeen.

- Eu? Claro que não.

Um modelo de coloridos desenhos de argila se encontrava na base de cada elétrodo.

- Supondo - tornou ela - que seja sua maneira de expressar o desejo dele de que eu use o aparelho e acontece que estou com fome. Além do mais, se me puser a comer, Tritt nem pensará em nos interromper, não acha?

- Não - disse Odeen, gravemente -. Tritt paralisaria o mundo se julgasse que seu movimento pudesse perturbá-la enquanto come.

- Hein... estou com fome.

Odeen captou um traço de sentimento de culpa em Dua. Culpa com relação a Tritt? Por estar com fome? Por que Dua deveria sentir culpa por estar com fome? Ou teria feito algo que consumiu energia e estava sentindo...

Afastou a idéia da mente, com impaciência. Havia ocasiões em que um Racional podia ser demasiado Racional e investigar os traços de todo pensamento, em detrimento do que era importante. Justamente agora, o importante era conversar com Dua.

Ela se sentou entre os elétrodos e, ao se comprimir, sua pequena estatura ficou dolorosamente evidente. Odeen também sentia fome. Podia dizê-lo porque os elétrodos pareciam mais brilhantes do que de hábito, até podia provar o gosto da comida àquela distância e verificar que seu sabor era delicioso. Quando se tinha fome, o gosto da comida era sentido mais agudamente e a uma distância maior... Mas, comeria mais tarde.

- Não fique aí calado, querido esquerda - disse Dua -. Fale. Quero saber.

Adotara (inconscientemente?) a característica oval de um Racional, como para tornar mais claro que desejava ser aceita na condição de um deles.

- Não posso explicar tudo - começou Odeen -. Quero dizer, toda a questão científica, porque você não teve formação para isso. Tentarei simplificar e, portanto, limite-se a escutar. Em seguida, me diga o que não entendeu e eu tentarei explicar de novo. Compreenda, em primeiro lugar, que tudo é constituído de minúsculas partículas chamadas átomos, sendo estas constituídas de partículas subatômicas ainda menores.

- Sim, sim - interrompeu Dua -. É por isso que podemos fundir.

- Exato. Porque, na realidade, somos, na maior parte, espaço vazio. Todas as partículas ficam bem apartadas e suas partículas, as minhas e as de Tritt podem se fundir umas com as outras porque cada conjunto se ajusta nos espaços vazios ao redor do outro conjunto. A razão pela qual a matéria não se dispersa inteiramente é que as minúsculas partículas conseguem ficar agarradas através do espaço, que as separa. Existem forças de atração, que as mantem juntas, a mais poderosa das quais chamamos de força nuclear. Esta mantém as principais

partículas subatômicas muito apertadas em feixes, que ficam amplamente espalhados e que são agregados por forças mais débeis. Está entendendo?

- Só um pouquinho.

- Bem, deixe pra lá, podemos depois voltar ao assunto... A matéria pode existir em diferentes estados. Pode ser especialmente dispersa, como nas Emocionais, como em você, Dua. Pode ser um pouco menos dispersa, como nos Racionais e nos Parentais. Ou ainda menos, como na rocha. Pode ser muito comprimida e espessa, como nos Duros. Por isso é que são duros. Estão cheios de partículas.

- Quer dizer que não existe neles espaço vazio?

- Não, não é exatamente o que quero dizer - tornou Odeen, perplexo com o problema de tornar sua explicação mais clara -. Eles ainda possuem um bocado de espaço vazio, porém não tanto quanto nós. As partículas necessitam de certa quantidade de espaço vazio e, se não a tiverem, então outras partículas não conseguirão se espremer no meio delas. Se forçar a introdução de outras partículas, haverá dor. Por isso é que os Duros não gostam de ser tocados por nós. Nós, os Suaves, dispomos de mais espaço vazio do que o realmente necessário, de modo que outras partículas podem se ajustar ali dentro.

Dua ficou com certa dúvida, mas Odeen se apressou em prosseguir.

- No outro Universo, as regras são diferentes. A força nuclear não é tão poderosa como no nosso. Isto significa que as partículas necessitam de mais espaço.

- Por quê?

Odeen sacudiu a cabeça.

- Por que... porque... as partículas se espalham mais sob a forma de ondas. Não posso explicar melhor. Com uma força nuclear mais fraca, as partículas necessitam de mais espaço e dois pedaços de matéria não podem se fundir tão facilmente como no nosso Universo.

- Podemos ver os outros Universos?

- Ah, não! Impossível. Podemos deduzir sua natureza a partir de suas leis básicas. No entanto, os Duros conseguem fazer numerosas coisas. Podemos enviar material até lá e receber material deles. Podemos estudar o material deles, já viu? E podemos montar a Bomba Positrônica. Sabe o que é, hein?

- Bem, já me contou que obtemos energia dela. Não sabia que outro Universo estava implicado... Como é o outro Universo? Tem estrelas e mundos como nós?

- Excelente pergunta, Dua - afirmou Odeen, mais contente do que de costume com o seu papel de professor, já que recebera estímulo oficial para falar. (Antes, sempre sentiu haver uma espécie de perversão insidiosa na tentativa de dar explicações a uma Emocional.)

- Não podemos ver o outro Universo - continuou -, mas podemos calcular, com base em suas leis, o jeito como deve ser. Veja, o que faz que as estrelas brilhein é a combinação gradual de combinações simples de partículas em outras mais complicadas. Chamamos isso de fusão nuclear.

- Têm essa coisa no outro Universo?

- Sim, porém, como a força nuclear é mais fraca, a fusão é mais lenta. Isto significa que as estrelas precisam ser muitíssimo maiores no outro Universo, de outra forma não haveria fusão suficiente para fazê-las brilhar. As estrelas do outro

Universo, que forem menores do que o nosso Sol, serão frias e mortas. Por outro lado, se as estrelas em nosso Universo fossem maiores do que são, a quantidade de fusão seria tão grande que elas explodiriam. Isto quer dizer que, no nosso Universo, deve haver estrelas pequenas em número mil vezes superior ao das estrelas grandes no outro Universo...

- Só temos sete... - começou Dua, acrescentando logo depois -. Esqueci.

Odeen sorriu com indulgência. Era tão fácil esquecer as incontáveis estrelas, que não podiam ser vistas, exceto por meio de instrumentos especiais.

- Não há de ser nada. Não está chateada com o meu falatório, hein?

- Claro que não! - protestou Dua -. Estou adorando. Até dá um gosto tão bom à comida!

E ela se rebolava entre os elétrodos com uma espécie de tremor lascivo.

Odeen, que nunca antes ouvira Dua dizer fosse o que fosse sobre comida, se sentiu grandemente alentado. Retomou a palavra:

- É claro, nosso Universo não dura tanto quanto o deles. A fusão se processa com tamanha rapidez que todas as partículas ficam combinadas após um milhão de períodos vitais.

- Mas, tem tantas outras estrelas!

- Ah, o caso é que todas elas expiram de uma vez. O Universo inteiro está morrendo. No outro Universo, com tantas estrelas maiores em número tão inferior, a fusão se processa tão lentamente que as estrelas duram milhares e milhões de vezes mais do que as nossas. É difícil comparar porque talvez o tempo decorra em velocidades diferentes nos dois Universos - com alguma relutância, acrescentou -. Eu próprio não entendo essa questão. Faz parte da Teoria Estwald e ainda não aprofundei nela a tal ponto.

- Foi Estwald quem elaborou tudo isto?

- Uma grande parte.

- É maravilhoso que obtenhamos alimento do outro Universo. Quero dizer, nesse caso não importa que nosso Sol morra. Podemos obter todo alimento que quisermos do outro Universo.

- Correto.

- Mas não vai acontecer nada de mau? Tenho o sentimento de que... que algo mau está acontecendo.

- Bem, nós transferimos matéria de um lado e outro para fazer a Bomba Positrônica funcionar, o que significa que os Universos se misturam um pouco. Nossa força nuclear fica um pouquinho mais fraca, de modo que a fusão, em nosso Sol, se reduz um pouco e ele se esfria um pouco mais depressa... Mas só um pouco, o que não faz nenhuma diferença para nós.

- Não é disso que tenho um mau sentimento. Se a força nuclear fica um pouquinho mais fraca, então os átomos ganham mais espaço - não é. verdade? - e que acontece com a fusão?

- Torna-se um pouquinho mais difícil, mas levaria muitos milhões de períodos vitais para que a fusão se tornasse perceptivelmente mais difícil. Mesmo que, algum dia, fosse impossível fundir e os Suaves se extinguissem, isso sucederia muitíssimo depois que todos tivéssemos morrido por falta de comida, caso não usássemos o outro Universo.

- Ainda não é isso o que sinto de... mau.

As palavras de Dua começaram a se embaralhar. Contorcia-se entre os elétrodos e, aos olhos deliciados de Odeen, parecia notavelmente mais volumosa e compacta. Era como se as palavras dele, tanto quanto o alimento, a nutrissem.

Losten tinha razão! A educação a tornava quase satisfeita com a vida. Odeen conseguia perceber uma espécie de regozijo sensual em Dua, que escassamente havia percebido antes.

- É tão bondoso de sua parte explicar essas coisas, Odeen! Você é um esquerdinha bacana.

- Quer que continue? - perguntou Odeen, lisonjeado e mais contente do que seria capaz de expressar com facilidade. Há algo mais que queira perguntar?

- Muita coisa, Odeen, mas... mas não agora. Não agora, Odeen. Oh, Odeen, sabe o que desejo fazer?

Odeen adivinhou imediatamente, porém foi demasiado cauteloso para dizer com franqueza. Os momentos de impulso erótico eram tão raros em Dua, que os devia tratar com o maior cuidado. Confiou desesperadamente que Tritt não tivesse se ocupado com os filhos ao ponto de que não pudessem aproveitar a ocasião.

Mas Tritt já estava na câmara. Estivera de fora da porta, esperando? Odeen não se preocupou. Não havia tempo para pensar.

Dua fluiu dentre os elétrodos e os sentidos de Odeen se encheram com sua beleza. Estava agora entre eles e, através dela, Tritt cintilava, com os contornos ardendo numa coloração incrível.

Nunca foi assim. Nunca.

Odeen se conteve desesperadamente, deixando que sua substância fluísse, através de Dua, para dentro de Tritt, um átomo de cada vez; esquivando-se da penetração superpoderosa de Dua, com o máximo esforço; não se entregando ao êxtase, mas deixando que fosse espremido dele; agarrando-se à sua consciência até o último momento possível; e, então, se apagando num arrebatamento final tão intenso como para sentir uma explosão ecoando e reverberando infindavelmente dentro dele.

Nunca, na vida da tríade, durou tanto o período de inconsciência da fusão.

Tritt ficou contentíssimo. A fusão fora tremendamente satisfatória. Em comparação, todas as anteriores pareciam pobres e vazias. Sentia-se extremamente deliciado com o que aconteceu. No entanto, manteve-se calado. Achou melhor não falar.

Odeen e Dua também estavam felizes. Que o dissesse Tritt. Até as crianças pareciam brilhar. Mas Tritt era o mais feliz de todos - naturalmente.

Ficou escutando a conversa entre Odeen e Dua. Não entendia nada, porém isso não importava. Não se preocupava que parecessem tão contentes um com o outro. Tinha seu prazer pessoal e estava contente com escutar.

Numa ocasião, Dua indagou:

- E eles realmente tentam se comunicar conosco?

(Tritt nunca viu bem claro quem podiam ser "eles". Chegou a entender que "comunicar" era uma palavra extravagante que substituía falar". Mas, então, por que não diziam logo falar"? Às vezes, sentia vontade de interromper. Mas, se fizesse perguntas, Odeen se limitaria a exclamar "Vá lá, Tritt" e Dua rodopiaria com impaciência.)

- Ah, sim - respondeu Odeen -. Os Duros têm toda certeza a esse respeito. Receberam sinais nos materiais que, algumas vezes, nos são enviados, e dizem ser perfeitamente possível comunicar-se mediante tais sinais em sentido inverso, quando foi necessário explicar aos outros-seres como montar a parte deles da Bomba Positrônica.

- Fico matutando sobre a aparência dos outros-seres. Qual será o aspecto deles, em? A partir das leis, que conhecemos, podemos ter uma idéia da natureza das estrelas, porque isso é coisa simples. Como, porém, podemos ter uma idéia da natureza dos seres? Nunca poderemos saber.

- Não conseguiriam eles comunicar como são?

- Se compreendêssemos o que comunicam, talvez conseguíssemos distinguir algo. Mas não compreendemos.

- Os Duros não compreendem? - tornou Dua, aflita.

- Ignoro. Se compreendem, não me falaram. Losten me disse, certa vez, que não importava o aspecto deles, desde que a Bomba Positrônica funcionasse e fosse ampliada.

- Talvez só quisesse que você não o chateasse.

- Não o chateio - protestou Odeen, melindrado.

- Espere, não foi isso o que eu quis dizer. Ele apenas não deseja entrar nesses detalhes.

A essa altura, Tritt não agüentava mais escutar. Continuaram discutindo, por muito tempo, se os Duros deixariam Dua dar uma olhada nos sinais ou não. Dua afirmou que seria capaz de dizer o que significavam, possivelmente.

O que deixou Tritt um tanto indignado. Dua era apenas uma Suave e nem sequer um Racional. Começou a duvidar se Odeen agia corretamente ao contar a ela tudo aquilo. Isso dava a Dua idéias esquisitas.

Dua também pôde notar que Odeen se indignava. A princípio, riu. Em seguida, declarou que uma Emocional não seria capaz de lidar com coisas tão complicadas. Adiante, recusou-se simplesmente a prosseguir o papo. Dua teve de lhe fazer muitos agrados, durante algum tempo, até que ele voltasse.

Numa ocasião, foi Dua quem ficou irada - absolutamente furiosa.

A coisa começou tranqüilamente. De fato, era uma das ocasiões em que os filhos se achavam com eles. Odeen consentia que brincassem com ele. Nem se aborreceu quando o direitinha Torun lhe deu uma puxada. Na verdade, deixou-se levar da maneira mais ridícula. Não parecia notar que se encontrava inteiramente fora do formato. O que era indício seguro de sua satisfação. Tritt permaneceu num canto, descansando, muito contente com o que acontecia.

Dua riu da disformidade de Odeen. Numa provocação amorosa, deixou que sua própria substância tocasse na protuberância de Odeen. Sabia muito bem, e Tritt igualmente sabia, que a superfície dos esquerdas era sensível quando fora do oval.

- Estive pensando, Odeen... - começou Dua -. Se o outro Universo introduz suas leis no nosso, nem que seja um tantinho, através da Bomba Positrônica, não será que o nosso Universo introduz suas leis no Universo deles, o mesmo tantinho?

Odeen uivou ao toque de Dua e tentou evitá-la, sem perturbar os meninos. Arquejando, disse:

- Não posso responder, a menos que você pare, sua meinha desgraçada.

Dua parou a brincadeira e ele continuou:

- Esta é uma idéia ótima, Dua. Você é uma criatura assombrosa. É verdade, naturalmente. A mistura se dá pelos dois caminhos... Tritt, por favor, quer tomar conta dos meninos?

Mas eles dispararam sozinhos. Já não eram tão pequenos. Tinham crescido um bocado. Annis logo iniciara sua educação e Torun já estava bem maciçamente parental.

Tritt não se mexeu e achou Dua muito bonita quando Odeen lhe falava daquela maneira. Dua voltou a especular:

- Se as outras leis diminuem o ritmo do nosso Sol e o esfriam, as nossas leis não acelerariam os sóis deles e os esquentariam ainda mais?

- Absolutamente certo, Dua. Um Racional não raciocinaria melhor.

- Em que medida os sóis deles ficam mais quentes?

- Oh, não muito. Apenas ligeiramente mais quentes, muito ligeiramente.

- Mas é isso que me dá certo mau sentimento.

- Ora, bem, o diabo é que os sóis deles são enormes. Que os nossos sóis resultem um pouco mais frios, não tem importância. Mesmo que se extinguissem, não importaria enquanto funcionasse a Bomba Positrônica. Entretanto, já com estrelas grandes, enormes, um pequeno esquentamento se torna perigoso. O material existente em cada uma dessas estrelas é tanto que a elevação da fusão nuclear, mesmo que seja pequena, as levaria a explodir.

- Explodir! Mas, nesse caso, que acontece às pessoas?

- Que pessoas?

- As do outro Universo.

Por um instante, Odeen ficou desconcertado e, depois, disse:

- Não sei.

- Bem, que aconteceria se o nosso Sol explodisse?

- Não pode explodir.

(Tritt se admirou com toda aquela excitação. Como podia um Sol explodir? Dua parecia mais irada e Odeen tinha aspecto de confusão.)

- Mas, se explodisse? - insistiu Dua -. Ficaria muito quente?

- Acho que sim.

- Não mataria todos nós?

Odeen hesitou e afirmou então, claramente aborrecido:

- Que diferença que faz, hein, Dua? Nosso Sol não está explodindo e acabe com essas perguntas idiotas.

- Você me mandou perguntar, Odeen, e faz uma diferença, porque a Bomba Positrônica trabalha por ambos os lados. Necessitamos da extremidade deles tanto quanto da nossa.

- Nunca lhe falei uma coisa dessas - interveio Odeen, fitando-a.

- Eu o sinto.

- Você sente um monte de coisas. Dua...

Mas Dua agora gritava. Achava-se inteiramente fora de si. Tritt nunca a vira daquele jeito.

- Não mude de assunto, Odeen - vociferou Dua -. Não venha com essa conversa, tentando me fazer de boba, como se eu fosse uma Emocional qualquer.

Você mesmo disse que sou quase uma Racional e sou, de fato, bastante Racional para ver que a Bomba Positrônica não funciona sem os outros-seres. Se a gente do outro Universo for destruída, a Bomba Positrônica vai parar, nosso Sol ficará mais frio do que nunca e nós pereceremos. Não acha que isso é importante?

- Isso mostra que você sabe - gritou também Odeen -. Precisamos da ajuda deles porque o fornecimento de energia se encontra numa baixa concentração e devemos transferir matéria. Se o Sol do outro Universo explodir, haverá uma enorme inundação de energia. Uma inundação imensa, que vai durar um milhão de períodos de vida. Haverá tanta energia que poderemos drená-la diretamente, sem recorrer a nenhuma transferência de matéria. Portanto, não precisamos deles e não importa o que aconteça...

Agora, quase se tocavam. Tritt estava horrorizado. Faria melhor se dissesse algo, se os apartasse, falasse a eles. Mas não conseguia pensar nada para dizer. E resultou, então, que era dispensável que o fizesse.

Um Duro se achava logo à entrada da caverna. Não, três deles. Tinham tentado falar e não se fizeram ouvir.

- Odeen, Dua! - gritou Tritt, de modo estridente.

Em seguida, calou-se, tremendo. Possuía uma noção aterradora do que os Duros tinham vindo falar. Resolveu sair.

Mas um Duro botou em cima dele um dos seus apêndices permanentes e opacos, dizendo:

- Não saia.

A ordem tinha um tom ríspido, inamistoso. Tritt se sentia mais assustado do que nunca.

****

4a

Dua estava cheia de raiva, tão cheia que mal podia perceber os Duros. Parecia sufocada com os componentes da raiva, cada um deles enchendo-a até as bordas, separadamente. Havia um sentimento de injustiça, porque Odeen tentava-lhe mentir. Um sentimento de injustiça, porque um mundo de gente morreria. Um sentimento de injustiça por ser para ela tão fácil aprender e porque nunca isso lhe fora permitido.

Desde aquela primeira vez na rocha, tinha ido duas vezes mais às cavernas dos Duros. Duas vezes mais, despercebida, se enterrou na rocha e, de cada vez, percebeu e conheceu; e cada vez que Odeen lhe explicaria os problemas, sabia com antecipação o que lhe explicaria.

Por que não podiam lhe ensinar, como haviam ensinado a Odeen? Por que só os Racionais? Possuiria a capacidade para aprender só por ser uma Esquerda-Em, uma meinha pervertida? Que a ensinassem, com perversão e tudo. Era injusto deixá-la ignorante.

Por fim, as palavras dos Duros romperam caminho até ela. Losten se achava ali, porém não falava. Foi um Duro estranho, na frente, quem falou. Não o conhecia, embora conhecesse alguns deles. O Duro perguntou:

- Qual de vocês esteve recentemente nas cavernas mais baixas: as cavernas dos Duros?

Dua estava desafiadora. Descobriram seu esfregamento-na-rocha, mas não se preocupava. Que contassem a todo mundo. Ela mesma o faria.

- Fui eu. Muitas vezes - declarou Dua.

- Sozinha? - tornou o Duro calmamente.

- Sozinha. Muitas vezes - esbravejou Dua, embora só fossem três vezes, o que não lhe importava.

- Estive, é claro, também nas cavernas mais baixas, ocasionalmente - murmurou Odeen.

O Duro pareceu ignorar. Voltou-se para Tritt e indagou bruscamente:

- E você, direita?

- Sim, senhor Duro - respondeu Tritt, com voz trêmula.

- Sozinho?

- Sim, senhor Duro.

- Quantas vezes?

- Uma.

Dua se sentiu entediada. O pobre Tritt estava com tanto pânico por causa de nada. Tratava-se dela e ela se sentia disposta a uma acareação.

- Deixem-no em paz - disse -. O negócio de vocês é comigo.

O Duro se virou lentamente para ela e inquiriu:

- Que negócio?

- Ora... seja qual for.

Enfrentando a coisa diretamente, não conseguiu descrever, afinal, o que tinha feito. Não diante de Odeen.

- Bem, chegaremos a você. Primeiro, o direita... Seu nome é Tritt, não é? Por que foi sozinho às cavernas mais baixas?

- Para falar com o Duro Losten, senhor Duro.

Ao que Dua, de novo, interrompeu, com impaciência:

- Você é Estwald?

- Não - foi a resposta breve.

Odeen parecia enfadado, como se o constrangesse que Dua não reconhecesse o Duro. Mas Dua pouco se incomodava.

- Que foi que levou das cavernas mais baixas? - perguntou o Duro a Tritt.

Tritt ficou calado.

Sem emoção, o Duro tornou a falar:

- Sabemos que levou alguma coisa. Queremos saber se sabe o que é. Poderia ser muito perigoso.

Tritt continuou calado e Losten interveio, dizendo mais afavelmente:

- Por favor, Tritt, fale, Já sabemos que foi você e não queremos usar de rigor.

- Levei uma bola de comida - resmungou Tritt.

- Aha! - exclamou o primeiro Duro -. Que fez com ela?

- Era para Dua! - explodiu Tritt -. Ela não comia. Era para Dua.

Dua saltou e coalesceu de assombro. O Duro se voltou para ela imediatamente:

- Não sabia nada a respeito?

- Não!

- Nem você? - indagou a Odeen.

- Não, senhor Duro - respondeu Odeen, tão paralisado ao ponto de parecer congelado.

Por um instante, o ar se encheu de vibração desagradável, como se os Duros conversassem entre si, ignorando a tríade.

Seja porque suas sessões de esfregamento na rocha a tornaram mais sensível, seja por causa de sua recente tempestade de emoções, Dua não o saberia explicar, nem sequer sonharia em tentar analisar, mas ela simplesmente sabia que captava uns sopros - não de palavras - porém de compreensão...

Haviam detectado a perda, há algum tempo atrás. Investigaram silenciosamente. Com relutância, voltaram sua atenção para os Suaves, como possíveis culpados. Investigaram e, então, focalizaram a tríade de Odeen, com relutância ainda maior. (Por que? Dua deixou escapar). Não viam como Odeen pudesse cometer a tolice de levar a coisa ou que Dua tivesse inclinação para semelhante ato. Não pensaram em Tritt, em absoluto.

Então, o Duro, que, até o momento, não dissera uma palavra aos Suaves, recordou ter visto Tritt nas cavernas dos Duros. (Está claro, pensou Dua. Foi no dia em que ela primeiro entrou na rocha. Percebeu-o, na ocasião. Até já havia esquecido).

Pareceu extremamente improvável, mas, no final de contas, com tudo o mais impossível e com o lapso de tempo se tornando intoleravelmente arriscado, vieram. Gostariam de consultar Estwald, porém, quando surgiu a possibilidade de ser Tritt o culpado, ele era inacessível.

Tudo isto foi percebido por Dua num fôlego só e, agora, ela se voltava para Tritt, com um misto de surpresa e indignação.

Losten vibrava ansiosamente no sentido de que não tinha sido feito mal, que Dua tinha bom aspecto, que foi, na verdade, uma boa experiência. O Duro, ao qual Tritt falara, concordava. O outro ainda transpirava preocupação.

Dua não prestava atenção apenas a eles. Olhava para Tritt.

- Onde está agora a esfera alimentar, Tritt? - perguntou o primeiro Duro.

Tritt mostrou-a.

Estava bem escondida e as conexões eram desajeitadas, porém utilizáveis.

- Fez isso sozinho, Tritt? - tornou o Duro.

- Sim, senhor Duro.

- Como soube fazê-lo?

- Vi como era nas cavernas dos Duros. Fiz exatamente da mesma maneira.

- Não sabia que podia fazer mal à sua companheira-do-meio?

- Eu... não sabia. Não faria uma coisa dessas. Eu... - Tritt pareceu incapaz de prosseguir. Recobrado, continuou -. Não foi para fazer mal a ela. Foi para alimentá-la. Canalizei para dentro do alimentador dela e decorei o alimentador. Ela comeu! Pela primeira vez, depois de muito tempo, ela comeu com apetite. Nós fundimos - fez uma pausa e, em seguida, soltou num brado enorme, tumultuoso -. Até que enfim ela teve bastante energia para iniciar um bebê-Emocional! Pegou a semente de Odeen e passou para mim. A semente está crescendo dentro de mim. Um bebê-Emocional está crescendo dentro de mim!

Dua ficou sem voz. Cambaleou para trás e depois arremeteu na direção da porta de modo tão atabalhoado, que os Duros não puderam abrir passagem a

tempo. Dua se chocou com o apêndice do Duro, que estava mais à frente, passou profundamente por dentro dele e, a seguir, se livrou com um som áspero.

O apêndice do Duro caiu flácido e a expressão dele parecia uma careta de dor. Odeen tentou se esquivar e escapar, a fim de seguir atrás de Dua, mas o Duro disse, com evidente dificuldade:

- Deixe que ela vá, agora. Bastante mal já foi feito. Vamos cuidar do assunto.

4b

Odeen se viu vivendo um pesadelo. Dua se fora. Os Duros se foram. Só Tritt se achava ali. Calado.

Como pôde acontecer? - pensou Odeen, torturando-se. Como pôde Tritt encontrar sozinho o caminho para as cavernas dos Duros? Como pôde ter apanhado uma pilha carregada pela Bomba Positrônica e projetada para produzir radiação numa forma muito mais concentrada do que a luz solar e se atrever a...

Odeen não teria tido a coragem de assumir risco semelhante. Mas Tritt, trôpego e ignorante, como conseguiu? Ou também ele seria incomum? Odeen, o Racional talentoso; Dua, a Emocional curiosa; e Tritt, o Parental audacioso?

- Como é que pôde fazer uma coisa dessas, Tritt? - perguntou Odeen.

- Que foi que fiz? - retorquiu Tritt, acalorado -. Eu a alimentei. Eu a alimentei melhor do que nunca. Agora, finalmente, iniciamos um bebê-Emocional. Já não esperamos bastante? Teríamos esperado para sempre, se dependesse de Dua.

- Mas, Tritt, não compreende? Podia ter causado mal a ela. Não se tratava de luz solar ordinária. Era uma fonte radiante experimental, que poderia ser muito concentrada para ser usada com segurança.

- Não sei o que você quer dizer, Odeen. Em que isso pode prejudicar? Provei o alimento feito antes pelos Duros. Era de sabor desagradável. Você o provou também. Tinha um gosto horrível, mas nunca nos fez mal. Dua nem sequer teria tocado nele. Então vi a esfera-alimentar. Provei-a. Era deliciosa. Como poderia uma coisa tão saborosa fazer mal? Você viu, Dua também comeu. E iniciou o bebê-Emocional. Que fiz eu de errado?

Odeen desistiu de fazê-lo entender. Disse:

- Dua vai ficar muito zangada.

- Ela não se importará.

- É curioso. Dua não é como qualquer Emocional, Tritt. O que torna a convivência tão difícil, mas ao mesmo tempo tão fascinante quando se pode viver com ela. Talvez agora ela jamais queira fundir conosco.

A superfície de Tritt estava completamente plana. Então, ele disse:

- Bem, e que tem isso?

- Que tem isso? E é você que pergunta? Não se interessa mais pela fusão?

- Claro que sim, mas se Dua não quer, não quer e pronto. Eu tenho o meu terceiro bebê e nada mais me importa. Conheço bem a história dos Suaves. Nos velhos tempos, algumas vezes chegavam a ter duas tríades de filhos. Mas isso não me interessa. Uma tríade basta.

- Mas Tritt, os bebês não são tudo o que importa na fusão.

- Que mais pode haver? Ouvi você dizer certa vez que aprende com mais facilidade, mais depressa, depois de fundir. Ora, aprenda mais devagar. Isso não me importa. Eu tenho o terceiro bebê.

Odeen voltou-se trêmulo e fluiu aos arrancos para fora da câmara. De que serviria repreender Tritt? Não entenderia. Nem mesmo Odeen estava certo de ter entendido bem.

Depois que o terceiro bebê nascesse e crescesse um pouco, chegaria o tempo de passar.

Caberia a ele, Odeen, dar o sinal. Ele diria quando. E isso deveria ser feito sem medo. Qualquer outra solução seria uma desonra ou pior ainda. Contudo, Odeen não conseguia encarar essa perspectiva sem a possibilidade de fundir, nem mesmo agora que as três crianças tinham sido formadas.

Fundir, até certo ponto, eliminaria o medo... Talvez porque fosse semelhante ao passar. Por uma fração mínima de tempo, perdia-se a consciência, portanto não fazia sofrer. É como um não existir, mas desejável. Se pudesse fundir, teria coragem de passar, sem medo e sem.

Oh, o Sol e todas as estrelas não estão "passando"?... Mas, por que empregar expressão tão solene? Conhecia a outra palavra, a que jamais era usada, a não ser pelas crianças quando queriam aborrecer os mais velhos. Essa palavra era morrer. Precisava estar pronto a morrer sem medo, assim como Dua e Tritt, que deveriam morrer com ele.

Mas não sabia como... Não, pelo menos não sem fundir...

4c

Tritt ficou só na câmara, assustado, muito assustado, mas decidido a não arredar pé dali. Tinha o seu terceiro bebê. Podia senti-lo dentro de si. Isso é que importava. Era tudo o que importava.

Mas, muito lá no fundo, dentro dele, começava a surgir uma débil, mas persistente sensação de que aquilo não era tudo o que importava.

*****

5a

Dua sentia uma sensação quase insuportável de vergonha. Foi preciso muito tempo para que conseguisse superar essa vergonha; dominá-la o bastante para ter condições de refletir. Ela se arremessara celeremente para fora do horror da caverna doméstica, fugindo às cegas sem pensar, sem saber para onde ia, ou mesmo onde estava.

Era noite, quando nenhum Suave de respeito se manteria na superfície, nem mesmo a mais frivola Emocional. E decorreria ainda muito tempo antes do sol nascer. Dua sentiu-se feliz. O sol era alimento, e naquele instante ela odiava o alimento e o que fora feito com ela.

Estava frio também, mas Dua apenas remotamente tomava consciência disso. Como poderia preocupar-se com o frio - pensou - quando, para que

cumprisse o seu dever, lhe tinham tornado muito mais adiposos a alma e o corpo? Diante disso, fome e frio lhe pareciam quase amigos.

Dua via através de Tritt. Pobre coisa! Tão fácil de ver através dele! Seus atos eram puro instinto, mas merecia elogios sua coragem em seguir esses impulsos. Ele voltara sem medo das cavernas dos Duros trazendo a esfera-alimentar (e ela, ela o captava e teria sabido o que acontecia se Tritt não se tivesse "paralisado" de tal modo no que estava fazendo, que nem sequer poderia pensar nisso. E se ela não estivesse tão "paralisada", por sua vez, e tão concentrada no que estava fazendo e na profunda sensação que isso lhe trazia, a ponto de não poder pensar em captar exatamente o que mais lhe interessava).

Assim, Tritt voltou sem ser detectado e preparou a mais lamentável armadilha, decorando seu dispositivo de comer com o propósito de atraí-la. E ela voltara, impelida pela consciência de sua delgadeza de sonda de rocha, cheia de vergonha e de piedade por Tritt. Com toda essa vergonha e piedade, comeu, e ajudou a iniciar um bebê.

Daí por diante comeu, mas frugalmente, como era seu costume, e nunca no alimentador, pois não havia impulso para isso. Tritt não a impelia. Ele parecia satisfeito (é certo), assim nada havia que pudesse reavivar a vergonha. Tritt deixou a esfera alimentar onde estava. Não ousaria correr o risco de levá-la de volta; tinha o que desejava; era melhor e mais fácil deixá-la ali e não pensar mais nisso.

- Até que fosse apanhado.

Mas o inteligente Odeen não devia ter-se deixado iludir pelo plano de Tritt. Devia ter examinado as novas conexões dos elétrodos, devia ter percebido as intenções de Tritt. Contudo nada lhe disse. Isso teria embaraçado e assustado o pobre direitinha que Odeen tratava sempre com amorosa proteção.

Odeen nada tinha a dizer, está claro. Bastava-lhe preencher as lacunas do plano mal elaborado de Tritt e colocá-lo em marcha.

Agora, Dua já não alimentava ilusões. Deveria ter detectado o gosto da esfera-alimentar, percebido seu sabor estranho, pressentido o modo pelo qual o alimento começara a lhe dar mais substância, embora não despertando nela nenhuma sensação de plenitude. E o teria feito, se Odeen não a distraísse com o sua conversa.

Houvera uma conspiração entre os dois, quer Tritt tivesse ou não consciência disso. Como pudera acreditar que Odeen se tornara de repente um professor solícito e infatigável? Como não percebera o objetivo final? O interesse deles por ela não era mais do que o de completar a nova tríade, sem dúvida uma prova do pouco que pensavam nela. Bem...

Dua deteve-se por tempo suficiente para avaliar a própria fraqueza e introduziu-se numa fenda da rocha que lhe serviria de proteção contra o vento frio e cortante. Duas das sete estrelas estavam no seu campo de visão. Contemplou-as distraída, ocupando seus sentidos exteriores com ninharias de modo a poder concentrar-se mais profundamente em seus pensamentos.

Estava desiludida.

- Traída - murmurou para si mesma -. Traída!

Não pensariam eles senão em si mesmos?

É certo que Tritt não se incomodaria de ver tudo destruído, desde que estivesse em segurança com os seus bebês. Mas ele era um ser só de instinto. E quanto a Odeen?

Odeen era Racional. Significaria isso que, com o propósito exclusivo de exercitar seu raciocínio, pudesse sacrificar todo o resto? O simples fato de ser produto da razão servia de escusa a existência de qualquer coisa, a qualquer preço. Porque Estwald tinha inventado a Bomba Positrônica, poderia ela ser usada de modo que todos, Duros e Suaves, ficassem a sua mercê e à mercê dos seres do outro Universo? Que aconteceria se os outros-seres parassem e se o mundo se visse de repente sem a Bomba Positrônica e com um Sol perigosamente resfriado?

Não, os outros-seres não poderiam parar. Tinham sido persuadidos a continuar até a própria destruição. Então os Racionais, Duros ou Suaves, não precisariam deles. Também Dua teria de "passar" (ser destruída), agora que já não precisavam dela.

Ela e os outros-seres tinham sido traídos.

Quase sem ter consciência do que fazia, foi-se infiltrando cada vez mais profundamente na rocha. Isolava-se, fora da vista das estrelas, fora do alcance do vento, desligada do mundo. Tornara-se puro pensamento.

Era a Estwald que odiava. Ele personificava tudo o que havia de egoísta e cruel. Ele inventara a Bomba Positrônica e destruiria todo um mundo de talvez dezenas de milhares de seres, sem se deter. Era tão retraído, que jamais fora visto, e, tão poderoso que até mesmo os Duros pareciam temê-lo.

Pois bem, ela o enfrentaria. Ela o faria parar.

Os seres do outro Universo tinham contribuído para a instalação da Bomba Positrônica através de mensagens de toda espécie. Odeen mencionara isso. Onde poderiam estar escondidas essas mensagens? Como seriam? Como utilizá-las para elaborar outras mensagens?

Era surpreendente como Dua podia pensar com clareza. Surpreendente. Sentia um prazer misto de orgulho em usar justamente a razão para derrotar os cruéis raciocinadores.

Eles não poderiam detê-la, pois ela podia ir onde nenhum Duro poderia chegar, nem qualquer Racional ou Parental. Nem qualquer outra Emocional poderia fazê-lo.

É claro que poderia ser eventualmente apanhada. Mas, naquele momento, isso não a preocupava. Estava decidida a lutar para abrir o seu caminho - a qualquer preço, a qualquer preço -, embora isso significasse enterrar-se na rocha, viver na rocha, penetrar nas cavernas dos Duros, roubar alimento do seu estoque de geradores de energia, enxamear com as outras Emocionais e alimentar-se, à luz do sol sempre que possível.

Mas no fim daria a todos uma lição. Depois disso, poderiam fazer o que quisessem. Dua estaria pronta a "passar" - mas só então...

5b

Odeen estava presente quando o novo bebê-Emocional nasceu. Era um bebê perfeito, mas não conseguiu despertar o seu entusiasmo. Até mesmo Tritt, que cuidava dele com o maior desvelo, como deve fazer qualquer Parental, mostrava-se um tanto contido em sua alegria.

Passara-se muito tempo e era como se Dua tivesse esfumado. Contudo, ela não "passara". Uma Suave só pode "passar" em conjunto com sua tríade. E Dua nem sequer estava agora junto deles. Era como se tivesse morrido, sem ter morrido.

Odeen vira Dua uma vez, apenas uma, não muito tempo depois de ter fugido irrefletidamente ao saber que havia iniciado um novo bebê.

Passava por um grupo de Emocionais que se alimentavam ao sol, quando lhe atravessou a mente a idéia tola de que talvez a encontrasse ali. As Emocionais se puseram a dar risinhos abafados à presença pouco comum de um Racional nas proximidades de um grupo de Emocionais e se tornaram mais rarefeitas numa provocação coletiva. Todo esse grupo de tolas não pretendia outra coisa senão adverti-lo de que eram Emocionais.

Odeen sentiu apenas desprezo por elas. Não houve nenhuma reação em suas leves protuberâncias. Pensou em Dua e em como era diferente das outras. Dua jamais se tornava menos compacta por qualquer razão que não suas próprias necessidades interiores. Jamais procurava atrair quem quer que seja e por isso mesmo despertava maior atração. Se estivesse no meio daquele enxame de cabeças ocas, seria facilmente reconhecida (tinha certeza) pelo simples fato de que seria a única a não perder espessura. Provavelmente se tornaria mais compacta, exatamente porque as outras estavam mais rarefeitas.

Enquanto pensava, Odeen examinava as Emocionais ao sol e viu que uma delas não diminuira de espessura.

Deteve-se por um momento e então lançou-se em direção a ela. Ignorando as Emocionais em seu caminho, não notando sequer seus gritos assustados ao adejar numa névoa para um lado e murmurando desesperadamente numa tentativa de não coalescer umas com as outras - pelo menos não em público e. com um Racional a observá-las.

Era Dua. Ela não tentou fugir. Ficou ali, sem dizer uma palavra.

- Dua - disse ele humildemente -, você não vai voltar para casa?

- Não tenho casa, Odeen - disse ela, não com irritação nem com ódio, mas de modo tanto mais assustador quanto mais tranqüilo.

- Como pode censurar Tritt pelo que fez, Dua? Você sabe, o pobrezinho não pode raciocinar.

- Mas você pode, Odeen. E distraiu minha mente, enquanto ele tratava de alimentar o meu corpo. Não foi? Sua razão deve ter indicado que eu seria mais facilmente iludida por você do que por ele.

- Dua, não!

- Não o quê? Você não fez um grande teatro como se estivesse me ensinando, me educando?

- Sim, mas não era teatro, era real. E não por causa de Tritt. Eu não sabia o que ele tinha feito.

- Não posso acreditar.
Dua fluiu para longe, sem pressa. Odeen seguiu-a. Agora estavam a sós, o sol brilhando vermelho acima deles.
Dua voltou-se:
- Quero perguntar-lhe uma coisa, Odeen. Por que você queria ensinar-me?
- Porque queria. Porque gosto de ensinar, porque ensinar é a coisa que mais me interessa, além de aprender.
- E fundir, certamente... Não se preocupe - acrescentou Dua para afastá-lo -. Não precisa explicar que você está falando de razão e não de instinto. Se insiste em que gosta de ensinar e se isso é verdade, então talvez entenda o que tenho a dizer. Aprendi muito desde que os deixei, Odeen. Não imagina quanto. Em mim já não há nada de Emocional a não ser do ponto de vista fisiológico. Por dentro, que é o que importa, sou completamente Racional, exceto quanto ao fato de ter mais sensibilidade em relação aos outros do que os Racionais. Uma coisa fiquei sabendo, Odeen. O que realmente somos: você, eu, Tritt e todas as outras tríades deste planeta. O que realmente somos e sempre fomos.
- Que quer dizer com isso? - perguntou Odeen, preparado para ouvir tanto tempo quanto fosse necessário, e pacientemente, se isso pudesse contribuir para fazê-la voltar.
Suportaria qualquer castigo, faria tudo que lhe fosse exigido. Dua precisava voltar - e alguma coisa obscura e misteriosa dentro dele dizia que ela precisava voltar voluntariamente.
- Que somos nós? Na verdade não somos nada, Odeen - disse Dua despreocupadamente, quase rindo -. Não é estranho? Os Duros são a única espécie viva na face da terra. Eles não lhe ensinaram isso? Existe apenas uma espécie, porque você e eu, os Suaves, na realidade não vivemos. Somos máquinas, Odeen. Claro que o somos porque apenas os Duros vivem. Eles não lhe ensinaram isso, Odeen?
- Ora, Dua, isso é um absurdo - replicou Odeen atordoado.
A voz de Dua tornou-se mais incisiva:
- Máquinas, Odeen! Feitas pelos Duros! Destruídas pelos Duros! Eles estão vivos, os Duros. Apenas eles. Eles não falam muito sobre isso. Não falam, mas sabem disso. Acontece que eu aprendi a pensar, Odeen. E cheguei a essa conclusão a partir de alguns indícios insignificantes. Eles têm vida extremamente longa, mas eventualmente também morrem. Já não podem dar início a novos seres; a energia que o Sol lhes fornece é insignificante. Uma vez que morrem muito raramente, mas já não podem dar origem a outros seres, seu número vai diminuindo muito devagar. Não dispondo de jovens para lhes infundir sangue novo e novas idéias, os Duros macróbios sentem-se terrivelmente aborrecidos. Então, que pensa você que eles fazem, Odeen?
- O que?
Havia uma espécie de fascinação em tudo aquilo, uma fascinação repulsiva.
- Eles fabricam filhos mecânicos, aos quais podem ensinar. Você mesmo disse isso, Odeen. Você afirmou que nada o agrada mais do que ensinar, a não ser aprender - e fundir, sem dúvida. Os Racionais são construídos à imagem mental dos Duros. Os Duros não fundem, e aprender é terrivelmente complicado para eles, já que conhecem tanto. Assim, não lhes resta outro prazer senão

ensinar. Os Racionais foram criados exclusivamente para ser ensinados. Os Emocionais e os Parentais porque eram necessários ao mecanismo de autoperpetuação que cria novos Racionais. E os novos Racionais são sempre necessários, porque os velhos se desgastam. Aprendem tudo o que lhes é ensinado. E quando os velhos Racionais assimilaram tudo o que podem aprender são destruídos. Mas para poupar os seus sentimentos, foram previamente condicionados a considerar o processo de destruição como uma "passagem". É claro que os Emocionais e os Parentais "passam" com eles. Logo que dão início à formação de nova tríade deixam de ter utilidade.

- Mas tudo isso é absurdo, Dua - foi o que conseguiu dizer Odeen, que não encontrava argumentos contra esse esquema de pesadelo, mas sabia, com a certeza de um argumento comprovado que ela estava errada. (Bem no fundo, entretanto, uma ponta de dúvida sugeria que essa certeza poderia ter sido implantada nele. Não, certamente não, pois nesse caso Dua não teria também uma certeza implantada de que isso estava errado? Ou seria ela uma Emocional imperfeita sem as implantações adequadas e sem... Oh, que estava ele pensando? Parecia tão louco quanto Dua).

- Você parece desnorteado, Odeen. Tem certeza de que estou errada? É certo que eles possuem a Bomba Positrônica e dispõem de toda a energia de que necessitam. Logo estarão de novo em condições de gerar. Talvez já o estejam fazendo. Nesse caso, não precisarão de máquinas Suaves e todos nós seremos destruídos... oh, perdão, todos nós "passaremos".

- Não, Dua - disse Odeen com energia, falando tanto para ela como para si mesmo. Não sei onde foi buscar tais idéias, mas sei que essas noções sobre os Duros não são certas. Nós não somos destruídos.

- Não queira enganar a si mesmo, Odeen. Eles são assim. Estão preparados para destruir todo um mundo de outros-seres, em benefício próprio. Um Universo inteiro, se acharem necessário. Que os impediria de destruir alguns Suaves para seu próprio conforto? Contudo, cometeram um erro. O maquinismo falhou em algum ponto e a mente de um Racional foi introduzida no corpo de uma Emocional. Eu sou uma Esquerda-Em, você sabe? Era assim que eles me chamavam quando eu era criança, e estavam certos. Posso pensar como uma Racional e sentir como uma Emocional. Com essa combinação, lutarei contra os Duros.

Odeen sentiu-se ansioso. Dua devia estar louca, embora ele não ousasse afirmá-lo. Precisava agradá-la para conseguir que voltasse. Disse com profunda convicção:

- Dua, quando "passamos", não somos destruídos.

- Não? Que acontece então?

- Eu... não sei. Penso que passamos a outro mundo, um mundo melhor e mais feliz, e, não tornamos como... como... bem, ficamos muito melhor do que agora.

Dua riu:

- Onde você ouviu tais coisas? Não foram, por acaso, os Duros, que lhe disseram isso?

- Não, Dua. Estou certa de que isso deve ser realmente assim, pensando com a minha própria cabeça. Estive pensando... pensei muito depois que você se foi.

- Então, pense menos - continuou Dua e não será tão tolo. Pobre Odeen! Adeus.

Dua fluiu para longe, mais uma vez, completamente rarefeita. Em torno dela, sentia-se um ar de cansaço.

Odeen chamou:

- Espere, Dua, não quer ver seu novo bebê-do-meio? Ela não respondeu.

Odeen gritou:

- Quando vai voltar para casa?

Dua não respondeu.

Odeen não a seguiu, mas buscou-a com o olhar, no mais profundo desespero, enquanto ela desaparecia.

Não contou a Tritt que tinha visto Dua. De que serviria? Não a viu mais. Passou a freqüentar os solários preferidos pelas Emocionais da região. Muitas vezes, emergiam Parentais que o encaravam com estúpida suspeita (Tritt era um gigante mental comparado à maioria dos Parentais).

A cada dia que passava, a falta de Dua o fazia sofrer mais. E, a cada novo dia, sentia crescer dentro de si mesmo o medo de que ela não voltasse. Não sabia porque.

Certo dia, voltando à caverna-doméstica, encontrou Losten esperando por ele. Losten estava de pé, grave e cortês, enquanto Tritt exibia o novo bebê, procurando impedir que o punhadinho de névoa tocasse o Duro.

- Sem dúvida é uma beleza, Tritt. Chama-se Derala?

- Derola - corrigiu Tritt -. Não sei quando Odeen vai voltar. Já saiu há bastante tempo.

- Aqui estou, Losten - disse Odeen apressadamente -. Tritt, leve o bebê. É um bom amigo.

Tritt obedeceu e Losten voltou-se para Odeen com evidente alívio, dizendo:

- Você deve estar muito feliz por ter completado a tríade.

Odeen procurou responder com polida indiferença, mas pôde manter apenas um miserável silêncio. Nos últimos tempos, desenvolvera, em relação aos Duros, uma espécie de camaradagem, um vago senso de igualdade, que lhes permitia conversar ao mesmo nível. A loucura de Dua conseguira romper essa camaradagem. Odeen sabia que ela estava errada, contudo aproximou-se de Losten mais uma vez tão constrangido como nos remotos dias em que se considerava uma criatura inferior em relação a eles, uma... máquina?

- Você viu Dua? - indagou Losten.

Era uma pergunta concreta e não simples cortesia, notou Odeen facilmente.

- Apenas uma vez, senhor... (quase dissera "senhor Duro", como quando ainda era uma criança ou um Parental). Apenas uma vez, Losten. Ela não quer voltar para casa.

- Ela precisa voltar para casa - disse Losten suavemente.

- Não sei como conseguir isso.

Losten encarou-o com um olhar sombrio.

- Sabe o que ela está fazendo?

Odeen não ousou encarar o outro. Teria ele descoberto as fantásticas teorias de Dua? Que aconteceria agora?

Sem falar, fez um sinal negativo.

- Ela é uma Emocional muito incomum, Odeen, você sabe disso, não sabe?

- Sim - murmurou Odeen.

- O mesmo acontece com você, a seu modo e com Tritt ao modo dele. Duvido que qualquer outro Parental no mundo tivesse a coragem ou mesmo a idéia de roubar uma bateria geradora de energia ou a perversa engenhosidade de usá-la como ele fez. Vocês três formam a tríade mais original de que já se teve notícia.

- Obrigado.

- Contudo, também apresentam alguns aspectos desagradáveis. Coisas com as quais não contávamos. Desejávamos que você educasse Dua do modo melhor e mais suave, levando-a com agrados a exercer voluntariamente sua função. Não contávamos com a ação quixotesca de Tritt, exatamente neste momento. Nem, para dizer a verdade, esperávamos que Dua reagisse de modo tão violento ao fato de o mundo, no outro Universo, precisar ser destruído.

- Eu devia ter tido mais cuidado ao responder às suas perguntas - disse Odeen, completamente arrasado.

- Isso não teria ajudado. Ela é a única responsável. Não contávamos com isso também. Sinto muito, Odeen, mas preciso contar a você... Dua se tornou um perigo mortal. Ela está procurando parar a Bomba Positrônica.

- Mas como poderia fazer isso? Não pode atingir a Bomba e, mesmo que pudesse, não tem os conhecimentos necessários para fazer isso.

- Mas sim, ela pode chegar até à Bomba.

Losten hesitou um momento e continuou:

- Ela se encerrou na rocha, onde está protegida contra nós.

Odeen precisou de algum tempo para perceber o sentido evidente das palavras. E disse:

- Nenhuma Emocional adulta o faria... Dua jamais...

- Dua faria, está fazendo. Não vale a pena perder tempo discutindo isso. Ela pode penetrar em qualquer ponto das cavernas. Nada lhe permanece oculto. Dua estudou as mensagens que recebemos do outro Universo. Não podemos afirmar com certeza, mas não existe outra explicação para o que está acontecendo.

- Oh, oh, oh. (Odeen cambaleou para trás e para a frente, sua superfície tornou-se opaca de vergonha e pesar.)

- Estwald sabe disso?

- Ainda não - respondeu Losten inflexível -. Contudo, ficará sabendo.

- Mas que fará Dua com essas mensagens?

- Ela as está usando na elaboração de um método que lhe permita comunicar-se com o outro Universo.

- Mas Dua não pode saber como traduzir ou transmitir.

- Está aprendendo as duas coisas. Sabe mais sobre as mensagens do que o próprio Estwald. Ela é um fenômeno assustador, uma Emocional que pode pensar, e está fora de controle.

Odeen sentiu um calafrio. Fora de controle? Refere-se a ela como se fosse uma máquina.

- As coisas não podem ser tão más assim - disse.

- Podem. Ela já se comunicou com o outro Universo e receio que esteja advertindo os outros-seres a parar sua metade da Bomba Positrônica. Se eles fizerem isso antes da explosão do seu Sol, ficaremos afinal impotentes.

- Mas então...

- É preciso impedir que ela continue, Odeen.

- M... mas... como? Você pensa em fazer explodir. - sua voz extinguiu-se.

Sabia vagamente que o Duro dispunha de meios para fazer ir pelos ares as cavernas da rocha. Meios raramente usados desde que a população do mundo tinha começado a diminuir, algumas gerações atrás. Poderiam localizar Dua na rocha e fazer explodirem a rocha e ela?

- Não, não - disse Losten com violência - não podemos ferir Dua.

- Estwald poderia.

- Estwald também não pode atingi-la.

- Então, que podemos fazer?

- Você pode, Odeen, só você. Não sabemos como agir, dependemos de você.

- De mim? Mas que posso fazer?

- Pense nisso - disse Losten insistentemente - Pense nisso.

- Pensar em quê?

- Não posso dizer mais nada - replicou Losten, com evidente aflição -. Pense! Temos tão pouco tempo!

Losten voltou-se e saiu, deslocando-se rapidamente demais para um Duro, apressando-se como se não confiasse em poder ficar mais tempo sem talvez falar demais.

E Odeen pôde apenas vê-lo afastar-se. E sentiu-se angustiado, confuso... perdido.

5c

Tritt tinha muito que fazer. Bebês exigem grande cuidado, mas nem mesmo dois bebês esquerdinhas e dois bebês direitinhas juntos tomariam tanto tempo como um só bebê-do-meio - particularmente uma meinha perfeita como Derola. Ela precisava ser treinada e suavizada, protegida contra a filtração através de qualquer coisa em que tocasse, persuadida a condenar-se e a permanecer em repouso.

Muito tempo se passou antes que Tritt visse Odeen outra vez. Na verdade, isso não o preocupava. Derola tomava todo o seu tempo. Mas, agora, defrontou-se com Odeen num canto de sua própria alcova, iridescente de pensamentos. Lembrou, de repente:

- Losten estava zangado com Dua? Odeen voltou a si num sobressalto.

- Losten? Sim, estava zangado. Dua está causando um grande mal.

- Ela podia voltar para casa. Não podia? Odeen olhou fixamente para Tritt.

- Tritt - disse ele - vamos ter de convencer Dua a voltar para casa, mas antes disso precisamos encontrá-la. Você pode fazer isso. Com um novo bebê, sua sensibilidade Parental está muito desenvolvida. Pode usá-la para encontrar Dua.

- Não - replicou Tritt, escandalizado -. Eu a uso com Derola. Seria errado empregá-la com Dua. Além disso, se ela quer ficar longe durante tanto tempo, quando um bebê-meinha está precisando dela - e ela também já foi um bebê-meinha talvez devamos exatamente aprender a nos arranjar sem ela.

- Mas Tritt, você não quer fundir de novo?

- Bem, a tríade agora está completa.

- Isso não é tudo o que importa na fusão.

- Mas onde devemos ir procurá-la? - replicou Tritt -. Derola precisa de mim. Ela é um bebê muito pequeno. Não quero deixá-la.

- Os Duros arranjarão quem tome conta de Derola. Você e eu iremos às cavernas dos Duros procurar Dua.

Tritt refletiu um momento. Não se importava com Dua. Até certo ponto, também não se importava com Odeen. Havia apenas Derola.

- Qualquer dia - disse -. Qualquer dia, quando Derola for maior. Mas não agora.

- Tritt - disse Odeen com insistência -, precisamos encontrar Dua. Do contrário... do contrário, os bebês serão tirados de nós.

- Por quem? - perguntou Tritt.

- Pelos Duros.

Tritt ficou em silêncio. Não havia nada que pudesse dizer. Jamais ouvira coisa semelhante. Nem podia concebê-la.

- Tritt, nós devemos "passar". Agora eu sei por que. Tenho pensado nisso desde que Losten... mas não se preocupe. Dua e você também devem "passar". Agora que sei por que, você sentirá que deve e eu espero - eu penso - que Dua sentirá também que deve "passar". E devemos "passar" logo, porque Dua está destruindo o mundo.

Tritt recuou.

- Não me olhe assim, Odeen. Você está me motivando... você está me motivando...

- Não estou motivando você, Tritt - afirmou Odeen com tristeza -. Apenas, agora eu sei. Assim você deve... mas precisamos encontrar Dua.

- Não, não.

Tritt estava profundamente angustiado, procurando resistir. Havia algo terrivelmente estranho em Odeen. A vida estava se aproximando inexoravelmente do fim. Não mais haveria Tritt, nem bebê-meínha. Enquanto qualquer outro Parental podia ter seu bebê-meínha por muito tempo, Tritt ia perder brevemente o seu. Não estava certo. Oh, isso não estava certo. Tritt arquejou:

- Dua é a culpada. Deixemos que ela "passe" primeiro.

Odeen disse com fria tranquilidade:

- Impossível! Só há uma saída... E para nós três.

E Tritt percebeu que assim era... que assim era... que assim era.

****

6a

Dua sentia-se rarefeita e fria, insignificante. As tentativas de ficar ao ar livre para absorver a luz do sol tinham terminado no dia em que Odeen a encontrara. A alimentação nas baterias dos Duros era muito irregular. Não ousava permanecer muito tempo fora da proteção das rochas; assim, alimentava-se em rápidos sorvos e nunca em quantidade suficiente.

Tinha uma permanente sensação de fome, de tal modo que começava a se aborrecer dentro da rocha. Era como se estivesse sendo castigada pelo tempo em que tinha o sol ao seu alcance e se alimentava tão escassamente.

Não fosse a tarefa em que se empenhava, e não suportaria a fraqueza e a fome. Algumas vezes chegava a desejar que os Duros a destruíssem... mas só depois de ter chegado ao fim.

Os Duros nada podiam fazer enquanto estivesse dentro da rocha. Algumas vezes, percebia-os do lado de fora, ao ar livre. Estavam assustados. Chegara a pensar que receavam por ela. Mas isso era impossível. Como poderiam temer por ela? Talvez receosos de que ela "passasse" pela completa falta de alimento ou pela exaustão.

Não. Certamente tinham medo dela; medo de que a máquina não funcionasse como fora previsto; assustados com esse prodígio; perplexos com o terror que ela lhes infundia.

Dua os evitava cuidadosamente. Sabia sempre onde estavam. Assim, não podiam apanhá-la nem impedi-la de continuar.

Não podiam vigiar ao mesmo tempo todos os lugares. Dua estava boquiaberta com a fraca percepção que eles demonstravam. Turbilhonou para fora da rocha e estudou as cópias gravadas das mensagens que recebera do outro Universo. Os Duros não sabiam o que ela estava procurando. Se escondessem as mensagens, ela as encontraria onde quer que estivessem. Se as destruíssem, não teria importância. Dua as sabia de cor.

A princípio não entendera nada. Mas, com a permanência na rocha, seus sentidos foram se tornando cada vez mais aguçados e ela parecia ter uma intuição das coisas. Embora não soubesse o significado dos símbolos, eles lhe causavam sensações.

Escolheu alguns deles e os dispôs em lugar de onde poderiam ser transmitidos ao outro Universo. Os símbolos eram M-I-D-O. Dua não tinha a menor idéia do que poderiam significar, mas sua forma despertava nela uma sensação de medo. Fez o impossível para lhes transferir esse medo. Talvez os outros seres, ao estudar os símbolos, também se sentissem amedrontados.

Ao receber as respostas, Dua podia sentir nelas uma espécie de inquietação. Mas nem sempre as encontrava. Algumas vezes os Duros as descobriam primeiro. Com certeza sabiam o que ela estava fazendo. Contudo, não podiam ler as mensagens, nem mesmo sentir a emoção de que estavam impregnadas.

Assim, ela não se preocupou. Nada a poderia deter enquanto não tivesse chegado ao fim, por mais que o quisessem os Duros.

Ela esperava uma mensagem que transmitisse o sentimento que desejava. E chegou: B-O-M-B-A M-A-U.

A mensagem exalava medo e ódio. Dua devolveu-a sob forma ampliada - mais medo, mais ódio. Agora, os outros-seres entenderiam. Agora, sem dúvida, parariam a Bomba. Os Duros teriam de encontrar um outro modo, uma outra fonte de energia, e não deveriam consegui-la com a morte de milhares de criaturas do outro Universo.

Dua sentia-se cada vez mais fraca, mergulhada numa espécie de torpor, dentro da rocha. Precisava desesperadanlente de alimento e esperava poder rastejar para fora. Ainda mais desesperadamente do que desejava encontrar alimento em um depósito de baterias, desejava ver essas baterias paradas.

Queria sorver a última gota de alimento e saber que ficariam esgotadas para sempre e que sua missão fora cumprida.

Finalmente, emergiu e permaneceu, temerariamente, longo tempo sugando o conteúdo de uma das baterias. Queria absorver toda a energia, esgotar completamente a bateria, verificar que ela não seria reabastecida... Mas era uma fonte inesgotável... inesgotável... inesgotável.

Dua se movimentou e se afastou com desgosto. A Bomba Positrônica ainda estava funcionando. Não teriam suas mensagens convencido os seres do outro Universo a parar a Bomba? Não as teriam recebido? Não teriam apreendido o seu significado?

Devia tentar mais uma vez, devia torná-las mais claras, incluiria todas as combinações de símbolos que lhe parecessem impregnadas de sentimentos de perigo. Qualquer combinação que significasse um apelo para que parassem a Bomba.

Desesperadamente começou a fundir os símbolos no metal; gravando-os sem se preocupar em poupar a energia que acabara de sorver da bateria; gravando-os até esgotar toda a energia e sentir-se mais fraca do que nunca: BOMBA NÃO PARAR NÃO PARAR NOS NÃO PARAMOS BOMBA NOS NÃO SENTIMOS PERIGO NÃO SENTIMOS NÃO SENTIMOS VOCES PAREM FAVOR PAREM VOCES PAREM ENTAO NOS PARAMOS FAVOR VOCES PAREM PERIGO PERIGO PERIGO PAREM PAREM VOCES PAREM BOMBA.BOMBA.

Foi tudo o que pôde fazer. Nada mais restava nela do que um angustiante sofrimento. Colocou a mensagem em lugar de onde podia ser transferida e não esperou que os Duros, sem o perceber, transmitissem a mensagem. Através de uma névoa de agonia, acionou os controles tal como os vira fazer, encontrando ainda forças para isso.

A mensagem desapareceu. Também desapareceu a caverna numa luz vermelha de vertigem. Dua estava "passando" de pura exaustão.

Odeen... Tri...

6b

Odeen veio. Fluíra mais depressa do que nunca. Viera seguindo a sensibilidade de Tritt, aguçada pelo novo bebê, mas agora estava bastante perto para que seus próprios sentidos, embotados, detectassem a proximidade dela. Pôde, assim, por si mesmo, sentir o bruxuleio e o gradual desaparecimento da consciência de Dua e lançou-se para a frente enquanto Tritt se esforçava por segui-lo, ofegando e pedindo:

- Mais depressa, mais depressa.

Odeen encontrou Dua em estado de colapso, quase morta, menor do que ele jamais vira uma Emocional adulta.

- Tritt - disse ele - traga aqui a bateria. Não, não, não tente levá-la. Ela está muito rarefeita para isso. Depressa. Se infiltrar no chão...

Os Duros começaram a reunir-se em torno deles. Eram lerdos com sua incapacidade de sentir as outras formas de vida à distância. Se dependesse apenas deles, seria tarde demais, para salvar Dua. Ela não "passaria"; seria realmente destruída, e muito mais coisas do que conhecia seriam destruídas com ela.

Agora que ela estava sorvendo de novo a vida, lentamente, através da energia, os Duros permaneciam silenciosos junto deles.

Odeen levantou-se, um novo Odeen que sabia exatamente o que estava acontecendo. Imperiosamente, com um gesto zangado, ordenou aos Duros que se afastassem e eles saíram silenciosamente, sem objeções.

Dua mexeu-se.

- Ela está bem, Odeen? - perguntou Tritt.

- Silêncio, Tritt - disse Odeen -. Dua?

- Odeen? - Dua mexeu-se e falou num sopro: - Pensei que tinha "passado".

- Não, ainda não, Dua. Primeiro, precisa comer e descansar.

- Tritt também está aqui?

- Sim, estou aqui, Dua - disse Tritt.

- Não tente me prender. Está tudo acabado. Já fiz o que queria fazer. A Bomba Positrônica logo deixará de funcionar, estou certa disso. Os Duros continuarão precisando dos Suaves e tomarão conta de vocês dois, ou pelo menos das crianças.

Odeen nada disse. Também impediu Tritt de falar. Deixou que a radiação fluísse lentamente para Dua, muito lentamente. De vez em quando, parava, para que ele descansasse um pouco, e recomeçava.

Dua murmurou:

- Basta, basta.

Sua substância debatia-se agora mais fortemente.

Odeen continuava a alimentá-la.

- Dua, você está errada - disse, finalmente -. Nós não somos máquinas. Agora sei exatamente o que somos. Eu a teria procurado antes, se tivesse sabido mais cedo, mas soube apenas quando Losten me pediu que pensasse. Pensei. Pensei muito. E ainda assim esse conhecimento me parece imaturo.

Dua gemeu e Odeen parou por um momento.

- Ouça, Dua - continuou -. Há uma única espécie de vida. Os Duros são os únicos seres vivos no mundo. Você intuiu essa verdade e até aí estava certa. O que não significa, entretanto, que os Suaves não estejam vivos. Quer dizer apenas que somos parte dessa mesma espécie. Os Suaves são formas imaturas dos Duros. A principio, somos crianças Suaves, a seguir adultos Suaves e finalmente Duros. Compreende?

- O quê, o quê? - perguntou Tritt, confuso.

- Não agora, Tritt, não agora. Você também compreenderá, mas primeiro Dua.

Voltou-se e observou Dua que estava adquirindo opalescência.

- Ouça, Dua. Sempre que fundimos, sempre que a tríade funde, nos tornamos um Duro. O Duro é três-em-um; por isso é que ele é Duro. Mas isso acontece apenas por um momento; logo depois, não nos lembramos de nada. Não podemos permanecer um Duro por muito tempo; precisamos retornar ao que somos. Mas, durante nossa vida, estamos em constante desenvolvimento e passamos por etapas fundamentais. Cada bebê que nasce marca uma nova etapa. Com o nascimento do terceiro bebê - a Emocional - torna-se possível a etapa final, em que a mente do Racional, por si mesma, sem as outras duas, pode recordar esses rápidos momentos de existência como Duro. Então e somente então, ele pode dirigir uma perfeita fusão que formará para sempre o Duro. Assim, a tríade pode viver uma nova e unificada vida de aprendizado e inteligência. Eu disse a você que "passar" era como nascer de novo. Eu andava então às apalpadelas, não tinha compreendido completamente, mas agora eu sei.

Dua olhava para ele, tentando sorrir.

- Como pode acreditar nisso, Odeen? - disse ela -. Se fosse verdade, não teriam os Duros contado a você há muito tempo? Por que não nos teriam contado tudo?

- Eles não podiam, Dua. Houve um tempo, há muitas gerações, em que fundir era apenas unir os átomos dos corpos, mas, com a evolução, as mentes foram se desenvolvendo paulatinamente. Ouça-me, Dua. Fundir é unir também as mentes, o que é muito mais difícil, muito mais delicado. Para poder uni-las apropriada e permanentemente, o Racional deve chegar a um certo nível de desenvolvimento. Esse nível é atingido quando ele percebe, por si mesmo, toda a verdade. Quando sua mente está bastante aguçada para lembrar o que aconteceu em todas as uniões temporárias durante a fusão. Se o Racional é informado antes, seu desenvolvimento pode ser interrompido e é impossível determinar o momento da fusão perfeita. O Duro assim formado também seria imperfeito. Quando Losten me pediu que pensasse, ele estava correndo um risco. Mesmo isso, pode ter sido... Espero que não...

- Em nosso caso, Dua - prosseguiu Odeen -, isso se aplica muito especialmente. Durante muitas gerações, os Duros combinaram tríades com grande cuidado para formar Duros bem desenvolvidos. A nossa tríade foi a melhor que jamais conseguiram. Particularmente você, Dua. Particularmente você. Losten foi certa vez a tríade cujo bebê-meínha era você. Parte dele era o seu Parental. Ele conheceu você, ele trouxe você para mim e Tritt.

Dua sentou-se. Sua voz estava quase normal.

- Odeen! Você está inventando tudo isso para me consolar?

Tritt interrompeu:

- Não, Dua. Eu também sinto isso. Eu também sinto isso. Não sei bem como, mas sinto.

- Ele sente, Dua, ele sente - disse Odeen -. Você também sentirá. Não se lembra de ter sido um Duro no momento em que fundimos? Não quer fundir agora? Uma última vez? Uma última vez?

Odeen ergueu-a. Havia em torno dela uma espécie de exaltação e embora resistisse um pouco, estava se rarefazendo.

- Se o que você diz é verdade, Odeen - murmurou Dua - se nós vamos ser um Duro, então me parece que está querendo dizer que seremos um Duro importante. É isso?

- O mais importante. O melhor jamais formado. Quero dizer que... Tritt, por aqui. Não é um adeus, Tritt. Estaremos juntos, como sempre desejamos, Dua também. Você também, Dua.

- Então poderemos fazer Estwald compreender que a Bomba não pode continuar... - disse Dua

Estavam começando a fundir. Um depois do outro, os Duros foram entrando de novo, no momento crucial. Odeen viu-os de modo imperfeito, porque estava começando a fundir com Dua.

Não foi como das outras vezes... Não um êxtase agudo. Apenas um movimento suave, tranqüilo, cheio de paz. Ele pôde sentir que passava a fazer parte de Dua e todo o mundo parecia fluir através dos seus/dela sentidos aguçados. A Bomba Positrônica continuava a funcionar... Ele/ela podia dizer... Por que continuava funcionando?

Havia Tritt também, e uma profunda e cruciante sensação de amarga perda encheu sua/dela/sua mente. Oh, meus bebês...

Ele gritou, um último grito na consciência de Odeen, mas era até certo ponto o grito de Dua:

- Não, nós não podemos deter Estwald. Nós somos Estwald. Nós...

O grito que era de Dua, e contudo não era de Dua, morreu. E já não havia Dua nem jamais haveria Dua outra vez. Nem Odeen. Nem Tritt.

7

Estwald deu um passo à frente e disse tristemente aos Duros, que esperavam, através da vibração de ondas do ar:

- Agora estarei permanentemente com vocês e há muito que fazer. .

*****

DISPUTAM EM VÃO?

1

Selene Lindstrom sorriu gostosamente e caminhou com um passo saltitante, que surpreendia os turistas, quando o observavam pela primeira vez, mas era logo reconhecido como dotado de uma graça inconfundível.

- É hora do almoço - disse ela, alegremente -. Tudo produção local, senhores e senhoras. Talvez não estejam acostumados ao paladar, mas é muito nutritivo... Aqui, senhor. Não vai se importar de sentar junto às senhoras, estou certa... Um momento. Tem cadeiras para todo mundo... Desculpem, podem escolher a bebida, mas não os pratos principais. Haverá vitela. Não, não. Composição e sabor artificiais, porém realmente de muito boa qualidade.

Sentou-se então, com um ligeiro suspiro e uma agitação ainda mais ligeira de sua expressão divertida. Um dos membros do grupo se sentou defronte dela e perguntou:

- Incomoda-se?

Lançou-lhe um olhar rápido, penetrante. Selene possuía a capacidade de fazer julgamentos imediatos, naturalmente, e não pareceu perturbada.

- De modo algum - respondeu -. Mas o senhor não está com alguém neste grupo?

- Não - replicou ele, com um aceno da cabeça -. Estou sozinho. Mesmo que não o estivesse, os terrestrinhas não me dão grande sensação.

Olhou-o de novo. Era um cinquentão de expressão cansada, que os olhos brilhantes e inquiridores pareciam desmentir. Tinha o aspecto inequívoco do terrestre, carregado de gravidade.

- "Terrestrinha" - disse Selene - é uma expressão lunar e não muito elegante.

- Sou da Terra - objetou o homem -, de modo que posso usá-la sem intenção de ofender, espero. A menos que se oponha.

Selene deu de ombros, como se dissesse: faça como quiser. Possuía os olhos de formato levemente oriental, como tantas das jovens lunares, mas seus cabelos eram cor de mel e o nariz bem saliente. Era inegavelmente atraente, sem chegar a ser uma beleza clássica.

O terrestre contemplava a placa com seu nome, que ela usava na blusa, cobrindo o declive superior do seu não muito volumoso seio esquerdo. Concluiu que olhava realmente para a placa e não para o seio, embora a blusa fosse semitransparente quando sob a luz, num ângulo particular, e ela não usasse nenhuma peça de roupa por baixo.

- Existem muitas Selenes por aqui? - indagou o homem.

- Ah, sim. Centenas, creio. Também Cynthias, Dianas e Artemises. Selene é um pouco enjoado. Metade das Selenes, que conheço, são chamadas de "Silinha" e outra metade de "Lena".

- Qual delas é você?

- Nem uma, nem outra. Sou Selene, com todas as três sílabas. Se-LE-ne - escandiu, acentuando fortemente a segunda sílaba -, para os que só usam meu primeiro nome.

Uma garçonete veio à mesa deles e dispôs os pratos com movimentos ágeis e suaves.

O terrestre ficou visivelmente impressionado. Comentou para a garçonete:

- Usa de um jeito que os pratos caem, parecendo flutuar.

A garçonete sorriu e se afastou.

- Não tente fazer o mesmo - advertiu Selene -. Ela está habituada à gravidade e sabe manejá-la.

- Se eu tentar, tudo despencará? É isso?

- Fará uma bagunça estrondosa.

- Bem, não vou tentar.

- Existe uma boa probabilidade de que alguém o tente logo mais e o prato flutuará para o chão. A pessoa vai procurar agarrá-lo e o deixará escapar. Em nove casos em dez, caem da cadeira. Já os avisei, mas nunca adianta, só ficam um bocado constrangidos. Todo mundo vai rir... os turistas, quero dizer, porque nós já o vimos com muita frequência para ainda achar graça. Afinal, para nós resulta apenas em aumentar o trabalho de faxina.

O terrestre ergueu cuidadosamente seu garfo e observou:

- Já entendi o que quer dizer. Até os movimentos mais simples parecem esquisitos.

- Realmente, a gente se acostuma bem depressa. Pelo menos, nas pequenas coisas, como comer. Andar é mais difícil. Nunca vi um terrestre caminhar aqui de modo adequado. Na verdade, nunca vi.

Comeram em silêncio, durante algum tempo. Depois do que o homem tornou a indagar:

- Que significa este L?

Olhava de novo a placa no peito dela, onde se lia: Selene Lindstron L.

- Significa apenas Lua explicou ela, com bastante indiferença -. Serve para me distinguir dos imigrantes. Nasci aqui.

- Verdade?

- Não tem nada de surpreendente. Temos aqui uma sociedade em atividade há mais de meio século. Não crê que crianças tenham nascido entre nós? Temos gente que nasceu aqui e que já tem netos.

- Qual a sua idade?

- Trinta e dois.

- Bem, compreendo - murmurou, espantado.

Selene ergueu as sobrancelhas e replicou:

- Acha mesmo que compreendeu? A maioria dos terrestres precisa de explicações.

- Sei o bastante - tornou o terrestre - para saber que a maioria dos sinais visíveis do envelhecimento constituem o resultado da vitória inexorável da força da gravidade sobre os tecidos: daí o descaimento das bochechas e a queda dos seios. Sendo a gravidade lunar apenas um sexto da terrestre, não é, de fato, difícil de entender que as pessoas continuem com aspecto tão jovem.

- Só o aspecto permanece jovem. Não significa que tenhamos, aqui, a imortalidade. O período de vida é aproximadamente igual ao da Terra, mas a maioria de nós se mantém em boas condições na velhice.

- Não é coisa que se despreze... Naturalmente, há desvantagem, suponho - tomou o primeiro gole do seu café e comentou -. São mesmo obrigados a beber esta...

Interrompeu-Se à procura de uma palavra, mas desistiu.

- Poderíamos importar comidas e bebidas da Terra - explicou Selene, divertida -, mas apenas para alimentar uma fração de nós, durante uma fração de tempo. Não há razão para que o façamos, quando podemos usar o espaço para coisas mais vitais. Além disso, estamos acostumados a esta porc... Ou será que ia usar uma palavra ainda mais forte?

- Não para o café. Ia reservá-la para a comida... Mas, diga-me, senhorita Lindstron, não vi, no itinerário turístico, nenhuma menção ao próton-sincroton.

- O próton-sincroton? - Selene acabava de tomar seu café e seus olhos começavam a vaguear pela sala, como se achasse que já era hora de dar a refeição por encerrada. É propriedade terrestre e não se acha aberto para turistas.

- Quer dizer que é interditado aos selenitas?

- Não, nada disso. A maior parte dos funcionários é constituída de selenitas. É somente porque as regras são estabelecidas pelo governo terrestre. Nada de turistas.

- Fico satisfeito em saber.

- Estou certa de que fica... Trouxe-me sorte. Nada caiu no chão, nem um prato de comida, nem um desses benditos homens ou mulheres.

Ela se ergueu e anunciou:

- Senhoras e senhores, partiremos dentro de dez minutos. Por favor, deixem os pratos onde estão. Há quartos de descanso para os que desejem usá-los e, a seguir, visitaremos as usinas de processamento de alimentos, semelhantes aos que acabam de comer.

2

Os aposentos de Selene eram pequenos, naturalmente, e compactos. Mas eram intrincados. As janelas panorâmicas abriam para cenários estelares que mudavam lentamente, muito a esmo, sem nunca evidenciar qualquer relação com alguma constelação verdadeira. Cada uma das três janelas podia ser adaptada a um dispositivo de aumento telescópico, quando Selene o desejasse.

Barrou Neville detestava este detalhe. Costumava abrir a janela num gesto brusco e reclamar:

- Como pode suportá-lo? É a única pessoa, que conheço, que tem esse mau gosto. Não seria a mesma coisa, caso essas nebulosas e aglomerados de estrelas existissem de fato.

Selene daria de ombros friamente e diria:

- Que importa a existência? Como sabe que essas estrelas aí fora não existem? Ademais, isso me dá uma sensação de liberdade e movimento. Posso ter o dispositivo em minha casa, se for da minha vontade?

Neville resmungava e fazia uma tentativa meio desanimada fim de restabelecer os controles do dispositivo, mas Selene diria:

- Ora, deixe pra lá!

Os móveis tinham curvas suaves e as paredes eram abstratamente decoradas com um colorido esfumado, não-agressivo. Em parte alguma, havia a representação de algo que pudesse ser considerado um ser vivo.

Seres vivos só na Terra - dizia Selene -, não na Lua. Naquela ocasião, ao entrar, encontrou Neville, como sucedia com tanta frequência. Barron Neville descansava em cima do divã informe, só com um dos pés metido numa sandália. A outra se achava caída ao lado. Na sua barriga, bem em cima do umbigo, havia uma linha de marcas vermelhas, no lugar onde coçara pensativamente.

- Que tal um cafezinho, hein, Barron?

Feita a pergunta, Selene se desfez das roupas com um gingado demorado e gracioso, acompanhado de um suspiro de alivio, deixando-as cair no chão e, em seguida, chutando-as para um canto.

- Que alívio se livrar dessas roupas! - comentou ela -. A pior coisa do trabalho é ter de se vestir como uma terrestre.

Neville se encontrava no canto da cozinha e não prestou atenção ao desabafo, já antes ouvido. Perguntou:

- Que é que há com o seu abastecimento de água? Está no finzinho.

- É mesmo? Bem, creio que usei em excesso. Tenha um pouquinho de paciência.

- Algum problema, hoje?

- Não - Selene encolheu os ombros. - Uma correria pela usina. A mesma coisa de costume, espiando como eles ficam oscilando e fingindo que não detestam a comida, enquanto se perguntam se não serão solicitados a tirar as roupas. Não me deveria surpreender. . . Possibilidade desagradável.

- Está com um acesso de pudor? - perguntou Neville, trazendo dois copinhos de café à mesa.

- Neste caso, o pudor tem cabimento. Eles são cheios de pregas, flácidos, pançudos, cheios de germes. Não adianta levar em conta os regulamentos de quarentena. Eles são cheios de germes... Que há de novo nas suas bandas?

Barrou acenou negativamente com a cabeça. Possuía compleição pesada para um selenita e olhos estreitos, quase sombrios, encovados. Fora daí, suas feições eram regulares, notavelmente belas, como pensava Selene.

- Nada de novo - disse Barron -. Continuamos aguardando a mudança de comissário. Precisamos saber de que jeito é esse Gottstein.

- Pode vir a criar dificuldades?

- Não mais do que as já criadas. Afinal, que é que vão fazer? Não podem se infiltrar. Não é possível disfarçar um terrestre em selenita. Mas continuou com o mesmo aspecto de mal-estar.

Selene sorveu o café e o fitou astutamente:

- Alguns selenitas podem ser terrestres por dentro.

- Sim, até que gostaria de saber quais são. Às vezes, acho que não devo confiar... Bem, vá lá. Estou desperdiçando um tempo incrível com o meu projeto de sincroton, sem qualquer resultado. Não tenho tido sorte com prioridades.

- Provavelmente, não confiam em você, no que não os censuro. Se, ao menos, você não andasse por aí tão conspirativamente.

- Não acho que seja isso. Teria grande prazer em deixar a sala do sincroton e nunca mais voltar a ela, mas, então é que ficariam desconfiados. . Selene, se não

aumentar, com os diabos, o seu abastecimento de água, suponho que não possamos tomar um segundo copo de café.

- Não, não podemos. Mas, se chegou a este ponto, é que você tem me ajudado a desperdiçar água. Tomou dois banhos, aqui, na última semana.

- Ofereço-lhe um crédito de água. Não sabia que estava controlando.

- Não estou controlando... basta ver o nível da água.

Terminou de tomar o cafezinho e se pôs a olhar o copinho, meditativamente, dizendo, a seguir:

- Sempre fazem cara feia para o café. Os turistas. Mas não consigo imaginar porquê. Para mim, tem ótimo gosto. Já provou o café terrestre, Barron?

- Não - respondeu ele, sumariamente.

- Pois eu, já. Uma vez. Certo turista contrabandeou pacotes do que chamou de café instantâneo. Ofereceu-me um pacote em troca de já sabe o quê. Parecia pensar que seria uma troca igual.

- E você tomou?

- Fiquei curiosa. Era amargo e metálico. Detestei. Depois, disse a ele que a miscigenação ia contra os hábitos dos selenitas e aí foi ele quem ficou bem amargo e metálico.

- Nunca me contou isso. Ele tentou alguma coisa, tentou?

- Não é da sua conta, não acha? Não, não tentou nada. Se tentasse, com a gravidade desfavorável para ele, eu o jogaria no corredor. Ah, sim - prosseguiu Selene, lembrando-se -. Arranjei outro terrestrinha, hoje. Insistiu em ficar sentado junto de mim.

- E que lhe ofereceu em troca da extorsão do que tão delicadamente você chama de "já sabe o quê".

- Limitou-se a ficar sentado.

- Olhando seus seios?

- Estão aí para serem olhados, mas ele, na verdade, não o fez. Olhou a placa com meu nome... Além disso, que é que você tem com as fantasias dele? Cada um é livre para fantasiar o que quiser e eu não tenho de me chatear com essas coisas. Que é que pensa que estou fantasiando? Dormir com um terrestre? Com todo o esforço, que se deve esperar de alguém que tente manejar um campo gravitacional com o qual não está habituado? Não digo que alguém ainda não o tenha experimentado, mas não eu, nem jamais ouvi dizer que daí resultasse algo bom. Ficou claro? Posso voltar ao terrestrinha? Um cinquentão que, com certeza, não era dos mais bonitos mesmo quando estava nos seus vinte anos... No entanto, tem aparência interessante, admito.

- Muito bem. Já manjei, sem precisar de uma descrição tão pobre. Mas, que tal ele?

- Perguntou pelo próton-sincroton!

Neville se ergueu, balançando um pouco, como era quase inevitável após um movimento rápido num ambiente de baixa gravidade.

- Que é que perguntou a propósito do sincroton?

- Nada. Por que ficou tão excitado? Você me pediu que lhe contasse tudo que fosse incomum com qualquer turista, em qualquer ocasião, e isto parece incomum. Ninguém nunca me perguntou antes pelo sincroton.

- Vá lá - Neville fez pequena pausa e, com voz normal, indagou: - Por que estava interessado no sincroton?

- Não tenho a menor idéia. Só me perguntou se podia vê-lo. Talvez seja um turista interessado na ciência. Pelo que imagino, foi apenas um truque para me tornar interessada nele.

- E acho que está. Qual o nome dele?

- Por que não?

- Porque não estou interessada nele. Como quer que seja diferente? Ademais, sua pergunta mostra que é um turista. Se fosse um físico, não perguntaria. Já estaria no sincroton.

- Querida Selene. Deixe que lhe explique. Nas circunstâncias presentes, quem quer que peça para ver o próton-sincroton é um cara peculiar, que precisamos saber quem seja. E, afinal, por que perguntaria a você? - Neville ficou andando depressa de uma ponta a outra do quarto, como para gastar um pouco de energia. A certa altura, voltou a falar -: Você é quem pode opinar sobre esse absurdo. Achou-o interessante?

- Sexualmente?

- Sabe o que quero dizer. Não se faça de gaiata, Selene.

Com evidente relutância, Selene respondeu:

- Ele é interessante, até mesmo perturbador. Mas não sei porquê. Não disse nada. Não fez nada.

- Interessante e perturbador, hein? Então, vá vê-lo de novo.

- Para quê?

- Sei lá! É o que lhe compete. Descubra o nome dele. Descubra tudo o mais que puder. Ponha a cuca para funcionar e realize uma pequena investigação prática.

- Oh, está bem. Ordens de cima. Vá lá que seja.

3

Pelo tamanho, os aposentos do comissário não se distinguiam dos de nenhum outro selenita. Não havia espaço disponível na Lua, sequer para funcionários terrestres. Tampouco para ostentações luxuosas, mesmo como símbolo do planeta pátrio. Nem havia maneira de mudar o fato esmagador acerca da Lua - sua submersão na baixa gravidade -, ainda que se tratasse do terrestre mais genial que já existiu.

- O homem ainda é o produto do seu meio - suspirou Luiz Montez -. Estou há dois anos na Lua e houve ocasiões em que fiquei tentado a permanecer aqui, mas... minha idade vai avançando. Acabo de transpor os quarenta e, se pretendo regressar à Terra, melhor que seja agora. Com mais idade, ficarei incapaz de me reajustar à plena gravidade.

Konrad Gottstein só tinha trinta e quatro anos e parecia mais jovem. Tinha um rosto largo e redondo, o tipo de rosto não encontrado entre selenitas e que eles desenhariam como caricatura de um terrestre. Não era corpulento - não valia a pena enviar terrestres corpulentos à Lua e sua cabeça parecia muito grande para o corpo.

Falando a Língua Planetária com um sotaque perceptivelmente diverso do de Montez, Gottstein se manifestou:

- Parece estar se desculpando.

- Estou, não tenha dúvida - replicou Montez, cujo rosto, com suas linhas longas e finas, em contraste com a aparência bonachona de Gottstein, era quase comicamente trágico -. Estou me desculpando nos dois sentidos. Sinto-me constrangido por deixar a Lua, uma vez que se trata de um mundo fascinante, cheio de excitação. E também me sinto constrangido com o constrangimento. Envergonhado por relutar em reassumir a carga terrestre... com a gravidade e tudo.

- Sim, imagino, não vai ser mole recuperar os outros cinco sextos de gravidade. Estou na Lua há apenas poucos dias e já sinto que um sexto de gravidade é uma coisa muito bacana.

- Não se sentirá assim quando a constipação começar e passar a viver à base de óleo mineral - retrucou Montez, suspirando -, mas acaba dando um jeito... Não pense, porém, que poderá imitar um cavalo de corrida, só porque se sente leve. Isso exige muita arte.

- Já compreendi.

- Pensa que já compreendeu, Gottstein. Já viu o passo do canguru, hein?

- Na televisão.

- Assim, não teve uma sensação bem real. Precisa fazer tentativas pessoais. É a maneira adequada de atravessar a superfície lunar plana, em alta velocidade. Os pés se movem juntos para trás e o lançam num salto que, na Terra, não passaria de um pulinho. Enquanto estiver no meio do ar, os pés vêm à frente; começam a se mover para trás exatamente antes de tocarem de novo no solo; tornam a lançá-lo e assim sucessivamente. O movimento parece lento segundo os padrões terrestres, com uma gravidade baixa pesando-lhe por cima, porém cada pulo é de mais de seis metros e a soma de esforço muscular, exigido para mantê-lo no ar – se houvesse ar -, é míniima. A sensação é de estar voando...

- Já tentou fazê-lo? É capaz?

- Experimentei, mas nenhum terrestre é realmente capaz. Mantive o movimento nuns cinco saltos em sucessão, o bastante para alcançar a sensação e querer mais, mas, a essa altura, vem inevitavelmente um erro de cálculo, uma perda de sincronização e a gente tropeça e escorrega por uns trezentos metros. Os selenitas são polidos e nunca riem da gente. Claro, para eles é fácil. Começam quando crianças e aprendem de uma vez, sem dificuldade.

- É o mundo deles - comentou Gottstein, dando uma risadinha -. Imagine-os na Terra.

- Não poderiam viver na Terra. Suponho que é uma vantagem do nosso lado. Somos capazes de viver na Lua ou na Terra. Eles conseguem viver exclusivamente na Lua. Tendemos a esquecer esta diferença, porque confundimos os selenitas com os imies.

- Com o quê?

- Com o que chamam de imigrantes da Terra. As pessoas que vivem na Lua mais ou menos permanentemente, porém nasceram e se criaram na Terra. Os imigrantes podem, está claro, retornar à Terra, mas os verdadeiros selenitas não

possuem ossos, nem músculos capazes de resistir à gravidade terrestre. Ocorreram algumas tragédias, a este respeito, na história inicial da Lua.

- Não diga!

- É verdade, sim. Gente que voltou com os filhos nascidos na Lua. Tendemos a esquecer. Tivemos nossa própria Crise e umas poucas crianças, que morreram, não parecem fato importante à luz das perdas enormes da passada década dos vinte e de kido o que se seguiu. Aqui, na Lua, entretanto, todo selenita morto, que sucumbiu à gravidade da Terra, é lembrado... Isto contribui para que se sintam, um mundo à parte, segundo creio.

- Pensava - interveio Gottstein - ter sido completamente informado na Terra, mas parece que ainda terei muito a aprender.

- É impossível aprender tudo acerca da Lua de um posto na Terra e, por isso, lhe deixei um relatório minucioso, como o meu predecessor fez para mim. Achará a Lua fascinante e, sob certos aspectos, torturante. Duvido que, na Terra, tenha comido rações lunares e, se basear apenas na descrição, não ficará preparado para a realidade... Mas precisará aprender a gostar delas. Constitui má política transportar gêneros terrestres para cá. Temos de comer e beber os produtos locais.

- Você o fez durante dois anos. Acho que também sobreviverei.

- Não o fiz ininterruptamente. Há licenças periódicas para estágio na Terra. São obrigatórias, queira-o ou não. Estou certo de que lhe falaram a respeito.

- Sim - aquiesceu Gottstein.

- A despeito de exercícios que faça aqui, vai precisar se submeter à plena gravidade, de quando em vez, a fim de recordar aos seus ossos e músculos o que isto significa. E, quando estiver na Terra, comerá. É, ocasionalmente, algum alimento é contrabandeado.

- Minha bagagem foi cuidadosamente revistada, é evidente, mas resultou que havia uma lata de carne em conserva no bolso do meu paletó. Coisa que omiti. E eles também.

Montez esboçou um sorriso e disse, hesitante:

- Desconfio que, agora, vai me propor a partilha dessa lata.

- Não - manifestou-se Gottstein judiciosamente, enrugando seu largo nariz abatatado -. Direi com toda a nobreza trágica de que seja capaz: '"Ei-la. Montez, recebe-a integralmente! Tua necessidade é maior do que a minha!"

Tropeçou um bocado para fazer a declaração, dado que raramente empregava a segunda pessoa do singular na Língua Planetária.

Montez sorriu mais expansivamente e, depois, apagou o sorriso. Sacudiu a cabeça e se negou:

- Não. Dentro de uma semana, disporei de todos os alimentos terrestres, que possa comer. Você, não. Seus bons bocados serão poucos nos próximos anos e vai acabar lamentando amargamente sua generosidade atual. Fique com toda a lata... Insisto. De outro modo, acabaria ganhando seu ódio ex post facto.

Parecia falar sério, com uma das mãos no ombro do sucessor, o olhar dirigido diretamente aos olhos de Gottstein.

- Além disso - tornou Montez -, há algo de que lhe desejo falar e que venho protelando, porque não sei como abordar e esta comida seria um pretexto para continuar me desviando do assunto.

Gottstein imediatamente guardou a lata de conserva terrestre. Embora sem o tom solene do companheiro, sua voz soou grave e firme:

- Há algo que não incluiu em suas comunicações, Montez?

- Houve algo que tentei inserir, Gottstein, porém acabei não comunicando, hesitante, por um lado, com a dificuldade de expressão e, por outro lado, com a relutância da Terra em apreender minha intenção. Talvez você resolva o problema. Espero que sim. Uma das razões por que não solicitei o prolongamento do meu exercício no cargo foi que não consigo continuar carregando a responsabilidade do meu fracasso de comunicação.

- Está dando um aspecto grave à questão.

- É o que desejo. Com franqueza, parece algo estúpido. A colônia lunar não tem mais do que umas dez mil pessoas, das quais bem menos do que a metade é constituída de selenitas nativos. Vivem atormentados pela insuficiência de recursos, pela insuficiência de espaço, por um mundo áspero, e no entanto... no entanto...

- E no entanto? - repetiu Gottstein, encorajando.

- Há algo que vem acontecendo aqui... não sei exatamente o quê... mas pode vir a ser perigoso.

- Como é que pode se tornar perigoso? Que é que podem fazer? Uma guerra contra a Terra?

O rosto de Gottstein careteou num quase-sorriso.

- Não, não. É algo mais sutil - Montez passou a mão pelo rosto, esfregando os olhos com mau humor -. Permita que seja franco com você. A Terra perdeu sua coragem.

- Que é que isto significa?

- Bem, como dizê-lo? Exatamente na época em que a colônia lunar estava sendo estabelecida, a Terra atravessou a Grande Crise. Dispenso-me de lhe falar a respeito.

- Não, não precisa fazê-lo - interveio Gottstein, com desgosto.

- A população se encontra agora nos dois bilhões, após um máximo de seis bilhões.

- Mas a Terra ficou muito melhor assim, não ficou?

- Sem dúvida, embora eu desejasse que houvesse um processo mais conveniente de obter essa redução... Mas o ocorrido deixou uma desconfiança permanente na tecnologia, uma enorme inércia, uma falta de vontade de arriscar mudanças, em virtude dos efeitos colaterais possíveis. Esforços grandes e possivelmente perigosos foram abandonados em virtude de que o perigo temido pudesse ser maior do que as vantagens do objetivo em vista.

- Creio que se refere ao programa de engenharia genética.

- Este é o caso mais espetacular, está claro, porém não é o único - afirmou Montez, com amargura.

- Francamente, não fico comovido com o abandono da engenharia genética. Era um amontoado de fracassos.

- Perdemos nossa oportunidade por questão de intuicionismo.

- Nunca houve qualquer evidência de que o intuicionismo fosse desejável. Pelo contrário, havia indicações consideráveis de sua indesejabilidade... Ademais, veja a própria colônia lunar. Certamente não indica estagnação na Terra.

- Indica, sim - retrucou Montez, vigorosamente -. A colônia lunar representa um remanescente, um último remanascente do período anterior à Crise. Algo que foi realizado por meio de um derradeiro e débil impulso da humanidade, antes da grande retirada.

- Pinta um quadro excessivamente dramático, Montez.

- Não acho. A Terra bateu em retirada. A humanidade recuou por toda parte, exceto na Lua. A colônia lunar constitui a fronteira do homem, não só do ponto de vista físico, como também psicológico. Aqui, existe um mundo que não precisa romper amarras vitais, que não se defronta com um ambiente complexo, em equilíbrio delicado e sob o risco de subversão. Tudo na Lua, que serve ao homem, é obra do homem. A Lua é um mundo construído pelo homem desde o começo e a partir do mais profundo fundamento. Aqui, não há passado.

- E daí?

- Na Terra, vivemos intimidados por nossa saudade de um passado idílico, que, de fato, nunca existiu e que, se existiu, talvez nunca exista outra vez. Sob certos aspectos, grande parte da ecologia foi subvertida durante a Crise e temos de nos haver com as sobrevivências, de modo que vivemos apavorados, sempre apavorados... Na Lua, não há esse passado que desperte saudades e sonhos. A única direção do pensamento é para a frente.

Montez parecia se entusiasmar com suas palavras. Continuou:

- Gottstein, observei isso durante dois anos. Você o observará, pelo menos, muito mais. Há um fogo ardendo incansavelmente aqui, na Lua. Todos os meses, novos corredores são perfurados, novas moradias instaladas, abre-se espaço para uma nova população em potencial. Expandem-se tanto quanto o possibilitam os recursos. Descobrem novos materiais de construção, novos recursos de água, novas jazidas de minerais especiais. Expandem seus depósitos de pilhas solares, ampliam suas fábricas eletrônicas... Suponho que saiba que esse povo de dez mil, aqui na Lua, constitui atualmente a fonte principal de suprimento da Terra com dispositivos mini-eletrônicos e elementos bioquímicos de alta qualidade.

- Sei que se trata de uma fonte importante.

- A Terra mente para si própria só para se tranqüilizar. A Lua é a fonte principal. No ritmo atual, pode se tornar a única fonte num futuro próximo... Também vem avançando intelectualmente. Gottstein, creio que não haja na Terra um jovem talentoso, de inclinação científica, que não sonhe vagamente, ou, talvez, não tão vagamente, em vir para a Lua, algum dia. Com a terra em recuo tecnológico, é na Lua que reside agora o impulso para avançar.

- Refere-se ao próton-sincroton, não é?

- Este é só um exemplo. Quando é que o último sincroton novo foi construído na Terra? Mas esta é justamente a questão de significado mais profundo e dramático, porém não a única, nem sequer a mais importante. Se quiser saber qual é o dispositivo científico mais importante na Lua...

- Algo tão secreto que nem me disseram o que é?

- Não, algo tão óbvio que ninguém parece notar. São os dez mil cérebros aqui existentes. Os dez mil melhores cérebros humanos da atualidade. O único grupo bem coeso de dez mil cérebros humanos, em princípio e por emoção, orientados para a ciência.

Gottstein se mexeu inquieto e tentou mudar a posição da cadeira, mas esta foi arremessada ao chão e Gottstein, ao tentar levantá-la, não conseguiu se sentar. Montez o segurou por um ombro para firmá-lo.

- Desculpe - murmurou Gottstein.

- Vai se acostumar à gravidade.

- Mas, não estará imaginando as coisas piores do que são? A Terra não é um planeta submergido na ignorância. Desenvolvemos a Bomba Eletrônica, uma realização puramente terrestre. Nenhum selenita teve algo a ver com ela.

Montez sacudiu a cabeça para contestar e resmungou algumas palavras no seu espanhol nativo, as quais não pareciam ser palavras pacatas. Perguntou:

- Já se encontrou, alguma vez, com Frederick Hallam?

- Sim, me encontrei - respondeu Goltstein, sorrindo - O Pai da Bomba Eletrônica. Acho que deve ter esta frase tatuada no peito.

- O simples fato de que tenha sorrido e que me faça essa observação comprova minha opinião. Formule a seguinte pergunta: poderia um homem como Hallam ter sido o pai de verdade da Bomba Eletrônica? No caso da multidão irrefletida, a estória pega, mas o fato é que não existe pai da Bomba Eletrônica, como deve saber, se já se deteve para meditar no assunto. Foi inventada pelos para-homens, pela gente do para-Universo, quem quer que seja e esteja onde estiver. Hallam foi apenas o instrumento casual deles. Tudo na Terra constitui instrumento casual para eles.

- Fomos bastante inteligentes para tirar partido da iniciativa deles.

- Sim, do mesmo jeito que as vacas são bastante inteligentes para comer o capim, que lhes forneçamos. A Bomba não constitui indicação de uma visão do futuro, bem ao contrário.

- Se a Bomba é um passo atrás, eu aprovaria este atraso. Não gostaria de me ver sem ela.

- Quem gostaria? A questão é que ela se ajusta perfeitamente ao atual estado de espírito da população terrestre. Energia infinita virtualmente a custo nulo, exceto o de manutenção, e, ademais, sem qualquer efeito de poluição. Mas, na Lua, não há Bombas Eletrônicas.

- Imagino que não tenham necessidade delas. As pilhas solares suprem as necessidades dos selenitas. Energia infinita virtualmente a custo nulo, exceto o de manutenção, e com poluição igual a zero... Não é esta a ladainha?

- Sim, na verdade, mas as pilhas solares são obra do homem por inteiro. É isto o que pretendo salientar. Uma Bomba Eletrônica foi projetada para a Lua e se tentou sua instalação.

- E então?

- Não funcionou. Os para-homens não aceitaram o tungstênio. Nada aconteceu.

- Não o sabia. Por quê?

Montez levantou os ombros e as sobrancelhas expressivamente, replicando:

- Quem é que sabe? Podemos supor, por exemplo, que os para-homens vivem num mundo que não possui satélite, que não concebem mundos separados em íntima proximidade, ambos povoados, e que, tendo descoberto um mundo, não se interessem pelo outro. Quem é que sabe? A questão é que os para-homens não morderam a isca e, sem eles, nós nada pudemos fazer.

- Nós... - repetiu Gottstein pensativamente -. Refere-se aos terrestres?
- Sim.
- E os selenitas?
- Não estiveram envolvidos no caso.
- Mostraram interesse?
- Não sei. É nisso principalmente que reside minha incerteza e... meu medo. Os selenitas - os selenitas nativos, particularmente - não sentem as coisas como terrestres. Não sei quais sejam seus planos ou pretensões. Não consigo descobrir.
Gottstein parecia refletir.
- Mas, que é que podem fazer? manifestou-se, afinal -. Possui alguma razão para supor que pretendam nos causar mal ou que sejam capazes de fazer mal à Terra, se o quiserem?
- É uma questão à qual não posso responder. Parece-me que são destituídos de ódio, raiva ou mesmo medo reais. Mas, talvez seja apenas o que me parece. O que me aborrece é que não consigo saber.
- O equipamento científico da Lua é administrado pela Terra, segundo creio.
- Correto. É o caso do próton-sincroton. Também do rádio-telescópio do lado transterrestre. Igualmente no que se refere ao telescópio ótico de trezentas polegadas... O equipamento de grandes proporções, ou seja, tudo o que existe desde cinqüenta anos.
- E, depois disso, que foi feito?
- Pelos terrestres, muito pouco.
- E quanto aos selenitas?
- Não tenho certeza. Seus cientistas trabalham em grandes instalações, mas, uma vez, tentei fazer uma verificação das fichas de tempo de trabalho. Apresentam lacunas.
- Lacunas?
- Gastam tempo considerável fora das grandes instalações. É como se tivessem seus próprios laboratórios.
- Bem, uma vez que produzem dispositivos mini-eletrônicos e elementos bioquímicos de alta qualidade, não era o que se devia esperar?
- Sim, Gottstein... mas fico na dúvida. Tenho medo de minha ignorância.
Após uma longa pausa de repouso, Gottstein tornou:
- Montez, considero que me diz tudo isso para que eu tome cuidado. Devo, então, tentar descobrir o que os selenitas estão fazendo?
- Acho que sim - respondeu Montez, com expressão lamentosa.
- Mas você nem sabe se estão fazendo alguma coisa.
- Sinto que estão.
- Então, é estranho. Deveria tentar contestar este seu misticismo cheio de temores... mas é estranho...
- O quê?
- Na mesma nave, que me trouxe à Lua, veio alguém mais. Quero dizer, veio toda uma turma, porém um rosto, em especial, me chamou a atenção. Não falei com essa pessoa – não tive oportunidade - e desisti de fazê-lo. Mas, agora, nossa conversa me despertou e ele, de repente, me voltou à memória...
- Então?

- Pertenci a um comitê que lidava com assuntos relacionados à Bomba Eletrônica. Uma questão de segurança - Gottstein sorriu ligeiramente. - A Terra perdeu sua coragem, diz você. Preocupamo-nos com a segurança por toda parte... o que é uma boa coisa, perdida ou não a coragem. Os detalhes me escapam, mas, em conexão com uma audiência, vi a pessoa que agora voltei a ver na nave. É do que estou convencido.

- Acha que isto encerra alguma significado?

- Não tenho certeza. Associo a pessoa com algo perturbador. Se continuar a refletir no assunto, talvez me recorde.

Em todo caso, é bom que obtenha a lista de passageiros e verifique se há nela algum nome significativo para mim. É muito mau, Montez, porém acho que você está me deixando sobressaltado.

- Não é de todo mau. Até fico contente. Quanto ao tal turista, talvez seja o único sem consequências e se vá dentro de duas semanas. Mas, fico contente com o fato de que você se pôs a pensar no problema...

Goltstein não parecia ouvir.

- Ele é um físico - murmurou -, ou cientista de algum tipo. Tenho certeza disso e o associo com perigo...

***

4

- Alô - exclamou Selene, alegremente.

O terrestre se voltou. O reconhecimento foi quase imediato.

- Selene! É você, não é? Selene?

- Correto! E pronunciado corretamente. Está se divertindo?

- Um bocado - respondeu o terrestre gravemente -. Me faz entender como o nosso século é singular. Não faz muito que me encontrava na Terra, com uma sensação de cansaço do meu mundo, de cansaço de mim mesmo. Então, pensei: bem, se vivesse há cem anos atrás, a única maneira de deixar o mundo seria morrer, porém agora... posso ir à Lua - concluiu, sorrindo sem verdadeira jocosidade.

- Sente-se mais feliz agora, que está na Lua?

- Um pouco - e olhou ao redor -. Não está com um bando de turistas para cuidar?

- Hoje, não - esclareceu Selene, contente. - É meu dia de descanso. Quem sabe, talvez fique de fora dois ou três dias. É um trabalho idiota.

- Que lástima, então, que tenha topado com um turista no seu dia de descanso!

- Não topei com você por acaso. Estive procurando o senhor. E não foi fácil encontrá-lo. Não devia vaguear por aí por conta própria.

O terrestre a fitou com interesse e indagou:

- Por que devia me procurar? Sente-se atraída por terrestres?

- Não - declarou Selene, com franqueza espontânea -. Estou farta deles. Detesto-os, por princípio, e estar constantemente em ligação com eles só torna meu trabalho pior.

- No entanto, veio à minha procura e não há jeito na Terra - na Lua, quero dizer - que me convença de que sou jovem e bonito.

- Mesmo que o fosse, de nada adiantaria. Os terrestres não me interessam, como todo mundo sabe, menos Barron.

- Por que, neste caso, veio à minha procura?

- Porque há outras maneiras de estar interessada e porque Barron está interessado.

- E quem é Barron? Seu namorado?

- Barron Neville - disse Selene, rindo -. É muito mais do que um rapazinho e muito mais do que um namorado. Fazemos amor quando sentimos desejo.

- Bem, foi o que pensei. Tem filhos?

- Um menino. Tem dez anos. Passa a maior parte do tempo no conjunto infantil. A fim de que se poupe da pergunta seguinte, informo-o logo que não é filho de Barron. Poderei ter um filho de Barron, se estivermos juntos quando me designarem outro filho... se vierem a me designar outro filho. Estou bem certa de que o farão.

- Tem uma franqueza admirável.

- A respeito de coisas que não considero secretas? Naturalmente... Bem, que gostaria de fazer agora?

Caminhavam ao longo de um corredor de rocha de cor látea, em cujo exterior lustroso foram incrustados pedaços foscos de "gemas lunares", disponíveis na maior parte da superfície do satélite. Selene usava sandálias, que nem pareciam tocar no chão. O terrestre usava botas de sola grossa, cujo peso de chumbo o ajudava a firmar os passos, que, de outro modo, se tornariam uma tortura.

O corredor só dava passagem numa única direção. Ocasionalmente, uma pequena carreta elétrica os alcançava e passava por eles quase em silêncio.

- O senhor é físico?

- Por que pergunta? - replicou o terrestre, vacilando.

- Só para ouvi-lo dizer. Sei que é um físico.

- Como?

- Ninguém diz "conjunto de condições-limite", exceto se for. Especialmente se a primeira coisa, que deseja ver na Lua, é o próton-sincroton.

- Foi por isso que esteve à minha procura? Por que pareço com um físico?

- Foi por isso que Barron me mandou procurá-lo. Porque ele é físico. Vim porque pensei que o senhor era bem incomum como terrestre.

- De que maneira?

- Nada de terrivelmente elogioso... se é que está à caça de elogios. Apenas porque não parece gostar de terrestres.

- Como pode afirmar uma coisa dessas?

- Observei-o olhar para os outros no grupo. Além disso, sou sempre capaz de descobrir de algum modo. São os terrestrinhas que não gostam dos terrestrinhas que se inclinam a permanecer na Lua. O que me traz de volta à questão... Que gostaria de fazer? E eu estabelecerei as condições-limite. Quero dizer, tanto quanto se refira aos pontos de atração turística.

O terrestre a contemplou com agudeza e se manifestou:

- É esquisito, Selene. Está no seu dia de descanso. Seu trabalho é suficientemente desinteressante e desagradável, de maneira que está contente

com o dia de descanso e desejosa de prolongá-lo por mais dois ou três dias. No entanto, sua maneira de aproveitar o descanso consiste em se oferecer a reassumir seu cargo, para meu proveito particular... Só por causa de um ligeiro interesse.

- Interesse de Barron. Está ocupado agora e não há mal que o entretenha, até que fique disponível. . . Além disso, é diferente. Não percebe que é diferente? No meu emprego, fico pastoreando uma manada de dúzias de terrestrinhas... Não se importa que use essa expressão?

- Uso-a eu próprio.

- Por ser um terrestre. Alguns terrestres consideram o termo depreciativo e ficam ressentidos, quando um selenita o emprega.

- Quer dizer, quando um lunático o usa?

- Sim - concordou Selene, corando -. É mais ou menos isto.

- Bem, não vamos continuar perdendo tempo com palavras. Vá em frente, estava me falando acerca do seu trabalho.

- No meu trabalho, topo com terrestrinhas que devo cuidar para que não se matem a si próprios e aos quais devo levar aqui e ali e fazer pequenas preleções, certificando-me de que comem, bebem e caminham de acordo com o regulamento. Vêem seus lugares turísticos bonitinhos e ficam se bolinando, enquanto eu devo me manter terrivelmente polida e maternal.

- Horroroso - aquiesceu o terrestre.

- Mas o senhor e eu podemos fazer o que gostarmos, é o que espero, enquanto não precisarei controlar o que disser.

- Já lhe declarei que tem toda licença para me chamar de terrestrinha.

- Ótimo, então. Terei um feriado de trabalho. Que é que gostaria de fazer?

- Fácil de responder: quero ver o próton-sincroton.

- Isso, não. Talvez Barron possa arranjá-lo, depois que se encontrar com ele.

- Bem, se não posso ver o sincroton, não sei o que mais há para ver. Sei que o rádio-telescópio se acha do outro lado da Lua. Não suponho que ofereça alguma novidade... Diga-me: que é que costuma ver o turista médio?

- Muita coisa. Há as estufas de algas, não as usinas de processamento anti-sépticas, que já viu, mas as próprias granjas produtoras. Mas o cheiro é um bocado forte e não creio que um terrestrinha - um terrestre - o considere particularmente suportável. Os terrestres já têm dificuldades com a comida, assim como é.

- Isto a surpreende? Já provou comida da Terra?

- Na verdade, não. Provavelmente, não gostaria. Tudo depende dos nossos hábitos.

- Também acho - afirmou o terrestre, suspirando -. Se tiver de comer um bife legítimo, certamente se enjoará com a gordura e com as fibras.

- Poderíamos ir aos subúrbios, onde novos corredores estão sendo abertos nos alicerces da rocha, porém teria de vestir roupas protetoras especiais. Há as fábricas.

- Escolha você mesma, Selene.

- É o que farei, se me disser uma coisa honestamente.

- Não posso prometer sem saber do que se trata.

- Eu disse que os terrestrinhas, que não gostam de terrestrinhas, se inclinam a permanecer na Lua. Não me corrigiu. Pretende permanecer na Lua?

O terrestre contemplou os bicos de suas botas deselegantes.

- Selene - disse ele -, encontrei complicações para obter um visto de viagem para a Lua. Disseram-me que já era muito velho para viajar e que, se prolongasse minha estadia aqui, poderia acabar impossibilitado de regressar à Terra. Daí que lhes dissesse que tinha a intenção de ficar permanentemente na Lua.

- Não está mentindo?

- Naquela ocasião, não tinha certeza. Mas, agora, acho que ficarei.

- Eu deveria concluir que se sentiriam menos dispostos em deixá-los viajar, em tais condições.

- Por quê?

- Em geral, as autoridades terrestres não gostam de enviar físicos que fiquem permanentemente na Lua.

- Sob este aspecto, não tive dificuldades - afirmou o terrestre, torcendo a boca.

- Bem, neste caso, já que vai ser um de nós, creio que deveria visitar o ginásio. Os terrestrinhas querem vê-lo com frequência, porém não os encorajamos como regra geral... embora não seja expressamente proibido. Com os imigrantes, é diferente.

- Por quê?

- Bem, por uma razão, é que nós nos exercitamos em estado de nudez ou de quase-nudez. E por que não? - parecia ressentida, como se já cansada de repetir uma declaração defensiva -. A temperatura é controlada, o ambiente é limpo. Mas, se ficarmos na expectativa da presença de gente da Terra, a nudez se tornará constrangedora. Alguns terrestrinhas ficam chocados, outros se excitam e ainda outros ficam chocados e excitados. Bem, como não vamos nos vestir no ginásio só por causa deles e tampouco queremos afrontá-los, nós os deixamos à margem.

- E os imigrantes?

- Estes precisam se acostumar. No final, também eles se desfazem das roupas. E necessitam do ginásio ainda mais do que os selenitas nativos.

- Serei honesto com você, Selene. Diante da nudez feminina, também fico exciatdo. Não sou tão velho assim.

- Guarde, porém, a excitação para você mesmo - disse ela, indiferente -. De acordo?

- Mas nós também teremos de tirar a roupa? - tornou o terrestre, olhando-a com interesse divertido.

- Como espectadores? Não. Poderíamos fazê-lo, mas não somos obrigados. O senhor se sentiria pouco à vontade, se o fizesse logo no começo da jogada, além do que não representaria uma visão particularmente inspiradora para os demais.

- Quanta franqueza!

- Acha o contrário? Ora, seja honesto. Quanto a mim, não tenho nenhum desejo de submetê-lo a uma prova especial no que se refere a sua excitação. De maneira que é melhor que fiquemos ambos com as nossas roupas no corpo.

- Haveria alguma objeção? Isto é, ao fato de eu ser um terrestrinha de aparência nada inspiradora?

- Não, se eu estiver com você.
- Muito bem, Selene. O lugar é longe?
- Já chegamos.
- Aha, já tinha tudo planejado.
- Julguei que poderia ser interessante.
- Por quê?
- Ora, idéia minha - e Selene repentinamente sorriu.
- Começo a pensar que você nunca pensa - disse o terrestre, balançando a cabeça -. Deixe-me refletir. Uma vez que vou ficar na Lua, precisarei fazer exercícios, vez por outra, a fim de manter em condições satisfatórias meus músculos, meus ossos e, talvez, todos os meus órgãos.
- Exatamente. É o que fazemos todos nós, mas os imigrantes da Terra mais ainda. Virá o dia em que o ginásio será sua amolação diária.

Passaram por uma porta e o terrestre olhou com espanto:
- Este é o primeiro lugar, que vejo parecido com a Terra.
- Sob que aspecto?
- Por ser vasto. Não imaginava que tivessem salas tão grandes na Lua. Escrivaninhas, mecanismos de escritório, mulheres sentadas às escrivaninhas.
- Mulheres com os seios nus - acrescentou Selene, gravemente.
- Este detalhe não é terrestre, reconheço.
- Dispomos de pára-quedas também e de um elevador para terrestrinhas. Há muitos níveis... Mas, espere.

Aproximou-se de uma mulher numa das escrivaninhas mais perto, falando em voz baixa e rápida, enquanto o terrestre contemplava tudo com amável curiosidade. Selene voltou e informou:
- Tudo em ordem. Acontece que vamos ter uma luta. Uma muito boa: conheço os times.
- Este lugar é bem impressionante. De fato.
- Se refere ainda ao tamanho, não é lá muito grande. Temos três ginásios. Este é o mais espaçoso.
- Fico, de certo modo, contente ao ver que, nas condições espartanas da Lua, podem se dar ao luxo de desperdiçar tanto espaço com frivolidades.
- Frivolidades? - Selene parecia ofendida -. Por que acha que é frivolidade?
- Luta? Que diabo é, uma espécie de jogo?
- Pode chamá-la de jogo. Na Terra, essas coisas podem passar por esporte: dez homens em ação e dez mil como espectadores. Na Lua não é assim. O que é frivolidade para vocês, é necessário para nós... Por aqui. Tomaremos o elevador, o que significa que talvez tenhamos de aguardar um pouco.
- Não quis ofendê-la.
- Não estou realmente ofendida, mas precisa ser razoável. Os terrestres foram adaptados à gravidade da Terra durante trezentos milhões de anos, desde que a vida rastejou para terreno seco. Mesmo que não façam ginástica, arranjam-se. Nós, porém, não tivemos tempo algum para nos adaptar à gravidade lunar.
- Você tem aspecto bastante diferente.
- Quem nasce e é criado sob a gravidade lunar, tem, naturalmente, ossos e músculos mais delgados e menos maciços do que um terrestre, mas isso é superficial. Não há função corporal, por mais sutil, seja a digestão ou as secreções

hormonais, que não esteja mal ajustada à gravidade e não exija um regime deliberado de exercícios. Se podemos arranjar exercícios sob a forma de divertimento ou de jogos, não é por isso que se tornam frivolidade... Eis o elevador.

O terrestre recuou precipitado, momentaneamente alarmado, porém Selene disse, com um resto de impaciência, como ainda fervendo por continuar obrigada a se justificar defensivamente:

- Não vai me dizer que se parece com um cesto de vime. O que afirmam, todos os terrestres, ao usá-lo. Com a gravidade lunar, não precisa ser mais substancial.

O elevador desceu lentamente. Eram os únicos a bordo.

- Desconfio que não seja muito usado - comentou o terrestre.

- Tem razão - e Selene tornou a sorrir -. O pára--quedas é muito mais popular e divertido.

- Que é isto?

- Exatamente o que diz o nome... Chegamos. Só tivemos de descer dois níveis... O pára-quedas é apenas um tubo vertical pelo qual podemos descer, segurando-nos numa alça. Não incentivamos os terrestres a usá-lo.

- Muito arriscado?

- Em si mesmo, não. Pode-se descer como se fosse uma escada. Entretanto, sempre há jovenzinhos despencando a considerável velocidade e os terrestrinhas não sabem se afastar do caminho. As colisões são sempre desagradáveis. Com o tempo, vai usá-lo... De fato, o que verá agora é uma espécie de grande pára-quedas, projetado para emprego arrojado.

Conduziu-o a uma balaustrada circular, em torno da qual alguns indivíduos se inclinavam e conversavam. Todos se encontravam mais ou menos em estado de nudez. As sandálias eram comuns e, em geral, uma bolsa dependurada num ombro. Alguns usavam shortes muito sumários. Um deles retirava uma mistura esverdeada de uma lata e comia.

O terrestre franziu o nariz ligeiramente ao passar por ele e comentou:

- O problema dentário deve ser grave na Lua.

- Não é bom - concordou Selene -. Se ainda tivermos oportunidade, selecionaremos um maxilar desdentado.

- Inteiramente sem dentes?

- Talvez não inteiramente. Podemos conservar os incisivos e os caninos, por razões estéticas e, eventualmente, para tarefas úteis. Também podem ser limpos com facilidade. Mas, para que molares inúteis? São somente uma reminiscência de um passado terrestre.

- Estão fazendo algum progresso nessa direção?

- Não - respondeu ela, rispidamente -. A engenharia genética é ilegal. A Terra insiste.

Inclinou-se por cima da balaustrada e informou:

- Chamam isto de playground da Lua.

O terrestre olhou para baixo. Era uma grande abertura cilíndrica com paredes de suave cor-de-rosa, às quais se achavam pregadas barras metálicas, numa configuração aparentemente fortuita. Aqui e ali, uma barra se estendia através de uma parte do cilindro, às vezes através de toda sua largura. O cilindro possuía

talvez cento e vinte ou cento e cinqüenta metros de profundidade e cerca de vinte de largura.

Ninguém parecia prestar atenção especial ao playground ou ao terrestre. Alguns o fitaram com indiferença, quando passou, aparentemente avaliando o estado de suas roupas, seu aspecto facial, depois virando as costas. Alguns fizeram um gesto casual com a mão para Selene, antes de virarem as costas. Mas todos as viraram. A manifestação de desinteresse, embora reprimida, não podia ser mais ostensiva.

O terrestre se voltou para a abertura cilíndrica. Havia, no fundo, umas figuras adelgaçadas, mal esboçadas por serem vistas de cima. Algumas usavam tiras de pano vermelho, outras, azul. Dois times, concluiu o visitante. As tiras serviam claramente a funções, protetoras, uma vez que todos usavam luvas e sandálias, faixas protetoras nos joelhos e cotovelos. Alguns usavam faixas estreitas nos quadris, outros no peito.

- Oh, homens e mulheres - murmurou o terrestre.

- Certo - disse Selene -. Os sexos competem em igualdade de condições, mas a idéia é prevenir o balanço descontrolado de partes do corpo, o que pode atrapalhar uma queda bem regulada. Existe aí uma diferença, que também implica vulnerabilidade à dor. Não se trata de pudor.

- Creio que já li algo a respeito.

- É possível - objetou Selene, com indiferença -. Não parece que muita coisa tenha sido divulgada. Não é que nós nos oponhamos, mas o governo terrestre prefere reduzir as notícias da Lua a um mínimo.

- Por quê, Selene?

- Conclua o senhor mesmo, que é um terrestre... Nossa teoria, aqui, é que causamos embaraços à Terra. Ou, pelo menos, ao governo da Terra.

De cada lado do cilindro, dois indivíduos subiam rapidamente e o leve batuque de tambores era ouvido no fundo. Inicialmente, os trepadores pareciam subir como por uma escada, degrau a degrau, mas sua velocidade aumentava e, ao se encontrarem a meio caminho, golpeavam cada alça de passagem, provocando um ruído espalhafatoso de palmada.

- Não se poderia fazer isso na Terra tão graciosamente - exclamou o terrestre, admirado -. Ou mesmo nada de semelhante - emendou.

- Não se trata apenas de baixa gravidade. Experimente, se achar o contrário. Exige horas infindáveis de prática.

Os trepadores alcançaram a balaustrada e pularam para um palanque. Executaram um salto mortal e começaram a cair.

- Podem-se mover depressa, quando querem - observou o terrestre.

- Hum... - fez Selene, através do barulho dos aplausos -. Desconfio que, quando os terrestres, isto é, os verdadeiros terrestres, que nunca visitaram a Lua, imaginam o movimento através da Lua, fazem idéia da superfície e de roupas astronáuticas. Nesse caso, o movimento, com frequência, é lento, está claro. A massa, com o acréscimo do traje astronáutico, é enorme, o que significa alta inércia e pequena gravidade para superar.

- Exatamente. Vi os filmes clássicos dos primeiros astronautas, que todos os meninos de escola vêem, e notei que os movimentos se assemelham a braçadas debaixo d'água. A imagem fica gravada, mesmo quando nos informamos melhor.

- Vai se surpreender com a velocidade com que podemos nos movimentar agora na superfície, de traje astronáutico e tudo. E aqui, debaixo do solo, sem traje astronáutico, somos capazes de nos movimentar tão rapidamente como na Terra. O impulso mais lento da gravidade é suprido pelo emprego apropriado dos músculos.

- Mas vocês também podem se movimentar devagar.

O terrestre observava os acrobatas. Tinham subido com rapidez e desciam com deliberada lentidão. Flutuavam, dando palmadas nas alças a fim de retardar a queda, ao passo que antes o faziam com o objetivo de acelerar a subida. Quando atingiam o solo, dois outros os substituíam. E, depois, outra dupla. E outra, em seguida. De cada time alternadamente, duplas competiam em virtuosidade.

Cada dupla partia em sincronia, mas, ao ascender e cair, o faziam segundo um padrão mais complicado. Uma dupla tomou impulso simultâneo para cruzar o tubo numa baixa parábola, convexa por cima, cada um dos ginastas alcançando a alça abandonada pelo companheiro e deslizando um pelo outro, no meio do ar, sem se tocarem. O que suscitou aplausos mais ruidosos.

- Desconfio - manifestou-se o terrestre - que careço de experiência para apreciar os aspectos mais requintados da habilidade ginástica. São todos selenitas nativos?

- Só podem ser - informou Selene -. O ginásio é franqueado a todos os cidadãos lunares e alguns imigrantes são bastante bons, consideradas as circunstâncias. Para esse tipo de virtuosismo, todavia, é preciso ter sido concebido e nascido aqui. As crianças nativas possuem adequada adaptação física, ao menos maior do que a dos terrestres nativos, e ganham um treinamento apropriado na infância. A maioria desses ginastas tem menos de dezoito anos.

- Imagino que seja perigoso, mesmo nos níveis da gravidade lunar.

- Ossos quebrados não são muito incomuns. Não creio que tenha ocorrido um caso de morte, mas houve um caso, ao menos, de espinha fraturada e de paralisia. Foi um acidente terrível. Aconteceu que assisti. Ah, espere. Vamos ter agora os números adicionais.

- Os... quê?

- Até aqui, tivemos exercícios regulamentados. As subidas e descidas se realizaram de acordo com um padrão fixado.

O barulho da percussão pareceu mais suave e um ginasta subiu e subitamente se lançou ao ar. Agarrou uma barra transversal com uma das mãos e começou a circulá-la verticalmente.

O terrestre espiava atentamente e comentou:

- Assombroso. Gira em torno dessas barras exatamente como um orangotango.

- Um quê? - perguntou Selene.

- Um orangotango. Uma espécie de macaco. Na verdade, a única espécie de macaco que ainda sobrevive na selva. Eles. - notou a expressão de Selene e acrescentou: - Não disse como insulto, Selene. São criaturas graciosas.

- Já vi fotografias de macacos - disse Selene, de cara feia.

- Provavelmente, não viu orangotangos em movimento... Atrevo-me a afirmar que os terrestrinhas podem chamar os selenitas de "orangotangos" num sentido

insultuoso, mais ou menos como vocês dizem "terrestrinhas". Mas eu não tive essa intenção.

O terrestre apoiou ambos os cotovelos na balaustrada e ficou observando os movimentos. Era como uma dança no ar. Perguntou:

- Como tratam os imigrantes da Terra, aqui na Lua, bem, Selene? Refiro-me a imigrantes que ficam para toda vida. Uma vez que carecem das habilidades dos verdadeiros selenitas...

- Não há diferenças. Os imíes são cidadãos. Não há discriminação... discriminação legal.

- Que é que isto significa? Que não há discriminação legal?

- Bem, o senhor mesmo o disse. Há coisas que eles não são capazes de fazer. São diferenças. Seus problemas médicos são diferentes e, comumente, têm uma história médica pior. Quando chegam à meia idade, parecem velhos...

O terrestre desviou o olhar, embaraçado.

- Pode haver casamentos mistos? - tornou a indagar -. Quero dizer, de imigrantes com selenitas?

- Sem dúvida. Podem procriar juntos.

- Sim, foi o que queria saber.

- Naturalmente. Não há razão para que um imigrante não possua alguns genes valiosos. Por Deus, meu pai era um imie, embora eu seja selenita de segunda geração por parte de mãe.

- Suponho que seu pai deve ter vindo quando ainda... Oh, meu Deus! - o terrestre se sentiu gelar junto à balaustrada e suspirou com um arrepio -. Pensei que fosse deixar escapar a barra.

- Nem por sonho. Esse é Marco Fore. Gosta de fazê-lo, agarrar a barra no último instante. Na verdade, é uma forma ruim de executar o número, que um legítimo campeão não pratica. Bem... Meu pai tinha vinte e dois anos, quando chegou à Lua.

- Suponho que assim seja possível. Ainda era bastante jovem para se adaptar. Não tinha complicações emocionais com relação à Terra. Do ponto de vista do homem terrestre, imagino que deve ser bem bacana ter uma vinculação sexual com uma...

- Vinculação sexual! - o ar divertido de Selene parecia encobrir um sentimento bem real de choque -. Não pense que meu pai tinha relações sexuais com minha mãe. Se o ouvisse dizer uma coisa dessas, minha mãe o deixaria correndo.

- Mas...

- Foi inseminação artificial, pelo amor de Deus. Relações sexuais com um terrestre, onde já se viu?

O terrestre tomou aspecto solene e objetou:

- Pensei ter ouvido que não existia discriminação.

- Isso não é discriminação. É uma questão de fato físico. Um terrestre não é capaz de manejar de modo correto o campo de gravidade. Por mais experimentado que seja, sob o esforço da paixão, pode se descontrolar. Quanto a mim, não arriscaria. O idiota desajeitado pode contundir seus braços ou pernas... ou pior, os meus. Mistura de genes é uma coisa. Sexo é outra.

- Desculpe... Mas, inseminação artificial não é contra a lei?

Absorvida no espetáculo da ginástica, Selene respondeu:

- Marco Fore, de novo. Quando não tenta fazer coisas inutilmente espetaculares, é muito bom... e sua irmã é quase tão boa. Quando atuam juntos, é realmente um poema do movimento. Veja-os agora. Juntam-se e circulam a mesma barra, como se possuíssem um corpo único, um cruzando o outro. - Ele se torna um pouco rebuscado às vezes, mas não é possível encontrar defeitos no seu controle muscular...- Sim, a inseminação artificial é contra a lei da Terra, mas é permitida quando há razões médicas, o que, está claro, é freqüentemente o caso - ou se diz ser.

Todos os acrobatas tinham subido, no momento, ao topo e formavam um grande círculo, logo abaixo da balaustrada.

Todos os vermelhos de um lado, os azuis, do outro. Todos os braços do lado interior estavam erguidos e os aplausos eram estrondosos. Uma multidão se reunira ao redor da balaustrada.

- Deviam ter algum arranjo de arquibancada para a assistência se sentar - observou o terrestre.

- De nenhuma maneira. Isto não é um show. É exercício. Não estimulamos espectadores, que fiquem confortavelmente sentados junto à balaustrada. O nosso lugar é ali embaixo, não aqui em cima.

- Quer dizer que também seria capaz de fazer essas coisas, Selene?

- Até certo ponto, sim. Qualquer selenita seria capaz. Não sou tão boa como eles. Não me incluí em nenhum time. Agora, é a vez da luta, do vale-tudo. Esta é uma parte realmente perigosa. Todos dez vão para o ar e cada lado tentará forçar o outro a cair.

- Uma queda real?

- Tão real quanto possível.

- Acidentalmente, ocorrem lesões?

- Acidentalmente, sim. Em tese, isto não é lá muito conveniente. É considerado frívolo e não dispomos de população tão grande, que nos demos ao luxo de permitir que alguém fique incapacitado sem motivo justo. Contudo, a luta é popular e não pudemos juntar votos para colocá-la fora da lei.

- De que lado votaria, Selene?

Selene enrubesceu e exclamou:

- Oh, não se preocupe! Olhe!

O ritmo da percussão se tornou subitamente trovejante e cada um dos ginastas, no enorme poço, arremeteu como uma flecha. Houve uma confusão dos diabos no meio do ar, porém, ao se separarem, cada qual acabou firmemente agarrado a uma das barras. Seguiu-se a tensão da expectativa. Um dos ginastas se lançou, outro foi atrás e o ar ficou de novo cortado de corpos humanos. E, assim, sucessivamente.

- A contagem é complicada - explicou Selene -. Há um ponto para cada lançamento, um ponto para cada toque, dois pontos para cada falha infligida, dez pontos para uma queda e várias penalidades para diversos tipos de infrações.

- Quem faz a contagem?

- Os árbitros presentes fazem a contagem preliminar e, em caso de apelações, se recorre a videotapes. Com muita frequência, nem os videotapes conseguem oferecer uma decisão.

Ouviu-se, de repente, uma gritaria excitada, quando uma moça de azul passou por um rapaz de vermelho e golpeou seu flanco ruidosamente. O rapaz, que recebeu o golpe, se esquivou, porém sem êxito, e, agarrando-se numa barra da parede com insuficiente equilíbrio, se chocou desajeitadamente com o joelho na parede.

- Onde tinha os olhos? - clamou Selene, indignada Nem viu a moça chegando!

A luta foi esquentando e o terrestre se cansou do esforço de entender os lances. Ocasionalmente, um acrobata tocava numa barra e não conseguia se segurar. Havia vezes em que todo espectador se inclinava por cima da balaustrada, como que prestes a se lançar no espaço, num gesto de simpatia. Certa vez, Marco Fore foi golpeado no peito e alguém bradou: "Falta!"

Fore deixou escapar sua alça e caiu. Aos olhos do terrestre, a queda, sob condições de gravidade lunar, foi lenta e o corpo flexível de Fore se contorcia e girava, esforçando-se por alcançar uma barra atrás da outra, sem o conseguir. Os demais ficaram aguardando, como se todas as manobras ficassem suspensas durante uma queda.

Fore agora se movia bem depressa, conquanto, por duas vezes, diminuísse a velocidade da queda, sem conseguir segurar-se a uma alça.

Já se encontrava perto do solo, quando, numa súbita arremetida felina, agarrou uma barra transversal com o pé direito e ficou suspenso, oscilante, cabeça para baixo, cerca de três metros acima do solo. Com os braços estendidos, fez uma pausa, enquanto os aplausos ressoavam. Contorceu-se, em seguida, para cima e, com um movimento rápido, endireitou o corpo.

- Teria sofrido uma infração? - indagou o terrestre.

- Se Jean Wong realmente agarrou o pulso de Marco, em vez de o empurrar, foi infração. O árbitro considerou, porém, que foi um lance legítimo e não creio que Marco apele do julgamento. Ele caiu muito mais do que devia. Gosta destas salvações no último minuto e, algum dia, ainda vai errar o cálculo e se machucar. Ai, ai.

O terrestre se voltou subitamente curioso, mas os olhos de Selene não se dirigiam para ele.

- É alguém do escritório do comissário e deve estar à sua procura.

- Mas, escute.

- Não vejo razão para que viesse aqui à procura de outra pessoa. Você é quem chama a atenção.

- Mas, não há razão...

Já o mensageiro, que tinha compleição de terrestre ou de imigrante da Terra e que parecia pouco à vontade sob os olhares descorteses de duas dúzias de indivíduos nus, todos fingindo encobrir seu desprezo com indiferença, já o mensageiro veio diretamente para junto do visitante.

- Senhor - foi dizendo -, o comissário Gottstein solicita que me acompanhe...

*****

5

Os aposentos de Barron Neville eram um pouco mais incômodos do que os de Selene. Seus livros se achavam abertos, a tomada do computador jogada num canto e a larga escrivaninha desarrumada. As janelas davam para o vazio.

Selene entrou, enlaçou-o pelos ombros e disse:

- Se gosta de viver à maneira de um porcalhão, como espera ter a mente clara?

- Dou um jeito - retrucou Barron, mal-humorado -. Por que não trouxe o terrestre?

- O comissário o pegou primeiro. O novo comissário.

- Gottstein?

- Ele mesmo. Por que não se livrou mais cedo?

- Porque leva tempo descobrir as coisas. Não quero trabalhar às cegas.

- Bem, neste caso, teremos de esperar.

Neville roeu uma unha e depois inspecionou o resultado, severamente.

- Não sei se devia gostar ou não da situação... Que acha dele?

- Gostei dele - declarou Selene, convicta -. É bastante agradável, se leva em conta que não passa de um terrestrinha. Deixou que o guiasse. Mostrou-se interessado. Não fez julgamentos. Não se mostrou paternal... E eu não precisei forçar minha natureza para evitar insultá-lo, tampouco.

- Fez mais alguma pergunta sobre o sincroton?

- Não, mas é que não precisou.

- Por que não?

- Eu lhe disse que você queria vê-lo e o informei que era um físico. Imagino, portanto, que tenha reservado suas perguntas para o encontro com você.

- Não achou estranho que tivesse de falar com uma guia turística, que coincide conhecer um físico?

- Estranhar por quê? Eu disse a ele que você era meu parceiro sexual. Não há restrições para a atração sexual e um físico pode muito bem condescender em se relacionar com uma mísera guia de turistas.

- Cale a boca, Selene.

- Ora, Barron, reflita... Minha impressão é que, se ele estivesse tecendo uma trama artificiosa, se me abordasse porque queria alcançar você por meu intermédio, teria manifestado algum indício de ansiedade. Quanto mais complicada e estúpida é uma trama, tanto mais vacilante será e tanto mais ansioso o conspirador. Eu agi de modo deliberado como quem não quer nada. Conversei sobre mil e uma coisas, menos sobre o sincroton. Levei-o a um espetáculo de ginástica.

- E então?

- Ficou interessado. Descontraído e interessado. Seja o que for que tenha na cabeça, não é escabroso.

- Tem certeza? No entanto, o comissário o pegou antes de mim. Acha que se trata de algo bom?

- Por que considerar que é mau? Um convite público para uma reunião, feito na presença de duas dúzias de selenitas, não tem nada de particularmente maldoso.

Neville se reclinou com as mãos entrelaçadas na nuca.

- Selene, por favor, não insista em fazer julgamentos, não lhe peço. É de irritar. O homem não é um físico, em primeiro lugar. Ele disse que é?

Selene parou para pensar e replicou:

- Eu o chamei de físico. Ele não negou, mas não me lembro do que realmente tenha dito. E, no entanto, no entanto... estou certa de que é.

- E é uma mentira por omissão, Selene. Pode ser físico na cabeça dele, mas o fato é que não possui curso de física e não trabalha como físico. Dispõe de treinamento científico, admito, porém não ocupa nenhum cargo de cientista. Não teria condições de consegui-lo. Nenhum laboratório na Terra lhe daria uma sala de trabalho. Acontece que figura na lista negra de Fred Hallam, no primeiro lugar durante muito tempo.

- Tem certeza?

- Acredite no que digo, verifiquei. Não vá me criticar por ter ido tão longe... E parece tão bom que é bom demais.

- Por que bom demais? Não entendo onde quer chegar.

- Não parece que devamos confiar nele? No final de contas, ele ficou com um ressentimento contra a Terra.

- Pode, sem dúvida, argumentar dessa maneira, se os seus fatos forem exatos.

- Oh, meus fatos são corretos, ao menos no sentido de que são o que aparentam, se estivermos por dentro do assunto. Mas, talvez estejamos sendo induzidos a argumentar dessa maneira.

- Barron, isso é mortificante. Como pode introduzir em tudo essas teorias conspiratórias? Ben não parece...

- Ben? - interveio Neville, sarcasticamente.

- Ben - repetiu Selene, com firmeza -. Ben não parece um homem ressentido ou que tentasse me dar esta impressão.

- Não, porém ele se esforçou para lhe deixar uma impressão de simpatia. Você disse que gosta dele, não disse? E com ênfase? Talvez seja este exatamente o objetivo dele.

- Não é mole me tapear, sabe disso.

- Bem, só tenho que aguardar para vê-lo.

- Vá para o diabo, Barron. Tive contacto com milhares de terrestrinhas de todo tipo. É um trabalho. Você não tem razão de considerar tão sarcasticamente os meus julgamentos. Sabe que tem toda razão para confiar neles.

- Vá lá que seja, veremos. Não se zangue. Agora, só nos resta esperar... E, enquanto o fazemos - Neville se ergueu num movimento elástico -, sabe no que estou pensando?

- Não me interessa - Selene se ergueu do mesmo jeito suave e, com um movimento quase invisível dos pés, se esgueirou para longe dele -. Pense por sua própria cabeça. Não estou com disposição.

- Chateada por que impugnei seu julgamento?

- Estou chateada porque... Ora, que inferno, por que não arruma seu quarto?

E Selene saiu.

- Gostaria - disse Gottstein - de lhe oferecer alguma coisa requintada da Terra, mas, por questão de princípio, não me permitiram trazer nenhuma. A boa gente da Lua se ressente das barreiras artificiais impostas pelo tratamento especial aos homens da Terra. Parece mais aconselhável acalmar as suscetibilidades deles, assumindo a postura selenita, tanto quanto possível, embora receie que meu andar me denuncie. A detestável gravidade deles é impossível.

- Também acho - concordou o terrestre -. Minhas congratulações pelo seu novo cargo.

- Ainda não é inteiramente meu, senhor.

- Mesmo assim, minhas congratulações. No entanto, não posso deixar de me admirar com sua convocação.

- Fomos companheiros de viagem astronáutica. Chegamos, não há muito, na mesma nave.

O terrestre continuou numa expectativa educada.

- E meu conhecimento com você - tornou Gottstein - é ainda mais antigo. Encontramo-nos... brevemente... faz alguns anos.

- Receio não me recordar... - disse o terrestre, calmamente.

- Não me surpreendo. Não há razão para que se recorde. Foi, uma vez, na assessoria do senador Burt, que chefiava - como, de fato, ainda chefia - o Comitê de Tecnologia e de Meio Ambiente. Numa ocasião em que ele se achava bastante ansioso para se desforrar de Hallam... Frederick Hallam.

O terrestre pareceu, de repente, se retesar na cadeira.

- Conhece Hallam?

- É a segunda pessoa - respondeu Gottstein – que me pergunta, desde que cheguei à Lua. Sim, conheço. Intimamente. Conheci outras pessoas, que estiveram com ele. Bastante estranhamente, a opinião delas em geral coincidiu com a minha. Tratando-se de um homem que é aparentemente idolatrado pelo planeta, Hallam inspira pouca simpatia pessoal àqueles que o conhecem.

- Pouca? Acho que nenhuma - interrompeu o terrestre.

Gottstein ignorou a interrupção e prosseguiu:

- Era minha tarefa na época, ou, ao menos, o meu encargo designado pelo senador, investigar a Bomba Eletrônica e verificar se o seu estabelecimento e ampliação não se faziam acompanhar de desperdício e lucro pessoal indevidos. Tratava-se de preocupação legítima para um comitê essencialmente de controle, mas, aqui entre nós, a esperança do senador era descobrir algo que prejudicasse Hallam. Sentia-se ansioso para reduzir a força estranguladora que aquele homem ganhava com relação ao estabelecimento científico. Mas, nisso, fracassou.

- O que seria demasiado óbvio. Hallam está mais forte do que nunca, precisamente agora.

- Não se podia falar de atos ilícitos. Nenhum, certamente, poderia ser atribuído a Hallam. O homem é rigidamente honesto.

- Nesse sentido, admito. O poder tem um valor mercantil próprio, que não se mede necessariamente por meio de letras de câmbio.

- Mas o que me interessou na época, embora fosse algo que não pude acompanhar, foi que me defrontei com alguém, cuja queixa não se dirigia contra o poder de Hallam, porém contra a própria Bomba Eletrônica. Estive presente à audiência, conquanto não a tenha conduzido. O senhor era o queixoso, não era?

Cautelosamente, o terrestre respondeu:

- Recordo o episódio a que se refere, porém não me recordo do senhor.

- Admirei-me de como alguém pudesse objetar contra a Bomba Eletrônica, numa base científica. Daí por que o senhor me impressionou suficientemente, quando o vi na nave, algo agitado. E, então, por fim, a coisa me voltou à memória. Não consultei a lista de passageiros, apenas me deixei guiar pela memória. O senhor é o Dr. Benjamin Andrew Denison, não é verdade?

- Benjamin Allan Denison - disse o terrestre, suspirando -. Sim. Mas, por que tudo isso agora? A verdade, senhor comissário, é que não desejo trazer à tona assuntos do passado. Estou aqui na Lua e um bocado ansioso para começar de novo: começar do começo, se necessário. Com os diabos, cheguei a pensar em trocar de nome.

- O que não daria certo. Reconheci-o pelo rosto. Não tenho objeção à sua nova vida, Dr. Denison. Não vou interferir, de modo algum. Gostaria, contudo, de realizar pequena sondagem, por motivos que não o implicam diretamente. Não me lembro bem das suas objeções à Bomba Eletrônica. Poderia expô-las?

Denison curvou a cabeça. O silêncio se prolongou e o comissário não interrompeu. Até conteve ligeiro pigarro.

- Na verdade - falou Denison -, não era nada. Foi apenas uma conjetura minha, um temor pela alteração na intensidade do campo nuclear forte. Mas, não é nada!

- Nada? - Gottstein tornou a pigarrear -. Por favor, não se aborreça, se me esforço para compreender. Já lhe disse que me interessei pelo senhor, naquela ocasião. Fui incapaz de acompanhar o assunto, então, e duvido que conseguisse escavar agora a informação, a partir das gravações. O assunto todo foi arquivado... o senador não fez muita força na ocasião e não está interessado na publicidade do fato. No entanto, certos detalhes reviveram. O senhor foi colega de Hallam, mas não é físico.

- Correto. Era radioquímico. Como ele.

- Interrompa-me, se não me lembrar corretamente, mas sua primitiva ficha era muito boa, não é verdade?

- Havia critérios objetivos a meu favor. Não tinha ilusões a meu respeito. Eu era um trabalhador brilhante.

- Assombroso como isso ressurge. Hallam, por outro lado, não era.

- Não em especial.

- E, apesar disso, os acontecimentos posteriores não saíram bem para o senhor. De fato, quando nós o entrevistamos - creio que o senhor mesmo se ofereceu -, estava trabalhando para um fabricante de brinquedos.

- De cosméticos - retificou Denison, com a voz estrangulada -. Cosméticos masculinos. O que não contribuiu para que eu tivesse uma audiência respeitosa.

- Não, é verdade, Lamento. O senhor era vendedor.

- Gerente de vendas. E continuei um sujeito brilhante. Cheguei a vice-presidente, antes de abandonar o emprego e vir para a Lua.

- Teve Hallam alguma relação com o ocorrido? Quero dizer, com a sua renúncia à ciência?

- Comissário, por favor! Isso realmente não me preocupa mais. Encontrava-me no lugar, quando Hallam descobriu a conversão do tungstênio e quando se desencadearam os acontecimentos que conduziram à Bomba Eletrônica. Não posso dizer o que aconteceria exatamente, se eu não estivesse ali. Hallam e eu talvez morrêssemos por envenenamento radiativo, um mês depois, ou de uma explosão nuclear, seis semanas mais tarde. Não sei. Mas eu estava ali, e, parcialmente por minha causa, Hallam é o que é hoje. E, por causa da minha parte na história, sou também o que sou agora. Deixemos pra lá os detalhes. Isso o satisfaz? Porque terá de se satisfazer.

- Creio que me satisfaz. Nesse caso, tem um ressentimento pessoal contra Hallam?

- Certamente não sentia afeição por ele, naquela época. Nem tão pouco agora sinto afeição por ele, está claro.

- Diria, então, que sua objeção à Bomba Eletrônica se inspirou em sua ânsia de destruir Hallam?

- Oponho-me a esta reinquirição.

- Por favor, tenha calma. Nada do que lhe pergunto tem o propósito de ser usado contra o senhor. É em meu próprio benefício, uma vez que me preocupo com a Bomba e com certo número de coisas.

- Bem, admito, o senhor pode imaginar certo envolvimento emocional da minha parte. Como detestava Hallam, dispunha-me a crer que sua popularidade e grandeza possuíam falso fundamento. Refleti sobre a Bomba Eletrônica, na esperança de descobrir um defeito.

- E, por causa disso, descobriu?

- Não - manifestou-se Denison com energia, crispando o punho no braço da poltrona e se mexendo perceptivelmente, numa atitude de reação -. Não "por causa disso". Encontrei um defeito, mas numa perspectiva honesta. Ou assim me deu a impressão. Certamente, não inventei um defeito só para ferir Hallam.

- Não se trata de inventar, doutor - interveio Gottstein, - suavemente -. Nem sonho em sugerir semelhante implicação. Todavia, sabemos todos que, na tentativa de determinar alguma coisa nas linhas fronteiriças do conhecimento, é necessário elaborar suposições. As suposições podem ser feitas numa área pardacenta de incerteza e se pode matizá-las de um jeito ou de outro, com perfeita honestidade, porém de acordo com... hum... com as emoções do momento. O senhor fez suas suposições, talvez, na margem anti-Hallam do possível.

- Trata-se de uma discussão sem proveito, senhor. Na época, julguei que possuía uma razão válida. Contudo, não sou físico. Sou... era... um radioquímico.

- Hallam também era radioquímico, mas agora é o mais famoso físico do mundo.

- Ele ainda é um radioquímico. Desatualizado num quarto de século.

- Não é o seu caso. O senhor se esforçou duramente para se tornar um físico.

Denison ficou em brasa.

- O senhor realmente me investigou - disse.

- Já lhe falei: o senhor me impressionou. Assombroso como as coisas voltam. Mas, agora, passo para algo um tanto diferente. Conhece um físico chamado Peter Lamont?

- Já estive com ele - respondeu Denison, com relutância.

- Diria também que é um homem brilhante?

- Não o conheço bastante bem e detesto gastar essa palavra.

- Diria que ele sabe do que fala?

- Não havendo informação em contrário, diria que sim.

Cuidadosamente, o comissário se reclinou em sua cadeira. Esta possuía aspecto frágil e, conforme os padrões terrestres, não suportaria o peso dele.

- Não se importaria em contar como veio a conhecer Lamont? - indagou Gottstein -. Foi só por causa da sua reputação?

- Tivemos algumas conversas - disse Denison -. Ele planejava escrever uma história da Bomba Eletrônica: como começou, enfim, um relato completo de toda lenda, que se formou em torno dela. Fiquei lisonjeado de que Lamont me procurasse, parecendo saber alguma coisa a meu respeito. Com os diabos, comissário, fiquei lisonjeado de que soubesse que eu estava vivo. Mas, realmente, não podia dizer muito. Que adiantaria? Não ganharia nada, exceto zombarias, do que já estou cheio. Cheio de ficar remoendo, cheio de auto compaixão.

- Sabe algo do que Lamont esteve fazendo nos últimos anos?

- Onde quer chegar, comissário? - indagou Denison, cauteloso.

- Cerca de um ano atrás, talvez um pouco mais, Lamont falou com Burt. Eu já não fazia parte da assessoria do senador, porém nos vemos vez por outra. Ele me falou a respeito. Achava-se preocupado. Julgava que Lamont podia ter uma razão válida contra a Bomba Eletrônica e, entretanto, não distinguia um meio prático de conduzir a questão. Eu, também, me encontrava preocupado...

- Por toda parte, preocupações - comentou Denison, sardonicamente.

- Mas, agora, fico na dúvida. Se Lamont lhe falou e...

- Alto lá! Nem mais um passo, comissário. Creio que esta desviando a questão para um terreno, onde não quero que prossiga. Se espera que diga que Lamont roubou minha idéia, que, mais uma vez, fui injustiçado, engana-se. Permita que lhe diga com toda veemência de que seja capaz: eu não possuía uma teoria válida. Era meramente uma conjetura. Intrigava-me, apresentei-a, não acreditaram, recuei. Uma vez que não dispunha de um meio para demonstrar o valor dela, desisti. Não a mencionei em minha discussão com Lamont, nunca fomos além dos primeiros dias da Bomba. O que ele alcançou depois, por mais que se assemelhe com a minha conjetura, alcançou-o de modo independente. Parece ser algo muito mais sólido e baseado numa rígida análise matemática. Não reclamo direito de prioridade a ninguém.

- Parece conhecer a teoria de Lamont.

- Circulou nos últimos meses. O cara não conseguiu publicá-la e ninguém o levou a sério, mas a teoria transitou por debaixo do pano. Até eu vim a conhecê-la.

- Percebo, doutor. Mas eu a levei a sério. Tratava-se, no meu caso, de uma segunda advertência, compreenda. O relatório da primeira advertência - a sua - nunca chegou ao senador. Não tinha nada a ver com irregularidades financeiras, que era o que ele tinha em vista. O verdadeiro chefe da equipe de investigação... não fui eu... considerou-o... me perdoe... uma tolice. Não eu. Quando a questão

retornou, fiquei perturbado. Tive a intenção de me encontrar com Lamont, porém certo número de físicos, que consultei. .

- Inclusive Hallam?

- Não, não vi Hallam. Certo número dos que consultei opinou que o trabalho de Lamont era inteiramente destituído de fundamento. Mesmo assim, pensava em vê-lo, quando fui solicitado a ocupar este cargo e aqui estou e aqui está o senhor. Percebe, então, por que devia vê-lo. Na sua opinião, existe mérito nas teorias elaboradas pelo senhor mesmo e pelo Dr. Lamont?

- Pergunta se o uso contínuo da Bomba Eletrônica irá fazer o Sol explodir ou talvez todo o braço da Galáxia?

- Sim, é exatamente o que pergunto.

- Como posso lhe dizer? Tudo o que possuo é minha própria conjetura, que não passa de conjetura. Quanto à teoria de Lamont, não a estudei em detalhe, nem sequer foi publicada. Caso a lesse, sua matemática talvez se situe além das minhas possibilidades... Ademais, qual a diferença? Lamont não convencerá ninguém. Hallam o arruinou, como me arruinou, e o público geralmente consideraria sua teoria contrária ao interesse social a curto prazo, mesmo que Lamont conseguisse passar por cima de Hallam, por assim dizer. O público não quer renunciar à Bomba e é muito mais fácil recusar a teoria de Lamont do que tentar compreendê-la seriamente.

- Mas o senhor continua preocupado com ela, não é verdade?

- Claro, no sentido de que acho que podemos nos destruir e que eu não gostaria que isso acontecesse.

- Logo, veio à Lua, agora, para fazer algo que Hallam, seu velho inimigo, o impediria de fazer na Terra.

Denison, lentamente, declarou:

- Também o senhor gosta de fazer conjeturas.

- Será que gosto? - disse Gottstein, com indiferença -. Talvez também eu seja um sujeito brilhante. É correta minha conjetura?

- Talvez. Não desisti da esperança de retornar à ciência. Se tudo que eu fizer resultar em dissipar o espectro da condenação, que pesa sobre a humanidade, seja demonstrado que não existe ou que existe e precisa ser afastado, ficarei contente.

- Compreendo. Dr. Denison, passando a outro assunto no momento, meu predecessor, comissário Montez, agora exonerado do cargo, me disse que o campo crescente da ciência se encontra na Lua. Tem a impressão de que aqui se encontra uma quantidade desproporcional de cérebros e de iniciativa humana.

- Talvez tenha razão. Não sei dizer.

- É possível que tenha razão - concordou Gottstein, pensativamente -. Se for assim, não o inquieta que possa ser inconveniente ao seu propósito? Faça o que fizer, sempre dirão e pensarão que foi obtido através da estrutura científica lunar. Pessoalmente, o senhor ganharia pouco, do ponto de vista do reconhecimento, por mais valiosos que sejam os resultados que apresente... O que, evidentemente, seria injusto.

- Já me cansei de correr como rato atrás do queijo da glória, comissário Gottstein. Desejo ter certo interesse na vida, mais interesse do que me oferece o cargo de vice-presidente responsável pelos Depilatórios Ultra-sônicos. Encontrarei

esse interesse no retorno à ciência. Se realizar alguma coisa aos meus próprios olhos, ficarei satisfeito.

- Permita-me afirmar que isto não me satisfaria. O mérito, que o senhor ganhar, será seu. E deveria .ser inteiramente possível para mim, como comissário, apresentar os fatos à comunidade terrestre de maneira a reservar para o senhor o que lhe pertencer. O senhor, sem dúvida, é bastante humano para reivindicar o que lhe cabe de direito.

- Muita bondade sua. E, em troca?

- O senhor é cínico. Mas, só neste aspecto. Em troca, quero sua ajuda. O comissário exonerado, sr. Montez, não sabe bem quais são as linhas de pesquisa científica ora empreendidas na Lua. As comunicações entre o pessoal da Terra e o da Lua não são perfeitas e a coordenação de esforços de ambos os mundos resultará, claramente, em benefício de todos. É compreensível que haja desconfiança, suponho, mas, se puder fazer algo que rompa esta desconfiança, será tão valioso para nós quanto as suas descobertas científicas.

- Comissário, creio que não acha que eu seja o homem ideal para testemunhar perante os selenitas quanto às boas intenções e à boa disposição do estabelecimento científico da Terra.

- Não deve confundir um cientista vingativo com os homens da Terra como um todo, Dr. Denison. Coloquemos as coisas da seguinte maneira. Eu apreciaria tomar conhecimento de suas descobertas científicas, de modo a ajudá-lo a conservar sua parte de mérito. E, a fim de entender adequadamente suas descobertas - leve em conta que não sou cientista profissional -, seria útil se as expusesse para mim à luz do estado presente da ciência na Lua. De acordo?

- Pede-me uma coisa difícil. Resultados preliminares, prematuramente desvendados, seja por descuido ou por excesso de entusiasmo, podem causar tremendo dano a uma reputação. Detesto falar sobre algo, enquanto não me sinto bem fundamentado. Minha experiência anterior com o comitê, ao qual o senhor serviu, certamente me estimula a ser prudente.

- Entendo perfeitamente - manifestou-se Gottstein, alentado -. Deixo ao senhor a decisão da oportunidade de me informar... Mas, eu o retive até muito tarde e provavelmente deseja dormir.

O que significava uma despedida. Denison se retirou e Gottstein o contemplou, ao sair, meditativamente.

7

Denison abriu a porta com a mão. Havia um contacto, que a abriria automaticamente, porém, na confusão do despertar, não conseguiu encontrá-lo.

O homem de cabelos pretos, com um rosto um tanto carrancudo, mesmo em calma, falou:

- Desculpe... Cheguei cedo?

Denison repetiu a última palavra para ganhar tempo, com o objetivo de absorver o problema:

- Cedo?... Não. Eu... é que dormi até tarde, acho.

- Liguei para o senhor. Marcamos um encontro...

Denison agora se lembrou:
- Sim. O senhor é o Dr. Neville.
- Exato. Posso entrar?
Entrou, enquanto falava. O quarto de Denison era pequeno e a maior parte do seu espaço disponível estava ocupada por uma cama dobradiça. O ventilador suspirava suavemente. Com uma cortesia convencional, Neville indagou:
- Dormiu bem, espero?
Denison mirou seu pijama e passou a mão pelos cabelos desalinhados.
- Não - disse bruscamente -. Tive uma noite abominável. Me dá licença para que me faça mais apresentável?
- Claro. Gostaria que preparasse, enquanto isto, sua refeição matinal? Pode não estar familiarizado com o equipamento.
- Seria um favor.
Tornou uns vinte minutos depois, lavado e barbeado, usando calças e camiseta.
- Espero - foi dizendo - que não tenha desarranjado o chuveiro. Saí sem poder ligá-lo de novo.
- A água é racionada. Apenas demorou demais. É a Lua, doutor. Tomei a liberdade de preparar ovos mexidos e sopa quente para nós dois.
- Mexidos...
- Assim os chamamos. Os terrestres dariam outro nome, creio.
- Aha! - exclamou Denison.
Sentou-se com pouco entusiasmo e provou a mistura pastosa e amarela, que era o que o visitante evidentemente denominava de ovos mexidos. Esforçou-se para não fazer cara feia ao primeiro bocado, engoliu-o corajosamente e avançou uma segunda garfada.
- Vai se acostumar com o tempo - disse Neville - além do que é altamente nutritivo. Permita-me preveni-lo que o elevado teor de proteína e a baixa gravidade reduzirão sua necessidade de alimentação.
- É comível - comentou Denison, pigarreando.
- Selene me disse que o senhor pretende permanecer na Lua.
- É a minha intenção - Denison esfregou os olhos -. Tive, porém, uma noite terrível, que põe a minha resolução à prova.
- Quantas vezes caiu da cama?
- Duas... Considerei que a situação seja comum.
- Para os homens da Terra, é invariável. Desperto, pode tomar cuidado no andar, levando em conta a gravidade lunar. Adormecido, agita-se como se estivesse na Terra. Mas, pelo menos, cair não é tão doloroso em condições de baixa gravidade.
- Na segunda vez, dormi no chão durante algum tempo, antes de despertar. Não me recordava de ter caído. Que diabo fazem nessa situação?
- Não deve negligenciar periódicos controles de batida cardíaca, pressão sanguínea e assim por diante, justamente para se certificar que a mudança de gravidade não está introduzindo uma tensão excessiva.
- Fui amplamente advertido a respeito - disse Denison, com desgosto -. De fato, marquei consultas para os próximos meses. E tenho pílulas.

- Bem - disse Neville, como afastando uma banalidade -, dentro de uma semana, provavelmente não terá dificuldade alguma... Vai precisar de roupa apropriada. Essas calças nunca servirão e essa camiseta fina não adianta nada.

- Presumo que haja algum lugar onde possa comprar roupas.

- Claro. Se puder falar com Selene, quando estiver fora de serviço, creio que terá prazer em ajudá-lo. Ela me garantiu que o senhor é um tipo decente.

- Fico alegre em que pense assim.

Tendo engolido uma colherada da sopa, Denison parecia indeciso com o que faria com o restante. Sombriamente, prosseguiu na tarefa de meter o liquido pela goela abaixo.

- Ela julgou que o senhor fosse físico, mas, naturalmente, se enganou.

- Tive curso de radioquímico.

- Tampouco trabalhou nisso durante muito tempo, doutor. O senhor é uma das vítimas de Hallam.

- E há tantas que fale delas no plural?

- Por que não? A Lua inteira é vítima de Hallam.

- A Lua?

- Uma maneira de falar.

- Não entendo.

- Não temos estações da Bomba Eletrônica na Lua. Nenhuma foi instalada, porque não houve cooperação do para-Universo. As amostras de tungstênio não foram aceitas.

- Sem dúvida, Dr. Neville, não vai imputar este fato a Hallam.

- Sob um aspecto negativo, sim. Por que só o para-Universo deve ser capaz de dar início a uma estação bombeadora? Por que não nós?

- Tanto quanto saiba, carecemos de conhecimentos para tomar a iniciativa.

- E continuaremos a carecer de conhecimentos, enquanto a pesquisa neste terreno for proibida.

- Está proibida? - interpelou Denison, com uma nota de surpresa.

- Com efeito. Se nenhum trabalho necessário a fim de ampliar o conhecimento nessa direção encontra prioridades adequadas no próton-sincroton ou em qualquer outro equipamento de grandes dimensões - todos controlados pela Terra e sob a influência de Hallam -, então a pesquisa está efetivamente proibida.

- Desconfio que, dentro de pouco, terei de dormir de novo -- manifestou-se Denison, esfregando os olhos -. Peço-lhe desculpas... Não é, de modo algum, que o senhor esteja me aborrecendo. Mas, diga-me, será a Bomba Eletrônica tão importante assim para a Lua? As pilhas solares devem ser, certamente, eficazes e suficientes.

- Elas nos amarram ao Sol, doutor. Amarram-nos à superfície.

- Bem... Por que Hallam tem este interesse oposto na questão? Qual a sua opinião, Dr. Neville?

- Sabe melhor do que eu, se o conhece pessoalmente, o que não se dá comigo. Ele prefere não deixar claro ao público em geral que todo o estabelecimento da Bomba Eletrônica é produto dos para-homens, enquanto nós atuamos meramente como servos dos senhores. E se, na Lua, avançarmos até o

ponto em que soubermos o que fazemos, o nascimento da verdadeira Bomba Eletrônica datará de nossa iniciativa, e não da dele.

- Por que me diz tudo isto?

- Para evitar perda de tempo. Comumente, damos as boas-vindas a físicos da Terra. Sentimo-nos restringidos aqui, na Lua, e um físico visitante pode ser proveitoso, mesmo que seja só para nos dar um sentimento de menos isolamento. Um físico imigrante é ainda mais proveitoso e gostamos de lhe explicar a situação e estimulá-lo a trabalhar conosco. Lamento que o senhor não seja, apesar de tudo, um físico.

- Mas eu nunca disse que era - afirmou Denison, com impaciência.

- E, no entanto, pediu para ver o sincroton. Por que?

- Isto realmente o preocupa? Meu caro senhor, permita que lhe explique. Minha carreira científica foi arruinada há muito tempo. Resolvi tentar alguma espécie de reabilitação, de significado renovado para a minha vida, tão longe de Hallam quanto pudesse... o que quer dizer aqui, na Lua. Estudei para radioquímico, porém isto não me impediu de penetrar em outros campos de atividade. A para-física é, hoje, o grande campo da teoria e me empenhei, com o máximo de esforço, a fim de me autoeducar nesse terreno, sentindo que aí teria minha melhor esperança de reabilitação.

Neville acenou com a cabeça e disse, com evidente dubiedade:

- Compreendo.

- A propósito, já que mencionou a Bomba Eletrônica. Ouviu alguma coisa a respeito das teorias de Peter Lamont? Neville fitou o interlocutor atentamente:

- Não. Acho que não conheço esse homem.

- Sim, ele ainda não é famoso. E, provavelmente, nunca será, pela mesma razão, no essencial, pela qual eu também nunca serei. Ele atravessou o caminho de Hallam... Seu nome surgiu recentemente e estive pensando nele. Foi como ocupei o período de insônia da noite passada - e Denison bocejou.

- Foi mesmo, doutor? - irrompeu Neville, com impaciência -. E que tal o homem? Como é seu nome?

- Peter Lamont. Tem certas idéias interessantes sobre a para-teoria. Acredita que, com o uso continuado da Bomba, a reação nuclear forte se tornará basicamente mais intensa no espaço do sistema solar e que o Sol aumentará lentamente seu calor e, em algum ponto crucial, sofrerá uma fase de mutação, que provocará uma explosão.

- Absurdo! Deve conhecer a quantidade de variação produzida, em escala cósmica, pelo uso da Bomba Eletrônica em escala humana. Mesmo admitindo que o senhor seja somente autodidata em física, não deve ter dificuldade de perceber que a Bomba não produzirá possivelmente nenhuma variação apreciável nas condições gerais do Universo, durante o período de existência do sistema solar.

- É a sua opinião?

- Claro. Pensa diferente?

- Não tenho certeza. Lamont tem interesse pessoal na questão. Eu o encontrei brevemente e ele me impressionou como um cara muito estourado emocionalmente. Considerando o que Hallam lhe fez, talvez esteja sendo impelido por uma cólera irreprimível.

- Tem certeza de que ele está brigado com Hallam? - indagou Neville, com o rosto vincado.

- Sou perito no assunto.

- Não lhe ocorreu que a provocação dessa espécie de dúvida, de que a Bomba seja perigosa, pode ser usada como outro artifício para impedir que a Lua desenvolva sua próprias estações?

- Ao custo da criação de alarma e desânimo universais? É evidente que não. Seria como quebrar nozes com explosões nucleares. Não, minha opinião é que Lamont é sincero. De fato, modéstia à parte, já tive idéias semelhantes.

- Porque também o senhor é impelido pelo ódio a Hallam.

- Não sou Lamont. Imagino que não reaja à maneira dele. Na verdade, tive uma vaga esperança de que seria capaz de investigar o assunto na Lua, sem a interferência de Hallam e sem o emocionalismo de Lamont.

- Aqui, na Lua?

- Aqui, na Lua. Pensei que talvez conseguisse acesso ao sincroton.

- E este é o seu interesse nele?

Deníson balançou a cabeça afirmativamente e Neville prosseguiu:

- Acha realmente que conseguirá usar o sincroton? Sabe quantas requisições estão empilhadas sem atendimento?

- Pensei que talvez obtivesse a cooperação de alguns cientistas lunares.

Neville riu e balançou a cabeça:

- Temos quase tão pouca chance quanto o senhor... No entanto, vou-lhe dizer o que podemos fazer. Instalamos nossos próprios laboratórios. Podemos oferecer-lhe espaço e até arranjar alguns instrumentos menores para o senhor. Não sei em que medida nossos recursos lhe serão úteis, mas terá oportunidade de realizar algo.

- Acha que eu contaria, ali, com os meios de efetuar observações válidas no terreno da para-teoria?

- Creio que dependeria, parcialmente, de sua engenhosidade. Espera comprovar as teorias desse homem, Lamont?

- Ou refutá-las. Quem sabe...

- Vai refutá-las, no melhor dos casos. Nem duvido disso.

- Está claro ou não que não sou um físico de carreira? Por que, então, me oferece tão prontamente espaço de trabalho?

- Porque é da Terra. Já lhe disse que o valorizamos e, talvez, sua auto-educação como físico seja de valor adicional. Selene fez boas referências a seu respeito, coisa a que atribuo maior importância do que deveria, talvez. E somos compadecidos do seu sofrimento nas mãos de Hallam. Se quiser se reabilitar, nós o ajudaremos.

- Mas, me perdoe se for cínico. Que espera obter disso?

- Sua ajuda. Existe certa incompreensão entre os cientistas da Terra e da Lua. O senhor é um homem da Terra que veio voluntariamente à Lua e poderia atuar como uma ponte entre nós, em benefício de ambos os lados. Já teve contacto com o novo comissário e é possível que, reabilitando-se, nos reabilite também.

- Sua idéia é que, se eu debilitar a influência de Hallam, isso beneficiará igualmente a ciência selenita.

- Faça o que fizer, certamente será útil... Mas, talvez, deva deixá-lo, a fim de que recupere seu sono. Ligue para mim dentro de uns dois dias e lhe arranjaremos lugar num laboratório. E - Neville espiou ao redor - também lhe arranjaremos aposentos mais confortáveis.

Apertaram-se as mãos e Neville se retirou.

*****

8

Gottstein disse:

- Suponho que, por mais aborrecido que tenha sido o seu cargo, vai deixá-lo hoje com uma pontinha de aflição.

Montez deu de ombros eloqüentemente.

- Uma aflição muito grande, quando penso no retorno à plena gravidade. A dificuldade de respirar... a dor nos pés... a transpiração. Vou tomar banhos de sauna constantemente.

- Algum dia, será minha vez.

- Siga meu conselho. Nunca permaneça aqui mais de dois meses de cada vez. Não importa o que lhe digam os médicos ou que espécie de exercícios isométricos lhe imponham. Volte à Terra a cada sessenta dias e fique por lá durante uma semana. Precisa não perder o gosto dela.

- Não esquecerei... Ah, a propósito, estive em contacto com o meu amigo.

- Que amigo?

- O homem que estava na nave em que viajei. Pensei que me lembrasse dele e o consegui. Chama-se Denison: um radioquímico. O que recordei dele era bastante preciso.

- Hein?

- Recordei certa irracionalidade interessante a respeito dele e tentei comprová-la. O homem resistiu de maneira bem astuta. Pareceu-me racional, tão racional, de fato, que fiquei desconfiado. Há um tipo de racionalidade atraente desenvolvida por certos tipos de birutas, uma espécie de mecanismo de defesa.

- Ai, meu Deus - desabafou Montez, claramente exausto -. Não estou certo de acompanhar seu raciocínio. Entre a preocupação de ter tudo adequadamente empacotado e o pensamento da gravidade da Terra, fiquei pregado... Que espécie de irracionalidade?

- Tentou afirmar-nos, no passado, que havia perigo no uso das Bombas Eletrônicas. Julgava que levaria à explosão do Universo.

- Na verdade? E levará?

- Espero que não. Na época, a idéia foi rejeitada bastante bruscamente. Quando cientistas trabalham num tema que se situa no limite do conhecimento, ficam irascíveis, sabe disso. Conheci um psiquiatra que, certa vez, chamou o fenômeno de "Quem sabe?" Se nada do que fizer lhe fornecer o conhecimento de que necessita, terminará dizendo: "Quem sabe o que vai acontecer?" E a imaginação se destrambelha.

- Sim, mas se os físicos andarem por aí dizendo essas coisas, mesmo apenas alguns deles.

- Mas não o fazem. Não oficialmente. Existe uma coisa que se chama responsabilidade científica e as revistas tomam cuidado para não publicar tolices... Ou o que considerem tolice. Na verdade, sabe, o assunto voltou mais uma vez. Um físico de nome Lamont falou ao senador Burt, a Chen, esse autonomeado messias do meio ambiente, e a mais umas poucas pessoas. Também insiste na possibilidade da explosão cósmica. Ninguém acredita nele, mas a estória foi se espalhando de fininho e vai ganhando força, à medida que se difunde.

- E este homem, que veio à Lua, acredita na hipótese.

- É o que desconfio - disse Gottstein, com um largo sorriso -. Veja só, no meio da noite, com dificuldade de dormir... de passagem, caí da cama... eu mesmo acreditei. Ele provavelmente tem a esperança de testar a teoria experimentalmente, por aqui.

- E daí?

- Daí que vou deixá-lo. Insinuei que o ajudaria.

- É arriscado - interveio Montez, sacudindo a cabeça. - Não me agrada dar estímulo oficial a idéias malucas.

- Veja, há alguma possibilidade de que não sejam inteiramente malucas, porém não é este o problema. O problema é que, se o instalarmos aqui, na Lua, talvez descubramos, através dele, o que se passa neste lugar. Ele se sente ansioso por alcançar a reabilitação e insinuei que a reabilitação se daria por nosso intermédio, se ele cooperar... Farei com que você fique discretamente informado. Aqui entre amigos, entende.

- Obrigado e até a vista.

9

- Não, não gosto dele - declarou Neville, irritado.

- Por que não? Só por que é um terrestrinha? - Selene tirou um fiapo de cima do seu seio direito, apanhou-o e o contemplou criticamente -. Não é de minha blusa. Já lhe disse que a circulação de ar está horrível.

- Esse Denison não vale nada. Não é para-físico. É um autodidata neste campo e o demonstra vindo para cá com idéias um bocado cretinas.

- Que idéias?

- Julga que a Bomba Eletrônica provocará a explosão do Universo.

- Foi o que disse?

- Sei que é o que tem na cabeça... Ah, conheço os argumentos, já os ouvi com frequência. Mas não é nada disso.

- Talvez - disse Selene, com expressão interrogativa - você apenas não queira que as coisas aconteçam.

- Não comece a encher - protestou Neville.

Após uma curta pausa, Selene indagou:

- Bem, que quer que eu faça com ele?

- Vou lhe dar um lugar para trabalhar. Pode não valer nada como cientista, mas talvez preste para alguma coisa. Ficará bastante conhecido: o comissário já conversou com ele.

- Sei.

- Bem, ele possui uma história romântica de alguém que tenta se reabilitar de uma carreira fracassada.

- Verdade?

- Verdade. Estou certo de que gostará. Se pedir, vai lhe contar. O que é bom. Se tivermos um terrestre romântico trabalhando na Lua num projeto biruta, ele acaba constituindo um objetivo perfeito para preocupar o comissário. Servirá para dourar a pílula, de modo que seja engolida mais facilmente. E talvez através dele, quem sabe, possamos obter uma idéia melhor do que se passa na Terra... Selene, é bom que continue amistosa com ele.

10

Selene riu e seu riso soou metálico no tímpano de Denison. Seu corpo desaparecia no traje astronáutico que usava.

- Venha, Ben - disse ela -, não há razão para receio. Já é um veterano agora.. . com um mês aqui.

- Vinte e oito dias - resmungou Denison, que se sentia sufocado no seu próprio traje.

- Um mês - insistiu Selene -. Já tinha passado a Meia-Terra, quando chegou e, agora, passou de novo a Meia-Terra.

Selene indicou a curva brilhante da Terra no céu meridional.

- Bem, mas espere. Não sou tão valente aqui como no subsolo. E se eu cair?

- Se cair? A gravidade é branda, de acordo com os seus padrões, o declive é suave e seu traje é forte. Se cair, basta que se deixe deslizar e rolar. Acaba sendo até divertido.

Denison espiou ao redor, com ar de dúvida. A Lua se estendia com esplêndida beleza, à fria luz da Terra. Era branca e preta, um branco tênue e delicado em comparação com as vistas iluminadas pelo Sol, que havia encontrado ao fazer uma viagem, uma semana antes, a fim de inspecionar as pilhas solares, que se estendiam de horizonte a horizonte, ao longo do leito do Mare Imbrium. E o preto era também algo mais suave, em virtude da ausência do refulgente contraste de um verdadeiro dia. As estrelas eram superlativamente brilhantes e a Terra - a Terra - estava infinitamente convidativa, com os seus redemoinhos de branco sobre azul e o seu furtivo vislumbre bronzeado.

- Bem - perguntou Denison -, que tal se me segurar em você?

- Nada disso. Não vamos subir até o fim. Só o começo do aclive. Basta que tente me acompanhar. Andarei devagar.

Os passos de Selene eram longos, lentos e deslizantes. Denison se esforçou para se manter em sincronia com ela. A subida da encosta era poeirenta e, a cada passo, ele levantava uma poeira fina, que rapidamente se depositava no ambiente destituído de ar. Acompanhou-a passo a passo, mas despendendo muita energia.

- Ótimo - exclamou Selene, dando-lhe o braço para firmá-lo -. Está muito bom para um terrestrinha... não, deveria dizer um imie.

- Obrigado.

- O que não é lá muito melhor, creio. Imie por imigrante é tão insultuoso quanto terrestrinha por terrestre. Direi apenas que está muito bom para um homem de sua idade.

- Não! Isso é muito pior.

Denison arquejava um pouco e sentia sua testa umedecida.

- De cada vez - tornou Selene - em que atingir o ponto em que vai baixar o pé, dê um ligeiro impulso com o outro pé. Isto aumentará sua passada e tornará tudo mais fácil. Não, não... espie como faço.

Denison se deteve satisfeito e observou Selene, um tanto esbelta e graciosa a despeito do grotesco do traje com que se movimentava, arrancando aos saltos baixos e alongados. Ela regressou e se ajoelhou aos seus pés.

- Agora, dê um passo devagar, Ben, e eu baterei no seu pé, quando achar que deve tomar impulso.

Experimentaram diversas vezes e Denison desabafou:

- É pior do que correr na Terra. Melhor eu descansar.

- Está bem. É que seus músculos ainda não estão habituados a coordenação apropriada. Está lutando contra si mesmo, sabe, e não contra a gravidade. Bem, sente-se e recupere o fôlego. Não o levarei adiante.

- Causarei algum dano ao traje, se me deitar de costas?- perguntou Denison.

- Não, claro que não, mas não é boa idéia. Não, neste solo nu. A temperatura é de apenas 120 graus absolutos, 150 graus abaixo de zero, se preferir, e, quanto menor a área de contato, melhor. Vou me sentar.

- Muito bem - reanimado, Denison se sentou com um grunhido. Deliberadamente, ficou de rosto para o norte, o olhar desviado da Terra -. Veja estas estrelas!

Selene se sentou à sua frente, em ângulo reto. Denison podia vislumbrar o rosto dela, vez por outra, os contornos vagos através da placa facial, quando a luz terrestre o apanhava num ângulo adequado.

- Não vê estrelas na Terra? - perguntou Selene.

- Não como aqui. Mesmo quando não há nuvens, a atmosfera terrestre absorve alguma luz. As diferenças de temperatura na atmosfera fazem com que as estrelas cintilem e as luzes da cidade, quando distantes, as empalidecem.

- Da uma Impressão desagradável.

- Gosta disso aqui, Selene? Da superfície?

- Não sou louca por ela, realmente, mas não me preocupo demais, de vez em quando. Faz parte do meu trabalho trazer turistas para cá, naturalmente.

- E agora o fez por minha causa.

- Será que ainda não o convenci que não é a mesma coisa, Ben? Recebemos um itinerário pré-estabelecido para os turistas. É muito restrito, muito desinteressante. Não acha que os trazemos aqui para planar, bem? Isto é para selenitas... e imies. Principalmente imies, na verdade.

- Não pode ser um passeio muito popular. Só nós estamos aqui.

- Ora, existem dias especiais para coisas assim. Devia ver este lugar nos dias de corrida. Mas não gostaria, numa ocasião dessas.

- Não estou certo de gostar agora. É um esporte atraente para imies, em particular.

- Em grande parte. Os selenitas, em geral, não gostam da superfície.

- E o Dr. Neville?

- Pergunta como ele se sente na superfície?

- Sim.

- Francamente, creio que nunca esteve aqui. É um verdadeiro tipo citadino. Por que pergunta?

- Bem, quando pedi permissão para fazer a inspeção de rotina das pilhas solares, concordou com toda boa vontade, mas, ele próprio, não parecia disposto a fazer o mesmo. Até lhe pedi que viesse, de modo que tivesse alguém ao meu lado para me prestar esclarecimentos, e ele se recusou bastante taxativamente.

- Espero que haja outra pessoa que lhe preste esclarecimentos.

- Ah, sim. Também ele foi um imie, cheguei a pensar. Talvez isso explique a atitude do Dr. Neville com relação à Bomba Eletrônica.

- Que é o que quer dizer?

- Bem - Denison se reclinou e bateu com os pés alternadamente, observando-os subir e cair lentamente, com certo prazer preguiçoso -. Isso não está mal, não acha? Escute, Selene.. . o que acho é que Neville está decidido a desenvolver uma Estação Bombeadora, na Lua, apesar das pilhas solares serem tão apropriadas para a tarefa. Não temos a possibilidade de empregar pilhas solares na Terra, onde o Sol nunca é tão invariável, tão prolongado, tão brilhante e radiante em todos os comprimentos de onda. Não há um único corpo planetário, no sistema solar, nenhum corpo de qualquer tamanho, que seja mais conveniente para o emprego de pilhas solares do que a Lua. Mesmo Mercúrio é demasiado quente... Mas o uso das pilhas nos amarra à superfície e, se não gostarmos da superfície.

Selene se ergueu de repente e falou:

- Acabou-se, Ben, já descansou o suficiente. De pé! De pé!

Ele se esforçou denodadamente para se erguer e disse:

- No entanto, uma Estação Bombeadora implicaria que nenhum selenita nunca precisasse vir à superfície, se não quisesse.

- Vamos subir o morro, Ben. Iremos até aquela crista à frente. Veja, ali onde a luz terrestre some numa linha horizontal.

Silenciosamente, subiram o trecho final. Denison percebia a área mais plana ao lado, uma larga faixa de encosta da qual a maior parte da poeira havia sido varrida.

- É muito plana para um iniciante - informou Selene, respondendo aos pensamentos dele -. Não fique ambicioso demais ou me obrigará a ensinar logo o passo do canguru.

Deu um salto de canguru enquanto falava, fez meia volta quase ao aterrissar e disse:

- Venha cá. Sente-se e ajustarei.

Denison se sentou e olhou a descida do morro, na incerteza.

- Pode realmente planar por aí?

- Claro. A gravidade é mais fraca na Lua do que na Terra, de modo que podemos calcar o solo com muito menos força e isto significa que há muito menos fricção. Tudo é mais escorregadio na Lua do que na Terra. Por isso é que os pavimentos em nossos corredores e apartamentos lhe parecem inacabados. Gostaria de ouvir minha pequena conferência sobre o tema? A mesma que faço para os turistas?

- Não, Selene.

- Além do mais, usaremos planadores, é claro.

Selene trazia na mão um pequeno cartucho. Grampos e um par de finos tubos se prendiam a ele.

- Que negócio é esse? - indagou Ben.

- Apenas um pequeno reservatório de gás liquefeito. Emitirá um jato de vapor bem debaixo de suas botas. A fina camada de gás entre a botas e o solo reduzirá a fricção a virtualmente. zero. O movimento é como no espaço livre.

- Não concordo - afirmou Denison, de má vontade - um desperdício usar gás dessa maneira na Lua.

- Qual nada! Que gás acha que empregamos nesses planadores? Dióxido de carbono? Oxigênio? Para começar, seria realmente um desperdício. Mas isto é argônio. É extraído do solo da Lua às toneladas, tendo sido formado pelos bilhões de anos de decomposição do potássio-40... Faz parte de minha conferência, Ben... O argônio só tem uns poucos empregos especializados na Lua. Poderíamos usá-lo para planar durante um milhão de anos, sem esgotar a jazida... Muito bem. Já está com os planadores ajustados. Espere que ajuste os meus.

- Como funcionam?

- É inteiramente automático. Começa-se a deslizar e isto destrava o contacto e dá saída ao vapor. Aí só tem suprimento para alguns minutos, mas é tudo de que necessita.

Selene se ergueu e o ajudou a fazer o mesmo.

- Ladeira abaixo... Venha, Ben, é um declive suave. Olhe, tem aspecto perfeitamente nivelado.

- Não, não tem - disse Denison, emburrado -. Para mim, tem aspecto de um penhasco.

- Bobagem. Escute e guarde na memória o que lhe digo. Mantenha os pés afastados uns vinte centímetros, com um deles poucos centímetros à frente do outro. Não tem importância qual dos pés fica à frente. Curve os joelhos. Não se incline diante do vento, porque não tem vento. Não tente olhar para cima ou para trás, mas pode olhar de lado a lado, se precisar. O mais importante: quando finalmente bater no solo, não se esforce para se deter com muita pressa. O movimento é mais rápido do que pensa. Basta deixar que o planador se extinga e, então, a fricção o trará a uma parada vagarosa.

- Vou me lembrar de tudo isso.

- Sim, vai. E estarei bem ao seu lado para ajudar. Se cair e eu não o segurar, não tente fazer nada. Relaxe o corpo e deixe que ele siga tropeçando ou escorregando. Não há pedras com as quais possa se chocar.

Denison engoliu em seco e olhou à frente. A encosta ao sul brilhava à luz terrestre. As diminutas coxilhas concentravam a luz, deixando pequenos trechos da crista na escuridão, de modo que havia um vago claro-escuro na superfície. O meio círculo saliente da Terra circundava o céu negro quase diretamente à frente.

- Pronto? - perguntou Selene, com a mão enluvada nós ombros dele.

- Pronto - respondeu Denison, com voz fraca.

- Então, a caminho - Selene impulsionou Denison, que se sentiu em movimento. A princípio bem levemente. Voltou-se para ela, vacilante, e a ouviu dizer:

- Não se preocupe. Estou bem ao seu lado.

Ainda podia sentir o solo debaixo dos pés... e eis que não pôde mais. O planador tinha sido ativado.

Por um instante, sentiu-se como se estivesse parado. Não havia pressão de ar contra seu corpo, nenhuma sensação de algo deslizando sob os pés. Porém, ao se voltar de novo para Selene, notou que as luzes e sombras a um lado se moviam para trás, numa velocidade que aumentava a um ritmo vagaroso.

- Mantenha os olhos na Terra - soou a voz de Selene -, até que tenha ganho velocidade. Quanto mais rápido andar, mais estável será. Mantenha os joelhos encurvados... Vai indo muito bem, Ben.

- Para um imie... - arquejou Denison.

- Como se sente?

- Como se voasse.

A colcha de retalhos de luz e trevas de cada lado se movia para trás, confusamente. Deu uma olhada rápida a um lado, depois ao outro, tentando converter a sensação de vôo para trás da cercania numa sensação de vôo para frente dele próprio. Assim que o conseguiu, percebeu que devia dirigir depressa a vista à frente, a fim de recuperar a sensação de equilíbrio.

- Acho - disse ele - que não é uma boa comparação para você. Não tem experiência de voar na Lua.

- Mas agora já sei. Voar deve ser como planar... sei o que é.

Ela ia ao seu lado facilmente.

Denison se deslocava com bastante rapidez para ter a sensação de velocidade, mesmo quando olhava à frente. A paisagem lunar se abria diante dele e fluía para trás, de cada lado. Indagou:

- Que velocidade consegue obter num planador?

- Uma boa corrida lunar - informou Selene - costuma atingir velocidade de mais de cento e cinqüenta quilômetros por hora... em encostas mais íngremes do que esta, é claro. Você provavelmente alcançará um máximo de cinqüenta quilômetros.

- Está dando a impressão de um bocado mais rápido.

- Mas não é. Agora estamos diminuindo, Ben, e você não caiu. Mantenha o equilíbrio, o planador se extinguirá e vai sentir a fricção. Não faça nada, basta deixar o barco correr.

Mal havia Selene terminado suas observações e Denison sentiu o começo da pressão debaixo das botas. Ocorreu, de imediato, uma sensação esmagadora de velocidade e ele fechou os punhos a fim de não erguer os braços, num gesto quase reflexo contra a colisão, que não ia haver. Sabia que, se erguesse os braços, cairia para trás. Estreitou os olhos e reteve a respiração, até pensar que os pulmões explodiriam, e ouviu Selene dizer:

- Perfeito, Ben, perfeito. Nunca soube de um imie que não caísse no seu primeiro passeio, de modo que, se cair, não tem nada demais. Não é nenhum desastre.

- Não pretendo cair - sussurrou Denison.

Respirou fundo e forte e abriu bem os olhos. A Terra estava serena como nunca, numa indiferença total. Ele se deslocou mais devagar... mais devagar... mais devagar...

- Afinal, já parei, Selene? - perguntou -. Não estou certo.

- Já parou. Não se mexa. Precisa descansar antes de voltar à cidade... Ora, que droga, deixei a coisa por aí quando subimos.

Denison a observava com incredulidade. Selene havia subido com ele, havia planado com ele. No entanto, se ele estava meio morto de cansaço e tensão, ela varava o ar com saltos de canguru. Dava a impressão de se encontrar a uns cem metros, quando disse:

- Achei, aqui está! - e sua voz soou forte aos ouvidos de Denison, como se estivesse bem perto.

Selene regressou num instante, tendo debaixo do braço um lençol dobrado e volumoso de plástico.

- Lembra-se - falou ela, alegremente -, quando perguntou o que isso era, na ocasião da subida, e eu disse que o usaríamos antes de chegarmos embaixo?

Desdobrou o lençol e o estendeu sobre a superfície poeirenta da Lua.

- Espreguiçadeira Lunar é o seu nome completo, mas apenas a chamamos de espreguiçadeira. O adjetivo lunar é dispensável no nosso mundo.

Inseriu um cartucho e puxou uma alavanca. O lençol começou a inchar. Denison esperava ouvir um som sibilante, mas, naturalmente, não havia ar para transmitir o som.

- Antes que objete, de novo, contra nossa política de conservação - adiantou-se Selene -, vou logo informando que isto também é argônio.

A coisa se converteu num colchão com seis pernas curtas e grossas.

- Agüentará você - disse Selene -. O contacto da espreguiçadeira com o solo é realmente muito pequeno e o vácuo ao redor conserva seu calor. O argônio se aquece ao fluir para dentro, porém só relativamente. Acaba numa temperatura de 270 graus absolutos, quase o suficiente para fundir o gelo e bastante quente para evitar que o seu traje venha a perder calor mais depressa do que lhe seja possível elaborá-lo. Vamos, deite-se.

Denison o fez, com uma sensação de indizível gozo.

- Que bacana! - soltou, num prolongado suspiro.

- Mamãe Selene pensa em tudo, viu!

Selene veio por trás dele, planando ao seu redor, os pés juntos como se estivesse sobre patins, deixando-os voar debaixo dela, até que se deitou ao lado dele, graciosamente, apoiada num dos quadris e no cotovelo. Denison assobiou e perguntou, admirado:

- Como é que fez isto?

- Muita prática, meu caro! Não tente fazer o mesmo. Vai quebrar o cotovelo, estou-lhe avisando. Se eu ficar fria demais, terei de me apertar a você, na espreguiçadeira.

- Bastante seguro, com nós dois nesses trajes.

- Ah, eis que fala meu audacioso libertino... Como se sente?

- Ótimo, creio. Mas que experiência!

- Que experiência! Estabeleceu um recorde de ausência de quedas. Já pensou se eu contar isso ao pessoal, lá na cidade?

- Pode contar. sempre gostei de ser apreciado... Não vai querer que eu repita a dose, hein?

- Agorinha mesmo? Claro que não. Tampouco eu vou repetir. Apenas descansaremos um pouco, até que sua batida cardíaca volte ao normal e, então,

voltamos. Se espichar as pernas em minha direção, tiro seus planadores. Da próxima vez, mostro-lhe como manejar os planadores.

- Não tenho certeza de que haverá uma próxima vez.

- Claro que haverá. Não gostou?

- Um pouco. No meio do terror.

- Da próxima vez, sentirá menos terror e ainda menos em seguida, até que, finalmente, vai gostar e eu farei de você um velocista de corridas.

- Não, não vai fazer. Já estou velho demais.

- Na Lua, não. Você só tem a aparência de velho.

Denison pôde sentir a quietude absoluta da Lua penetrando-o, enquanto ficava deitado. Desta vez, encarava a Terra. Sua presença constante no céu lhe dera, mais do que tudo, uma sensação de estabilidade, durante seu recente passeio de planador, o que lhe inspirava um sentimento de gratidão.

- Vem com freqüência aqui fora, Selene? - perguntou -. Quero dizer, sozinha ou com mais um ou dois companheiros?

- Praticamente nunca. A menos que haja gente por ai, não me agrada. O que fiz agora, na verdade, me surpreende.

- Ah a... - murmurou Denison, evasivamente.

- Não se surpreende?

- Por que deveria me surpreender? Minha impressão é que cada pessoa faz o que faz porque quer ou precisa e, em cada caso, é da conta dela, não da minha.

- Obrigada, Ben, foi bom ouvir estas palavras. Uma das coisas legais em você, Ben, é que, sendo um imie, não pretende que sejamos diferentes do que somos. Nós, os selenitas, somos um povo subterrâneo, um povo de cavernas e de corredores. E que há nisso de mal?

- Nada.

- Nunca ouvi terrestrinhas falarem dessa maneira. Como guia de turistas, sou obrigada a ouvi-los. Não há nada que digam que não tenha ouvido um milhão de vezes, mas o que ouço com mais frequência é o seguinte - e ela começou a falar com o sotaque arrastado do típico terrestrinha usando a Língua Planetária -: "Mas, querida, como é que vocês todos podem viver em cavernas o tempo todo? Não lhes dá uma sensação terrível de clausura? Nunca quiseram ver o céu azul, árvores, o oceano, sentir o vento, cheirar flores..." Oh, Ben, e vão por aí afora. Depois, ainda dizem: - "Mas vocês não sabem o que é o céu azul, nem o que são árvores, nem mar, de modo que não sentem falta disso"... Como se não recebêssemos programas terrestres de televisão e não tivéssemos pleno acesso à literatura terrestre, tanto ótica como auditiva... e, às vezes, também olfativa.

Denison achou graça e indagou:

- Qual a resposta oficial a observações como essas?

- Nada de mais. Apenas dizemos: "Já estamos acostumados, madame". Ou "senhor", se é um homem. Em regra, trata-se de mulher. Os homens se ocupam demais em estudar nossas blusas e, suponho, ficam na expectativa de que as tiremos. Sabe o que gostaria de dizer a esses idiotas?

- Por favor. Já que não pode tirar a blusa, que está por dentro do traje, ao menos desabafe o peito. Não me diga que é quente! - exclamou Denison.

- Gostaria de lhes dizer: "Veja, madame, por que diabo deveríamos ter interesse no maldito mundo de vocês? Não precisamos ficar dependurados na

superfície de nenhum planeta, esperando cair fora ou esvaziar. Não precisamos de ar cru soprando ao nosso redor, nem de água suja caindo por cima da gente. Não precisamos dos seus horríveis germes, de sua grama fedorenta, de seu céu azul ou de suas estúpidas nuvens brancas. Podemos ver a Terra no nosso próprio céu, quando quisermos, e é raro que o queiramos. A Lua é nossa pátria e é o que fazemos dela, exatamente o que fazemos dela. Nós a possuímos e construímos nossa própria ecologia, sem que seja necessário que nos lamentem porque seguimos nosso próprio caminho. Voltem ao seu mundo e deixem que sua gravidade estique os seios de vocês até os joelhos". Isto é o que eu diria.

- Muito bem - manifestou-se Denison -. Sempre que estiver para dizer essas coisas a uma terrestrinha, desabafe comigo e se sentirá melhor.

- Sabe mais o quê? A cada momento, tem um imie que sugere que construamos um parque de estilo terrestre na Lua. Algum lugarzinho com plantas terrestres, cultivadas a partir de sementes ou de mudas. Talvez mesmo alguns animais. Um toque de vida familiar... É a expressão habitual.

- Creio que é contra isso.

- Claro que sou contra. Um toque de que vida familiar? A Lua é o nosso lar. Um imie, que queira um toque familiar, que volte para sua casa. Os imies, às vezes, são piores do que os terrestrinhas.

- Terei em conta.

- Você não... por enquanto.

Houve um instante de silêncio e Denison ficou na expectativa de que Selene fosse sugerir o regresso às cavernas. Por um lado já estava quase sentindo um anseio intenso de encontrar um quarto de repouso. Por outro lado, nunca se sentira tão relaxado. Perguntou-se por quanto tempo haveria oxigênio no seu reservatório.

- Ben - interveio Selene -, vai se importar se lhe fizer uma pergunta?

- De modo algum. Se lhe interessa minha vida particular, não tenho segredos. Tenho um metro e oitenta de altura, meu peso na Lua é de treze quilos, já tive uma mulher há muito tempo, agora sou divorciado, tenho uma filha, crescida e casada, freqüentei a Universidade de...

- Não, Ben, falo sério. Posso saber acerca de seu trabalho?

- Claro que pode, Selene. No entanto, não sei até que ponto serei capaz de lhe explicar.

- Bem... sabe que Barron e eu...

- Sim, sei - interrompeu Denison, bruscamente.

- Nós conversamos. Ele, às vezes, me conta umas coisas. Me disse que você acha que a Bomba Eletrônica pode levar o Universo à explosão.

- Nosso setor do Universo. A Bomba pode converter uma parte do nosso braço galáctico num quasar.

- Verdade? Acha mesmo?

- Quando vim à Lua, não estava certo. Agora estou. Estou pessoalmente convicto de que isso vai acontecer.

- Quando acha que vai acontecer?

- Não posso dizer com exatidão. Talvez daqui a uns poucos anos. Talvez dentro de algumas décadas.

Seguiu-se breve silêncio, quebrado por Selene, num tom humilde:

- Barron tem outra opinião.

- Sei. Não procuro convertê-lo à minha opinião. Não se derrota uma opinião com um ataque frontal. Esse é o erro de Lamont.

- Quem é Lamont?

- Desculpe, Selene. Falei para mim mesmo.

- Não, Ben. Por favor, me diga. Estou interessada. Por favor.

Denison se virou, encarando-a, e disse:

- Ok. Não tenho objeções a lhe falar sobre o assunto. Lamont, um físico lá na Terra, tentou, à sua maneira, alertar o mundo sobre os perigos da Bomba. Fracassou. Os terrestres querem a Bomba, querem a energia gratuita, querem-na o bastante para se recusar a crer que devem dispensá-la.

- Mas, por que iriam querê-la, se significa a morte?

- Tudo o que precisam fazer é rejeitar a idéia de que significa morte. O meio mais fácil de solucionar um problema é negar sua existência. O seu amigo, Dr. Neville, faz o mesmo. Como detesta a superfície, esforça-se para crer que as pilhas solares não são boas... ainda quando, para qualquer observador imparcial, se afigurem a perfeita fonte de energia para a Lua. Quer a Bomba para que possa ficar sempre debaixo do solo, de modo que se recusa a ver os perigos implícitos.

- Não creio que Barron se recuse a crer em algo, que apresente evidência válida. Você dispõe realmente dessa evidência?

- Acho que sim. É verdadeiramente espantoso, Selene. Tudo depende de certos fatores sutis de interações. Sabe o que isto significa?

- Não precisa explicar. Já conversei tanto com Barron a respeito de todo tipo de assunto, que sou capaz de acompanhar seu raciocínio.

- Bem, julguei que fosse precisar do próton-sincroton lunar para o meu objetivo. Fica a uma distância de uns trinta quilômetros, possui magnetos supercondutores e pode dispor de energias de 20.000 Bev e mais ainda. Acontece, porém, que o pessoal da Lua possui uma coisa que chama de Pionizador. Este cabe numa sala de dimensões moderadas e faz todo o trabalho do sincroton. Congratulações à Lua por um avanço tão formidável.

- Obrigada - interveio Selene, complacente -. Quero dizer, em nome da Lua.

- Ora, os resultados, que consegui com o Pionizador, podem mostrar o ritmo de aumento da intensidade da interação nuclear forte. E o aumento coincide com o afirmado por Lamont, ao contrário do que pretende a teoria ortodoxa.

- Já os mostrou a Barron?

- Não, ainda não. Se o fizer, espero que Neville os rejeite. Dirá que os resultados são marginais, que cometi um erro, que não levei em conta todos os fatores, que, enfim, empreguei controles inadequados... Diga o que realmente disser, o que quer é a Bomba Eletrônica e não vai desistir dela.

- Então, acha que não há saída?

- Claro que há, porém não em linha reta. Não à maneira de Lamont.

- Como assim?

- A solução de Lamont consiste em forçar o abandono da Bomba, mas não é possível voltar atrás. Não é possível meter a galinha de volta no ovo, reverter o vinho à uva, reintroduzir o menino no ventre da mãe. Se quiser que a criança lhe obedeça, não tente lhe explicar o que deve fazer, mas lhe ofereça algo de que goste muito.

- E que seria isto?

- Ah, nisso é que não estou seguro. Tenho uma idéia, uma idéia simples - talvez simples demais -, baseada no fato inteiramente óbvio de que o número dois é ridículo e não pode existir.

Houve um silêncio, que durou um minuto ou mais, depois do que Selene se manifestou, com a voz tão absorta quanto a dele:

- Me deixe adivinhar o significado do que falou.

- Não sei se possui algum significado.

- Mesmo assim, me deixe adivinhar. Poderia fazer sentido supor que nosso próprio Universo é o único passível de existência ou que, de fato, existe, por ser o único em que vivemos e do qual possuímos experiência direta. Uma vez, entretanto, que surge a evidência de que há um segundo Universo, aquele que chamamos de para-Universo, então se torna absolutamente ridículo supor que há dois e somente dois Universos. Se um segundo Universo pode existir, um número infinito também pode. Entre um e o infinito, em casos como esses, não há números razoáveis. Não somente o número dois, porém qualquer número finito é ridículo e não pode existir.

- É exatamente meu raciocínio... - disse Denison.

O silêncio retornou. Denison, continuando sentado, endireitou o busto e contemplou a jovem no seu traje estanque, dizendo-lhe:

- Acho melhor voltarmos à cidade.

- Estava pensando exatamente o mesmo.

- Não, não estava. Seja o que for, não pensava exatamente o mesmo.

11

Barron Neville fitou-a, inteiramente sem fala durante um lapso de tempo. Ela lhe devolveu calmamente o olhar. O panorama da sua janela mudou de novo. Agora mostrava a Terra, cheia em pouco mais da metade.

Por fim Neville perguntou:

- Por quê?

- Foi realmente um acidente, vi o problema e fiquei tão entusiasmada que não me contive de falar. Deveria ter contado a você há dias atrás, mas fiquei com receio de que sua reação seria exatamente a que está sendo.

- Então, ele sabe. Sua idiota!

- Que é que ele sabe? - replicou Selene, de cara fechada -. Só o que teria conjeturado cedo ou tarde: que não sou realmente uma guia de turistas, mas sua intuicionista. Uma intuicionista que não sabe matemática, graças a Deus. Que tem que ele saiba? Que importa que eu possua intuição? Quantas vezes não me disse você que minha intuição não tem valor até se basear no rigor matemático e na observação experimental? Quantas vezes não me disse que a intuição mais compulsiva pode estar errada? Que valor, então, atribuirá ele ao mero intuicionismo?

Neville ficou lívido, sem que Selene pudesse definir que fosse de fúria ou de apreensão.

- Você é diferente - disse ele -. Sua intuição sempre se comprovou correta. Quando está segura dela, não é?

- Ah, mas ele o ignora, não acha?
- Ele se certificará disso. Irá ver Gottstein.
- E que dirá a Gottstein? Nem tem idéia do que realmente queremos.
- Não tem?
- Não - e Selene se levantou e se afastou. Voltou de novo para Neville e gritou: - Não! É mesquinho de sua parte insinuar que eu trairia você e os demais. Se não aceita minha integridade de espírito, pelo menos aceite meu senso comum. Não há razão para lhes contar. Que é que isto lhes adiantará ou a nós, se vamos ser todos destruídos?
- Ora, Selene, por favor! - Neville agitou a mão, num gesto de desgosto -. Não isso.
- Não. Ouça. Ele me falou e me descreveu seu trabalho. Você me esconde como se eu fosse uma arma secreta. Me diz que sou mais valiosa do que qualquer instrumento ou cientista comum. Faz um jogo conspirativo, insistindo que todos devem continuar a me julgar uma guia de turistas e nada mais do que isso, de maneira que meu grande talento permaneça disponível aos selenitas. Disponível a você. E que é que você realiza?
- Nós a temos, não temos? E por quanto tempo acha que permaneceria livre, se eles...
- Não diga essas bobagens. Quem foi aprisionado? Quem foi paralisado? Onde está a prova da grande conspiração, que vê por toda parte? Os terrestres mantêm você e sua equipe afastados dos seus grandes instrumentos muito mais porque você os espicaça a fazê-lo do que por motivo de malícia deles. E isso nos fez bem, e não mal, uma vez que nos forçou a inventar outros instrumentos mais sutis.
- Baseados na sua penetração teórica, Selene.
- Sei - concordou Selene, sorrindo -. Ben os elogiou um bocado.
- Você e o seu Ben. Que diabo pretende com esse mísero terrestrinha?
- É um imigrante. O que eu quero é informação. Será que você me fornece alguma? Tem tanto medo de que eu seja apanhada, que não se atreve a que me vejam conversando com um físico. Só com você, que é o meu... Talvez somente por esta razão.
- Chega, Selene - Neville tentou adotar um tom conciliador, mas já estava impaciente demais para que o conseguisse.
- Não, não me preocupo com isso, na verdade - tornou Selene -. Você me disse que eu só tinha esta única tarefa, me concentrei nela e, às vezes, julguei que alcançava o objetivo, com matemática ou não. Posso visualizá-lo, o tipo de coisa que precisa ser feita... mas, depois, me escapa. Mas, de que adiantará, quando a Bomba nos destruir a todos... Não lhe disse que desconfiava da troca de intensidades de campo?
- Vou-lhe perguntar de novo. Está apta a me dizer que Bomba nos destruirá? Nada de pode, de talvez, de é possível... Diga se vai nos destruir, sim ou não?
- Não posso - e Selene sacudiu a cabeça, com raiva - É algo tão marginal! Não posso responder taxativamente. Mas um simples "é possível" não será suficiente num caso dessa natureza?
- Ah, meu Deus!

- Não desvie a vista! Não fique zombando! Nunca testou o problema. Já lhe disse como se pode testá-lo.

- Nunca esteve tão inquieta com isso, enquanto não começou a escutar esse seu terrestrinha.

- É um imigrante. Não vai testar?

- Não! Já lhe disse que suas sugestões não são práticas. Você não é cientista experimental e o que lhe parece bom não funcionará necessariamente no mundo real dos instrumentos, do acaso e da incerteza.

- O assim chamado mundo real do seu laboratório - Selene tinha o rosto rubro, contraído de ira, e agitava os punhos crispados ao nível do queixo - Desperdiça tanto tempo tentando obter um vácuo bastante bom... Mas há um vácuo aí em cima, aí na superfície, com temperaturas que, às vezes, baixam a meio caminho do zero absoluto. Por que não faz experiências na superfície?

- Seriam inúteis.

- Como é que sabe? Simplesmente não quer tentar. Ben Denison tentou. Deu-se ao trabalho de inventar um sistema possível de usar na superfície e o montou, quando foi inspecionar as pilhas solares. Quis que você o acompanhasse e você se recusou. Lembra-se? Era uma coisa muito simples, algo que até eu seria capaz de lhe descrever, uma vez que já me foi descrita. Ele o conduz nas temperaturas diurnas e, a seguir, nas noturnas, o que bastou para orientá-lo numa nova linha de pesquisa com o Pionizador.

- Parece simples demais na sua opinião.

- Porque é simples. Assim que ele descobriu que eu era uma intuicionista, conversou comigo como você nunca fez. Explicou seus argumentos, que o levam a pensar que o aumento da reação nuclear forte vem-se acumulando, de fato, catastroficamente, nas vizinhanças da Terra. Bastarão poucos anos para o Sol explodir e enviar a radiação multiplicada em ondas.

- Não, não, não! - gritou Neville -. Vi os resultados dele e não me impressionei.

- Já os viu?

- Sim, é claro. Não pense que o deixarei trabalhar em nosso laboratório sem me certificar do que esteja fazendo. Vi os seus resultados e concluí que não valem nada. Ele lida com desvios diminutos, que cabem muito bem no âmbito do erro experimental. Se ele quer acreditar que tais desvios tem significado e se você também quiser acreditar, então continuem. Mas, nenhuma soma de crença lhes dará significado, se, de fato, não a tiverem.

- Em que é que você quer acreditar, Barron?

- Quero a verdade.

- Mas não decidiu antecipadamente que a verdade precisa ser conforme seu próprio evangelho? Quer a Estação da Bomba na Lua, é ou não é, de modo que não precise da superfície para nada. E não aceita coisa alguma, por definição, que o impeça de considerar que ai está a verdade.

- Não vou discutir com você. Quero a Estação Bombeadora e mais ainda: quero a outra. Uma não é boa sem a outra. Tem certeza de que não conseguiu...

- Não consegui.

- Vai conseguir?

Selene girou ao redor dele de novo, os pés batendo rapidamente no chão, de maneira a mantê-la oscilando no ar, num tom de ruído furioso.

- Não direi nada a ele - tornou Selene -, mas preciso de mais informação. Você não tem informação para mim, mas ele talvez tenha. Ou talvez a adquira com as experiências, que você se recusa a efetuar. Precisei conversar com ele para descobrir o que está fazendo. Se você se interpuser entre mim e ele, nunca terá o que pretende. Não precisa recear que ele chegue primeiro. Ele está viciado no estilo de pensamento terrestre. Não dará o último passo. Eu darei.

- Muito bem. Mas não esqueça tampouco a diferença entre a Terra e a Lua. Este é o seu mundo: não tem outro. Esse homem, Denison, esse Ben, esse imigrante tendo vindo à Lua, pode, se o decidir, regressar da Lua à Terra. Você nunca poderá ir à Terra. É uma selenita para sempre.

- Uma virgem lunar - soltou Selene, sarcasticamente.

- Virgem, não. Embora você deva esperar um bocado ainda, até que eu confirme o assunto mais uma vez.

Selene pareceu não se comover.

- Agora - tornou Neville -, quanto a esse grande perigo de explosão, se o risco implicado na mudança das constantes básicas de um Universo é tão enorme, por que os para-homens, tão mais avançados do que nós no terreno da tecnologia, não paralisaram o bombeamento?

Com esta pergunta, retirou-se.

Ela contemplou a porta fechada com a boca contraída e falou:

- Porque as condições são diferentes para eles e para nós, seu burro idiota.

Porém falava para si mesma: ele não estava mais ali.

Movimentou, então, a alavanca que fazia sua cama baixar, jogou-se em cima dela e ficou fervendo. Em que medida se achava agora mais perto do objetivo real, que Barron e os outros visavam durante anos?

Não se achava mais perto.

- Energia! Todo mundo procurava energia! A palavra mágica! A cornucópia! A chave da abundância universal!. . . E, no entanto, a energia não era tudo. - Se encontrasse energia, se encontraria o outro também. Se encontrasse energia, a chave para o outro seria óbvia. Ela sabia que a chave para o outro seria óbvia, se apenas conseguisse apreender certo ponto sutil, que surgiria obviamente no momento em que fosse apreendido. (Com os diabos, ficara tão infectada pela suspeita crônica de Barron que, mesmo em pensamento, chamava a coisa de "o outro".)

Nenhum terrestre alcançaria esse ponto sutil porque nenhum terrestre tinha motivos para procurá-lo. Ben Denison, então, o descobriria para ela, sem que o descobrisse - para si próprio.

Exceto se... o Universo fosse destruído, com o que tudo perderia significado.

*****

Denison tentou se desfazer de sua autoconsciência. Repetidas vezes, tateava o próprio corpo, como que para puxar calças, que não estava usando. Usava apenas sandálias e uma cueca apertadíssima, desconfortavelmente apertadas. E, naturalmente, trazia consigo o cobertor.

Selene, vestida do mesmo jeito, ria.

- Ora, Ben, seu corpo nu não tem nada de mau, exceto certa flacidez. Está perfeitamente dentro da moda local. Por que não tira a cueca, se lhe está incomodando?

- Não! - resmungou Denison.

Esticou o cobertor, de modo a lhe cobrir o abdome, mas ela o arrancou dele, dizendo:

- Vamos, me dê esse negócio. Que tipo de selenita vai ser, se continuar com esse puritanismo? Sabe muito bem que a pudicícia não passa do reverso da lascívia.

- Me acostumei assim, Selene.

- Bem que podia começar me olhando de vez em quando, sem me dar espiadas enviesadas, como se eu estivesse revestida de óleo. Você olha para outras mulheres com muita eficiência, já notei.

- Se olhar para você...

- Vai parecer, então, interessado demais e ficará constrangido. Mas, se olhar com atenção, se acostumará e deixará de reparar. Veja, ficarei quieta e você contempla. Vou tirar minhas calcinhas.

- Selene - gemeu Denison -, tem gente por aí e você está fazendo intolerável gozação comigo. Por favor, continue andando e me deixe habituar com a situação.

- Vá lá, mas espero que tenha notado que o pessoal, que passa por nós, nem nos olha.

- Não olham para você. Mas olham para mim. Provavelmente, nunca viram um cara de aspecto tão velho e mal conformado.

- Provavelmente, não - concordou Selene, jocosa mas também vão acabar se acostumando.

Denison caminhava deprimido, consciente de cada fio de cabelo branco em seu peito e de cada prega de sua barriga. Foi só quando o corredor afinou e diminuiu o número de pessoas de passagem que começou a sentir certo alívio. Olhou ao redor com curiosidade, já não tão preocupado com os seios cônicos de Selene, nem com as suas coxas lisas. O corredor parecia infindável.

- Até onde viemos? - perguntou.

- Está cansado? - Selene estava contrita -. Poderíamos ter tomado um deslizador. Esqueci que você é da Terra.

- Acho que não devia esquecer. Isso não é o ideal para um imigrante. Mas não me sinto nada cansado. Em todo caso, só um pouquinho. O que sinto é um pouco de frio.

- Pura imaginação, Ben - declarou Selene, com firmeza -. Apenas acha que devia sentir frio porque está quase nu. Ponha isso na cabeça.

- Fácil dizer - suspirou Denison -. Espero que esteja caminhando corretamente.

- Ótimo. Já o vi no passo do canguru.

- E participando de corridas de planadores nas encostas da superfície. Lembre-se, sou um tanto avançado em idade. Mas, na verdade, até onde viemos?

- Andamos três quilômetros, tenho a impressão.

- Deus me livre! Quantos quilômetros de corredores existem, no total?

- Receio não saber. Os corredores residenciais constituem parte relativamente pequena do total. Existem os corredores das minas, os geológicos, os industriais, os micológicos... Creio que, no total, perfazem várias centenas de quilômetros.

- Existem mapas?

- Claro que sim. Não trabalhamos às cegas.

- Estou pensando em mapas pessoais, no seu caso.

- Bem, eu não tenho, mas não preciso de mapas para esta área, que me é muito familiar. Costumava vaguear por aí, quando criança. Há velhos corredores. A maioria dos novos corredores, dos quais construímos três a quatro quilômetros, em média, por ano, me parece, estes ficam no norte. Não conseguiria atravessá-los sem um mapa. Talvez nem mesmo com um mapa.

- Aonde vamos?

- Eu lhe prometi uma visão incomum - não, não eu mesma, pode calar o bico -, e a terá. É a mina mais extraordinária da Lua, completamente fora dos itinerários normais dos turistas.

- Não me diga que extraem diamantes na Lua...

- Melhor ainda.

Os muros do corredor eram, a esta altura, inacabados: rocha acinzentada, fosca, porém adequadamente iluminada por blocos de eletroluminescência. A temperatura era agradável, de uma brandura constante, com uma ventilação tão suavemente eficaz que não havia sensação de vento. Seria difícil dizer ali que, a uns sessenta metros acima, existia uma superfície sujeita a aquecimento e congelamento alternados, à medida em que o Sol fazia seu grande percurso bissemanal de horizonte a horizonte, depois desaparecendo e retornando.

- É tudo estanque, à prova de ar? - perguntou Denison, subitamente tomado da consciência incômoda de que não se encontrava muito abaixo de um oceano de vácuo, que se estendia em cima, através do infinito.

- Ah, sim. Esses muros são impermeáveis. E também cheios de sinais de alarma. Se a pressão do ar chegar a cair num máximo de dez por cento, em qualquer setor dos corredores, seguem-se silvados e rugidos de sirenes, como nunca ouviu, e tamanho relampaguear de setas e explosão de sinais, dirigindo-o para lugares seguros, como nunca viu.

- Com quanta freqüência isso acontece?

- Não é freqüente. Não creio que ninguém tenha morrido por falta de ar, nos últimos cinco anos - e ai Selene tomou uma atitude defensiva -. Também há catástrofes naturais na Terra. Um terremoto ou uma inundação de grandes proporções podem matar milhares de pessoas.

- Não discuto, Selene - Denison levantou os braços -. Rendo-me.

- Muito bem. Não estava me irritando... Ouviu isso?

Ela se deteve, numa atitude de escuta.

Denison também escutava e balançou a cabeça. De repente, olhou ao redor:

- Está tudo tão silencioso. Onde está o pessoal? Tem certeza de que não nos perdemos?

- Esta não é uma caverna natural, com passagens desconhecidas. Tem coisas assim na Terra, não tem? Já vi fotografias.

- Sim, a maioria são cavernas calcárias, formadas pela água. Não pode ser o caso da Lua, não é?

- É

- Logo, não podemos estar extraviados - disse Selene, sorrindo -. Se ficamos sozinhos, atribua-o à superstição.

- A quê? - Denison parecia surpreso e seu rosto franziu numa expressão de incredulidade.

- Não faça isso. Fica todo cheio de rugas. Agora, está melhor. Relaxe. Ganhou aspecto melhor do que o que apresentava, quando chegou aqui. Resultado da baixa gravidade e dos exercícios.

- E tentando acompanhar senhoras nuas, que dispõem de soma incomum de dias desocupados, sem ter coisa melhor para fazer do que trabalhar nos feriados.

- Mais uma vez me trata como guia de turistas, além do que não estou nua.

- Aliás, mesmo a nudez é menos assustadora do que o intuicionismo... Mas, que negócio é esse de superstição?

- Não é superstição realmente, creio, mas a maioria das pessoas da cidade tende a se afastar dessa parte do complexo de corredores.

- Mas, por quê?

- Por causa do que vou lhe mostrar - tinham voltado a caminhar -. Ouve agora?

Ela parou e Denison escutou ansiosamente.

- Fala nessa batidinha? Tap... tap.. . É nisso que está pensando?

Selene se adiantou com passadas lentas, a galope, no movimento vagaroso dos selenitas sem pressa. Denison a seguiu, tentando macaquear o modo de andar.

- Aqui... aqui...

O olhar de Denison se dirigiu ao ponto indicado por Selene, com impaciência.

- Bom Deus - exclamou -, de onde é que vem?

Ouvia-se um gotejar do que era evidentemente água. Um gotejar espaçado, cada gota batendo num pequeno fundo de cerâmica, através do qual era conduzida para dentro da rocha.

- Vem das rochas. Temos água na Lua, sabia? A maior parte pode ser extraída do gesso. O bastante para nossas necessidades, desde que a conservemos em boas condições.

- Sei... sei. Nunca consegui tomar um banho completo. Como vocês se arranjam para se manter limpos, é coisa que ignoro.

- Já lhe disse. Primeiro, molhe-se. Depois, desligue a água e passe pelo corpo um pouco de detergente. Esfregue-se. . Ora, Ben, não vou repetir tudo de novo. E não há nada na Lua que deixe a gente tão suja assim... Mas, não era disso que falávamos. Em um ou dois lugares, há realmente depósitos de água. ordinariamente sob a forma de gelo próximo à superfície à sombra de uma montanha. Se localizamos o depósito, começa a pingar. Este aqui vem pingando desde que o corredor foi inicialmente perfurado, há oito anos.

- Mas, então, por que a superstição?

- A água, evidentemente, é o principal recurso material do qual a Lua depende. Nós a bebemos, nos lavamos com ela, cultivamos com ela nossos alimentos, tiramos dela nosso oxigênio, toda vida depende da água. A água gratuita não pode deixar de inspirar um bocado de respeito. Quando se descobriu esse pinga-pinga, os planos para estender os corredores nesta direção foram abandonados, até que parasse. Os muros do corredor até ficaram inacabados.

- Num lugar como a Lua, dá a impressão de superstição.

- Bem. . . uma espécie de temor, talvez. Não se esperava que a goteira durasse mais do que alguns meses, como acontece em regra com os gotejamentos. No entanto, depois que este passou seu primeiro aniversário, começou a parecer eterno. De fato, é como tem sido chamado: "O Eterno". Até o encontrará com essa denominação nos mapas. O resultado é que o povo atribuiu importância ao fenômeno, um sentimento de que, se acabar, significará certo tipo de má fortuna.

Denison riu.

- Ninguém - protestou Selene, acalorada - acredita realmente nisso. Mas todo mundo tem uma ponta de desconfiança. Veja, a coisa não é realmente eterna e o gotejamento deve cessar algum dia. Na verdade, o ritmo do gotejamento só é, agora, de cerca de um terço do que foi na ocasião da descoberta, o que indica que vem secando lentamente. Imagino que as pessoas sintam que, se acontecer de parar quando estiverem aqui, seriam atingidas pela má sorte. Ao menos, é a maneira racional de explicar sua relutância de visitar este lugar.

- Acho que você não acredita nisso.

- A questão não é que eu acredite ou não. Compreende, estou inteiramente convicta de que o gotejamento não vai parar bruscamente na presença de ninguém, que fique com o estigma por causa disso. O gotejamento ficará cada vez mais vagaroso e ninguém nunca será capaz de precisar o momento exato em que cessará de todo.

- Nesse caso, para que se preocupar?

- Concordo.

- Tenho, no entanto - disse Selene, mudando suavemente de assunto - outras preocupações, sobre as quais gostaria de discutir com você, enquanto estamos a sós.

Ela estendeu o cobertor e se sentou por cima, de pernas cruzadas.

- Para isto é que, na verdade, me trouxe aqui? - perguntou Denison, apoiando-se num quadril e num cotovelo, diante dela.

- Veja, agora pode me olhar à vontade. Está se acostumando a mim... E, sem dúvida, houve épocas na Terra quando a quase-nudez não constituía nada de deixar alguém de boca aberta.

- Épocas e lugares - aquiesceu Denison - porém não depois da Crise. Em minha vida...

- Bem, na Lua, fazer o que fazem os selenitas é uma orientação bastante boa para o comportamento.

- Vai me dizer, afinal, por que me trouxe para cá? Ou devo desconfiar que planejou me seduzir?

- Poderia realizar a sedução confortavelmente em casa, obrigada. Mas isso é diferente. A superfície seria melhor, mas se preparar para sair à superfície atrairia um bocado de atenção. O que não se dá com a nossa vinda para cá e este é o único local na cidade onde podemos nos sentir razoavelmente imunes a interrupções.

Selene teve um momento de hesitação.

- E dai? - indagou Denison.

- Barron está furioso. Muito furioso, de fato.

- Não me surpreendo. Eu a adverti a respeito, se lhe contasse que eu soube que você é uma intuicionista. Por que achou tão necessário contar a coisa a ele?

- Porque é difícil esconder as coisas por muito tempo do meu... companheiro. É provável, porém, que ele já não me considere como tal.

- Lamento.

- Ora, já estava azedando. Durou bastante. O que me chateia mais... muito mais... é que ele rejeita violentamente sua interpretação das experiências que efetuou com o Pionizador, após observações na superfície.

- Eu lhe avisei que isto aconteceria.

- Ele diz que viu seus resultados.

- Deu-lhes uma espiada e resmungou qualquer coisa.

- É bem decepcionante. Só se acredita no que se quer?

- Durante o tempo possível. Às vezes, mais ainda.

- E você?

- Pergunta se sou humano? Certamente. Não creio que esteja realmente velho. Acho que sou bem atraente. Creio que procura minha companhia porque me considera charmoso... mesmo quando insiste em dirigir a conversa para assuntos de física.

- Não! Está enganado!

- Bem, desconfio que Neville lhe disse que os dados, que reuni, não são significativos além da margem de erro, o que os torna duvidosos. Isso tem sua verdade... E, no entanto, prefiro crer que eles encerram o significado que esperava que tivessem, desde que comecei.

- Só por que quer acreditar dessa maneira?

- Só porquê, não. Raciocine sobre o assunto. Suponha que não há mal na Bomba, mas eu insisto em pensar que há. Nesse caso, resultará que sou um imbecil e minha reputação científica será gravemente prejudicada. Mas acontece que sou mesmo um imbecil aos olhos das pessoas respeitáveis e nem tenho reputação científica.

- Que é isto, Ben? Já insinuou essa estória várias vezes. Não pode me contar tudo como é que foi?

- Ficaria surpresa com o pouco que há para contar. Com a idade de vinte e cinco anos, ainda era tão infantil que tive de me divertir insultando um cretino só pela razão de que era um cretino. Uma vez que a cretinice não era culpa dele, resultou que fui mais cretino ainda ao insultá-lo. Meu insulto o ergueu a alturas que, possivelmente, não escalaria de outra maneira.

- Refere-se a Hallam?

- Sim, naturalmente. E, enquanto ele subia, eu caia. No final, vim cair na... Lua.

- Acha tão mau assim?

- Não, até acho bom. De modo que, digamos, ele me fez um favor, a longo prazo... E voltemos ao que falava. Apenas deixei claro que, se minha crença na nocividade da Bomba estiver errada, não perco nada. Por outro lado, se eu acreditar que a Bomba é inócua e estiver errado, contribuirei para a destruição do mundo. Evidentemente, já vivi a maior parte de minha vida e talvez me convença de que não tenho grande motivo para amar a humanidade. Entretanto, poucas pessoas me prejudicaram e se, em retribuição, eu prejudicar todo mundo, agiria como um agiota inescrupuloso. Além disso, se quiser uma razão menos nobre, Selene, considere minha filha. Logo antes de minha partida para a Lua, ela se candidatou a uma permissão para ter um filho. Certamente a obterá e não demora que eu, se não se importa que o diga, me torne avô. Não posso deixar de pensar que meu neto venha a gozar de uma expectativa de vida normal. Daí que prefira acreditar que a Bomba é perigosa e agir de acordo com essa crença.

Selene interveio com veemência:

- Mas ai está o que quero saber. É a Bomba perigosa ou não? Refiro-me à verdade e não ao que alguém quer acreditar.

- Eu é que lhe deveria perguntar. Você é a intuicionista. Que lhe diz sua intuição?

- Mas é isto o que me aborrece, Ben. Não consigo chegar a uma conclusão com toda certeza. Inclino-me a sentir que a Bomba é nociva, mas talvez seja porque quero acreditar nisso.

- Admito. Talvez seja assim. Então, por quê?

Selene sorriu com pesar e deu de ombros:

- Seria divertido se Barron estivesse errado. Quando acha que está certo, sua insolência se torna intolerável.

- Sei. Você quer ver a cara dele, quando for obrigado a se retratar. Sei bem o quanto pode ser intenso semelhante desejo. Por exemplo, se a Bomba for mesmo perigosa e eu puder prová-lo, seria concebivelmente saudado como o salvador da humanidade. No entanto, juro que estaria mais interessado em espiar a cara de Hallam. Não me orgulho desse sentimento, de modo que desconfio que insistirei em compartilhar o mérito com Lamont, que o merece no final de contas, e limitar meu gozo a observar a cara de Lamont quando ele observar a cara de Hallam. A rabugice será, assim, deslocada... Mas estou começando a falar bobagem... Selene?

- Sim, Ben?

- Quando descobriu que era uma intuicionista?

- Nem sei.

- Estudou física na faculdade, imagino.

- Ah, sim. Um pouco de matemática, também, porém nunca me sai bem. Cheguei a perceber que não era particularmente boa em física, do mesmo modo. Habituei-me a conjeturar sobre as respostas, quando me via desesperada. Sabe, conjeturar era o que me parecia o melhor a fazer a fim de obter as respostas corretas. Com muita freqüência, a coisa funcionava e, neste caso, me solicitavam a explicar como fiz para chegar a tal conclusão e eu não conseguia explicá-lo satisfatoriamente. Suspeitaram de trapaça, porém nunca puderam prová-lo.

- Não suspeitaram de intuicionismo?

- Não creio. Mas, depois, não prossegui na prática. Até que... bem, um dos meus parceiros sexuais era um físico. De fato, foi o pai de meu filho, a supor que haja realmente fornecido a amostra de esperma. Tinha um problema de física e me falou a respeito quando estávamos deitados na cama, só para falar em alguma coisa, me parece. E, então, disse a ele qual era minha impressão sobre o problema. Só por gozação, experimentou o processo que indiquei e deu certo. Na verdade, foi esse o primeiro passo para chegar ao Pionizador, que, na sua opinião, é muito melhor do que o próton-sincroton.

- Quer dizer que foi idéia sua? Denison botou o dedo embaixo da goteira, mas se deteve prestes a levá-lo à boca -. Esta água é boa?

- Perfeitamente estéril - informou Selene - e vai ao reservatório geral para tratamento. É, contudo, saturada de sulfatos, carbonatos e alguns outros materiais. Não vai gostar do sabor.

- Então, você inventou o Pionizador? - indagou Denison, esfregando o dedo na cueca.

- Não inventei. Tive a concepção original. Precisou de muitos aperfeiçoamentos, principalmente da autoria de Barron.

- Sabe, Selene - interveio Denison, sacudindo a cabeça -, você é um fenômeno assombroso. Deveria ficar sob observação pelos biólogos moleculares.

- Deveria? Não é a idéia que tenho de emoção.

- Há cerca de meio século, houve um auge na grande corrente dirigida no sentido da engenharia genética.

- Sei.

- Agitou-se e logo sumiu. Agora é ilegal - todo tipo de estudo -, mas a pesquisa pode ser efetuada ilegalmente. Conheço gente que trabalhou no assunto, apesar da proibição.

- Atrevo-me a adiantar: na questão do intuicionismo?

- Não. Acho que não.

- Ah, mas aí é que quero chegar. No auge do impulso em direção à engenharia genética, houve uma tentativa de estimular o intuicionismo. Quase todos os grandes cientistas, é claro, possuem aptidão intuitiva, e havia o sentimento de que isso constituía a grande chave única para a criatividade. Era possível argumentar que a capacidade superior de intuição fosse o produto de uma combinação particular de genes e houve todo tipo de especulações acerca dessa determinada combinação de genes.

- Desconfio que haja numerosos tipos possíveis, capazes de satisfazer.

- E eu desconfio que, se consultar no caso sua intuição, estará correta. Mas também havia os que insistiam em que um gene ou um pequeno grupo de genes afins seria de especial importância para a combinação, de maneira que se poderia falar de um Gene Intuição... Mas, aí, tudo entrou em colapso.

- Conforme já disse.

- Mas, antes da debacle - prosseguiu Denison -, houve tentativas de alteração de genes com o objetivo de incrementar a intensidade do intuicionismo e houve os que insistiram em que certo êxito fora alcançado. Os genes alterados entraram em estoque de genes, estou certo, e se aconteceu que você os herdou... Algum dos seus avós esteve envolvido no programa?

- Não, tanto quanto saiba, porém não posso eliminar a hipótese. Um deles talvez tenha estado, é possível dizer... Se não se aborrece, não vou investigar o assunto. Nem quero saber.

- Talvez não. Todo esse campo se tornou terrivelmente impopular ao grande público e quem quer que possa ser considerado produto da engenharia genética não seria saudado precisamente com alegria... O intuicionismo, por exemplo, segundo diziam, seria inseparável de certas características indesejáveis..

- Muito obrigada.

- É o que eles diziam. Possuir intuição resulta em inspirar certa inveja e hostilidade nos outros. Até um intuicionista tão bondoso, uma alma de santo como Michael Faraday, inspirou a inveja e o ódio de Humphry Davy. Quem pode dizer que não seja por causa de certa falha de caráter que uma pessoa suscita inveja em outra? E, no seu caso...

- Não vai me dizer que lhe provoco inveja e ódio...

- Não acho que o faça. Mas, quanto a Neville?

Selene permaneceu calada e Denison tornou:

- Na época em que se ligou a Neville, já era bem conhecida como intuicionista, não era?

- Bem conhecida, não. Certos físicos desconfiavam, creio. Todavia, não gostavam de atribuir méritos aqui mais do que na Terra e suponho que se convenciam a si mesmos, mais ou menos, que tudo o que lhes dizia não passava de conjeturas sem sentido. Mas, Barron sabia, é claro.

- Percebo - soltou Denison e fez uma pausa.

Os lábios de Selene se torceram quando retrucou:

- De certo modo, fiquei com a impressão de que você queria dizer: "Aha, é isto que o leva a implicar com você".

- Não, claro que não, Selene. Você é muito atraente para ser desejada, sem precisar de outras razões.

- Também acho isso, mas o menor motivo ajuda e Barron tinha de se interessar pelo meu intuicionismo. Por que não? Só que insistiu que eu continuasse no meu emprego de guia de turistas. Me disse que eu representava importante recurso natural da Lua e não queria que a Terra me monopolizasse como monopolizou o sincroton.

- Esquisita maneira de pensar. Mas, talvez, a coisa seja outra: quanto menos pessoas soubessem do seu intuicionismo, tanto menor seria o número daqueles que conheceriam sua contribuição, de modo que o mérito seria atribuído exclusivamente a ele.

- Você, agora, raciocinou como o próprio Barron!

- Acha? E é possível que ele fique bastante chateado com você quando o seu intuicionismo funciona particularmente bem.

- Barron é um homem cheio de suspeitas - disse Selene, encolhendo os ombros -. Todos nós temos nossos defeitos.

- Nesse caso, é inteligente da sua parte ficar a sós comigo?

Selene retrucou com rispidez:

- Não vá ficar magoado porque eu o defendo. Ele realmente não suspeita da possibilidade de má conduta sexual entre nós. Você é da Terra. Na verdade,

posso até lhe dizer que ele estimula nossos encontros. Acha que posso aprender com você.

- E aprendeu? - indagou Denison, friamente.

- Aprendi... Mas, se isso pode ser a principal razão dele estimular nossa amizade, não é a minha.

- E qual é a sua?

- Conforme bem sabe e se quiser que eu diga, agrada-me sua companhia. De outro modo, conseguiria obter o que desejo em tempo consideravelmente menor.

- Certo, Selene. Somos amigos?

- Amigos! Pra valer.

- Que foi, então, que aprendeu comigo? Posso saber?

- Demora um pouco para explicar. Sabe que a razão por que não podemos montar uma Estação Bombeadora onde o desejemos consiste em que não somos capazes de localizar o para-Universo, embora eles sejam capazes de nos localizar. Talvez porque eles sejam muito mais inteligentes ou muito mais avançados do ponto de vista tecnológico do que nós...

- O que não é necessariamente a mesma coisa - murmurou Denison.

- Sei. Daí porque botei o "ou". Mas talvez ocorra que não somos particularmente estúpidos, nem particularmente atrasados. A razão pode residir num fato tão simples como o de que eles constituem o alvo mais difícil. Se a interação nuclear forte é mais forte no para-Universo, há a possibilidade de que eles tenham sóis muito menores e, muito provavelmente, planetas muito menores. O mundo individual deles seria mais difícil de localizar do que o nosso. Ou suponhamos que o que eles detectaram foi o campo eletromagnético. O campo eletromagnético de um planeta é bem maior do que o próprio planeta e muito mais fácil de localizar. O que significaria que, enquanto são capazes de detectar a Terra, não são capazes de detectar a Lua, que não possui campo eletromagnético digno de menção. Talvez por isso tenhamos fracassado na instalação de uma Estação Bombeadora na Lua. E, se os pequenos planetas deles carecem de campo eletromagnético significativo, não podemos localizá-los.

- É uma idéia atraente - comentou Denison.

- A seguir, considere o intercâmbio inter-Universal de propriedades, que serve para enfraquecer a interação nuclear forte entre eles, esfriando seus sóis, ao mesmo tempo em que fortalece os nossos, esquentando nossos sóis e levando-os a explodir. Que é que isso implica? Suponha que possam coletar energia numa via única, sem nossa ajuda, mas somente com eficiência ruinosamente baixa. Em circunstâncias ordinárias, isso seria extremamente impraticável. Necessitariam de nós a fim de dirigir a energia concentrada na direção deles, mediante o fornecimento de tungstênio-186 a eles e a aceitação, em retorno, de plutônio-186. Mas suponha que nosso braço galáctico se converta num quasar. Isso produziria uma concentração de energia nas proximidades do sistema solar imensamente maior do que a existente agora e que poderia persistir por mais de um milhão de anos. Uma vez formado o quasar, mesmo uma eficiência ruinosamente baixa seria suficiente. Não importaria para eles, por conseguinte, se vamos ser destruídos ou não. De fato, podemos argumentar que seria mais seguro para eles nossa explosão. Caso contrário, sempre nos será

possível por término à Bomba por vários motivos e eles ficariam impotentes para começar de novo. Após a explosão, dispõem do terreno livre, não há mais possibilidade de interferência... É por isso que não sabem o que dizem os caras que nos interpelam com a pergunta: - "Se a Bomba é tão perigosa, por que não a paralisam esses para-homens terrivelmente inteligentes?"

- Neville se valeu desse argumento?

- Sim.

- Mas o para-Sol iria, nesse caso, esfriar, não iria?

- E daí? - interveio Selene, com impaciência -. Tendo a Bomba, não dependeriam do Sol deles para nada.

Denison respirou fundo e se manifestou:

- É possível que não saiba, Selene, mas houve um boato na Terra de que Lamont recebeu uma mensagem dos para-homens no sentido de que a Bomba era perigosa, mas eles não podiam paralisá-la. Ninguém o levou a sério, é claro, mas suponha que seja verdade. Suponha que Lamont recebeu mesmo uma mensagem semelhante. É possível que isso signifique que alguns dos para-homens sejam bastante humanitários para não desejar a destruição de um mundo em que vivem inteligências cooperativas, mas são impedidos pela oposição da maioria de espírito pragmático.

Selene concordou com um aceno da cabeça:

- Suponho que seja possível... Eu sabia de tudo isso, ou melhor, intuía, antes de você entrar em cena. Mas, então, você disse que nada entre um e o infinito fazia qualquer sentido.

- Naturalmente.

- Bem. As diferenças entre nosso Universo e o para-Universo residem tão obviamente na interação nuclear forte, que, até agora, só este aspecto foi estudado. Mas existe mais de uma interação: existem quatro. Em acréscimo à interação nuclear forte, há a eletromagnética, a nuclear fraca e a gravitacional, com razões de intensidade de 130:1: 10~10 : 10~42. Mas, se há quatro, por que não há um número infinito, como todas as outras demasiado fracas para serem detectáveis ou para influenciar de alguma maneira o nosso Universo?

- Se uma interação for demasiado fraca para ser detectável ou para exercer alguma influência, então, segundo qualquer definição operacional, não existe.

- Neste Universo - irrompeu Selene, - Quem sabe o que existe ou não existe nos para-Universos? Com um número infinito de interações possíveis, cada uma das quais com capacidade para infinita variação de intensidade com relação a qualquer outra, tomada como padrão, o número de diferentes universos possíveis é infinito.

- Possivelmente a infinidade da quantidade contínua: aleph-um ao invés de aleph-zero.

- Que é que isto significa?

- Não é importante. Prossiga.

- Ao invés, portanto, de tentar trabalhar com este para-Universo, que se impôs a nós e que pode não ser conveniente para nossas necessidades, por que não tentarmos descobrir um outro Universo, entre todas as infinitas possibilidades, que melhor nos convenha e que seja mais facilmente localizável? Designemos um

certo Universo, uma vez que qualquer que designemos deve existir, e tratemos de achá-lo.

- Selene - disse Denison, sorrindo -, pensei exatamente o mesmo. E, uma vez que não existe lei que afirme que eu possa estar completamente errado, é muito improvável que um cara tão brilhante como eu possa estar completamente errado quando alguém tão brilhante como você chegou exatamente à mesma conclusão de modo independente... Sabe mais o quê?

- O quê?

- Estou começando a gostar dessa sua maldita comida lunar. Ou me acostumando a ela, seja como for. Voltemos para casa e vamos comer. Depois, podemos começar a elaborar nossos planos... E sabe que mais ainda?

- O quê, Ben?

- Já que vamos trabalhar juntos, que tal um beijo... de experimentalista a intuicionista?

Selene refletiu e respondeu:

- Ambos já fomos beijados muitas vezes, creio. Que tal nos beijarmos como homem e mulher?

- Creio que posso dar um jeito. Mas, que devo fazer para não errar? Quais são as regras lunares para o beijo?

- Siga o instinto - disse Selene só para dizer.

Cuidadosamente, Denison colocou os braços atrás de suas costas e se inclinou na direção de Selene. Mas logo, após um instante, enlaçou os ombros dela com os seus braços.

*****

13

- E, então, realmente retribui o beijo dele - disse Selene, pensativamente.

- Ah, retribuiu? - replicou Barron Neville, asperamente.

- Bem, foi uma demonstração de valor que ultrapassou o chamado do dever.

- Não sei. E não foi tão mau assim. De fato (Selene sorriu), ele se comportou de maneira tocante. Temia ser desajeitado e começou botando os braços para trás das costas, de modo que não me machucasse.

- Poupe-me os detalhes.

- Escute, por que diabo se incomoda? - explodiu ela, subitamente -. Por acaso, não é o Senhor Platônico, hein?

- Quer que seja diferente? Agora?

- Não precisa me repreender.

- Mas você tome cuidado. Quando espera nos dar o que precisamos?

- Tão logo consiga - disse ela, indiferente.

- À revelia dele?

- Ele só se interessa pela energia.

- E pela salvação do mundo - zombou Neville -. E em se tornar herói. E em se mostrar a todo mundo. E em beijá-la.

- Ele admite tudo isso. E você, que é que admite?

- Vou estourar de impaciência - exclamou Neville, raivoso.

- Estou contente - disse Denison, deliberadamente - que o dia tenha passado - estendeu o braço direito e o contemplou, enrolado em camadas protetoras -. O Sol lunar é algo a que não posso me acostumar e não quero me acostumar. Mesmo este traje, em comparação, me parece uma coisa natural.

- Que tem de mal o Sol? - indagou Selene.

- Não me diga que gosta dele, Selene!

- Não, claro que não. É que nunca o vi. Você é um... Está acostumado ao Sol.

- Não da maneira como se apresenta na Lua. Brilha, aqui, num céu negro. Ofusca as estrelas, ao invés de as amortecer. É quente, áspero e perigoso. É um inimigo e, enquanto se encontra no céu, não posso deixar de sentir que nenhuma tentativa nossa para reduzir o campo de intensidade será bem sucedida.

- Superstição, Ben - interveio Selene, com uma ponta de exasperação -. O Sol nada tem a ver com isso. Estivemos na sombra da cratera e era exatamente como de noite. Com estrelas e tudo.

- Não exatamente. Toda vez que olhávamos para o norte, podíamos ver o prolongamento da luz solar em brasa. Detestei olhar para o norte, mas a direção puxava meus olhos. Toda vez que lhe dirigia o olhar, podia sentir os raios ultravioletas agredindo minha vista.

- Imaginação. Em primeiro lugar, não há como falar de raios ultravioletas na luz reflexa. Em segundo lugar, seu traje o protege contra a radiação.

- Não contra o calor. Pelo menos, não tanto assim.

- Mas agora é noite.

- Sim - concordou Denison, com satisfação - e disso eu gosto.

Deu uma espiada ao redor com incessante admiração. A Terra se achava no céu, naturalmente, no lugar habitual. Um gordo crescente, agora, inclinado para o sul. A constelação Orion se localizava por cima dela, um caçador se levantando da brilhante cadeira encurvada da Terra. O horizonte ardia na luz difusa do crescente terráqueo.

- É magnificamente belo - tornou Denison -. Selene, o Pionizador tem mostrado alguma coisa?

Selene, que fitava os céus sem comentários, se adiantou para o emaranhado equipamento, o qual, durante as últimas três alternâncias de dia e noite, tinha sido montado na sombra da cratera.

- Ainda não - respondeu ela -, mas há realmente boas notícias. O campo de intensidade está se mantendo bem nos cinqüenta.

- Não está bastante baixo - observou Denison.

- Não pode ser baixado mais do que isso. Tenho certeza de que todos os parâmetros são adequados.

- O campo magnético, também?

- Não estou certa quanto ao campo magnético.

- Se o fortalecermos, tudo se tornará instável.

- Não deveria. Sei que não deveria.

- Selene, confio na sua intuição contra tudo, menos os fatos. Vai se tornar instável. Já o experimentamos.

- Sei, Ben. Porém não com esta geometria. Manteve-se nos cinqüenta e dois durante um tempo fenomenalmente longo. Não há dúvida, se passarmos a mantê-lo aqui durante horas em vez de minutos, devemos ser capazes de fortalecer o campo magnético em dez vezes, durante um período de minutos, em vez de segundos... Experimentemos.

- Ainda não.

Selene hesitou, recuou e se afastou, dizendo:

- Ainda não deu pela falta da Terra, não é, Ben?

- Não. É bastante esquisito, mas não senti falta. Acreditaria inevitável sofrer com a ausência do céu azul, da terra verde, da água corrente... de todos os lugares comuns, que combinam substantivos e adjetivos e que são peculiares à Terra. Nenhum me veio à memória. Nem sequer sonho com eles.

- Uma coisa assim acontece às vezes. Ao menos, há imies que dizem não sentir saudade. São a minoria, naturalmente, e ninguém já foi capaz de concluir sobre o que tal minoria possui de comum. As conjeturas variam desde uma séria deficiência emocional ou incapacidade de sentir o que quer que seja até um sério excesso emocional, um temor de admitir que a saudade não vá terminar num colapso.

- No meu caso, acho que se trata de algo bastante simples. Minha vida na Terra não foi muito agradável nas duas últimas décadas ou mais, ao passo que aqui trabalho, afinal, num campo que eu mesmo desbravei. E tenho a sua ajuda... Mais do que isso, Selene, tenho sua companhia.

- É bondoso - afirmou Selene, gravemente - ao colocar companhia e ajuda em relação com o que faz. Não parece carecer muito de ajuda. Pretende obtê-la por amor de minha companhia?

Denison riu baixinho e respondeu:

- Não sei que resposta lhe agradaria mais.

- Tente responder com a verdade.

- A verdade não é fácil de determinar quando valorizo tanto cada fator - e Denison se virou para o Pionizador -. O campo de intensidade ainda se mantém, Selene.

A placa facial de Selene resplandecia à luz terrestre.

- Barron - fez-se ouvir a voz dela - diz que não sentir saudade é natural e indicio de saúde mental. Afirma que, embora o corpo humano esteja adaptado à superfície da Terra e careça de ajustamento à Lua, o mesmo não se dá com o cérebro humano. O cérebro humano é tão diferente, qualitativamente, de todos os outros cérebros, que pode ser considerado um fenômeno novo. Ainda não teve tempo de se fixar realmente à superfície da Terra e é capaz de se adequar a outros ambientes, sem precisar de ajustamentos. Barron diz que a clausura nas cavernas da Lua pode ser, na verdade, a mais adequada para o cérebro, por constituir uma versão maior da sua clausura na caverna do crânio.

- Acredita nisso? - indagou Denison, divertido.

- Quando Barron fala, faz as coisas tomarem aspecto muito plausível.

- Creio que se pode tornar igualmente plausível pretender que o conforto, que se sente nas cavernas da Lua, é o resultado da realização da fantasia do retorno ao ventre materno. De fato - acrescentou, pensativamente -, considerando a temperatura e a pressão controladas, a natureza da digeribilidade da comida, bem

que poderia considerar a colônia lunar... desculpe, Selene... a cidade lunar como deliberada reconstrução do meio ambiente fetal.

- Não creio que Barron concordasse com você nem por um minuto.

- Certamente, não.

Denison contemplou o crescente da Terra, observando as nuvens distantes nas bordas. Silenciou, absorvido pela visão e, mesmo quando Selene voltou ao Pionizador, permaneceu calado.

Observava a Terra no seu ninho de estrelas e olhou em direção ao denteado horizonte, onde, de vez em quando, lhe parecia ver um sopro de fumaça no momento em que um pequeno meteorito podia estar aterrissando.

Com alguma preocupação, assinalara fenômeno semelhante a Selene, na noite lunar anterior. Ela não ficou preocupada.

- A Terra - disse, então, Selene - se desloca ligeiramente no céu em virtude da libração da Lua e, de intervalo em intervalo, um raio de luz terrestre ascende um pouco e cai além, numa parte do solo. Isso se apresenta à vista como diminuto sopro de poeira se levantando. Não ligamos para o fenômeno.

- Mas, às vezes - objetou Denison -, podem ser meteoritos. Os meteoritos não batem nunca por aqui?

- Claro que sim. Você, provavelmente, foi golpeado por eles, toda vez que saiu à superfície. Seu traje o protege.

- Não penso em micropartículas de poeira. Penso em meteoritos de dimensões consideráveis, que realmente levantem a poeira. Meteoritos capazes de matá-la.

- Ora, também caem, mas são poucos e a Lua é grande. Ninguém foi golpeado por eles, até agora.

Ao observar o céu e pensar a respeito, Denison viu o que, em meio à sua preocupação do momento, tomou por um meteorito. Só na Terra, contudo, é que aquela luz, atravessando o céu, poderia ser tomada por um meteorito, já que a Terra possuía atmosfera, porém não na Lua, destituída de ar.

A luz do céu era obra do homem e Denison ainda não se desfizera de suas impressões, quando se tornou inteiramente claro que uma pequena nave-foguete descia velozmente no terreno ao lado.

Um único vulto emergiu, enquanto o piloto permanecia dentro da nave, mal entrevisto como mancha preta entre os faróis.

Denison aguardou. A etiqueta da vida espacial exigia que todo recém-chegado a um grupo se anunciasse primeiro.

- Aqui é Ben Denison.

- Aqui é o comissário Gottstein - ouviu-se uma voz -, conforme pode certamente deduzir do meu bamboleio.

- Sim. Era o que esperava.

- Veio à minha procura?

- Sem dúvida.

- Num táxi espacial? Podia...

- Podia - interrompeu Gottstein - ter usado o Canal P-4, que está a menos de um quilômetro daqui. Sim, de fato. Mas não procurava apenas você.

- Bem, não vou lhe pedir as razões de sua vinda.

- Não tenho razões para esconder. Certamente não esperava que me mantivesse desinteressado do fato de você estar efetuando experiências na superfície lunar.

- Não constituem segredo e qualquer pessoa pode se interessar.

- No entanto, ninguém parece conhecer os detalhes das experiências. Exceto, naturalmente, que, de certa maneira, vem trabalhando com problemas relacionados à Bomba Eletrônica.

- É uma suposição razoável.

- É mesmo? Tenho a impressão de que experiências de tal natureza, para encerrarem algum valor, exigiriam um equipamento enorme. Não são coisas do meu conhecimento, bem sabe. Mas eu consultei pessoas idôneas. E, como é inteiramente evidente, você não está trabalhando com esse equipamento. Ocorreu-me, daí, que podia não representar o foco apropriado do meu interesse. Enquanto minha atenção se dirigia a você, outros podiam estar empreendendo tarefas mais importantes.

- Por que deveria eu ser usado como meio de diversionismo?

- Não sei. Se soubesse, estaria menos preocupado.

- Então, estive sob observação.

- Sim, é verdade - e Gottstein deu uma risadinha -. Desde que chegou. Mas, enquanto trabalhava aqui, na superfície, fizemos observações em toda a região, numa distância de quilômetros em cada direção. Bastante estranhamente, dá a impressão de que você, Dr. Denison, e sua companheira são as únicas pessoas na superfície lunar, ocupadas nos objetivos menos rotineiros.

- Que tem isso de estranho?

- Porque realmente significa que pensa fazer algo com sua engenhoca, seja ela qual for. Não posso crer que você seja incompetente, de modo que julguei valer a pena ouvir de sua parte, se quiser me dizer, o que está fazendo.

- Faço experiências no campo da para-física, comissário. Precisamente como se difundiu. Ao que posso acrescentar que, até agora, minhas experiências só em parte foram bem sucedidas.

- Sua companheira é, me parece, Selene Lindstron L., uma guia de turistas.

- Sim.

- Escolha incomum para assistente.

- Ela é inteligente, audaciosa, interessada e extremamente atraente.

A esta altura, Selene se aproximou e sua voz lhes chegou aos ouvidos:

- Bom dia, comissário. Não gostaria de escutar casualmente e me intrometer na sua conversa particular, mas, num traje espacial, escutar é inevitável em qualquer ponto do horizonte.

Gottstein se voltou e saudou:

- Alô, senhorita Lindstron. Não esperava falar em segredo. Tem interesse na para-física?

- Ah, sim.

- E não está desanimada pelos fracassos das experiências.

- Não são inteiramente fracassadas. Representam menos fracasso do que, no momento, julga o Dr. Denison.

- O quê? - e Denison girou bruscamente nos calcanhares, quase se desequilibrando e levantando um jato de poeira.

Os três espiavam agora o Pionizador e, acima dele, exatamente a um metro e meio acima, viam uma luz que brilhava como gorda estrela. Selene explicou:

- Aumentei a intensidade do campo magnético e o campo nuclear se manteve estável, depois passou a descarregar mais e mais...

- Está vazando! - exclamou Denison -. Que diabo. Não vi acontecer!

- Desculpe, Ben. Primeiro, esteve perdido nos seus pensamentos, depois chegou o comissário, e eu não resisti diante da oportunidade de experimentar por mim mesma.

- Mas o que é mesmo isso que vejo ali? - perguntou Gottstein.

- Energia se desprendendo espontaneamente da matéria vazada do outro Universo para o nosso - informou Denison.

Assim que o disse, a luz piscou e, a muitos metros de distância, uma outra estrela, mais fosca, surgiu simultaneamente.

Denison arremeteu em direção ao Pionizador, mas Selene, com toda sua graça lunar, percorreu a superfície com mais rapidez e chegou primeiro. Ela extinguiu a estrutura do campo e a estrela distante sumiu. Em seguida, comentou:

- Como vê, o ponto de vazamento não é estável.

- Não em pequena escala - replicou Denison -, mas, considerando que um deslocamento de um ano-luz é tão teoricamente possível quanto um deslocamento de cem metros, este apresenta uma estabilidade simplesmente miraculosa.

- Não é tão miraculosa - tornou Selene, taxativamente.

Gottstein interveio:

- Permitam-me entender do que falam. Acham que a matéria pode vazar por aqui, por ali ou por qualquer outro canto do Universo... ao acaso.

- Não inteiramente ao acaso, comissário - retorquiu Denison -. A probabilidade do vazamento cai com o aumento da distância com relação ao Pionizador e bem agudamente, poderia dizer. A agudeza da queda depende de uma variedade de fatores e acho que limitamos a situação notavelmente. Mesmo assim, um pulinho de algumas centenas de metros é muito provável e, na verdade, viu como aconteceu.

E poderia deslocar-se para algum lugar dentro da cidade ou dentro dos nossos capacetes, quem sabe?

- Não, não - disse Denison, com impaciência -. O vazamento, ao menos com as técnicas que empregamos, depende fortemente da densidade da matéria já presente neste Universo. As probabilidades são praticamente nulas de que a posição de vazamento se desloque de um local de vácuo essencial para um outro com uma atmosfera mesmo cem vezes menos densa do que a que existe dentro da cidade ou dentro dos nossos capacetes. Não seria prático conseguir o vazamento em qualquer lugar, senão, em primeiro lugar, dentro de um vácuo, motivo por que tivemos de fazer a tentativa aqui, na superfície.

- Nesse caso, isto não se assemelha à Bomba Eletrônica?

- Não de todo - respondeu Denison -. Na Bomba Eletrônica, há uma transferência recíproca de matéria em duas direções, ao passo que, aqui, o vazamento se dá numa única direção. Nem, tampouco, os Universos estão envolvidos na transferência da mesma maneira.

- Será que jantaria comigo esta noite, Dr. Denison? - convidou o comissário.

- Somente comigo? - replicou Denison, com hesitação. Gottstein tentou uma curvatura na direção de Selene, porém só conseguiu realizar uma grotesca paródia no seu traje espacial.

- Ficaria encantado com a companhia da senhorita Lindstron em outra ocasião, mas nesta preciso conversar apenas com o senhor, Dr. Denison.

- Oh, vá em frente - interveio Selene, encrespada, enquanto Denison ainda vacilava -. Tenho para amanhã um pesado programa de trabalho e você vai precisar de tempo para se preocupar com a instabilidade do ponto de vazamento.

Denison se manifestou sem convicção:

- Bem, então... Selene, posso saber quando é seu próximo dia livre?

- Sempre lhe digo, não é? Antes disso, entrarei em contato com você... Ora, por que vocês dois não vão andando? Tomarei conta do equipamento.

15

Barron Neville se deslocou passo a passo, à maneira exigida pelos limites restritos do aposento e pela gravidade da Lua. Num recinto mais vasto e num mundo de impulso mais forte, teria caminhado apressado de uma ponta a outra. Aqui se debatia de um lado ao outro, num deslizamento repetido para a frente e para trás.

- Então, tem certeza de que funciona? Não é, Selene? Tem certeza?

- Tenho certeza - afirmou Selene -. Já lhe disse cinco vezes, fazendo a conta agora.

Neville não parecia escutar. Numa voz baixa e rápida, disse:

- Não tem importância que Gottstein esteve ali, bem? Não tentou paralisar a experiência?

- Não. Claro que não.

- Não houve indício de que tentaria exercer sua autoridade...

- Ora, Barron, que espécie de autoridade poderia exercer? Será que a Terra vai enviar uma força policial? Além disso... ora, você sabe que não podem nos deter.

Neville parou de andar e se manteve imóvel por um instante.

- Eles não sabem? Ainda não sabem?

- Claro que não. Ben contemplava as estrelas e, nessa ocasião, Gottstein chegou. De modo que fiz a experiência do campo de vazamento, consegui o que queria e já consegui o outro. O equipamento de Ben...

- Não diga que é o equipamento dele. Não foi idéia sua?

Selene negou com um aceno da cabeça.

- Fiz sugestões vagas. Os detalhes foram de Ben.

- Mas você é capaz de reproduzi-los, agora. Pelo amor da Lua, não vamos depender dos terrestrinhas para isto, hein?

- Acho que sou capaz de reproduzir o suficiente, de modo que nosso pessoal complete o restante.

- Ótimo, nesse caso. Comecemos.

- Ainda não. Com os diabos, Barron, ainda não.

- Por que ainda não?

- Também precisamos de energia.

- Mas nós a temos.
- Não inteiramente. O ponto de vazamento é instável, excessivamente instável.
- Mas isto pode ser consertado. Foi o que você disse.
- Eu disse que pensava que pudesse.
- Para mim, é o suficiente.
- Mesmo assim, será melhor que Ben elabore os detalhes e estabilize o vazamento.
Seguiu-se um silêncio entre eles. O rosto delgado de Neville lentamente se contorceu numa careta de quase hostilidade.
- Acha que não sou capaz de fazê-lo? Não é isso?
- Quer sair comigo à superfície e trabalhar no problema? - replicou Selene.
Outra pausa de silêncio. Vacilante, Neville falou, em seguida:
- Não gostei do seu sarcasmo. E não quero ser obrigado a esperar demais.
- Não posso comandar as leis da natureza. Creio, porém, que não vai demorar... Agora, se não se incomoda, preciso dormir. Amanhã, tenho os meus turistas.
Por um instante, Neville deu a impressão de que ia fazer um gesto em direção do seu dormitório, como oferecendo hospitalidade a Selene, mas o gesto nem sequer se esboçou e Selene pareceu não se dar conta. Cansada, fez um aceno e saiu.

16

Sorrindo para o que passava por sobremesa - uma mistura pegajosa e adocicada -, Gottstein disse:
- Esperava, para ser franco, que nos veríamos com mais frequência.
- É bondade de sua parte - replicou Denison - tomar tal interesse no meu trabalho. Se a instabilidade do vazamento puder ser corrigida, creio que minha realização... e da senhorita Lindstron... terá grande significado.
- Fala cuidadosamente, como cientista... Não o ofenderei com o oferecimento do equivalente lunar de um licor. Trata-se de uma aproximação da gastronomia terrestre que eu simplesmente resolvi não tolerar. Pode me dizer, em linguagem de leigo, o que torna a realização significativa?
- Tentarei - disse Denison, cautelosamente -. Suponha que partimos do para-Universo. Este possui uma interação nuclear forte mais intensa do que o nosso Universo, de maneira que massas relativamente pequenas de prótons, no para-Universo, podem sofrer a reação da fusão capaz de sustentar uma estrela. Massas equivalentes às nossas estrelas explodiriam violentamente no para-Universo, o qual possui muito mais estrelas do que o nosso, porém muito menores. Suponha, agora, que tivemos uma interação nuclear forte muito menos intensa do que a que prevalece no nosso Universo. Nesse caso, enormes massas de prótons teriam tão pequena tendência para fundir que uma massa muito grande de hidrogênio seria necessária a fim de sustentar uma estrela. Semelhante anti-para-Universo. – o oposto do para-Universo, em outras palavras - consistiria de um número de estrelas consideravelmente menor, porém elas seriam bem

maiores do que as do nosso Universo. De fato, se a interação nuclear forte se tornar suficientemente fraca, existiria um Universo constituído de uma única estrela, que conteria toda a massa desse Universo. Seria uma estrela muito densa, porém relativamente não-reativa e desprendendo radiação em quantidade não maior, talvez, do que o nosso Sol.

- Se não estou enganado - interveio Gottstein -, era essa a situação que prevalecia no nosso próprio Universo na época anterior ao grande estouro: um vasto corpo continha toda a massa universal.

- Sim, na verdade, o anti-para-Universo, que estou descrevendo, consiste do que alguns chamam um ovo cósmico ou, abreviando, "cosmovo". Um Universo-cosmovo é o que precisamos para tentar o vazamento numa única direção. O para-Universo, que agora usamos, com suas minúsculas estrelas, não passa virtualmente de espaço vazio. Pode experimentar muitas vezes e não tocar em nada.

- No entanto, os para-homens nos alcançaram.

- Sim, possivelmente seguindo campos magnéticos. Há certa razão para pensar que não existem campos magnéticos planetários de importância no para-Universo, o que nos priva da vantagem de que eles dispõem. Por outro lado, se experimentarmos o Universo-cosmovo, não podemos falhar. O cosmovo é, em si mesmo, o Universo inteiro e, onde quer que cutuquemos encontraremos matéria.

- Mas, como fez para experimentar?

- Esta é a parte que acho difícil explicar - tornou Denison, hesitante -. Os pions são as partículas mediadoras da interação nuclear forte. A intensidade da interação depende da massa dos pions e essa massa pode, sob certas condições especiais, ser alterada. Os físicos lunares elaboraram um instrumento que denominam de Pionizador, capaz de fazer precisamente uma coisa assim. Uma vez que a massa do pion seja diminuída ou aumentada torna-se, efetivamente, parte de outro Universo, converte-se em uma via de passagem, em um ponto de encruzilhada. Se for suficientemente diminuída, pode fazer parte de um Universo-cosmovo e é isto o que pretendemos.

- E será capaz de sugar matéria do.. . do... Universo-cosmovo?

- Essa parte é fácil. Uma vez formada a via de passagem, o influxo é espontâneo. A matéria entra por suas próprias leis e é estável, quando chega. Gradualmente, as leis do nosso próprio Universo se impregnam nela, a interação forte se torna mais forte e a matéria funde, começando a desprender uma enorme quantidade de energia.

- Mas, se é superdensa, por que não se expande num sopro de fumaça?

- Isso também produziria energia, mas depende do campo eletromagnético e, neste caso particular, a interação forte tem precedência, porque controlamos o campo eletromagnético. Levaria um bocado de tempo para explicar.

- Quer dizer então, que o globo de luz, que vi na superfície, era material cosmóvico fundido?

- Sim, comissário.

- E essa energia pode ser domada para fins úteis?

- Certamente. E em qualquer quantidade. O que viu foi a chegada ao nosso Universo de massas do cosmovo em microgramas. Não há nada, do ponto de vista teórico, que nos impeça de transferir toneladas.

- Bem, nesse caso, o dispositivo pode ser usado para substituir a Bomba Eletrônica.

- Não - retrucou Denison balançando a cabeça -. O uso da energia cosmóvica também altera as propriedades do Universo em questão. A interação nuclear forte se tornará gradualmente mais intensa num Universo-cosmovo e menos intensa no nosso Universo, à medida em que as leis da natureza se intercambiarem. Isso significa que o cosmovo lentamente sofrerá a fusão a uma velocidade maior e gradualmente se esquentará. Por fim...

- Por fim - interrompeu Gottstein, cruzando os braços sobre o peito e apertando os olhos, pensativamente -, explodirá com grande estrondo.

- É o que sinto.

- Acha que isso aconteceu ao nosso próprio Universo há dez bilhões de anos?

- Talvez. Os cosmogonistas têm especulado sobre a razão pela qual o ovo original explodiu num certo instante do tempo e não em outro. Uma solução consiste em imaginar um Universo oscilante em que o ovo cósmico foi formado e, a seguir, imediatamente, explodiu. O Universo oscilante foi eliminado como possibilidade e a conclusão é que o ovo cósmico teve de existir por algum período prolongado e atravessou depois uma crise de instabilidade, que surgiu por alguma razão desconhecida.

- Mas que pode ter sido o resultado da sucção de sua energia através dos Universos.

- É possível, porém não necessariamente em consequência da intervenção de seres inteligentes. Talvez ocorressem vazamentos espontâneos ocasionais.

- E quando o grande estouro acontece, podemos ainda extrair energia do Universo-cosmovo?

- Não estou certo, mas, sem dúvida, este não é um motivo para preocupação imediata. O Vazamento de nosso campo de interação forte para dentro do Universo-cosmovo muito provavelmente deverá prosseguir durante milhões de anos, antes de o levar ao ponto crítico. E deve haver outros Universos-cosmovos, um número infinito, quem sabe.

- E qual é à modificação em nosso próprio Universo?

- A interação forte se debilitará. Lentamente, muito lentamente, nosso Sol sofrerá um processo de esfriamento.

- Poderemos usar a energia cosmóvica para compensar essa perda?

- Não seria necessário, comissário - disse Denison, com seriedade -. Enquanto a interação forte, em nosso Universo, se enfraquecer em resultado do bombeamento cosmóvico, vai se fortalecer por meio da ação da Bomba Eletrônica ordinária. Se ajustarmos as produções energéticas de ambos os dispositivos, embora as leis da natureza mudem no Universo-cosmovo e no para-Universo, não mudarão no nosso. Nós constituímos uma estrada, porém não o terminal em nenhuma das direções. Nem carecemos de nos inquietar com relação aos terminais. Os para-homens, por seu lado, podem ter-se ajustado ao esfriamento do Sol deles, que, já no início, pode ser muito frio. Quanto ao Universo-cosmovo, não há razão para supor que a vida exista nele. Na verdade, será por meio da indução das condições requeridas para o grande estouro que talvez estejamos

preparando um novo tipo de Universo, que eventualmente se tornará viável para a vida.

Durante certo lapso de tempo, Gottstein se manteve calado. Sua face rechonchuda, em repouso, parecia destituída de emoção. Balançava a cabeça para si próprio, como se acompanhasse a linha dos seus pensamentos. Afinal, retomou a palavra:

- Sabe, Denison, creio que isto é que vai reconciliar todo mundo. Agora, deveria desaparecer qualquer dificuldade para convencer a liderança científica de que a Bomba Eletrônica vai destruir o mundo.

- Não existirá mais a relutância emocional a aceitar a idéia. Será possível apresentar o problema e a solução ao mesmo tempo.

- Quando gostaria de escrever uma comunicação científica a respeito, se eu garantir sua rápida publicação?

- Pode garantir?

- Num folheto de publicação governamental, senão houver outra maneira.

- Acho melhor tentar neutralizar a instabilidade do vazamento, antes de fazer a comunicação.

- Claro.

- E creio que seria sensato conseguir que o Dr. Peter Lamont fosse apresentado como co-autor. Ele é capaz de contribuir com o rigor matemático, coisa fora do meu alcance. Além do que foi, por intermédio do trabalho dele, que enveredei pelo curso que tomei. Mais uma questão, comissário...

- Pois não.

- Gostaria de sugerir a inclusão de físicos lunares. Um deles, o Dr. Barron Neville, bem que podia ser um terceiro autor.

- Mas, por quê? Não estará introduzindo complicações desnecessárias?

- Foi o Pionizador deles que tornou tudo possível.

- Talvez se possa fazer uma menção apropriada... Mas o Dr. Barron realmente trabalhou no projeto com você?

- Não diretamente.

- Então, por que incluí-lo?

Denison baixou os olhos e, pensativamente, escovou com a mão o tecido de uma perna de suas calças.

- Seria diplomático - pronunciou-se, afinal -. Teríamos de montar a bomba cosmóvica na Lua.

- Por que não na Terra?

- Em primeiro lugar, precisamos de um vácuo. Trata-se de transferência numa única direção e não em duas direções, como no caso da Bomba Eletrônica. Daí porque sejam diferentes, nos dois casos, as condições necessárias para dar caráter prático à iniciativa. A superfície da Lua possui o seu vácuo já pronto em vastas proporções, ao passo que preparar um vácuo na Terra implicaria esforço enorme.

- Mas poderia ser obtido, não poderia?

- Em segundo lugar - prosseguiu Denison -, se tivermos duas imensas fontes de energia em direções opostas, com o nosso Universo no meio, haveria uma espécie de curto circuito, se os dois escoadouros ficassem muito perto um do outro. A separação por meio de uns quatrocentos mil quilômetros de vácuo, com a

Bomba Eletrônica operando somente na Terra e a bomba cosmóvica operando somente na Lua, seria o ideal. Na verdade, seria o necessário. E, uma vez que vamos operar na Lua, seria sensato, inclusive decente, levar em conta as suscetibilidades dos físicos lunares. Devemos dar-lhes uma participação.

- É um conselho da senhorita Lindstron? - indagou Gottstein, sorrindo.

- Estou certo de que poderia ser, mas a sugestão é suficientemente razoável para que tenha me ocorrido de modo independente.

Gottstein se levantou, se espichou e, a seguir, deu dois ou três pulinhos no mesmo lugar, à maneira lugubremente lenta imposta pela gravidade lunar. A cada pulo, flexionava os joelhos. Sentou-se de novo e perguntou:

- Já tentou fazê-lo, Dr. Denison?

O cientista acenou negativamente.

- Destina-se a ajudar a circulação nas extremidades inferiores - esclareceu o comissário -. Faço-o sempre que sinto meus pés adormecidos. Não demoro a fazer uma visita à Terra e me esforço para não me habituar em demasia à gravidade lunar.. . Que tal se conversarmos a respeito da senhorita Lindstron?

Com a voz alterada, Denison replicou:

- Que há com ela?

- É uma guia de turistas.

- Sim. Você o disse antes.

- Também disse que ela constituía um assistente esquisito para um físico.

- Na verdade, não passo de um físico amador e suponho que ela seja um assistente amador.

- Nada de subterfúgios, doutor - disse Gottstein, já com o sorriso apagado -. Dei-me ao trabalho de descobrir o que podia a respeito dela. Sua ficha é muito reveladora ou teria sido, se ocorresse a alguém consultá-la antes disso. Creio que ela é uma intuicionista.

- Muitos de nós o somos. Não duvido de que você também seja, de certo modo. Não ignoro que igualmente sou, de certo modo.

- Há uma diferença, doutor. Você é um cientista consumado e eu, é a minha esperança, sou um administrador consumado. . . No entanto, embora a senhorita Lindstron seja bastante intuicionista para o ajudar no terreno da teoria física avançada, na realidade não deixa de ser uma simples guia de turistas.

- Ela tem pouco treinamento formal, comissário - disse Denison, hesitando -. Seu intuicionismo é de nível extraordinariamente alto, mas se encontra sob reduzido controle consciente.

- Será ela o resultado do programa de engenharia genética do passado?

- Não sei. No entanto, não me surpreenderia.

- Confia nela?

- Sob que aspecto? Ela me ajudou.

- Sabe que ela é a esposa do Dr. Barron Neville?

- Existe uma conexão emotiva, porém não legal, segundo creio.

- Aqui, na Lua, nenhuma das conexões poderia ser chamada de legal, de acordo com o nosso conceito. Este Neville é o mesmo que você deseja convidar para terceiro autor do ensaio, que vai escrever?

- Sim.

- Será mera coincidência?

- Não. Neville se interessou, quando de minha chegada, e acredito que solicitou a Selene que me ajudasse no meu trabalho.

- Foi o que ela lhe disse?

- Ela disse que estava interessada em mim. Bastante natural, não acha?

- Não lhe ocorreu, Dr. Denison, que ela podia estar trabalhando no interesse dela própria e no do Dr. Neville?

- Em que os interesses deles se diferenciariam dos nossos? Ela me ajudou sem reservas.

Gottstein mudou de posição, mexeu os ombros, como se fosse realizar exercícios musculares. A seguir, disse:

- O Dr. Neville deve saber que uma mulher de tanta intimidade com ele é uma intuicionista. Não a estaria usando para alguma coisa? Por que continuaria ela como guia de turistas, senão para mascarar suas aptidões... com certo fim?

- Percebo que o Dr. Neville raciocina freqüentemente desta maneira. Acho difícil suspeitar de conspirações desnecessárias.

- Como sabe que são desnecessárias?... Quando meu táxi espacial planava sobre a superfície da Lua, logo antes da bola de radiação formada por cima do seu equipamento, eu o observava embaixo. Você não se encontrava junto do Pionizador.

Denison procurou se lembrar.

- Não, não estava. Contemplava as estrelas, uma propensão que tenho, quando estou na superfície.

- Que fazia a senhorita Lindstron?

- Não vi. Ela disse que fortaleceu o campo magnético e o vazamento finalmente irrompeu.

- É comum que ela manipule o equipamento sem você?

- Não. Mas posso entender o impulso.

- E não teria havido certa espécie de ejecção?

- Não o compreendo.

- Também eu não estou certo de me compreender. Houve um vago cintilar da luz terrestre, como se algo voasse através do ar. Não sei o quê.

- Eu tampouco.

- Não acha que fosse algo naturalmente relacionado com a experiência que...

- Não.

- Então, o que fazia a senhorita Lindstron?

- Continuo sem saber.

Por um momento, estabeleceu-se pesado silêncio entre ambos. O comissário tomou a iniciativa de interrompê-lo:

- Ficamos então em que tentará corrigir a instabilidade do vazamento e pensará na preparação de um ensaio. Vou mexer as coisas na outra ponta e, por ocasião da minha próxima visita à Terra, tomarei as providências para que o ensaio seja publicado e alertarei o governo.

Era uma clara despedida. Denison se ergueu e o comissário ainda lhe disse, à vontade:

- E pense no Dr. Neville e na senhorita Lindstron.

****

17

Era uma estrela de radiação mais substancial, mais gorda, mais brilhante. Denison podia sentir seu calor na placa facial e virou de costas. Havia um distinto componente do raio-X na radiação e, embora o escudo protetor devesse levá-lo em conta, não havia por que colocá-lo à prova.

- Acho que não podemos ter dúvidas - murmurou Denison -. O ponto de vazamento é estável.

- Tenho certeza - disse Selene, firmemente.

- Então, vamos desligá-lo e voltar à cidade.

Deslocavam-se lentamente e Denison se sentiu estranhamente deprimido. Já não havia incerteza, nem excitação. A partir dai, não havia mais probabilidade de fracasso. O governo se achava interessado. Cada vez mais, o assunto escaparia de suas mãos.

- Suponho que já posso começar a escrever a comunicação científica - disse ele.

- Também acho - concordou Selene, cuidadosamente.

- Falou de novo com Barron?

- Sim, falei.

- Alguma diferença na sua atitude?

- Nenhuma, em absoluto. Não vai participar. Ben...

- Sim?

- Creio, na verdade, que não adianta falar com ele. Não vai cooperar em nenhum projeto com o governo da Terra.

- Mas você lhe explicou a situação?

- Completamente.

- E ainda assim não quer.

- Pediu para ver o comissário e Gottstein concordou em recebê-lo depois do seu regresso da visita à Terra. Teremos de esperar. Talvez Gottstein exerça alguma influência nele, mas duvido.

Denison encolheu os ombros, o que constituía gesto inútil dentro do traje astronáutico.

- Não o compreendo - comentou.

- Eu, sim - afirmou Selene, brandamente.

Denison não respondeu de modo direto. Ajeitou o Pionizador e seus acessórios no abrigo da rocha e perguntou:

- Pronta?

- Sim.

Deslizaram para dentro da entrada externa do Canal P-4 em silêncio e Denison desceu de gatinhas a escada de ingresso. Selene o seguiu, fazendo rápidas paradas nos degraus. Denison aprendera a manobra, mas se sentia desalentado e desceu de gatinhas, numa espécie de recusa rebelde a aceitar a aclimatação. Tiraram os trajes nas áreas de pousada, colocando-os em armários.

- Vem almoçar comigo, Selene? - convidou Denison.

- Você parece transtornado. Que é que houve? - replicou Selene, pouco à vontade.

- Uma reação qualquer. Almoça?

- Sim, claro.

Comeram no apartamento de Selene, pois ela insistiu, dizendo:
- Quero conversar com você e não me convém fazê-lo no café.
Enquanto Denison ruminava vagarosamente algo que possuía vaga semelhança com bife de vitela com sabor de amendoim, ela observou:
- Bem, ainda não disse uma palavra e está assim já há uma semana.
- Não é verdade - respondeu Denison, franzindo a cara.
- É sim - e Selene, preocupada, o fitou nos olhos -. Não sei o que vale minha intuição fora do campo da física, mas há qualquer coisa que não quer me contar.
Denison deu de ombros:
- Estão fazendo um espalhafato com tudo isto lá na Terra. Gottstein esteve puxando os cordões, como se depreende dos telegramas que se antecipam à sua viagem de volta. O Dr. Lamont está sendo muito badalado e querem que eu retorne à Terra, assim que tenha escrita a comunicação científica.
- Voltar à Terra?
- Sim. Parece que também sou herói.
- Só pode ser.
- Reabilitação completa é o que me oferecem - disse Denison, absorto - É evidente que poderei obter um cargo numa universidade respeitável ou numa agência governamental da Terra.
- Não é o que você quer?
- É o que suponho que Lamont quer e vai obter, para satisfação dele. Mas eu não estou atrás disso.
- Então, quer o quê?
- Quero ficar na Lua.
- Por quê?
- Porque é o gume cortante da humanidade e eu quero fazer parte dele. Quero trabalhar na instalação das bombas cosmóvicas e estas só existirão aqui, na Lua. Quero trabalhar na para-teoria com o tipo de instrumentos, que você possa imaginar e manipular, Selene... Quero estar com você, Selene. Mas você vai querer estar comigo?
- Estou tão interessada na para-teoria quanto você.
- Mas será que Neville vai tirar você agora do emprego?
- Barron me tirar? - manifestou-se Selene, retesada -. Será que deseja me insultar, Ben?
- De modo algum.
- Será, então, que entendi mal o que me disse? Estará sugerindo que trabalho com você por ordem de Barron?
- E ele não ordenou?
- Sim, ordenou. Mas não é por isso que estou aqui. Escolhi estar aqui. Ele pode pensar que pode me dar ordens, mas isso só adianta quando suas ordens coincidem com a minha vontade, como aconteceu neste caso. Ofendo-me que ele pense que tudo depende das ordens dele e que você também pense da mesma maneira.
- Vocês são parceiros sexuais.
- Temos sido, sim, mas e daí? Conforme tal argumento, posso dar ordens a ele quanto ele a mim.
- Então, quer dizer que pode trabalhar comigo, não é, Selene?

- Certamente - replicou ela, friamente -. Se assim decidir.
- Mas já decidiu?
- Por enquanto, sim.
Denison se expandiu num sorriso:
- A probabilidade de que pudesse fazer outra escolha ou mesmo que não fosse capaz de resolver de modo positivo, foi isso, creio, que realmente me mortificou na semana passada. Temi o fim do projeto, caso implicasse o fim com você. Desculpe, Selene, não penso atormentá-la com um apego sentimental a um velho terrestrinha.
- Veja, Ben, não tomo você por um velho terrestrinha. Existem outras afeições, além da sexual. Gosto de estar em sua companhia.
Houve uma pausa, o sorriso de Denison se apagou, depois retornou, talvez com um jeito mais mecânico, quando retorquiu:
- Obrigado, no que me toca.
Denison desviou a vista, balançou a cabeça ligeiramente, enquanto Selene o observava com carinho, quase com ansiedade.
- Selene - disse de novo Denison -, há mais do que energia implicada nos vazamentos trans-universais. Desconfio que esteve pensando no assunto.
O silêncio se estabeleceu, de novo, dolorosamente, e, por fim, Selene exclamou:
- Ah, isso...
Por um instante, contemplaram-se mutuamente - Denison constrangido, Selene quase esquiva.

18

Gottstein falou:
- Ainda não recuperei minhas pernas lunares, mas isso é nada em comparação com o trabalho que me dá tornar às pernas terrestres. Denison, melhor nem sonhar com o regresso. Nunca se acostumará.
- Não tenho intenção de regressar, comissário - afirmou Denison.
- Sob certo aspecto, é muito mau. Poderia ser imperador por aclamação. Quanto a Hallam...
- Gostaria de ver a cara dele - interrompeu Denison, com animação -. Mas esta é uma ambição mesquinha.
- Lamont, naturalmente, vem recebendo a parte do leão. Uma celebridade.
- Não me chateio com isso. Ele merece um bocado... Acha que Neville realmente se juntará a nós?
- Nem pense. Não quer nada conosco, neste momento... Escute - e a voz de Gottstein caiu num tom conspirativo -, antes que ele chegue, que tal uma barra de chocolate?
- O quê?
- Uma barra de chocolate. Com amêndoas. Uma. Tenho várias.
O rosto de Denison, inicialmente confuso, de repente foi iluminado pela compreensão. Perguntou:
- Chocolate de verdade?
- Sim.

- Sem dúvida... - o rosto de Denison ficou carrancudo e ele acrescentou logo: - Não, comissário.

- Não?

- Não! Se sentir agora o verdadeiro gosto do chocolate, mesmo nos poucos minutos em que estiver em minha boca, sentirei falta da Terra. . Vou sentir falta de tudo que se relaciona com ela. Não posso me dar a esse luxo. Não quero... Não me mostre, nem me deixe ver ou cheirar esse chocolate.

O comissário pareceu frustrado, quando falou:

- Tem razão - e Gottstein fez a seguir manobra óbvia a fim de mudar de assunto: - A excitação na Terra é tremenda. Claro, fizemos esforço considerável para salvar o prestígio de Hallam. Continuará numa posição de importância, mas já será pouco ouvido.

- Está recebendo mais consideração do que concedeu a outros - comentou Denison, com resignação.

- Não é por amor a ele. Não podemos destruir uma imagem pessoal que se ergueu a um nível de tanta importância, pois isso se refletiria na própria ciência. Sob qualquer aspecto, o bom nome da ciência significa mais do que Hallam.

- Em princípio, discordo - interveio Denison, acalorado -. A ciência deve receber os golpes que merecer.

- Tudo tem seu tempo e lugar... Mas aí está o Dr. Neville.

Gottstein compôs o rosto e Denison girou a cadeira para ficar de frente para a entrada.

Barron Neville entrou com solenidade, menos que nunca aparentando a delicadeza lunar. Saudou os dois com brevidade, se sentou e cruzou as pernas. Aguardou claramente que Gottstein falasse primeiro. Foi o que fez o comissário:

- Estou contente em vê-lo, Dr. Neville. O Dr. Denison me disse que o senhor recusou a anexação do seu nome ao que estou certo do que se tornará um documento clássico sobre a bomba cosmóvica.

- Isso não é necessário - disse Neville -. O que acontece na Terra não me interessa.

- Tem ciência das experiências com a bomba cosmóvica? Das suas implicações?

- De todas elas. Conheço a situação tanto quanto os senhores.

- Neste caso, dispensarei os preâmbulos. Regressei da Terra, Dr. Neville, onde já ficou inteiramente estabelecido qual será o curso do procedimento vindouro. Grandes estações de bombas cosmóvicas serão montadas em três lugares diferentes da superfície lunar, de tal maneira que uma delas se encontre sempre numa sombra noturna. Na metade de cada período, duas estarão. As estações na sombra noturna gerarão constantemente energia, cuja maior parte simplesmente irradiará no espaço. O objetivo não será tanto o de usar a energia para fins práticos, quanto contrabalançar as variações nas intensidades de campo introduzidas pela Bomba Eletrônica.

- Durante alguns anos - interrompeu Denison -, teremos de contrabalançar a ação da Bomba Eletrônica, a fim de restaurar nosso setor do Universo até o ponto em que se encontrava antes do início do funcionamento da Bomba Eletrônica.

Neville acenou com a cabeça e indagou:

- A cidade Luna usará alguma dessas bombas?

- Se necessário. Achamos que as pilhas solares provavelmente suprirão suas necessidades, porém não há objeção a uma suplementação.

- Bondade sua - interveio Neville, sem se preocupar com disfarçar o sarcasmo -. E quem construirá e administrará as estações de bombas cosmóvicas?

-Trabalhadores lunares, esperamos - informou Gottstein.

- Trabalhadores lunares, sem dúvida - repetiu Neville - Não ignora que trabalhadores terrestres seriam demasiado desajeitados para operar com eficiência na Lua.

- Nós o reconhecemos - tornou Gottstein -. Confiamos em que os homens da Lua irão cooperar.

- E quem vai decidir quanta energia gerar, quanta aplicar em alguma finalidade local, quanta irradiar no espaço? Quem decide a política?

- O governo teria de fazê-lo. Trata-se de assunto de competência planetária.

- Então, já vê: a gente da Lua executará o trabalho e a gente da Terra dirigirá o espetáculo.

Calmamente, Gottstein replicou:

- Não. Trabalham todos que melhor podem trabalhar. Administram todos que melhor são capazes de avaliar o problema em sua globalidade.

- Estas palavras - declarou Neville -, reduzidas à sua expressão mais simples, significam que nós vamos trabalhar e vocês vão decidir. Não, comissário. A resposta é não.

- Quer dizer que não vão construir as estações cosmóvicas?

- Nós as construiremos, comissário, mas serão nossas. Nós decidiremos quanta energia produzir e qual o seu uso.

- Isto seria pouco eficiente. Vocês teriam de estar em constante contato com o governo da Terra, uma vez que a energia da bomba cosmóvica terá de compensar a energia da Bomba Eletrônica.

- Ouso dizer que assim será, mais ou menos, porém temos outras coisas em vista. Bem que agora podem ficar sabendo. A energia não constitui o único fenômeno que se torna ilimitado, quando universos são cruzados.

- Há certo número de leis de conservação - interrompeu Denison -. Nós o compreendemos.

- Fico contente ao tomar conhecimento de que compreendem - disse Neville, lançando um olhar hostil na direção de Denison -. Essas leis incluem as do momentum linear e do momentum angular. Enquanto qualquer objeto responde ao campo gravitacional em que se acha imerso, e só a ele, encontra-se em queda livre e pode conservar sua massa. A fim de que se mova de outra maneira que não a da queda livre, precisa acelerar de um modo não-gravitacional e, para que isto aconteça, parte dele deve se submeter a uma mudança oposta.

- Como no caso dos foguetes - interveio Denison -, que precisam ejetar massa numa direção a fim de que o restante possa acelerar na direção oposta.

- Estou certo de que compreende, Dr. Denison, mas a minha explicação se destina ao comissário. A perda de massa pode ser minimizada, se sua velocidade for enormemente incrementada, desde que o momentum seja igual à massa multiplicada pela velocidade. Não obstante, por maior que seja a velocidade, alguma massa precisará ser jogada fora. Se a massa que inicialmente precisar ser

acelerada for enorme, então a massa, que deverá ser eliminada, também será enorme. Se a Lua, por exemplo...

- A Lua! - bradou Gottstein, explosivamente.

- Sim, a Lua - tornou Neville, com serenidade -. Se a Lua for deslocada de sua órbita e desviada para fora do sistema solar, a conservação do momentum dará à iniciativa proporções colossais e é provável que a torne inteiramente impráticável, porém, o momentum pudesse ser transferido ao cosmovo em outro Universo, a Lua poderia acelerar, num grau conveniente, sem perda de nenhuma massa. Seria como propelir uma barcaça com uma vara, contra a corrente, para lhe dar uma imagem que extrai de um livro terrestre que li certa vez.

- Mas por quê? Por que querem deslocar a Lua?

- Pensei que devia ser óbvio. Para que precisamos da presença sufocante da Terra? Temos a energia de que precisamos. Temos um mundo confortável, com espaço para expandir durante os próximos séculos, pelo menos. Por que não seguir nosso próprio caminho? Em todo caso, é o que faremos. Vim para lhe dizer que não podem nos deter e para insistir que não tentem interferir. Vamos transferir o momentum e vamos cair fora. Nós, da Lua, sabemos precisamente o que fazer a fim de construir estações de bombas cosmóvicas. Usaremos toda energia de que precisarmos para nós próprios e produziremos um excesso com o objetivo de neutralizar as variações, que suas próprias estações energéticas estão provocando.

Sardonicamente, Denison comentou:

- Dá a impressão de que vão produzir um excesso para beneficio nosso, mas, é evidente, não será em nosso benefício. Se nossa Bomba Eletrônica fizer o Sol explodir, isto acontecerá muito antes de que possa mesmo deslocar a Lua para fora do sistema solar interno e todos os selenitas serão vaporizados, estejam onde estiverem.

- Talvez - disse Neville -, mas, seja como for, produziremos um excesso, de modo que isso não aconteça.

- Mas não é possível que o façam - exclamou Gottstein, agitado -. Não podem cair fora. Se forem muito longe, a bomba cosmóvica não mais neutralizará a Bomba Eletrônica, não é, Denison?

Denison encolheu os ombros e falou:

- Quando estiverem tão distantes quanto Saturno, mais ou menos, pode haver complicações, se devo confiar num cálculo mental que acabo de efetuar. Levará, no entanto, muitos anos antes que recuem até essa distância e, a esta altura, certamente teremos construído estações espaciais no que foi antes a órbita da Lua, instalando nelas bombas cosmóvicas. Na verdade, não necessitamos da Lua. Pode ir embora... exceto se não quiser.

- Que é que o faz pensar que não queremos? - indagou Neville, com um sorriso breve -. Não podemos ser detidos. Não há como os terrestres imponham sua vontade sobre nós.

- Não irão embora, porque não faz sentido. Por que arrastar para fora a Lua inteira? Levará anos para conseguir acelerações respeitáveis, no que se refere à massa lunar. Andarão a passo de cágado. Em vez disso, construam naves estelares, naves com o comprimento de quilômetros, dotadas de energia cosmóvica e com ecologias independentes. Com um impulso de momentum

cosmóvico, poderão fazer maravilhas. Mesmo que leve vinte anos para construir as naves, elas, entretanto, acelerarão a uma velocidade que os capacitará a ultrapassar o local da Lua, dentro de um ano, mesmo que a Lua comece a acelerar hoje. As naves serão capazes de mudar de curso numa minúscula fração do tempo exigido no caso da Lua.

- E as bombas cosmóvicas descompensadas? Que é que isso resultará para o Universo?

- A energia requerida por uma nave, mesmo por certo número delas, será muito menor do que a requerida por um planeta e se distribuirá por amplos setores do Universo. Transcorrerão milhões de anos antes que mudanças significativas ocorram. Vale a pena, então, por causa da maneabilidade que ganharão. A Lua se moverá tão lentamente, que bem pode ser deixada no espaço.

Neville retrucou, com escárnio:

- Não estamos com pressa de ir a parte alguma... exceto para longe da Terra.

- Há vantagens na vizinhança da Terra - objetou Denison -. Dispõem do influxo dos imigrantes. Contam com o intercâmbio cultural. Têm, logo além do horizonte, um mundo planetário de dois bilhões de pessoas. Quer desistir de tudo isso?

- Com prazer.

- Também quer o mesmo o povo da Lua, em geral? Ou só você? Há algo de sério com você, Neville. Não gosta de sair à superfície. O mesmo se dá com outros selenitas, que não gostam da superfície, de modo especial, mas não deixam de freqüentá-la. O interior da Lua não é para eles o ventre materno, como é para você. Não é para eles uma prisão, como é o seu caso. Há um fator neurótico em você, mas ausente na maioria dos selenitas, ou, ao menos, é neles consideravelmente mais fraco. Se afastar a Lua da Terra, vai torná-la uma prisão para todos. Ela se tornará uma prisão estanque da qual ninguém - e não só você - poderá emergir, nem mesmo para ver outro mundo habitado no céu. Talvez seja isso o que você quer.

- Quero independência, um mundo livre, um mundo intocado pelo exterior.

- Pode, então, construir naves, quantas quiser. Pode se deslocar para fora numa velocidade próxima à da luz, sem dificuldade, uma vez que transfira o momentum ao cosmovo. Pode explorar todo o Universo no lapso de uma vida. Não gostaria de viajar numa dessas naves?

- Não - respondeu Neville, com evidente desgosto.

- Não gostaria? Ou não poderia? Tem mesmo de levar a Lua consigo aonde quer que vá? Por que deveriam todos os outros se curvar ao seu capricho?

- Porque assim é que vai ser.

A voz de Denison permaneceu controlada, porém seu rosto avermelhou:

- Quem lhe deu o direito de afirmar isso? Há numerosos cidadãos da cidade Luna que talvez pensem diferente.

- O que não é da sua conta.

- O que é precisamente da minha conta. Sou um imigrante que logo se candidatará à cidadania lunar. Não quero que minha escolha se subordine ao capricho de um cara que não é capaz de emergir na superfície e que pretende converter sua prisão pessoal numa prisão geral. Deixei a Terra para sempre, mas

só para vir à Lua, só para ficar a trezentos mil quilômetros do meu planeta pátrio. Não me comprometi a me deixar levar a uma distância ilimitada.

- Volte, então, à Terra - manifestou-se Neville, com indiferença -. Ainda dispõe de tempo.

- E os outros cidadãos da Lua? Os outros imigrantes?

- A decisão está tomada.

- Não está tomada... Selene!

Selene entrou, o rosto solene, o olhar um tanto desafiador. As pernas de Neville se descruzaram. Ambos os sapatos caíram de chofre ao chão. Foi com estupefação que perguntou:

- Selene... quanto tempo esteve esperando no quarto ao lado?

- Desde antes da sua chegada, Barron - respondeu ela.

Neville dirigiu o olhar de Selene a Denison e de novo a Selene.

- Vocês dois... - começou, movimentando o dedo indicador de um ao outro.

- Não sei o que quer dizer com "vocês dois" - disse Selene -, mas Ben descobriu a estória do momentum há pouco tempo.

- Não foi culpa de Selene - interveio Denison -. O comissário localizou uma coisa voando, numa ocasião em que ninguém possivelmente saberia que ele estava observando. Fiquei com a impressão de que Selene talvez estivesse testando algo em que eu não pensava e foi quando a transferência do momentum eventualmente me veio à cabeça. Depois disso...

- Bem, então, você sabia - falou Neville -. Não importa.

- Importa, sim, Barron - replicou Selene -. Falei a respeito com Ben. Descobri que não precisava sempre aceitar o que você quer. Talvez nunca eu possa ir à Terra. Talvez nem mesmo queira ir. Mas descobri que gostava de ver a Terra no céu, sempre que pudesse e quisesse. Não quero um céu vazio. Falei, então, aos outros do Grupo. Nem todos querem partir. A maioria prefere construir as naves e deixar que partam os que desejarem, com o direito de permanecerem na Lua os que assim resolverem.

Neville interrompeu, ofegante:

- Você falou. Quem lhe deu o direito...

- Eu mesma me dei esse direito, Barron. Ademais, já é assunto decidido. Você foi vencido na votação.

- Por causa desse... - e Neville se ergueu e deu um passo ameaçador na direção de Denison.

O comissário se interpôs:

- Por favor, Dr. Neville, calma. Você pode ser um selenita, mas não creio que possa brigar com nós dois.

- Com nós três - disse Selene -. E eu também sou selenita. A responsabilidade é minha, não deles.

- Veja, Neville... - interveio Denison -. No que se refira à Terra, a Lua pode partir. A Terra será capaz de construir estações espaciais. São os cidadãos da Lua que estão em causa. Selene está em causa, eu estou e todos os demais. Você não está sendo privado do espaço, da fuga, da liberdade. Dentro de vinte anos, todos que queiram partir, partirão, inclusive você, se tiver força para deixar o ventre materno. E os que quiserem ficar, ficarão.

Vagarosamente, Neville voltou a se sentar. O seu rosto expressava um sentimento de derrota.

19

No apartamento de Selene, cada janela dava agora para uma vista da Terra.

- A votação - disse ela - foi contrária a ele, sabe, Ben. Fortemente contraria.

- No entanto, duvido que ele desista. Se houver atritos com a Terra durante a construção das estações, a opinião pública na Lua pode recuar.

- Não precisa haver atritos.

- Não, não precisa. Em todo caso, não há finais felizes na história, apenas crises superadas. Superamos esta com segurança, creio, e nos preocuparemos com as outras quando vierem e na medida em que for possível prevê-las. Uma vez construídas as naves estelares, a tensão certamente baixará em grande parte.

- Viveremos para vê-lo, estou certa.

- Você viverá, Selene.

- Você também, Ben. Não faça drama com sua idade. Ora, só tem quarenta e oito anos.

- Iria numa das naves estelares, hein, Selene?

- Não. Já estaria muito velha e não gostaria ainda de perder a Terra no céu. Meu filho talvez vá... Ben.

- Sim, Selene.

- Me candidatei a um segundo filho. A candidatura foi aceita. Gostaria de contribuir?

Os olhos de Denison se levantaram e fitaram diretamente os de Selene. Esta não desviou a vista.

- Inseminação artificial? - indagou Denison.

- Naturalmente... A combinação de genes seria interessante.

- Ficaria lisonjeado, Selene - disse Denison, baixando os olhos.

Em atitude defensiva, Selene justificou:

- Apenas bom senso, Ben. É importante contar com boas combinações de genes. Não há nada de mau no uso de alguma engenharia genética natural.

- Nada, de fato.

- Não quer dizer que não o queira por outras razões, também... porque gosto de você.

Denison concordou, acenando com a cabeça, e se manteve calado. Quase indignada, Selene tornou:

- Bem, há mais coisas para amar, além do sexo.

- Concordo. Ao menos, amo-a, mesmo com a subtração do sexo.

- E, quanto a isso, o sexo implica mais do que acrobacia.

- Também concordo.

- Além do que... Ora, com os diabos, você podia tentar aprender.

- Se você tentar ensinar... - acrescentou Denison, brandamente.

Hesitante, encaminhou-se a ela. Selene não recuou. Denison perdeu as vacilações.

FIM